ESCUELA DE PROFESORES

LENGUA Y LITERATURA ESPAÑOLAS

Profesores: Natalio Moffa, Sebastián Sánchez Rincón, Dra. Sarah Bollo, Dr. Armín Schlafrig, Silvia Nieto, Alberto Rusconi, Hyalmar Blixen, Dr. Eustaquio Tomé, Ester Zamora de García. Manuel Ramos y Alejandro Silveira Zorzi.

CIENCIAS GEOGRÁFICAS

Profesores (1er. año): Jorge Chebataroff, (Director), Alberto Pochintesta, Dr. Rodolfo Méndez Alzola, Samuel Galimberti y Juanita González.



CURSOS GENERALES LIBRES (1949)

Termodinámica de las soluciones, por el Prof. D. Rodolfo C. Usera; Vitaminología, por el Prof. Dr. Juan A. Collazo; Biotipología aplicada, por el Prof. Dr. Jorge A. Mazileff; Climatología médica y biológica por el Prof. Dr. Manuel Silva Ferrer; Psicología racional, por el Prof. Fr. Luis A. Montes de Oca, O. P.; Psicoanálisis, por el Prof. Alejandro Silveira Zorzi; La columna estratigráfica del Uruguay, por el Prof. Dr. Rodolfo Méndez Alzola; Geología de los magmas eruptivos, por el Prof. Jorge Chebataroff; Morfología y sistemática de los vertebrados, por el Prof. Otto de Mata; Aritmética trasfinita, por el Prof. Carlos A. Infantozzi; Literatura universal, por la Prof. Dra. Sarah Bollo; La poesía italiana del mil doscientos y su influencia en Dante, por el Prof. Dr. Felipe Basile; Literatura francesa, por la Prof. Andrea Coutier de Santoni; Literatura indígena americana, por el Prof. Hyalmar Blixen; Literatura chilena contemporánea, por el Prof. Hugo Petraglia Aguirre; La civilización maya, por el Prof. Dr. Adolfo Berro García; La sabiduría antigua y sus enseñanzas de iniciación, por el Prof. Julio C. Hiriart Corda; La música en España, por el Prof. Lauro Ayestarán; Métrica y estilística latina, por el Prof. Felipe Basile; Francés antiguo, por el Prof. Dr. Armin Schlafrig; Traducción comentada de los discursos de Cicerón, por el Prof. Sebastián Sánchez Rincón; Lectura de Homero, por el Prof. Natalio Moffa; Latín, (1.º y 2.º año), por la Prof. Andrea Coutier de Santoni; Griego clásico, (1.º, 2.º y 3.er año) por el Prof. Dr. Pedro Luis Heller; Guaraní, (1.º y 2.º año) por el Prof. Dr. Máximo Pereira; Lengua vasca, por el Prof. Dr. Vicente de Amézaga Aresti; Hebreo, (1.º y 2.º año), por el Prof. Rabino G. Roseman.

Las Conferencias generales y las de la cátedra de cultura uruguaya, se anuncian a la apertura de los cursos.



DIRECCIONES:

Consejo Directivo: 18 de Julio 1195. Horario de 10 a 12 y de 18 a 19 horas. Teléfono: 9 19 70.

Escuela de Profesores: Mercedes 1758. Horario de 10 a 12 y de 17 a 19 horas. Teléfono: 40 15 97.

INSTITUTO DE ESTUDIOS SUPERIORES
DE MONTEVIDEO

BOLETIN DE FILOLOGIA

TOMO V - N.os 37-38-39



MARZO • JUNIO • SETIEMBRE DE 1948
MONTEVIDEO • URUGUAY

BOLETIN DE FILOLOGIA

INSTITUTO DE ESTUDIOS SUPERIORES

BOLETIN DE FILOLOGIA

SUMARIO

TOMO V - Nos. 37 - 38 - 39

"IMPRESORA URUGUAYA" S. A. — CERRITO Y JUNCAL

MONTEVIDEO ⁎ ⁎ ⁎ MARZO - JUNIO - SETIEMBRE 1948

BOLETIN DE FILOLOGIA

Publicación trimestral de la

SECCION DE FILOLOGIA Y FONETICA EXPERIMENTAL DEL

INSTITUTO DE ESTUDIOS SUPERIORES DEL URUGUAY

★

Aparece en los meses de MARZO, JUNIO y SETIEMBRE de cada año

★

Director:

Profesor Dr. ADOLFO BERRO GARCIA

Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, por Antônio Alvares Pereira Coruja

ANOTADO POR EL PROF. WALTER SPALDING

O velho Coruja e seu vocabulário

António Álvares Pereira Coruja, cronista, historiador, professor e latinista emérito, nasceu em Pôrto Alegre, em 1806 e faleceu no Rio de Janeiro em agosto de 1889, pouco antes de ser proclamada a República, por cujos ideais, ainda que não republicano convicto, mas liberal e cofautor da arrancada de 20 de setembre (revolução farroupilha), não chegara a bater-se, pois, prêso em junho de 1836, em Pôrto Alegre, com a reação, foi enviado ao Rio, de onde não mais voltou.

Na antiga Côrte, a partir de 1838, iniciou suas atividades de professor, publicando seu *Manual dos Estudantes de Latim*, continuando, dessarte, o que começara em Pôrto Alegre, em 1835, com a edição de seu *Compêndio de Gramática da Língua Nacional.*

Mas suas atividades grandemente meritórias, fora do professorado, foram as de cronista. Preciosas e, para cúmulo, raríssimas são suas crônicas históricas, reunidas em volumes. E, a par dessas, sua *Coleção de Vocábulos e Frazes uzadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.*

Essa coleção foi o primeiro vocabulário regional gaúcho que se publicou e, porisso, seu grande mérito, embora, hoje, escasso seja seu valor.

Editado pela primeira vez em 1852 no tomo XV da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, teve 2.ª edição em 1856, feita a expensas do principe L. Bonaparte, em Londres, Tip. de Tomás Harrild (nome que figura no verso da página de rosto), para Trubner e Comp. — Londres. Esta edição foi de 25 exemplares ape-

nas. Terceira edição teve no Rio de Janeiro, em 1861, na Tip. Moderna de H. Gueffier. Em 1861 ainda, foi feita 4.ª edição em anexo à *Folhinha Riograndense* para 1862, na Livraria de D. J. Gomes Brandão.

Apesar dessas quatro edições em dez anos, a raridade da *Coleção de Vocábulos e Frazes,* do velho Coruja, é absoluta.

Foi, porisso, que pensamos em reeditá-la.

Entendemos, entretanto, ampliar a obra do velho Coruja, acrescentando-lhe diversas notas de acôrdo com os últimos estudos feitos em matéria tão complexa como é esta do linguajar regional, acrescentando, às nossas notas, extensa bibliografia de que nos servimos.

Aproveitamos para agradecer aos Srs. Prof. Propício da Silveira Machado, prof. Hélio Viana (Rio), dr. B. Caviglia hijo (Montevidéo), dr. Lelis Vieira (São Paulo) e sr. Augusto Meyer (Rio), diversas notas e informações que gentilmente nos enviaram.

Walter Spalding.

ADOLFO BERRO GARCIA, filólogo dos mais notaveis do Uruguai, cultura enorme, em seu *Prontuario de voces del lenguaje campesino uruguayo,* diz, no verbete sobre Pelegos:

"La influencia de la lengua portuguesa es manifiesta en el vocabulario empleado por la gente de campo del Uruguay, debido a la larga lucha sostenida entre españoles y portugueses durante la época colonial. Dos veces el territorio uruguayo fué cruzado por las tropas lusitanas o brasileñas que establecieron gobiernos en la Banda Oriental, así denominada por los españoles, bajo el título de Provincia Cisplatina. A estas sucesivas invasiones, así como a incursiones posteriores, se debió la inclusión en el léxico vulgar de multitud de voces de origen portugués, que el contacto con el Brasil, a través de una extensa frontera terrestre y un mutuo cambio de productos, después de haber alcanzado el Uruguay en 1830 su emancipación política, han mantenido y acrecido constantemente".

A estas influências citadas pelo ilustre dr. Adolfo Berro Garcia, devemos acrescentar, mais a dos açorianos e portugueses do Rio Grande (cidade) que Vertriz, em 1763 aprisionou em grande número e enviou para Maldonado onde fiçaram até 1778, ano em que muitos voltaram ao Brasil, permanecendo, porém, regular quantidade no

Uruguai, espalhados desde Maldonado a Montevideo e demais provincias do Oeste uruguaio.

Em compensação à influência portuguesa no Uruguai, o Brasil, isto é, nós do Rio Grande do Sul, também fomos influenciados pelo linguajar oriental e encuanto la deixavamos expressões nossas, oriundas do velho português, traziamos espanholismos e modismos do linguajar castelhano. É isso, justamente, o que se nota no breve e, infelizmente fraco estudo que fizemos aos verbetes do vocabulário do velho Coruja.

Que sirva este ensáio a outros de maior capacidade, para estudo amplo e completo.

W. Sp.

BIBLIOGRAFIA:

Para as anotações ao trabalho de Antônio Alvares Pereira Coruja, foram consultados os seguintes Dicionarios, Vocabularios e obras:

AGUILAR, Juan de: *Arte de la Lengua Quichua,* General de Indios del Perú, 1690. Edición facsimilar de Radamés A. Altieri. Universidad Nacional de Tucumán, Tucumán. Instituto de Antropología, Rep. Arg. — 1933.

ALMEIDA, José Americo de: *Glossário,* In "A Bagaceira", Romance. 5.ª edição, Adersen Editores, Río de Janeiro. — 1933.

AZAMBUJA, Darcy: *Vocabulário,* in "No Galpão" (Contos gauchescos). Livraria do Globo, Pôrto Alegre. — 1925.

BELLO, Oliveira: *Nota* (Explicação de alguns idiotismos da giria gaucha), in "Os Farrapos", Esboço de um romance brasileiro. Rio de Janeiro, Tip. da Reforma. — 1877 (Na capa: 1878).

BLUTEAU, P. D. R.: *Diccionário castellano, y portuguez.* Impresso (sic) en Lisboa por orden del Rey de Portugal D. Juan V, con una tabla de palabras portuguezas, mas remotas del idioma castellano. Autor El P. D. R. Bluteau. Rio de Janeiro, Na Tipografia de J. J. Barroso e C° — 1841.

BRUNSWICK, H.: *Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa.* Intercalado com grande número de vocábulos hodiernos de obscura significação. Empreza Luzitana Editora, Lisboa. — s/data (1911?).

CALLAGE, Roque: *Vocabulário Gaucho.* Livraria do Globo, Pôrto Alegre. — 1926.

CORRÊA, Dr. J. Romaguera: *Vocabulário Sul Rio-Grandense.* Echenique & Irmão, Editores, Pelotas, Pôrto Alegre. — 1898.

DAISSON, Augusto: *Á Margem de Alguns Brasileirismos.* Livraria do Globo, Pôrto Alegre. — 1925.

DUARTE, Manoel: *No Linguajar do Nordeste,* in "No Planalto", (Episódios e paisagens sôbre o Nordeste Riograndense). Livraria do Globo, Pôrto Alegre. — 1930.

FILÓLOGOS, Um grupo de: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* Civilização Brasileira S. A. Editora, Rio de Janeiro. — 1938. (As edições subseqüentes trazem a indicação: "Organizado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso. Revisto por Manuel Bandeira e José Batista da Luz").

FORTES, M. Pereira (Manuel do Carmo): *Vocabulário,* in "A Marcação", Poema Gaucho. Livraria Acadêmica, São Paulo. — 1940.

GARCIA, Adolfo Berro: *Prontuário de Voces del Lenguaje Campesino Uruguayo,* in "Boletin de Filologia", Tomos I e II. Montevideo, Instituto de Estudios Superiores.

GARCIA, Rodolfo: *Dicionário de Brasileirismos* (Peculiaridades pernambucanas). Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. — 1915.

GRANADA, Daniel: *Vocabulário Rioplatense Razonado.* Imprenta Elzeviriana, Montevideo. — 1889.

HERÁCLITO (João Mendes, de Taquarí): *Vocabulário de Têrmos e Frazes Camponeses* (com anotações autógrafas do Dr. Fernando ABBOTT), in "O Campeiro Riograndense". Pôrto Alegre. — 1889.

JAQUES, João Cezimbra: *Palávras do Vocabulário Sulriograndense,* in "Assuntos do Rio Grande do Sul". Pôrto Alegre, Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia. — 1912.

LAYTANO, Dante de: *Notas de Linguagem Sul-Riograndense,* in "Anais do Primeiro Congresso de Lingua Nacional Cantada". Prefeitura Municipal de São Paulo, Departamento de Cultura, São Paulo. — 1938.

LEDA, João: *Vocabulário de Rui Barbosa.* Monteiro Lobato & Co. Editores, São Paulo. — 1924.

LESSA, Clado Ribeiro de: *Vocabulário de Caça.* Brasiliana. Co. Editora Nacional, São Paulo. — 1944.

MAGNE, Augusto: *Glossário,* 3.º volume de "A Demanda do Santo Graal (3 vols.). Instituto Nacional do Livro. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. — 1944.

MALARET, Augusto: *Los Americanismos a través de los Siglos,* in "Universidad Católica Bolivariana". Vol. IV, N.º 14, Febrero-Marzo de 1940. Medellín, Colombia.

MATA, Alfredo Agusto da: *Contribuição ao Estudo do Vocabulário Amazonense,* in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas". Ano VI, Vol. VI, Nos. 1 e 2, 1937-1938. Tipografia Reis Ltda. Manaus.

MENDES, Amado: *Vocabulário Amazônico.* Estudos. Sociedade Impressora Brasileira. São Paulo. — 1942.

MENDONÇA, Renato: *A Influência Africana no Português do Brasil.* Brasiliana, Vol. 46, 2.ª ed. C.º Editora Nacional, São Paulo. — 1935.

MONTOYA, P. Antônio Ruiz de: *Arte de la Lengua Guaraní, ó mas bien Tupí.* Nueva edicion. (edição do Visc. de Pôrto Seguro). Seguro). Viena, Faesy y Frick. París, Maisonneuve y C.º — 1876.

MORAES, Luiz Carlos de: *Vocabulário Sul-Riograndense.* Livraria do Globo. — Pôrto Alegre. 1935.

MURICY, José Cándido da Silva: *Algumas Vozes Regionais do Paraná, do Extremo Oeste,* in "Anais do Primeiro Congresso da Lingua Nacional Cantada". Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura. — 1938, São Paulo.

OLIVEIRA, Sebastião Almeida: *Expressões do Populário Sertanejo.* Vocabulário e Superstições. Civilização Brasileira S. A. São Paulo - Río de Janeiro. — 1940.

PAES, Elpídio Ferreira: *Alguns Aspectos da Fonetica Sul-Riograndense,* in "Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada". Prefeitura Municipal de São Paulo, Departamento de Cultura. — 1938, São Paulo.

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA: Veja: *Filólogos, Um grupo de.*

RIBEIRO, Luiz da Silva: *Arcaismos da Linguagem Popular da Ilha Terceira.* Angra do Heroismo. Separata do N.ª 1 do "Boletim do Instituto Historico da Ilha Terceira".

ROSSI, Vicente: *Complemento a Vocablos del Lenguaje Campesino Uruguayo,* del Prof. A. Berro García, in "Boletín de Filología", Instituto de Estudios Superiores. Tomo II. Montevideo.

SAID-ALI, M.: *Nomes de Côres,* in "Revista de Filologia e História", Tomo I, Rio de Janeiro. — 1931.

SALES, Antônio: *Coisas do Nosso Falar,* in "Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada". Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura, São Paulo. — 1938.

SAMPAIO, A. J. de: *Onomástica da Alimentação Rural e Sertaneja,* in "A Alimentação Sertaneja e do Interior da Amazônia": Brasiliana, Vol. 238. C.º Editora Nacional, São Paulo. — 1944.

SANCHES SORONDO, Matías G.: *Estudios Dialecticológicos.* Supervivencia del Arcaísmo Español, in "Boletín de la Academia Argentina de Letras". Tomo XIII, N.º 48, Julio-Septiembre de 1944, Buenos Aires.

SILVA, Antônio de Moraes e: *Dicionário da Língua Portuguesa.* 4.ª edição. 2 tomos. Lisboa, Impressão Régia. — 1831.

SOUSA, Bernardino José de: *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil.* 4.ª edição. Brasiliana, Vol. N.º 164. C.º Editora Nacional, São Paulo. — 1939.

TÁVORA, Franklin: *O Cabeleira* (Romance) trás, in fine, pequeno Vocabulário (págs. 211 a 213). Edições Cultura Brasileira S. A., São Paulo s/data (1934?).

TESCHAUER, S. J., Carlos: *Novo Dicionário Nacional* (2.ª edição das 2 séries de Vocábulos Brasileiros, (muito aumentada). Edição da Livraria do Globo, Pôrto Alegre. — 1928.

VIDAL, Ademar: *O Sub-Dialeto do Nordeste,* in "Anais do primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada". Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura, São Paulo. — 1938.

WILDIK, Visconde de: *Novo Dicionário Espanhol Português e Português Espanhol.* 2 Volumes. Casa Editora Garnier Hermanos. Paris, s/d.

COLEÇÃO
de
VOCÁBULOS E FRASES
usados na
PROVÍNCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, posto que não esteja muito apurada a língua portuguesa, não se póde contudo dizer, que ela aí seja pronunciada com vícios, ou, como vulgarmente se chama, sotaque: o que aliás se nota em algumas outras províncias do Brasil, cujos naturaes mais ou menos se distinguem pelo metal da voz: todavia a indústria peculiar, dos habitantes desta província seu caracter particular, seus divertimentos apropriados às circunstâncias e recursos locais, o contínuo comércio dos habitantes da campanha com estados visinhos, que exclusivamente falam a língua castelhana, e sua antiga comunicação com diferentes tribus indígenas, tem feito que seus habitantes para exprimirem certas idéas e comunicarem certos pensamentos tenham adatado alguns vocábulos e frazes que não tem equivalentes nem no uso comum nem nos dicionários da língua: muitos dêstes são tirados por analogia, outros desviados de seu sentido natural e obvio para os adatarem às suas necessidades, outros (mui poucos) alterados na pronúncia. outros finalmente ou inventados ou procedentes de uma origem talvês desconhecida.

Si nos países que passam por cultos acontece, que em muitas províncias, por motivos que me não é agora dado expor, se acha a língua nacional alterada por dialetos diferentes, não admiraria, que nesta província o mesmo tivesse logar a vista de sua posição geográfica e de tantos elementos opostos, que poderiam desconcertar sua linguagem: assim porém não acontece, e apenas os homens menos civilizados da campanha têm uma pronúncia, que se resente do sotaque castelhano, ao mesmo tempo que os Rio-Grandenses de trato mais civil passam nas outras províncias por naturais de Lisboa.

Eu pois como natural desta província, e em relação tanto com a gente das cidades como da campanha, tenho observado que uma grande parte dos termos e frases alí usados são familiarmente admitidos no centro das povoações, onde os objetos a que se referem não são conhecidos por outros nomes, e os pensamentos que exprimen não são de outra maneira enunciados, e que o conhecimento de muitos dêles tem até sido transmitido a algumas províncias limítrofes: tendo igualmente consultado os dicionários da língua, e ou não os encontrando, ou achando-os com acepções diferentes; me propuz fazer dêles uma coleção com suas respetivas explicações, dando a muitos a origem provavel, e deixando a de outros a quem com mais critério os possa investigar.

Tenho portanto hoje a honra de apresentar o resultado dêste meu trabalho ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esperando que o mesmo Instituto, consultando alguns de seus conspícuos membros de que abunda, possa corrigir-lhe os erros, ampliá-lo, ou dar-lhe mesmo melhor redação; e me julgarei satisfeito si o Instituto, dando bom acolhimento a este pequeno trabalho de um membro seu, que pouco mais poderá ofertar-lhe da mesquinhez de seu talento, animar por esta fórma a algum trabalho igual a respeito de outra província que por ventura se ache nas mesmas circunstâncias.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1851.

Antônio Álvares Pereira Coruja.

A

ABOMBAR, v. n. diz-se que o cavalo abombou, quando tendo feito grande viagem em dia de calôr, fica em estado de não poder mais caminhar; mas depois de refrescar ainda póde continuar a viagem. (1)

ABOMBADO, part. de Abombar.

ACOLHERAR, v. a. unir animais em colhéra. Diz-se mais propiamente dos cavalos. (2)

AÇOUTEIRAS, s. f. pl. as pontas das rédias, com que o cavaleiro açouta o cavalo. (3)

AGULHAS, s. f. pl. pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi. Picado o osso do espinhaço, cada um destes pedaços de osso com a carne correspondente é o que se chama *Agulhas*.

ALÇADO, adj. o que nunca foi costeado. Diz-se do gado. (4)

AMADRINHAR, v. a. acostumar os cavalos a persistirem junto de uma egua, a que se da o nome de *Eguamadrinha*. O cavalo assim acostumado se diz *Amadrinhado*.

AMARRAR OU ATAR, v. a. usa-se no sentido de *ajustar* ou *apostar carreiras*. Quando está concluido o ajuste deles, e algumas vezes com o papel de trato, se diz estar a *carreira atada* ou *amarrada*. (5)

ANDADOR, adj. cavalo andador é o que usa do passo chamado *andadura*.

ANILHO, s. m. (do cast. *anillo*) corda pertencente à colhéra: é a parte que enlaça o pescoço, e prende por um botão. (6)

ANÓQUE (OU NÓQUE) s. m. couro quadrado, com quatro varas costeando os quatro lados, porém mais curtas que estes, e as quatro pontas sobre quatro forquilhas, para fazer decoada. (7)

APÊROS, s. m. pl. (do cast. *apêro*, no português temos *apeiro*) os preparos necessários para encilhar um cavalo: diz-se estar o cavalo *bem apêrado*, quando está ricamente ornado para montar-se. (8)

APOJAR, v. a fazer o terneiro mamar segunda vez para se poder tirar apôjo. (9)

APÔJO, s. m. leite mais grosso que se tira da vaca depois de ter se tirado o primeiro: tirado o primeiro leite, faz-se o terneiro mamar segunda vez, como para chamar este segundo leite.

AQUERENCIAR-SE, v. r. (do cast. *aquerenciarse*) tomar querencia a algum lugar: diz-se especialmente dos animais; também se diz, que um animal está aquerenciado com outro, quando vivem juntos ou se acompanham. (10)

ARREÁTA, s. f. costuma-se dizer simplesmente *arreata* devendo ser *à arreata*. (11)

ARREGANHAR, v. n. ficar o cavalo cansado a ponto de cerrar os queixos sem que se lhe possa tirar o freio. (12)

ARREIOS, s. m. pl. as peças com que se arreia um cavalo para montar; e são suadouros, xerga, carona, lombilho, cincha (ou cinchão); rabiço e freio com seus pertences. (13)

ARRINCONAR, v. a. (do cast. *arrinconar*, no português se diz *arrincoar*) meter animais em um rincão. (14)

ASSADO, s. m. pedaço de carne, ordinariamente sem osso, para assar: tem ja este nome antes de assado.

ASSADO DE COURO; carne que se assa sem desunir-se do couro, em cuja parte se aplica ao fogo.

ASSENTADA, s. f. partida falsa, ou pequena carreira dada do ponto de partida pelos cavalos parelheiros antes de começarem a correr: costuma haver 1.ª assentada, 2.ª e 3.ª e às vezes mais, conforme o trato com que se amarrou a carreira. (15)

ASSOLEAR, v. n. (do cast. *Asolearse*, acalorar-se) fatigar-se por ter viajado ao sol, ou em dia de calor: diz-se do animal, principalmente se é gordo. É quasi o mesmo que assonsar. (16)

ASSONSAR E ASSONSADO; quasi o mesmo que *abombar* e *abombado*, mas não tanto. (17)

ATROPILHAR, v. a. reunir cavalos em tropilha. (18)

ATROPILHADO, partic. de atropilhar.

AZULÊGO, adj. oveiro de pintas miudinhas de branco e preto, que ao longe parece azul, diz-se dos cavalos, e são raríssimos. (19)

N O T A S :

1) Para as obras dos autores citados, veja-se a Bibliografía.
2) As palavras não comentadas ou são reconhecidamente portuguesas ou derivadas de termos comentados, portanto de igual origem.

---

(1) ABOMBAR, ABOMBADO: Romaguera Corréa, dá-o derivado do vocábulo chileno, *abombar-se:* ficar legeiramente ebrio. A origem, entretanto, pode ser vária, como de *bomba* ou *à bomba,*

tocar à bomba, formando-se, talvês, primeiro o participio *abombado*, e depois o verbo. Mas póde bem ser, segundo citação de Luiz Carlos de Moraes, derivada de *ku-bomba*, do dialeto negro chitonga, vale do Zambeze, que significa cançado, estafado, ter sêde. Do chileno é que não cremos derivar-se nosso *abombar* pois a origem do chileno deve ser a mesma. Augusto Daisson, estudando o vocabulário inédito de Apolinário Pôrto Alegre, quer que, de acôrdo com o mestre, seja palavra Guaraní, de *anhombá* (acabaram-se os meus) e *amombá*, (destruir, gastar, consumir). Apolinário Pôrto Alegre, estudioso e conhecedor profundo do guaraní, gostara porisso de guaranizar tudo. No planalto de Vacaria e adjacencias esta palavra segundo Manuel Duarte, é substituida por *estranzilhado*, do verbo estranzilhar. Augusto Meyer informa, de acôrdo com os originais (*) de Apolinário Pôrto Alegre que lhe foram confiados: "Provém de *amombá* = *abomba*, dar fim, consumir, gastar, destruir. Dá-se a permuta da labial *m* pela análoga *b*; ja a palavra guaraní apresenta o mesmo fenômeno, trocando o *p* em *b*; pois *amombá* compõe-se de *amo*, fazer, e *pab*, fim". Parece-nos, entretanto, preferivel a origem chitonga, em vista do que ensinam os mestres quanto à extensão do uso do vocábulo primitivo e atual, e quanto às migrações. O guaraní foi de uso limitado; o negro importado, escravizado, faz parte de todas as populações e pôvos das Américas e o termo *abombar* e conhecido em todos os paises americanos do centro e sul, inclusive algumas ilhas do mar Caribe.

(2) ACOLHERAR: unir, juntar. Do antigo significado do verbo *acolher-se:* pôr a salvo, ficar seguro, buscar asilo seguro (Brunswick). Daí acolher-se à, acolher a, acolherar.

(3) AÇOUTEIRA: Ramaguera Corrêa dí-la derivada do castelhano *azote*. A palavra, entretanto é de castiço português: *açoute*, molho de varas correias para castigar (Brunswick). Mas ha, ainda o verbo *açoitar*, afligir (Brunswick). Talvês seja cast. a corruptela *soteira* que Granada define como nosso *açouteira*. Quer parecer-nos que ha origem arabe, primitiva, nessa palavra...

(4) ALÇADO: É termo genuino português, derivado do verbo alçar, alçar-se; apelar, agravar, (Brunswick) por sinonimia: não sujeitarse. Dai o regionalismo: alçado: bravio, insubmisso, que se não deixa prender facilmente.

(*) A obra filológica de Apolinário Porto Alegre, continua inédita. Confiada, agora, a Augusto Meyer, diretor do Instituto do Livro, no Rio de Janeiro, está ele tratando da publicação do *Popularium* do insigne mestre.

(5) AMARRAR: É genuino português: amarrar-se à sua opinião (A. de Moraes Silva).

(6) ANILHO: Brunswick refere: *anilhaçar*, prender com anilhos. Antônio de Moraes Silva traz anilhaçar e anilho, argola de metal para enfiar, ou prender corda, ou cousa semelhante.

(7) ANOQUE: No português antigo significava: tanque de curtir couros (Brunswick e Antônio de Moraes Silva).

(8) APÊROS: Não é castelhanismo como no general se julga. A palavra castelhana —apêro, apêros —é de origem portuguesa. Vem de *apeiro:* conjunto de instrumentos próprios para caçar'.. antes do uso de polvora (Brunswick), Romaguera Corrêa di-la de origem hispano-americana, o que talvês esteja certo, embora não provado, quanto ao sentido atual de arreios e seus pertences, isto é, a transformação de significado.

(9) APOJAR, APÔJO: Vem de *apojado* (A. de Moraes Silva) - cheio: "odre apojado como mama".

(10) AQUERENCIAR-SE, AQUERENCIAR: Diz Romaguera Corrêa e com êle quasi todos os vocabularistas, que é palavra castelhana. Entretanto, no sentido quasi integral com que é usado hoje este termo, cita Brunswick as palavras *querença* e *querençoso:* amizade, amor; amoroso, afetuoso. Ora: que é a *querencia?* Lugar a que dedicamos nosso afeto; lugar de nosso amor. Ainda Brunswick, falando de animais diz: lugar onde os falções tem as crias. *Aquerenciar-se*, *aquerenciar*, vem, portanto do genuino português *querença*, de onde, também, *querencia*. Não há laivos de castelhanismo nestas palavras.

(11) ARREÁTA: É termo que nunca ouvimos. Registam-no apenas Coruja sem lhe precisar o significado e Luiz Carlos de Moraes que assim o define: "Corda ou tira de couro com que se prende a carga nas carretas ou nas cangalhas".

(12) ARREGANHAR, ARREGANHADO: Coruja dá-lhe significado algo diverso, pois o cavalo arreganhado é o que, por excesso, fica exhausto de tal forma que se torna quasi imprestavel. O nome desse cansaço vem do fato de o animal entreabrir os beiços deixando à mostra os dentes. É termo português antigo e sempre em uso com o mesmo significado, acrescido de modernas definições por analogia.

(13) ARREIO: É velha palavra portuguesa vinda do francês *arroy*, segundo Moraes Silva.

(14) ARRINCONAR: Como Coruja, Romaguera Corrêa e quantos mais lhe trataram da origem, dão-no como castelhanismo. Entretanto encontramos ese termo no antigo português e o próprio Ro-

maguera Corrêa explica: "é empregado em lugar do português antigo *arrincoar*, que segundo Vieira, também se deriva do cast-*rincon;* usava desse verbo - *arrinconar*" etc. Ora: Rincão é palavra portuguesa de bom quilate. Teria se originado no *rincón* castelhano ou será esta tirada daquela? Brunswick traz a palavra *arrincar*, com o significado: fazer sair, expulsar. Haverá parentesco remoto entre ambas, notando-se que seus sentidos são divergentes? Note-se que ha outra velha palavra portuguesa citada por Brunswick e que quantos vocabularistas trataram dela entre nós, no-la apresentam como castelhana: é o termo *arreglo* com o significado: ajuste, combinação. Se é de origem castelhana, será mui remota, dos velhos tempos dos Felipes dominando Portugal.

(15) ASSENTADA: Embora Romaguera Corrêa diga que o significado dado por Coruja, esteja errado, nós ja a ouvimos empregar assim em carreiras, em S. Jerônimo. Entretanto seu significado comum e corrente em todo o Estado e, mesmo, em outros, é o de parada brusca, repentina. Tem, também, como bem acentúa L. C. de Moraes, o significado de ocasião, vez: de uma assentada faz dois serviços. É usado igualmente o termo sentada com as mesmas definições.

(16) ASSOLEAR: de sol, equivalente ao moderno insolação, ato de insolar (Pequeno Dic. Bras. da Ling. Portuguesa). No cast. figura a expressão asolear com o mesmo significado.

(17) ASSONSAR, ASSONSADO: Romaguera Corrêa diz: *Assonsarse*, do cast. *zonzo* (tolo). Cremos, entretanto que sua origem está no antigo significado de *sonso*, segundo Brunswick: sagaz, astuto, dissimuladamente manhoso. Com esta significação julgamos o *assonsar* regional mais de acôrdo: cansar-se ligeiramente talvês fingindo cansaço maior. Manha de cavalo ligeiramente cansado. *Tolo* seria se, cansado, mostrasse disposição para prosseguir...

(18) ATROPILHAR: No linguajar regional do Rio Grande do Sul, como dos demais Estados da União é comum preceder-se as palavras da partícula *A*. E, alias, do antigo português essa transformação gráfica. Encontramos em Brunswick: abastante, por bastante: abastar; abatinar, por vestir batina; abocar, por embocar, entrar; axorbitar, por exorbitar; abrenhar, por embrenhar; acunhar, por cunhar, etc. Por isso a forma atropilhar, reunir em tropilha, é perfeitamente portuguesa. É também usado, mais comumente a forma entropilhar, no mesmo sentido, aliás também perfeitamente justificada.

(19) AZULÊGO: Romaguera Corrêa, depois de dizer: derv. de azul, acrescenta: ou melhor do cast. *azulenco*, azulado. É admirável a facilidade com que Romaguera aceita derivações de castelhano! Ainda, para esta palavra, poderiamos admitir a origem... Mas, além da palavra azul, possuimos o verbo azulejar, tingir de azul, azular. E deste verbo, 1.ª pess. do ind. presente, *azulejo* pode muito bem derivar *azulêgo*.

B

BADÂNA, s. f. pele macia, lavrada que se põe por cima do coxinilho.

BAGUÁL, adj. chama-se cavalo bagual o mesmo que boi chimarrão; não obedece ao costeio, nem o fazendeiro conta com êle; só a bolas póde ser pegado. (20)

BAGUALADA, s. f. porção de baguaes.

BAIXADA, s. f. o terreno baixo ao pé de uma lomba. (21)

BAIXEIRO, adj. Suadouro *baixeiro* é o que se põe sôbre o lombo do cavalo por baixo dos arreios; carona *baixeira* é a que se põe (quando a querem usar) por baixo da xêrga. (22)

BANHÁDO, s. m. terreno baixo com água, e coberto de ervas as cuais como que encobrem a água. (23)

BANHADINHO, s. m. dimin. de banhado.

BARBICACHO, s. m. cordão trançado, cujas pontas cozidas no chapéo o prendem ou seguram a pessoa que o traz, passando por baixo da barba. (24)

BARRIGUEIRA, s. f. peça que faz parte da cincha; é a parte que passa pela barriga do cavalo.

BARROSO, adj. mesmo que *branco:* diz-se sòmente do boi ou vaca. (25)

BASTO, s. m. (do cast. *basto)* lombilho de cabeça mui rasa e pequena, ordinariamente se diz no plural. (26)

BICHARÁ, s. m. poncho de bichará é poncho de lã grossa branca e preta com listas ao comprido: destes, também se chamam ponchos de Mostardas, por serem feitos em uma povoação desde nome, onde se criam muitas ovelhas. (27)

BICHEIRA, s. f. ferida dos animais com bichos.

BOCAL, s. m. peça de prata que circunda o lóro na parte inferior, imediata ao estribo.

BOIADA, s. f. porção de bois mansos, especialmente do serviço de carretas.

BOLAPÉ, s. m. corresponde quasi à palavra portuguesa *vão:* dizse estar o rio de *bolapé*, quando está muito cheio, mas inda o cavalo passa sem nadar. (28)

BÓLAS, s. f. pl. três pedras de fórma esférica retovadas em couro e presas por guascas de mais de covado de comprido: destas três uma, que é mais pequena, se chama *maniclá*, e é nesta que se pega para fazer mover as outras. Servem para bolear os animais.

BOLEAR, v. a. pegar com bolas algum animal, atirando-las nos pés. (29)

BOLEAR-SE, v. r. deixar-se o cavalo cair com o cavaleiro. (29)

BOMBEAR, v. a. explorar, espiar. (30)

BOMBEIRO, s. m. o que vai explorar o campo inimigo. (30)

BORRACHÃO, s. m. chifre, com fundo (a parte mais larga) tapado, e aberto na ponta; serve para conduzir água ou outro liquido em viagens; alguns são feitos com primor.

BRAZINO, adj. côr de braza, isto é, vermelho com algumas riscas pretas: di-se do gado, e também dos cães.

BROÁCA, s. f. especie de sacos grandes de couro, que se conduzem sôbre cangalhas em viagem. (31).

BRÓCA, s. f. cavidade na raiz do casco do cavalo, que vai minando até a parte superior do mesmo casco.

BUÇAL, s. m. (deriv. de *buco)* especie de cabresto com focinheira. (32)

BUZINA, s. m. buraco do centro da roda do carro, onde entra o eixo: é assim chamado por ser mais largo da parte de dentro que de fóra. Daqui vem que quando se acha gasto, e é preciso por-se-lhe um remonte, se chama a este *contrabuzina.* (33).

---

(20) BAGUÁL: Diz Romaguera Corrêa: é palavra hispano-americana derivada do *cakual,* aceitando, dessarte, a afirmativa de Daniel Granada que define *bagual* como sendo cavalo selvagem ao qual os araucanos batizaram de *cahuellu* e os indios pampas de cahual. Para nós, porém, o significado é outro modernamente e não só significa animal cavalar arisco, não domado, ou no sentido que lhe da Coruja, mas especialmente ao cavalo não castrado. Ora todo o cavalo *chucro, redomão bravio,* é inteiro, alias Fray Pedro José de Parras, citado por Daniel Granada, diz: "...a fim de matar algunos caballos enteros (que acá llaman *Baguales)".* Donde se deduz que tanto lá como cá, a origem e uma: talvês *bago,* talvês a voz dos indios pampas *cahual.*

(21) BAIXADA: De *baixo* ou melhor terra *baixa,* abaixada, vale. Romaguera Corrêa vai buscar-lhe origem castelhana: de bajada. Bluteau para palavra espanhola *bajo* diz: Vide Baxo. E para esta

palavra da como trad. portuguesa: Baxo. Da, também o verbo esp. *Baxar* com a trad. portuguesa - Baxar. Quer isto dizer que no antigo espanhol a palavra era a mesma. Porque, pois derivar *baixada* do espanhol?

(22) BAIXEIRO: de *baixo,* é a primeira peça dos apêros que se coloca sôbre o lombo do animal. Quer dizer: a última peça, a bem de baixo, dos arreios. Daniel Granada menciona *bajera,* e Carlos Teschauer dí-lo também usado no Pará e em São Paulo.

(23) BANHADO: pantano, brejo onde existem atoleiros, ou atoladores como dizemos no Rio Grande do Sul, e com a especialidade de estar coberto por capins ou gramas o que muito ilude o viandante desprevenido. De *banho* com o sufixo coletivo *ado:* que molha. Romaguera Corrêa dá-o como de origem cast.: de *bañado.* Daniel Granada dá para esta palavra o mesmo significado, sem indicar origem.

(24) BARBICACHO: Diz Romaguera Corrêa: "É termo cast. usado em algumas provincias da Espanha. É termo português usado noutro sentido, segundo Aulete". Carlos Teschauer explica: espanhol usual em Extremadura e Andaluzia; é também português no sentido de cabeçada de corda para bestas (Aulete)". Daniel Granada regista, entretanto, com o significado gaucho, o termo *barbijo.* A nosso vêr é a palavra portuguesa sua origem verdadeira; ou, mais provavel, de barba mais cacho (cacho sob a barba) de formação mais ou menos erudita. O cacho é a borla que sempre termina o barbicacho.

(25) BARROSO: É curioso saber-se o significado no velho português: côr de barro; que tem barros ou espinhas no rosto (A. de Moraes Silva).

(26) BASTO (ou melhor: *Bastos,* no plural): Além do significado que lhe dá Coruja, conhecemo-la como designativa das partes acolchoadas do lombilho. É nesse sentido que a registam Callage, Darci Azambuja, M. Pereira Fortes e Romaguera Corrêa que o da como castelhanismo. Teschauer cita Coruja e Romaguera Corrêa. Granada não o traz. Não será originado em *Basto,* abundante no antigo português, com o sentido de parte mais abundante, por acolchoada, no lombilho? Bluteau menciona *basto* significando albarda.

(27) BICHARÁ: palavra da qual ninguem dá a origem. Quer parecer-nos que seja derivado de *bescha* ou *becha* mais *rem,* isto é: cousa o pessoa que cavalga. De *bescha* (becha) formou-se *bicha,* segundo Augusto Magne. É palavra antiga portuguesa que significa

besta, ou cualquer cavalgadura, conforme Brunswick. *Rem* é cousa ou pessoa (A. Magne). Cousa que cobre a pessoa que cavalga: poncho, também cobertor que levavam em viagem os tropeiros antigos, na sua maioria.

(28) BOLAPÉ: Diz Romaguera Corrêa que é de origem castelhana, de *volapie,* locução adverbial significando a meio vôo, parte voando parte andando, sem poder assentar os pés com firmesa. Tendo, a palavra significado quasi identico a váu, isto é: rio que da passagem sem ser preciso nadar e, sendo seu significado o de rio que se atravessa a pé, com água abaixo do joelho, quer parecer-nos que o castelhanismo não tem razão de ser. No antigo português encontramos a forma *pô-la, pô-lo,* por pela e pelo acrescido de *pé: po-la-pé* (pelos pés, pouco acima dos pés). A mudança do *p* por *b* é fenômeno comum, vulgar na evolução da língua. Daí *bolapé:* rio que se atravessa apenas com os pés na água.

(29) BOLEAR, BOLEAR-SE, BOLEADEIRA: São palavras da mesma origem, formação verbal as duas primeiras, do substantivo *bola:* atirar as bolas, no plural, como se usa denominar o objeto formado por 3 bolas que serve para enredar as patas do animal, quando em carreira, no campo, e que se chama também *boleadeira.* No segundo caso significa jogar-se do cavalo, atirar-se como se fossem as bolas. Boleadeiras é trabalhar com ás bolas. Todas 3 são expressões de genuino cunho português e de formação lógica, comum, no evoluir da língua através formações populares não raro de cunho inédito. Entretanto, Romaguera dá, para bolear-se, original castelhano: *volearse,* e para *boleadeiras* diz: derivado do hispano-americano - boleadoras ou boleaderas. Parece-nos, contudo, que se tenha formado de bolear, como de lavar, se formou lavadeira.

(30) BOMBEAR, BOMBEIRO: Romaguera Corrêa, e como êle outros, dão-nos como platinismos porque também no Prata são usadas e usuais. Diz ainda Romaguera Corrêa que o Visc. de Beaurepaire-Rohan considera a segunda palavra como corruptela de *pombeiro,* (guardador de pombas). A nosso ver são ambas portuguesas. A expressão *bombeiro,* que toca bomba, é antiga e tomou o significado de vigia em virtude da profissão do bombeiro que era cuidar que não faltassse água. Era o vigilante do precioso liqüido. Daí o sentido de vigia, espia, para *bombeiro* e a formação verbal, popular, *bombear.*

(31) BROACA, ou BRUACA: é palavra portuguesa genuina e classificada por Brunswick entre as não mais usadas. Significava: mala que se levava em viagem a cavalo. É usada até no nordeste. Valdomiro Silveria dá-lhe o significado de "mulher de máus sentimentos, de máus qualidades". Aliás, também, no Rio Grande do Sul tem esse significado fora da zona rural.

(32) BUÇAL: Quer antes parecer-nos se derive a palavra de *bucéfalo,* corda de segurar bucéfalo, pois cavalo com buço...

(33) BUZINA: palavra portgüesa: trompa de forma cônica. A forma do buraco e o comum, por certo, do ruido que faz o eixo, foi que lhe deu, por analogia, o nome. A palavra tem, hoje, outros significados na linguagem vulgar: furioso, atrevido, colérico, valentão, irado. "Por tão pouco fiçou buzina". "Disse-lhe a verdade: virou *buzina*". No Norte do país (José Américo de Almeida) significa *arruido.*

C

CABEÇADAS, s. f. pl. correias que singindo a cabeça, testa e focinho do cavalo, lhe seguram na boca o freio. Sendo guarnecidas de chapas de prata lhes chaman *chapeado.*

CABORTEIRO, adj. máu, velhaco, manhoso, etc.: diz-se do homem e dos animais. (34)

CABOS-BRANCOS, diz-se do cavalo de qualquer côr que tem os quatro pés brancos; v. g. baio cabos brancos; também se diz cabos-negros, do que tem os quatro pés negros.

CABRESTEAR, v. n. ir o animal preso pelo cabresto. (35)

CADÊNA, s. f. (do cast. *cadena,* cadeia) maneira engenhosa de tirar dos chifres do touro bravo sem perigo, o laço em que se acha preso: e isto se faz com o socorro de um outro laço preso à argola do em que se achava laçado; para se fazer esta cadêna põe-se o touro no chão, e então se fórma a laçada a que se dá este nome. (36)

CALDEIRÃO, s. m. buraco grande no meio do campo ou estrada, feito por chuva ou pisada de animais.

CAMBÃO, s. m. pedaço de páo, furado nas duas extremidades, serve para unir duas juntas de bois uma à outra, e também para acolheirar dois bois. (37)

CAMPEAR, v. a. procurar pelo campo. (38)

CAMPEIRO, adj. cousa do campo; v. g. freio campeiro o que tem certa fórma só aplicada ao uso do campo; *homem campeiro* o acostumado a trabalhar no campo.

CAMPO-DOBRADO; campo con muitas lombas, umas superiores às outras.

CANCHA, s. f. um logar no matadouro das charqueadas, onde o boi vae morrer: também se dá o nome de *cancha* ao logar onde um parelheiro está acostumado a correr. Diz-se: *Está na sua cancha*, isto é, em lugar conhecido, onde é mais forte, etc. (39)

CANDEEIRO, s. m. o homem que (de ordinário armado de aguilhada) vai adiante dos bois que puxam o carro, como que ensinando-lhes o caminho que devem seguir. (40)

CANHADA, s. f. (do cast. *cañada*) espaço de terreno baixo entre duas coxilhas. (41)

CAPÃO, s. m. (talvês augm. de *capa*) porção de mato no campo. (42)

CAPOEIRA, s. f. pequeno logar cercado de mato, mais ou menos espesso, proveniente talvês de se ter feito dentro alguma derrubada. (43)

CARACÚ, s. m. osso da perna do animal. (44)

CARAMINGUÁS, s. m. pl. arreios muitos ordinários, e de pouca valia; e talvês alguma cousa mais que se possa trazer sôbre o cavalo. (45)

CANGUEIRO, s. m. o animal que conduz cargas. No campo também se usa, por analogia, dar nome ao portador de cartas amorosas. *Cangueiro,* adj. o que cavalga mal.

CARNEAR, v. a. matar a rez, acondicionando-lhe a carne, couro, etc. (46)

CARÔNA, s. f. (do cast. *carôna*) sola ou couro cuadrado (de ordinário em duas peças cozidas uma na outras) que se põe por baixo do lombilho, e cujas abas são mais compridas que as dêste. (47)

CARREIRA, s. f. (usado no plural) jogo usado na província; consiste em fazer correr dois cavalos montados, dos quaes é vencedor o que primeiro chega à raia: os cavalos para isto ensinados chamam-se parelheiros.

CAÚNA, s. f. *erva mate* de uma qualidade inferior; difere da *congonha.* (48)

CAVALHADA, s. f. porção de cavalos. *Cavalhadas* no plural são uma especie de torneio ou justas, divertimento usado por ocasião de festividades nacionais ou religiosas: doze cavaleiros de um partido e doze de outro, inclusive os seus mantenedores, depois da escaramuça que finalisa pelo aprisionamiento de um dêles, concluem o divertimento fazendo sortes da *argolhinha,* e outras.

CAVALINHO, s. m. couro de cavalo curtido.

CAXIRINGUENGUE, s. m. faca velha, sem cabo: será talvês Kiceringuengue, do nome indigena *kice: f*aca. (49)

CHANGUEIRO, s. m. cavalo máu paralheiro, parelheiro ordinário, pouco conhecido como tal. (50)

CHAPEADO, s. m. cabeçadas guarnecidas de pratas no todo ou em parte.

CHARQUE salgado, ou simplesmente *charque* é a carne seca preparada em mantas com sal para exportar: é o que nas outras províncias se chama *carne seca.* (51)

CHARQUE DE VENTO, é o charque preparado com pouco sal, e seco à sombra: faz-se de carne de vitela ou de vaca propriamente dita; e as mantas são mais finas: este charque não póde ser exportado por ser de pouca duração.

CHARQUEADA, s. f. grande estabelecimento em que se carneia e se prepara o charque salgado.

CHARQUEAR, v. a. ou n. preparar a carne da rez e dela fazer charque.

CHASQUEIRO, adj. (talvês deriv. de *chasco* português, ou de *chasquí,* cast.) diz-se *trote chasqueiro* o trote largo e incomodo do cavalo; é o que chamam no Rio de Janeiro trote inglês. (52)

CHILENA, s. f. espora grande papagaio virado e grandes rosêtas, muito usada dos campeiros e domadores. (53)

CHIMARRÃO, adj. (tem analogia com o cast. chamaron) diz-se *chimarrão* o gado que vivendo no mato não obedece ao costeio, nem ao rodeio. Também se chama *chimarrão* o mate feito sem açucar. (54)

CHIMBÉ, adj. o que tem o focinho muito curvo, como os cães dogues: diz-se do gado. (55)

CHIQUEIRO, s. m. pequeno curral para porcos e terneiros.

CHIRIPÁ, s. m. baêta encarnada que os peães usam trazer ao redor da cintura. O Sr. Dr. J. A. do Valle Caldre Fião, no seu romance *O Corsario,* mais de uma vez escreve *chilipá.* (56)

CHUCRO, adj. quasi o mesmo que *Chimarrão:* diz-se dos cavalos, e igualmente dos bois: por analogia se aplica às crianças que estranham. (57)

CHURRASCO, s. m. (do cast. *churrasco,* páo meio queimado) pedaço de carne assada ligeiramente sobre as brazas, e unido a elas. O Sr. Dr. José Antônio do Vale, autor do romance *Divina Pastora* diz na pag. 50, que é *preparada sem desunir do couro, em cuja parte se aplica ao fogo:* porém a carne assim preparada se chama simplesmente *assado de couro,* para o diferençar do assado que o não tem. Acima na palavra *Assado* trato de uma e outra cousa.

CHURRASQUEAR, v. n. preparar o churrasco, e come-lo. (58)

CINCHA, s. f. (do cast. *cincha*) apeiro como cilha ou cinta, que

serve para apertar os arreios de um cavalo encilhado: compõe-se de travessão, que se coloca no lugar em que tem de sentar-se o cavaleiro; *barrigueira*, que presa ao travessão cinge o cavalo pelo lado da barriga; quatro *argolas* nas duas extremidades do travessão e nas duas da barrigueira; *látego*, que preso a uma das argolas do travessão o une com a argola da barrigueira, apertando; e *sobrelátego*, que prende a barrigueira ao travessão pelo lado oposto por meio das duas argolas. (59)

CINCHADOR, s. m. peça de ferro ou couro presa à cincha, com uma argola, na qual se prende a extremidade do laço oposta à outra extremidade que tem uma argola; a parte do laço que prende o animal tem na ponta uma argola com que se fórma a laçada; a outra que se prende ao cinchador não a tem.

CINCHÃO, s. m. (augm. de cincha) cinta larga de tecido e franja, que substitue a sobrecincha; e só se usa em arreios mais decentes.

CINCHÀR, v. a. ter o animal preso pelo laço, e este (laço) preso à cincha.

CINTO DE COURO: cinta larga de couro crú, em cujas extremidades há ilhós, por onde se aperta com tiras de couro pelas costas, à semelhanca de colete de senhora, e tem presilhas nos lados para ligar ao côrpo os braços da pessoa presa: é empregado nos pressos em viagem, para mais segurança.

CLINA, s. f. assim se diz imitando o castelhano, em lugar do português *crina* ou *crine*. (60)

COGOTILHO, s. m. (der. de *cogóte*) as crinas do cavalo tosadas de maneira que nas cruzes e entre as orelhas ficam mais curtas que no meio, para onde se vão elevando regularmente de um e outro lado. Assim tosadas as crinas, de ordinário se deixam junto às cruzes algumas mais compridas para seguranca do cavaleiro. (61)

COIVÁRA, s. f. roça queimada. (62)

COIVARAR, v. a. juntar os espinhos ou ramos da coivára, e tornar a queimá-los em diversos montões: chama-se a isto coivarar uma roça.

CÓLA, s. f. (do cast. *cóla*) a cauda do animal. (63)

COLHÉRA, s. f. corda ou guasca que prende dois animais um ao outro pelo pescoço. (64)

COLORADO, adj. (do cast. *colorado*) vermelho: diz-se dos cavalos, também na campanha se diz *baêta colorada* por encarnada. (65)

CONGONHA, s. f. *erva mate* verdadeira ou legítima: é diferente da que se chama *caúna*. (66).

CONGONHAR, v. n. vulg. tomar mate.

CONTRABUZINA, s. f. veja-se Buzina.

CÓPAS, s. f. pl. guarnições redondas de prata com o centro de forma convexa, as quaes se põe nas duas extremidades do bocal do freio: usam-se nos freios chamados *campeiros*: o que as tem se diz *freio de copas*. (67)

CORCOVEAR, v. n. (do cast. *corcovear*) dar o cavalo corcóvos isto é dar saltos curvando o lombo para lançar fóra de si o cavaleiro. Nos dicionários se encontra a palavra corcôvo, donde ela se deriva. (68)

CORNEAR, v. a. (do cast. *cornear*) dar chifradas ou cornadas. Nos nossos dicionários se encontra *escornar* com a mesma significação. (69)

CORNÊTA, adj. assim se diz do boi ou vaca a que falta um dos chifres. (70)

COSCÓS, s. m. (alterado do cast. *coscojo*, ou *coscoja*, ou do port. *coscojas*) roseta de ferro que se costuma pôr no meio do bocado do freio campeiro, para fazer bulha à proporção do movimento da língua do cavalo. (71)

COTÊJO, s. m. ação de cotejar: quando se reconhece que um cavalo é muito inferior a outro na carreira, diz-se (tomando a má parte) que não serve nem para cotêjo. Veja-se *Variar* que diferença faz.

COUCE, s. m. chaman-se *bois do couce* os que entre diversas juntas que conduzem um carro, vão atrás de todos, isto é, junto ao cabeçalho. Escolhem-se para bois do couce os mais possantes deles.

COUCEIRO, adj. o que é costumado a dar couces. (72)

COUREAR, v. a. ou n. tirar o couro ao animal. (73)

COXILHA, s. f. o mesmo que lomba. (74)

COXINILHO, s. m. (deriv. de *coxim*) tecido de lã tinto de preto, que serve para pôr sôbre os arréios, os fios da lã apresentam como uma especie de colchão para comodo do cavaleiro, pelo que se póde supor este nome alterado do cast. *colchonillo*. (75)

CRAÚNO, ou talvês caraúno, adj. preto: diz-se do boi preto mui retinto. (76)

CUCHARRA, s. f. (do cast. *cuchara*) assim chamam no campo a colher de chifre. Também assim se chama um dos três modos de pealar. Veja-se *Peálo*. (77)

CUÊRA, e Cuerudo, veja-se Unheira. (78)

---

(34) CABORTEIRO, CABORTEAR: Como de várias outras palavras de formação popular, desta ninguem dá origem. Quer parecer-

nos que a palavra tenha origem nas palavras *cabro* (cabrão, cabra) mais *arteiro*, astuto, manhoso, atrevido, audaz (Ambas em Brunswick): cabroarterio, cabrorteiro, carboteiro. Mas póde também provir de *cabo*, na acepção de cabeça (Augusto Magne), formando-se, dessarte, caboarteiro, caborteiro. Será, portanto: cabra arteiro ou cabeça arteira que, afinal, significa o mesmo: mau, velhaco, manhoso... CABOS BRANCOS ou NEGROS, temos ainda, para *cabo*, a significação pronta, que lhe da Brunswick.

(35) CABRESTEAR: É formação verbal da palavra portuguesa cabresto. Usamos ainda a expressão *Cabrestillo* que Romaguera Corrêa diz ser diminutivo de cabresto. Esta palavra entre nós designa correias estreitas de couro ou corrente de metal que prendem as esporas ao pé. A palavra, entretanto, é do português antigo e assim a define Brunswick: "*meias de cabrestilho*, as que só cobrem a perna e não o pé, a que se seguram por meio de uma como presilha".

(36) CADÊNA: É espanholismo.

(37) CAMBÃO: Não conseguimos averiguar a origem desta palavra, embora nos pareça provir da antiga designação de cabo da mó do moinho a mão: *camba* (Brunswick) que, aumentado deu *cambão*. A semelhança não é lá de comparar. Mas, quem sabe se os velhos açoritas lhe echaram parecença? Ou quem sabe se provém do verbo *cambar*, trocar com sentido negativo; não trocar, juntar, segurar?

(38) CAMPEAR: Romaguera Corrêa deriva este verbo de campo. No antigo português (Brunswick) encontramos o verbo *campiar*, com o mesmo sentido de *cambiar:* trocar, escambar, cambar e campar. Teria a palavra, entre nós, mudado de sentido? Não seria, aliás, novidade, pois são infindas as que não dizem mais o que diziam antes... Temos ainda no antigo linguajar, *campiatura* e *campatura* ainda com o significado de troca, escambo. Julgamos, como mais plausivel sua derivação de *campeiro* que, segundo Brunswick, significava chamador de irmandade ou confraria, o homem da *campa*, isto é, que tocava o sino pequeno. E daí veio, para nós, *campear*, procurar como campeiro, o homem que chama e cuida o gado na *estança*, pouso lugar de parada, ou na *querença*, no sitio natal ou habitat. Parece-nos, pois, que só por comodismo derivamos de *campo* as palabras *campear* e *campeiro* no sentido de procurar.

(39) CANCHA: Eis mais uma palavra tida como quéchua em nosso vocabulário. Não encontramos esta palavra nas obras qué-

chuas que consultamos e nem siquer os que a mencionam como tal, dão-lhe o significado e a grafia naquela língua. No antigo português também não há palavra igual, mas com o significado largo e plano encontramos *ancho, ancha*, que A. Magne diz ser forma divergente popular de largo. Assim, de *ancho, ancha* para cancha e só... preparar o terreno, isto é, deixar o povo manejar a língua.

(40) CANDEEIRO, CANDIEIRO: Já hoje não se usa mais no sentido indicado. Por analogía: o que ilumina (candeeiro ou candeia) e guia os bois.

(41) CANHADA: Todos dão a esta palavra a derivação castelhana: de *cañada*. Cremos que assim seja, mas de torna viagem, pois a palavra *canada*, no antigo português, significa: passagem ou caminho por entre paredes ou valados, ou por lugares ermos e escuros. E ainda: servidão de uma herdade por outra para levar o gado a beber. Daniel Granada define-a como Coruja, acrescentando: "bañado a trechos, ó bien... en toda su extensión". Notese bem: lugar entre cochilhas com aguada, diz, em resumo, Granada, reunindo os dois significados do antigo português, e... acrescentando à palavra um til sôbre ñ, nasalando-lhe o som e formando a nossa *canhada*.

(42) CAPÃO: A palavra é vulgar e conhecida sua origem tupí-guaraní: *caa*, mato e *paú* ou *paô*, ilha: ilha de mato. A duvida de Coruja ao referir a origem tinha razão de ser...

(43) CAPOEIRA: É também palavra de origem guaraní e significa mato ralo ou claro dentro do mato (que seria o roçado): de *caa*, mato e *puera* que foi; lugar que foi mato virgem. Diversa é a origem de *capoeira*, gaiola ou cesto para transporte de aves. Esta vem de *capão* que, segundo Brunswick, era galo capado e gordo, tratado em lugar própio: as *capoeiras*.

(44) CARACÚ: É palavra tupí, segundo Montoya, e significa tutano. Entretanto, no Rio Grande do Sul, deu-se, tomando o continente pelo contenudo, o mesmo nome ao osso da perna do animal, e, por analogia, isto é, por ser absolutamente liso o osso, passou, também, o nome a designar gado de pelo fino, absolutamente liso e curto, e no geral brilhante, parecendo gorduroso.

(45) CARAMINGUÁS: É termo tupi que Montoya assim descreve: Carameguâ, (de cara + meguâ) : Calaboço grande, con tapadera en que guardan sus cosillas, ou seja arcaz de miudezas, quinquilharias. Daí o emprego da palavra não só para significar o que declara Coruja, mas também todo e qualquer objeto ou traste velho ou

de pouco valor, bem como, mais modernamente, passou a designar dinheiro, em importancias pequenas.

(46) CARNEAR: Ato de esfolar a rez, boi, vaca ou carneiro. Diz Romaguera Côrrêa que é vocábulo hispano-americano. Porqué? A formação de verbos através substantivos é comum e processo regular nas línguas vivas. Manual Duarte cita grande número dêles no linguajar do nordeste gaucho, entre os quais *festar*, ir à festa, divertirse e *lonquear*, tirar loncas, esfolar. Se bem que a palavra *Carne* seja comum às duas línguas, português e espanhol, e o verbo *Carnear*, usado no Prata (Daniel Granada) e no Rio Grande do Sul, somente minucioso estudo poderá dar-nos sua origem. O mesmo diremos quanto ao termo *carneador* que, entretanto julgamos de formação gaucha, mesmo porque, no castelhano, a palavra com o mesmo significado, magarefe, pessoa encarregada de carnear ou esfolar a rez, é *Carneada*.

(47) CARÔNA: Parece-nos que não é palavra de origem castelhana, se bem tenha, no Prata, o mesmo significado e a mesma grafia (Granada). A nosso vêr é derivada de *carom*, que Brunswick assim define: À carom da carne: à raiz da carne. Não explicará isto a palavra?

(48) CAÚNA: É de origem guaranítica, talvês de *caú* (beber, especialmente vinho) acrescido do sufixo *na*. Mas talvês seja mais certo sua formação de *cáa* (erva que se bebe) mais *unã* (grossa): erva grossa que se bebe. É a folha picada grosseiramente da ilex paraguayensis. Daí caúna: erva mate grossa, inferior.

(49) CAXIRENGUENGUE: Montoya trás, Quice: cuchilo (faca). A terminação *gue*, *guengue*, *enguengue*, é de cunho afro, significando, no geral, cousa de nonada, sem serventia: bendengue, canhengue, dengue, neuvangue, xendangue, etc. (Renato Mendonça). É, portanto, a nosso vêr, de formação hibrida: Quice + renguengue...

(50) CHANGUEIRO, CHANGADOR, CHANGUEAR, CHANGA: São palavras de formação análoga, com significados diversos: changueiro: cavalo ruim; os demais tem o significado de cangueiro, ter o oficio de cangueiro e carreto, carga conduzida por cangueiro. Romaguera Corrêa, apoiado em Daniel Granada dá-lhes origem platina. Entretanto, diz o último, que antigamente *changador* designava a pessoa que se ocupava em matar animais alçados ou não. Seria o *sangrador*, o que sangra, nome, talvês que fora dado aos matadores de gado pelos portugueses e que os espanhois tivessem deturpado: sangrador = changador; formando-se daí os derivados

acima, e mais changueirear, correr mal, citado por Romanguera Corrêa, Roque Callage, e Luiz Carlos de Moraes que lhe dá o significado de "fazer carreira de animais". Póde bem ser, entretanto, derivado de *changer*, ou *changuer*, do antigo português, que conforme Agusto Magne, quez dizer chorar, prantear, lamentar, do galego *changer*, do latim *plangere*, —mudando o significado por qualquer analogia, como era comum.

(51) CHARQUE: Outrora erradamente grafada com *x*. Dão-lhe todos os vocabularistas e dicionários origem araucana ou quéchua. Augusto Daisson, citando Apolinário Pôrto Alegre diz: do quéchua, charki; e citando Jaime de Seguier que também diz: do quéchua, charque, conclue que deve ser essa a origem. Entretanto, na citação que faz de Caldas Aulete que ficou só, encontramos: Charque, preparação da carne seca para exportação. P. U. enxercar = *Enxercar*, fazer a enxerca da carne. (No Brasil diz-se charquear. F. arabe: charraca, secar ao sol carne salgada). Em outro passo diz Augusto Daisson: "O português açoriano e o continental poderiam ter trazido o vocábulo *cherca*, de formação arábica, vindo daí o nosso termo *charque*. Em Portugal, porém, —conclue—, dáse-o como de origem brasileira, conforme se póde verificar nos seus dicionários". Que a palavra é brasileira, não resta dúvida, provenha de onde provir. Nasceu no Rio Grande do Sul e aqui criou fóros. Isto, entretanto não quer dizer que sua origem seja quéchua. Póde ser arabe o póde ser portuguesa. E não duvidamos que seja portuguesa autêntica sua origem. Expliquemos. Não admitimos o quechuismo porque, em primeiro lugar, não havia, na América do Sul, gado e, portanto, era impossivel aos indígenas a fabricação do charque a não ser que o fizessem de outra carne o que, em verdade, deu. O charquí quéchua é *farinha de carne de peixe*, pó de peixe seco. Em segundo lugar havia em Portugal, já antiga, a indústria da carne salgada que denominavam "carne de encharqua", e encharquar era o verbo designativo da ação de preparar tal carne. Desse verbo nasceram *enxercar* e *enxerca* ainda registadas nos bons dicionários. Brunswick, traz as seguintes palavras antiquadas: *enxerca, enxerqua:* dizia-se da carne que se vendia fora do açougue, e a olho; *enxercar, xarquear;* e *enxerqueira* ou *eixerqueira*, a mulher que andava pelos povos vendendo carne que sobejou no açougue, ou à salmoura. Em... 1506 baixou D. Manuel um decreto em que proibia a venda da "carne em tassalhos" e regulamentava a produção da "*carne de encharcua*". Esse decreto era dirigido aos "*encharcuareiros*". Nas relações de viagens a Africa encontramos,

também, referências à "carne de encharcua", que levavam à bordo, atribuindo até, certos navegantes, a essa carne a grande quantidade de obitos pelo carbunculo e outros males. Vê-se, portanto, que a palavra "charque" —carne salgada, em conserva, seca ao sol—, vem de "encharcua", carne em conserva. A carne de encharcua era feita de mantas de carne sem osso, conservadas em tanques de madeira, em forte salmoura, donde eram tiradas de quando em vez para o sol e de novo imergidas em salmoura fresca conforme o referido decreto ou alvara que também ensinava o modo de fabricar tal carne que, assim preparada, durava meses e meses, até anos. Donde concluimos que *charque* vem de "encharcua", palavra genuina portuguesa.

(52) CHARQUEIRO: Diz Romaguera Corrêa e outros que é de origem castelhana ou hispano-americana, de *chasqui*, araucanismo ou quechuismo, que significa: correio a cavalo, próprio, indivíduo que leva noticias de um ponto a outro. Indivíduo, en fim que fazia as vezes do correio atual e do telegrafo. Ora, pouca semelhança tem o trote duro do animal —animal de mau trote, de mau andar— com a profissão do chasque indígena adotado pelos espanhóis ao conquistarem a costa do Pacífico-sul e por êles espalhada com o mesmo significado ameríncola. Em português existe a palavra *chasco* ou *chasque*, brinquedo, pilheria de mau gosto. O mau andar do cavalo não deixa de ser pilheria de mau gosto, principalmente cuando o cavalo nos é impingido... Daí denominarem nossos gauchos *chasqueador* ou *chasqueiro* ao cavalo que lhes impingia a má pilheria do pessimo trotar.

(53) CHILENA: Diz Romaguera Corrêa que a palavra é oriunda do Chile. Qual a razão? Nada explica, mas há entretanto, motivo. Logo no início do povoamento do Rio Grande do Sul, noticias exageradas eram espalhadas através o Prata, da província do Chile. Começou, então, aí a ser denominado "chileno" tudo que era exagerado e, em conseqüencia, as esporas de tamanho fóra do comum então introduzidas no Prata. Essa a origem da palavra designando as esporas grandes, com rosetas enormes.

(54) CHIMARRÃO: Romaguera Corrêa declara ser esta palavra de origem hispano-americana, de *cimarron*, que tem a acepção de animais e plantas silvestres. E conclue, daí, analogamente, sua aplicação para designar o mate sem açucar. Além do significado mate amargo, tem o de animal selvagem, especialmente designando cavalos e cães que, tempo houve, foram verdadeira praga pois atacavam, como as mais ferozes onças, tigres e leões africanos a quantos, animais e pessoas, andassem por sua visinhança. Não lhe descobrimos origem alguma, mas é palavra muito antiga e usada em toda a América espanhola ao que parece, e conforme a citação que Daniel Granada faz da obra "Tratado del descobrimiento de las Indias" etc. por Joan Suarez de Peralta, vezino y natural de México, na qual se lê: "riquezas que an tenido y tienen de oro y plata y mucha suma de ganados, especialmente en la isla Española, y Santo Domingo, Cuba... y Nueva España... que no se aprovechan del si no es el cuero y sebo, que la carne se queda perdida en los campos donde la comen los perros bravos, que son çimarrones"... Esta grafia de chimarrão, dá-nos impressão de origem arábica.

(55) CHIMBÉ: Do guaraní tembé, lávio, - diz Romaguera Corrêa. Quer parecer-nos, entretanto, que provenha do português antigo - *chimbéo*, que significava, *sendeiro*, isto é: ordinário, sem vergonha (Brunswick), talves pela *petulancia* do nariz arrebitado. Moraes Silva define: rocim máu. Camilo Castelo Branco, em nota a Soropita (Poesias e Prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas de Camilo Castelo Branco. Porto. Tipografia Lusitana, 1868) explica a palavra *arrebitado*, usada por Soropita, como significando *soberbo*, no sentido de arrogante.

(56) CHIRIPÁ: É termo castelhano. O chiripá foi pouco usado no Rio Grande do Sul, onde Saint-Hilaire em sua "Viagem ao Rio Grande do Sul" (Brasiliana, Vol. 167, Cº Editora Nacional, São Paulo, 1939) o encontrou para uso exclusivo do peão. É aliás, o que também afirmam Coruja e Romaguera Corrêa. O autêntico chiripá castelhano, isto é, platino, e que era por alguns usado aqui, compunha-se de peça quadrilonga de tecido qualquer, que passado por entre as pernas prendia-se à cintura por cinta de couro ou *tirador*. Daniel Granada define-o: "Pieza de genero, cuadrilonga, la cual, pasada por entre los muslos y asegurada a la cintura con una faja, hace las veces de pantalón entre la gente del campo". Em português, Moraes Silva menciona: *chirinola:* Armadilha, cousa confusa, e *chiripos*, tamancos.

(57) CHUCRO: Romaguera Corrêa declara: "É contração de chucaro, de origem peruana". Daniel Granada regista *chucaro*, mas não dá origem. A palavra peruana é *chicaro*. Não podemos compreender essa origem. Entretanto, nada descobrimos capaz de orientar-nos. Nem mesmo o significado peruano...

(58) CHURRASCO: Palavra da América espanhola, diz Romaguera Corrêa, confirmando Coruja. Augusto Daisson, cita Apolinário Pôrto Alegre: "O termo procede do espanhol *churrasco*, que é o

pão ou guizado, que ficou tostado demais". Daniel Granada regista *churrasco* e *churrasquear* sem falar das origens da palavra. O modo de preparar o churrasco é antigo: encontramô-lo já na *Eneida* e na *Iliada*. Moraes Silva menciona em seu diccionário, a palavra *Churro* e *churra* (fem.) e cita: "cobre o *churro* mantão da hipocrisia, soberbos e altaneiros ardimentos". Da-lhe o significado vilão, ruim, miseravel, pertinaz (termo chulo); e como espanholismo, de *churdo*, o significado de sujo, suarento.

(59) CINCHA, CINCHADOR, CINCHAR: Encontramos no antigo português (Brunswick) a palavra *chinche* sinônimo de *chisme*, percevejo (bicho). Pode ser, entretanto a corruptela de *cinta*, "cordão ou correia com que alguem se aperta" (Brunswick), talvês misturado com *cinca*, ráia que deixa no animal a cincha bem apertada. Poderia ser corruptela de *cinta* e *cinca* para *cincha*, e que viesse através o Prata. Daniel Granada, entretanto não a refere. Antônio de Moraes Silva, porém, menciona: *cinchar*, apertar no cincho o queijo para dessorar; termo usual entre os que o fazem; e *cincho*, o molde onde se queija, etc. Cremos, assim que a palavra é portuguesa autêntica.

(60) CLINA: Afirma Romaguera Corrêa: "É palavra castelhana e português antiquado". Brunswick menciona: *clina*, crina.

(61) COGOTILHO: Derivado de cogóte, ou cangote, pescoço, parte trazeira do cólo no antigo português.

(62) COIVÁRA, COIVARAR: Palavras de origem túpica (Montoya). Bernadino José de Souza cita-o como termo gerál do interior do Brasil e o dá, derivado de cô-y-uara, roça no aito de queimar-se. Cita também *Coivarar* e *encoivarar*. Waldomiro Silveira, refere-o com sentido algo diverso.

(63) CÓLA: Daniel Granada menciona *colla*, indio ou mestiço; proveniente da Bolivia dos indios *collas*: Não refere o significado que lhe damos. Quer parecer-nos que se derive de *colear*, que todos os dicionários trazem, pela semelhança do movimento entre a cauda do animal e o do mover-se em zigue-zague ou serpeando, se bem Moraes Silva refira: *Cola* rasto, trilha, seguimento, pingada, citando exemplo: "esta corja que vem na *cola* delas", isto é, atraz.

(64) COLHÉRA: Do castelhano *collera*, cadeia de forçados das galés, afirma Romaguera Corrêa. Parece, entretanto, que se derive do português antigo *colher*, *colher-se*: amparar-se, recolher-se, refugiar-se, segurar, segurar-se, que por sua vez deu *colhedor* (Silva) que, em nautica (recorde-se o povoamento acoriano!) é o nome

dos cabos que passam pelas vigotas fixas nas pontas dos ovens da enxárcia e outras fixas na abotoadura para fortificar os mastros. Há semelhança entre ambos.

(65) COLORADO: Tanto no espanhol, como no português antigo existe a palavra *colôr*, da qual se derivou colorado, coleção ou conjunto de côres. No Prata, colorado é encarnado, mas para o gaucho riograndense, outrora, era mais cô de pinhão, aspeto de mistura de côres parecidas. O termo colorado, com o significado de encarnado generalisou-se em virtude das lutas que se iniciaram, pode-se dizer logo após a independência do Uruguai (1828) entre os partidos Blanco e Colorado, este sempre amigo dos brasileiros. Silva cita *colorado* como termo novo, proveniento do velho verbo *colorear*, dar color, corar, que deu *colorar*, corar, tingir, que também cita, bem como o adverbio *coloradamente*, com côr, pretexto, dissímulo do intento verdadeiro. (Ordenações Manoelinas).

(66) CONGONHA: Segundo Montoya, a erva mate se denominava em tupí *côgôi*. Teschauer diz: tupi-guaraní: congôi, talvês corruptela de *mocong*, o que sustenta. Cremos melhor a interpretação de Montoya. O termo é antigo e já Corrêia Garção, no seu teatro, segundo Silva, o citava: "*arrotando congonha*". Mate no Sul do Brasil e chá de mate em São Paulo.

(67) CÔPAS: É português antigo, segundo Brunswick, e significava: topete. Baixela. Centro do broquel. Daí a designação, e não de *copa*, copo pequeno, taça, em castelhano, como querem alguns. Moraes Silva também traz copa e copas.

(68) CORCOVEAR: Derivado de *corcôvo* que, segundo Brunswick, significava cêrro, no português antigo. O animal, quando corcoveia, forma cêrro no lombo, curvando a espinha, *corcôva*, palavra esta que em espanhol, segundo Bluteau, significava corcoba. O mesmo menciona ainda: corcobo de caballo, em português simplesmente *corcôvo*. Preferivel, porém, derivá-lo como corruptela de corcovar (Moraes Silva). M. Pereira Fortes declara: é têrmo português.

(69) CÓRNEAR: *Corna*, cornadura, diz Brunswick, chifre que serve de recipiente. De onde, talvês, o povo tirasse *cornear*, dar com os chifres. Bluteau refere: *Escornear*, cornear, herir con cuernos. Dá-se, aqui, o mesmo caso de relinchar e *inchar* que muitos "puristas" condenam, mas que Alexandre Herculano usa em *Eurico, o Presbitero:* o rincho do cavalo. Escornear, escornar estão em igual situação, embora não tenha —o cornear—, um Herculano que o abone... Moraes Silva traz *Cornejar*, como termo novo, estender, dirigir os cornos para uma e outra parte: diz-se dos caracóes. Quem

sabe se daí, iliminando o *j*, passou para os bois? Em qualquer caso, caso, a nosso ver, não é castelhanismo.

(70) CORNÊTA: Romaguera Corrêa diz que na acepção de boi ou vaca a que falta um dos chifres, e, no sentido figurado de pessoa intrometida (boi corneta) é termo introduzido do Prata. Daniel Granada não o traz. Moraes Silva traz: *Corneta:* "a unha do boi com que se joga a choca", entre outras acepções. O jogo da choca, segundo descrição do mesmo Silva, é o que atualmente se chama de "páu de dois bicos", e que também se jogava com a ponta do chifre.

(71) COSCÓS: Brunswick traz: *coscós, coscorrinho:* dinheiro junto a pouco e pouco. Bluteau refere, em espanhol, *Coscojo* que traduz *coscoja* para o português. Wildik dá para *coscoja* o significado português seguinte: "Botânica": carrasqueiro, carrasco: folha seca de carrasqueiro. Arvore do Kermes *(coscojo* em espanhol). Coscoja, anel em cada um dos bocados do freio". Para *Coscós* dá os significados de Coruja e Brunswick, o 1º como brasilerismo. Moraes Silva traz: Coscós: giria: dinheiro. Peças de certos freios de cavalos. Veja: Coscojos e para esta diz: Peças de sela estardiota, etc. Também se põe nos bocados de freio.

(72) COUCE, COUCEIRO: São palavras portuguesas da mesma origem: *couce:* de traz, último, e também patada: golpe que a besta dá com o pé, ou pés para traz: pernada (Moraes Silva).

(73) COUREAR: Sugerem alguns a origem platina *cuerear* (Daniel Granada) para o termo. Parece-nos, entretanto mais razoavel derivá-lo de *couro*, português puro. A formação verbal de substantivos, em que somos prodigos, é no caso absolutamente normal. Foi a necessidade que obrigou o povo a crear o verbo, como creou a continua creando tantos outros. O dr. Manoel Duarte traz grande número de verbos formados no nordeste gaucho e usados, na maioria, lá somente. Nada há, portanto, de anormal, nesta como noutras formações verbais de que já falamos e falaremos. Devemos notar, porém, que a acepção que lhe atribue Coruja não é bem exata. *Courear* quer dizer tirar couro de gado morto por peste ou desastre, com o fim de só aproveitar o couro.

(74) COXILHA: Não é apenas lomba: também colina, cerro de pequena altura, Romaguera Corrêa dá-o como termo hispano-americano. Daniel Granada refere *Cuchilla*, Brunswick traz *coxia*, prancha fixa no meio dos bancos da galé de popa a proa. Veja-se o significado moderno no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Veja-se também Moraes Silva.

(75) COXINILHO: Que Luiz Carlos de Moraes também diz ser *Cochonilho,* termo este comumente usado, mas que tanto Callage como Teschauer não referem nesta grafia. Romaguera Corrêa quer que se derive do inseto *cochinillo* (com nome castelhano), enquanto Coruja mais logico oscila entre o português de origem *arábica coxim*, e *colchonilho* castelhano. Parece-nos, entretanto, pela sua origem e propria utilidade, que seja corruptela de *coxote*, parte da armadura que protegia as coxas. De onde *coxonilha* ou coxinilha. De *coxim*, portanto, ou coxote, mas nunca dos citados espanholismos.

(76) CRAÚNO ou CARAUNO: É termo que não encontramos nos demais vocabulários regionais gauchos referidos na Bibliografia. Pela definição que lhe dá Coruja deve ser o que refere o Pequeno Dicionário Bras. de Ling. Portug.: *Araúna*, Ave da familia Icteridae, também chamada *carauna*, *crauna*, *graúna*, *garuna* e *irauna*. Do tupí-guaraní: *guira:* pássaro, mais *una*, preto.

(77) CUCHARRA: Outro *castelhanismo* que, entretanto, figura na antiga lingua portuguesa, segundo Brunswick, e que passou a sêr colher. O mesmo refere ainda *cucharrada*, faca de sapateiro. Talvês seja espanholismo, mas abonado pelo antigo português, ou porguesismo importado pela Espanha, onde se radicou. Em castelhano, conforme Wildik, a palavra tem um só *r:* cuchara, cucharada = colherada. Recorde-se a dominação espanhola em Portugal (1580-1640).

(78) CUÊRA: É ferida incuravel ou duda (dificil) de curar, existente no lombo do animal, proveniente de máus lombilhos. Daí surgiu *cuêrudo*, o que tem cuêra, mas que passou, também a designar pessoa ou animal duro no trato e, depois, forte, respeitado, temido, valentão. É termo tupí: *cuêra*, ou *cuê*, pretérito, o que foi: o que fez hábito; rastro fresco. (Montoya).

D

DAR de rédea, governar o cavalo dando-lhe direção oposta a em que ia.

DESCAMBADA, s. f. logar da coxilha ou lomba que faz descida para a canhada. (79)

DESENCILHAR, v. s. tirar os arreios ao animal.

DESOBRIGADO, adj. (oposto a *obrigado)* diz-se que caminha desobrigado o cavalo que sempre caminha de bom grado, sem que seja necessário o cavaleiro esporea-lo.

DESTOPETEAR, v. a. cortar as últimas crinas que existem entre as orelhas do cavalo, e que por serem compridas lhe tapam a vista.
DOURADILHO, adj. vermelho-claro: mais claro que o colorado, côr de ouro, diz-se exclusivamente dos cavalos desta côr.

---

(79) DESCAMBADA: É palavra do português antigo com o significado que lhe damos: encosta, vertente (Brunswick). De *descambar,* descer a encosta, a coxilha, o cerro e desaparecer por de trás dela. Moraes Silva refere o verbo *descambar,* cair escorregando. Escambar. É comum o emprego diario, entre o gaúcho, de arcaismos portuguêses que, no geral, teiman os srs. puristas em considerar erros e vicios. Comparando-se nosso linguajar e o dos Açores, encontraremos notaveis igualdades quanto a arcaismos, como *dentro na,* por dentro da: *despois, desposto, dromir, enojar, escarnho* (escarneo) *cangar* (jungir), *quinta* (pomar, casa de campo), *zoada, sêmos, somana,* etc. (Luiz da Silva Ribeiro).

E

EGUA madrinha, é aquela junto da qual se acostuma a pastar porção de cavalos, algumas vezes tem ao pescoço um sincerro, especialmente em viagem, ao som do qual os cavalos e mesmo as bestas seguem reunidos.
EMBROMAR, v. n. (do cast. *embromar*) entreter o resultado de algum negocio, dar mostras de o querer concluir, sem contudo leva-lo ao fim. (80)
EMBROMADOR, adj. ou s. m. o que embroma. (80)
EMBUÇALAR, v. a. pôr o buçal em algum animal, figuradamente, se toma também por enganar. V. g. quizeram embuçalar-me, isto é, quizeram enganar-me. (81)
EMPACAR, v. n. não querer o animal caminhar mais, parar de todo firmando as patas no chão: é mais usual nas bestas que nos cavalos. (82)
EMPACADOR, adj. o que é acostumado a empacar.
ENCARANGAR, v. n. enregelar de frio, diz-se que as mãos ou dedos estão encarangados, quando por causa do muito frio se não podem unir os dedos uns a outros. (83)
ENCÉRRA, s. f. especie de curral feito no mesmo campo para apanhar baguaes, são em feitio quasi semelhantes aos cercados que fazem os pescadores nos logares de pouca agua para apanhar peixes.
ENCHIQUEIRAR, v. a. fazer introduzir no chiqueiro, v. g. os terneiros. (84)

ENCILHAR, v. a. arreiar o cavalo: pô-lo em estado de ser montado.
ENCOMPRIDAR, v. a. fazer mais comprido; v. g. encompridar o lóro do estribo; encompridar o rabicho, etc.
ENCONTROS, s. m. pl. o peito do animal. (85)
ENFRENAR, v. a. costumam alguns dizer em logar de *Enfrear.* (86)
ENGARUPAR-SE, v. r. montar na garupa.
ENGARUPADO, partic. montado na garupa.
ENTABULAR uma manada, é acostumar um pastor a um certo número de éguas para formar a manada. (87)
ENTREPELADO, adj. (do cast. *entrepelar*) o que tem pelo de três côres, preto, branco e vermelho quasi rosaceo: diz-se dos cavalos. (88)
ENXERGÃO, s. m. o mesmo que baixeiro.
ESTANCIEIRO, s. m. (do cast. *Estanciero*) diz-se por estanceiro que achamos nos nossos dicionários; é o fazendeiro, dono de uma estancia. (90)
ESTAQUEAR, v. a. entesar o couro prendendo-lhe as garras em estacas afim de o secar. (91)

---

(80) EMBROMAR: Wildik dá como brasileirismo e traduz: embromar, engañar. A expressão *broma,* em espanhol, em português também é broma, segundo Bluteau que não cita embromar. De broma que significa: chalaça, burla, brincadeira, nasceu *embromar,* cujo sentido é quasi o mesmo. Apezar de Bluteau e Moraes Silva parece que a palavra é realmente de origem castelhana, pois não a encontramos no antigo linquajar português. Moraes Silva refere com vários sentidos as palavras: Broma e Bromar, bem como Bromado part. pass. de bromar. Só acurado estudo poderá decidir. Á dominação espanhola em Portugal devemos confusões lingüisticas dificeis, hoje, de solucionar.
(81) EMBUÇALAR: De bucal, já comentada.
(82) EMPACAR, EMPACADOR: Romaguera Corrêa deriva-as de *empacarse,* castelhano. Quer entretanto, parecer-nos que sua origem está na palabra *empacho* e *empachar,* do antigo português, cujo significado é quasi o mesmo: embaraço, embaraçar; embargo, não prosseguir, referido por Brunswick e Moraes Silva que para empachar dá ainda o significado de embaraçar o movimento.
(83) ENCARANGAR: É do velho português; tolher-se, ficar sem movimento por efeito do frio ou dôres (Brunswick). Moraes Silva não traz esta palavra.
(84) ENCHIQUEIRAR: De chiqueiro que por sua vez vem da giria

antiga *chico*, porco, ou outro animal pequeno. Silva aplica-o ao pinto e o declara chulo. Chiqueiro, hoje quasi no se usa para indicar curral de porcos. É semelhante a *encerra* que também significa encurralar, tocar o gado para o curral. São palavras que foram criando côres locais, como muitas outras, atualmente em desuso em Portugal. Moares Silva traz: *enchiqueirar*, ficar o peixe preso no chiqueiro. Para esta palavra diz: Possilga: cerca de vara nos rios para apanhar peixes. Termo do Brasil.

(85) ENCONTROS: Moraes Silva, entre as acepções comuns dá-lhe mais a de "parte superior das azas da ave, onde vai fazendo a volta, e donde nascem as penas maiores". "Os encontros das azas das aves".

(86) ENFRENAR: Enfrear, de freio. É espanholismo: enfrenar, de freno.

(87) ENTABULAR: Corruptela de *estabular*, (verbo, de estábulo), reunir animais no estábulo. Não é mais usado.

(88) ENTREPELADO: De pêlos misturados. Parece-nos que a palavra é formada de entre mais pêlos, entre-pêlos: um pêlo entre outros isto é: mistura de pêlos que dá novo tipo ou côr de pêlo. Romaguera Corrêa diz que é castelhanismo usado, em lugar do português *entrepolado*, o que não cremos. O povo é sábio, não raro, na formação de termos. Dessa formação de palavras, aliás, está cheia a língua portguêsa: entreposição, entresachar, entresemear (semear entre outras sementeiras), entretecer, e muitas outras, todas com sentido de mistura.

(89) ENXERGÃO: Do antigo português *xerga*, estamenha (Brunswick) ou de enxergão, saco grande de palha que se põe nas camas por baixo do colchão (Moraes Silva).

(90) ESTANCIEIRO: Nada tem de castelhano esta palavra que é do mais puro português. Deriva de *estância*, do velho português estança, parada, poiso; modernamente: local para criação de gado. Ao propietário e ao criador deu-se o nome estancieiro. Moraes Silva traz: Estança e estancia com o mesmo significado e mais: estanciar, fazer estancia, parar, descançar em algum sítio.

(91) ESTAQUEAR: Romaguera Corrêa dá, tanto para estaquear, como estaqueador, estaqueadouro e estaqueamento, origem platina.

Entretanto, a palavra estaca, de onde derivam, é portuguêsa e no antigo linguajar de Portugal, *estacada*, significava liça, campo para justas e torneios (Brunswick) significado que deu lugar a *seguro por estacas*, parar, *estacar*, ou *estacuar*, de onde estaquear e derivados.

F

FACA de mato, faca grande ou facão com que se entra no mato e que serve para cortar cipó, abrir caminho.

FANDANGO, s. m. (do cast. *fandango*) baile campestre, ou antes usado da gente do campo, em que há arrastado de viola, e também toque rasgado: ao som da viola se cantam varias cantilenas alternadas com dança sapateada; e que se conhecem por vários nomes, como sejam: anú, bambáquerê, benzinho-amôr, cará candieiro, chamarrita, chará, chico-puxado, chico da ronda, feliz meu bem, João Fernandes, meia-canha, pagará, pega-fogo, recortada, retorcida, sarrabalho, serrana, tatú, tirana, e outras cujos nomes se ressentem da origem castelhana. (92)

FANDANGUEIRO, adj. o que gosta de fandango.

FIADOR, s. m. buçal sem focinheira. (93)

FUÁ, adj. resabiado, desconfiado, espantadiço, sestroso; ou todas estas cousas ao mesmo tempo. Diz-se do cavalo e talvês sua etimología provenha do som fffu... que o cavalo faz quando bufa abrindo as ventas. (94)

---

(92) FANDANGO, FANDANGUEIRO: O fandango, segundo os modernos dicionários, é dança popular brasileira (do Sul) e platina; no Norte do Brasil dá-se, às vezes, êsse nome à *chegança*. Temos dúvidas quanto à origem, que nos parece africana, de candango, nome com que os pretos denominavam os portuguêses, segundo Renato Mendonça, que acrescenta: "No reino da Jinga, os portugueses chamam-se kandungu". É bem provavel que aos bailes dos brancos os pretos denominassem "bailes de candango" o que, ouvido pelos platinos, ou pelos próprios portuguêses passou a termo geral com a alteração da letra inicial, para designar os bailes dos brancos, em geral, e, mais tarde, os bailes populares. Ou talvês estes desde o início. Os platinos desconhecem, em absoluto, a origem da palavra *fandango* que nossos vocabularistas teimam em dizer castelhana. Evaristo Afonso de Castro, em sua obra *Notícia descritiva da Região Missioneira*, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Cruz Alta, Tip. do Comercial, 1887, diz que o *fandango* "é uma dança antiga dos sertanejos de São Paulo, de origem Guaraní". Muito vulgar e dançada na zona missioneira por ocasião do *putchirão*, palavra guaraní aportuguesada, que quer dizer reunião de todos em comunidade para colheita da erva-mate, finda a qual há churrasco, geralmente assado de couro, e danças do fandango.

(93) FIADOR: Não é bem exata a definição de Coruja: *fiador* é o nome da parte do buçal que une a sedeira à testeira, isto e: o buçal à cabeçada, segurando esta. É termo português cujo significado também foi aproveitado: garantia, segurança. Moraes Silva refere-a e, entre outras acepções, indica: "cordão que prende e segura ao braço: *v. g.* o fiador da espada, do falção, do cavalo, etc."

(94 FUÁ: É termo de criação regional. A origem que lhe dá Coruja é bem provável. Diz Romaguera Corrêa que é sinônimo de *aruá* (do tupi *harua,* cousa que causa dano, ruinosa, Montoya), em cuja acepção também é empregado no Rio Grande do Sul. A expressão é hoje muito usada no sentido de raivoso, furioso: Êle anda fuá! Há, ainda, outra expressão usada neste mesmo sentido: *fula:* estar fula, isto é: raivoso. É termo usado no Norte e Minas Gerais no sentido de mestiço e mulato (Bernardino José de Souza). *Haruâ* (que deu *arruá* (Pequeno Dic. Bras. da Líng. Portuguêsa) e formou *arruaça, arruaceiro* e derivados) não é usado entre nós, no sul. No Amazonas é nome de molusco: aruá (Armando Mendes e Alfredo Augusto da Matta).

G

GARRÃO, s. m. (do cast. ou arag. *garron* calcanhar) nervo da perna do animal cavalar. (95)

GARROTEAR, v. a. (do cast. *garrotear* ant.) garrotear o couro é sová-lo e bate-lo demasiadamente, a ponto de ficar muito macio; o couro assim preparado se chama *couro garroteado.* (96).

GARÚA, s. f. chuva muito miuda. (97)

GARUAR, v. m. cair garúa.

GATEADO, adj. baio com as crinas côr de flexa: diz-se do cavalo. (98)

GAÚCHO, s. m. Indio do campo sem domicilio certo. Cavalo *gaúcho* é quasi o mesmo que cavalo teatino, que não é permanente em parte alguma. (99)

GINETAÇO, s. m. vulg. ginête que cavalga bem e com garbo.

GINÊTE, s. m. apezar de que se possa chamar ginête tanto o cavalo como o cavaleiro; naquela província se aplica este nome *especialmente* ao cavaleiro: v. g. aparecendo ao longe un homem a cavalo, se diz que ai vem um ginête. (100)

GRAXEAR, v. n. diz-se no campo por namorar. (101)

GUACHO, adj. cavalo ou terneiro creado em casa; é quasi o mesmo que engeitado ou exposto, por não ser alimentado pela própria mãi. (102)

GUAMPA, s. f. assim chamam no campo geralmente ao chifre; porém com mais especialidade ao mesmo chifre preparado à aneira de cópo, que os viajantes trazem para beber água em viagem. (103)

GUASCA, s. f. cualquer tira ou correia de couro crú: os homens da cidade assim chamam (tomando a má parte) os homens do campo; mas nêste caso é do genero masculino. (104)

GUASCAÇO, s. m. pancada dada com guasca.

GUASQUEAR, v. a. dar pancada com guasca, açoutar com ela, dar guascaços.

GUAIÁCA, s. f. O Sr. Dr. José Antônio do Vale no seu romance *Divina Pastora* em uma nota à pág. 147 define-a da maneira seguinte: Cinta de couro lavrada, com bolsa para guardar dinheiro e mais mistéres de um viajor. Vi-as na campanha de um gosto magnifico e de altos preços pela riqueza do trabalho. Os Riograndenses fazem-nas admiraveis com dificultosos e exquisitos bordados. (105)

GUINILHA, s. m. o cavalo que além de ser *andador,* tem a *andadura* muito apressada e pouco acomodada ao cavaleiro. (106)

---

(95) GARRÃO: Além do sentido que lhe dá Coruja tem mais o de - jerrete de todos os animais e também das pessoas, às quais é comum aplicar-se a frase, quando ficam com receio, caem ou fraquejam: "afrouxar o garrão". A nosso vêr não é castelhanismo. Granada não traz *Garron,* embora a palavra original —*garra*— seja a mesma em ambas as línguas. *Garron,* segundo Wildik, é esporão de aves, tendo ainda o sentido de agasalho, em agricultura. Em português *garra* não é só a unha aguçada e curva das aves de rapina, como toda a especie de unhas capazes de ferir ou segurar; as próprias mãos humanas; o pelo comprido nas juntas das patas dos cavalos, principalmente. (Brunswick, Moraes Silva).

(96) GARROTEAR: Romaguera Corrêa declara: É vocábulo castelhano com a significação de - esbordoar, das pauladas... Granada não a refere. Wildik menciona para *Garrote* diversas acepções, entre as quais a "pena ou suplício do garrote". Não traz "garrotear". É palavra espanhola, pois o suplício do garrote é criação da Espanha onde ainda era aplicado em 1870. A palavra *garrote,* entretanto, está em Moraes Silva abonada pelo padre Antônio Vieira.

(97) GARÚA: Termo peruano, diz Romaguera Corrêa. Daniel Granada refere-a, citando o padre Lozano (História de la conquista

del Paraguai, Rio de la Plata y Tucumán). "Es por extremo enemiga de la lluvia, principalmente de la más menuda que llamamos garúa" e citando Alcedo conclue: "Nombre que dan en el Perú à la lluvia menuda y cuasi imperceptible". Quer, assim, parecer-nos que é palavra que nos veiu através de Espanha ou do Rio da Prata. Com a grafia *garôa* é usado em que quasi todo o Brasil, reminiscência, provavelmente, do periodo do dominio de Espanha em Portugal (1580-1640), como deve ser a origem de muitas outras, pois, nessa época, até certos escritores, para serem agradaveis aos novos senhores, escreviam em espanhol para o povo português...

(98) GATEADO: É a côr do pêlo do animal cavalar ou muar, amarelo desmaiado, comum aos gatos. Daí o nome: pelo côr de gato = gateado. Diz Romaguera Corrêa que é vocábulo castelhano.

(99) GAÚCHO: É, hoje, palavra conhecida em todo o Brasil e no estrangeiro. Há o gaúcho platino e o gaúcho brasileiro, cujas origens são semelhantes. Embora mais antigo o do Rio da Prata, povoado cerca de 150 anos antes do Rio Grande do Sul, a expressão designando o homem do campo apareceu pela primeira vez em fins do setecentos. A origem da palavra tem sido discutidissima e cerca de cem etimologias foram estudadas sem conclusão alguma definitiva. No Uruguai, o dr. Buenaventura Caviglia, hijo, dedicou-lhe um livro (além de muitos artigos esparsos) no qual reuniu 36 étimos (*Gaúcho de Garrucho* - Montevidéo, 1933), e entre outros, Aurelio Porto, *(Gente que Canta Triste,* in Província de São Pedro, n.º 4, março de 1946, Livraria do Globo, Pôrto Alegre) que lhe procurou origem guaranítica, de acordo com a primitiva grafia do vocabulo: gaucho, isto é: de *Guahú* (canto triste, ação de cantar triste) mais *che,* partícula trazida do quéchua (?) e que significaria gente, pessôa. Daí formou: guahúche - gauche - gaúcho = gente que canta triste. A origem mais aceita é de *guacho,* isto é: criado às soltas, abandonado, que por inversão de letras o que é comum, teria dado *gaúcho* para designar o homem do campo, ficando o original *guacho* para o animal abandonado e criado sem auxílio materno. Romaguera Corrêa, dá-lhe origem arábica: de *chaouch,* tropeiro, corrompido na Espanha para *chaucho* e na América para *gaucho.*

(100) GINETE: Bom termo português sempre usado. Caíram em desuso em Portugal as derivadas: *gineta* (atual feminino de ginete) modo de quitação com estribos curtos e *ginetaço,* bom e airoso cavaleiro (Brunswick). Derivados, nós ainda usamos *Ginetear,* verbo, o par. *gineteando* com sentido de montar cavalos chucros, *ginetеação,* que é o áto de andar *gineteando* e *ginetaço.*

(101) GRAXEAR: Passar graxa, por engraxar. Não é mais usada esta expressão, no sentido indicado por Coruja. *Graxear* usam, alguns, significando dar dinheiro a alguem (fiscais do govêrno ou outros funcionários) para deixar passar certas cousas: engraxar, ensebar (lisongear), *venalisar* alguem... subornar.

(102) GUACHO: Romaguera Corrêa citando vários autores dá-lhe origen quéchua (huaccha - órfão, pobre) ou araucana (huacho - filho ilegítimo ou animais mansos; domesticados). Aliás, como chilenismo (linguagem popular), encontramos *huacho,* huérfano (Magda Arce: "Mariano Latorre, novelista chileno contemporáneo", in Revista Iberoamericana, Vol. VI - Mayo de 1943 - N.º 12), e como araucanismo (Id. Ibid.), as palavras: *huache* e guachi, de *huachi,* diz Magda Arce, que significam *laço.* O chilenismo *huacho* órfão, não se originou no *huachi* ou *guachi* araucano que, aliás, significa cousa diversa, muito diversa. É provavel importação chilena pelo Prata durante as guerras de independencia, e anteriores lutas. Não cremos muito nas origens quéchuas ou araucanas de palavras aqui usadas, pois é sabido que os grandes impecilhos, montanhas elevadas e mares, criam o isolacionismo, isto é: impedem relações mais íntimas. Não fosse isso e os indígenas aquem Andes teriam inumeraveis palavras dos de além Andes, o vice-versa. Cremos, antes na formação guaranítica: *Gúa chá:* Muchacha (menina), orfã, conforme Montoya, e que o povo alterou, quanto ao sentido, por razões que teria ou supunha ter.

(103) GUAMPA: Chilenismo, de *guampara* diz Romaguera Corrêa citando Z. Rodriguez. Nada conseguimos apurar quanto a esta palavra que só encontramos referida nos nossos vocabulários. Entretanto, informações do dr. B. Caviglia (h.), de Montevidéo, confirmam Romaguera Corrêa, em parte, pois a palavra guampara (chilena) vem do quéchua ou araucano huampa, recepiente, vaso. É mais ou menos forçada a origem, com esse significado, se bem se possa considerar a generalização aos cornos do bovino depois de usado para designar o recipiente que se forma dos chifres. Deve ter-nos vindo, como outras de semelhante origem, através os indios pampas e pelos platinos.

(104) GUASCA: Tem esta palavra diversos derivados: guascaço, guascaria ou guascada, guasqueada e o verbo guasquear. Romague-

ra Corrêa, citando Z. Rodriguez diz provir do quéchua *huasa*, cordel e que no Chile e outros povos americanos da costa do Pacífico ao camponês denominam *guaso*.

(105) GUAIACA: Provém este nome não do quechuismo *huayaca*, como pensa Romaguera Corrêa, mas do guarani *Guayaco*, *Guayaca*, árvore de propriedades medicinais e de madeira aromatica, a incenso, preciosa, chamada, também "pau santo". Pertence à familia das zigofiláceas da América. No Uruguai denominam as vagens e as sementes "algarrobillo de guayacán". Entre nós e conhecido por *guaiaco* e *pau santo*. A forma das vagens é que deu o nome ao cinto.

(106) GUINILHA: É expressão não mais usada. De *guinar*, ou melhor: *guinada* que, no português antigo significava também salto, investida, furia, frenesi (Brunswick). Já ouvimos o têrmo *guinador*, usado no mesmo sentido. Nenhum outro Vocabulário regional gaúcho traz *guinilha* ou *guinador*. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa tirou de Coruja a primeira expressão e seu significado.

H

HECHÔR, adj. ou s. m. (do cast. *Hechôr*, fazedor) asno ou burro que serve de pastor em uma manada de eguas; necessário para a propagação da especie das mulas. Veja-se *Retovar*. (107)

HÉP, (pronuncia-se o *h* aspirado) interj. de exercitar: usa-se no campo, aplicando aos animais.

HÔSCO, adj. (do cast. *Hosco)* de côr escura com o lombo tostado: diz-se sómente do animal vacum. (108)

---

(107) HECHÔR: É castelhanismo autêntico, introduzido pelos criadores especializados, a par de *cabaña*, por coudelaria e outros.

(108) HOSCO: A grafia usada por nós não é esta de Coruja e de Romaguera Corrêa, mas *Osco* (sem h). Esta letra foi acrescida pelos castelhanistas. Osco, quer dizer, em português, *fôsco*. Luiz Carlos de Moraes, deriva-o desta palavra, o que também supomos, mas influenciados pela pronuncia castelhana que diz também para pêlo de animal, *hoscoso* (hoscosso). Bluteau cita em espanhol: Fosco, Fusco e Hosco todas com a mesma tradução portuguesa: fusco que é o mesmo fosco usado desde velhos tempos. Moraes Silva traz: Osco: Embuçado, encapotado, e abona com citação do Palmerim d'Inglaterra.

I

INVERNADA, s. f., logar onde durante o inverno os estancieiros guardam os novilhos para engordarem; ou onde os tropeiros guardam as mulas para descansarem: fazem-na em campo fertil e amparado de serras que impeçam a fuga.

J

JAGUANÉ, adj. o que tem o fio do lombo branco, lado do costelhar preto ou vermelho, e de ordinário barriga branca: diz-se sómente do gado vacum. (109)

---

(109) JAGUANÉ: É derivado do guarani: Yaguá ñee = ou de Uaguá eté; especie de tigre: yaguá (ou yaguar - Montoya). M. A. Morínigo diz: guarani *yaguará*, tigre americano, Felis onza Linn. E assim explica *jaguané*: *yaguané*, adj.: Do "guarani yaguá + né = perro hediondo, por el olor parecido al *yaguané* o zorrino". É voz segundo o mesmo autor, usada na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil.

L

LAÇAÇO, s. m. pancada dada com o laço; dar laçaços é açoutar com ele.

LAÇAR, v. a. (parece corrupção de *enlaçar)* prender com o laço.

LADO DE LAÇAR, é o lado direito do cavalo.

LADO DE MONTAR, é o lado esquerdo do cavalo.

LARANJO, adj., o que tem côr de laranja: dizse somente do animal vacum.

LARGADO, particp. de largar, costuma-se dizer do cavalo que já se deixou por mão, por ser indómito; e também do cavalo manso que há muito tempo não é montado. Muitos aplicam figuradamente ao homem, no primeiro sentido.

LÁTEGO, s. m. guasca de dois covados mais ou menos de comprimento, e polegada e meia de largura, com que se apertam os arreios: faz parte da cincha. (110)

LAZÃO, adj., usa-se dizer em lugar de alazão, que se encontra nos dicionários.

LIVRO, s. m., pequeno bucho do animal vacum, que está unido ao bucho maior: tem dentro muitos folhados, donde lhe vem o nome que lhe dão. (111)

LOBÚNO, adj., o que tem côr de lobo: diz-se do cavalo. (112)

LOMBILHO, s. m., apeiro pertencente aos arreios usados na provincia; substitue a sela, selim ou serigóte.

LONCA, s. f. (do cast. lonja) pedaço de couro lonqueado. (113).

LONQUEAR, v. a., rapar o pelo sem ofender o couro; o couro assim raspado se chama lonca. O couro lonqueia-se enquanto fresco, isto é, logo que se tira da rez.

LUNANCO, adj. (do cast. lunanco) defeituoso dos quartos; que tem uma anca mais alta que a outra: diz-se dos cavalos. (114)

---

(110) LATEGO: É antiga palavra portuguêsa e espanhola: nesta língua, porém com a grafia *latigo*. Veja-se o que dissemos a respeito de *garra*.

(111) LIVRO: É português. Diz Romaguera Corrêa a razão do nome desse estomago do boi, também denominado - folhoso: "a disposição em forma de folhas de livros das camadas que o compõem fez com que se desse aquela denominação a essa vicera".

(112) LOBUNO: Também se diz *lubuno*. Pêlo côr de lobo, de onde se origina a expressão.

(113) LONCA: De onde loncador ou lonqueador e lonquear. É de origem castelhana, de *lonja*, ao que parece, se bem Moraes Silva refira longos, longitude, extensão longa que abona com João de Barros, nas *Decadas:* "longos mui comprido de estacada".

(113) LUNANCO: Parece castelhanismo. Dela formamos, *lunanquear*. Em português temos, com o mesmo significado a palavra *nafego*, talvês corruptela do velho português *naife*, não aperfeiçoado, imperfeito, ou de *nádega*. Ha entretanto, em português o termo *lunar*, sinal no corpo, que bem póde ter dado origem a *lunanco*, de lunar + *manco*, ambas velhas palavras portuguesas. Acresce que, outrora, tanto os sinais congênitos que apareciam no corpo de algumas pessoas, como várias enfermidades, eram atribuidas à influência da lua. Por isso deram às manchas ou sinais congênitos, o nome *lunar*, originários da lua. Pode portanto, *lunanco*, ter tambem, relação com a lua: manco, capenga, torto, coxo, por influência da lua: luna (ar) + (m) anco. Note-se que já ouvimos, a certos velhos, especialmente pretos centenários, a palavra *lunaranco* designativa do cavalo *lunanco*...

M

MACÉGA, s. f. porção de campo com capim mui alto, ou com densa porção de algum arbusto, cuja altura excede pelo menos metade da altura de um homem. (115)

MACEGAL, s. m., o mesmo que macéga ,porém mais denso e emaranhado.

MACÊTA, adj. doente das mãos, ou defeituoso dêlas; isto é, que tem os machinhos mais grossos que de ordinário. Diz-se dos cavalos. (116)

MACHINHOS, s. m. pl., a parte fina dos pés do cavalo, logo acima dos cascos. (117)

MADRINHA, veja-se Egua-madrinha.

MALACÁRA, adj., (imit. do cas. *mala cara)* o que tem a testa branca, com uma listra branca desde o focinho até o alto da cabeça. Diz-se do cavalo de qualquer côr menos do de côr escura, que tendo esta sinal se chama *picaço:* também se diz do boi, malacara bragado. (118)

MAL de vaso, ferida cancrosa que nasce na raiz das unhas dos cavalos ou bestas.

MANADA, s. f. porção de eguas dominadas por um pastor; também se diz *manada de burras:* de ordinário são de 30 a 40.

MANEADOR, s. m., tira de couro cru garroteado que serve no fiador ou buçal: quando é trançado, a trança é achatada.

MANEAR, v. a. (do cast. *manear)* prender com maneia: diz-se só a respeito dos cavalos. Nos dicionários portugueses vem com a significação de tratar com as mãos, mezer com elas. (119)

MANEIA, s. f. (do cast. *manêa)* guasca trançada que serve para pear o animal, ou pelas mãos (o que é mais usual) ou pelos pés. Há maneias mais engenhosamente feitas, como são as que têm argolas, botão, etc. (119)

MANGUEAR, v. a., repontar em canôa os animais quando passam algum rio a nado. Também se mangueian em terra, repontando-os para a mangueira. (120)

MANGUEIRA, s. f. curral grande para onde se pódem manguear animais tanto mansos como bravos: fazem-se no prolongamento de um cercado por onde os animais seguem como iludidos. Difere do que se chama propriamente *curral,* não só no tamanho, como porque ao curral só acódem os animais mansos. (121)

MANICA, s. f. (deriv. de mão ou do cast. *mano)* a bola mais pequena das três na qual se pega com a mão para manejar as outras duas. Veja-se *Bolas.* (122).

MANO a mano, ou de mano a mano; jogar a mano a mano é jogarem sómente duas pessoas. (123).

MANOTAÇO, s. m. (do cast. *manotazo)* pancada que o cavalo dá com

a mão para diante ou para o lado: sendo contra o chão é patada. (124)

MARCADO, s. m., o homem amigo de enganar: diz-se mais especialmente do que negocia. Os homens da roça chamam também *marcados* os da cidade, tomando a má parte. (125)

MATABOI, s. m. correias de couro crú que nas carretas prende o eixo ao leito, para que em algum salto os cocões não saiam fora do eixo. (126)

MATADO, adj. cheio de mataduras: diz-se dos cavalos.

MATADURA ou mata, s. f. (do cast. *matadura)* ferida sôbre o lombo do cavalo proveniente do uso dos arreios. (127)

MATAMBRE, s. m. uma carne que há no costelar entre o couro e a carne: este matambre tira-se do couro com facilidade, e não se come senão depois de bem amaciado. Vem do cast. mata-hambre, mata fome, por ser a primeira que se póde tirar da rez depois da lingua. (128)

MATUNGO, s. m. vulg. cavalo muito velho sem prestimo algum, ou que para pouco presta.

MELADO, adj. o que tem o pelo e o couro todo branco: diz-se do cavalo; e nota-se que todos os cavalos de pelo e couro branco têm os olhos ramelosos, e pequenas sarnas ao redor dêles: também se chama *melado sapiroca,* para o diferençar do melado *couros-negros;* que tem o couro preto e pelo branco, e não tem o mesmo incomodo nos olhos. (130).

MESQUINHO, adj., cavalo mesquinho é o que não consente que se lhe ponha freios, ou que se lhe põe com muita dificuldade.

MINUANO, s. m., o vento oeste frio e seco que costuma soprar com muita violencia depois da chuva no inverno; é talvês assim chamado por vir da parte dos antigos indios Minuanos. (131)

MOCHADO, s. m. (parece deriv. de *môcho,* assento) páu como cambão, preso em uma só ponta por uma guasca ao cabeçalho do carro, para sôbre êle descansar o mesmo cabeçalho, quando o carro pára; é o que nas seges se chama *páu de descanso.* No dicionário de Moraes vem explicação similhante na palavra *burro.* (139)

MONARCA, s. m., o homem sem educação carregado de armas, vestido com o aparato da gente do campo. Passa em proverbio: Moço monarca não se assina, mas risca a marca (não sabe lêr nem escrever). (133)

MOQUEAR, v. a. passar pelo fogo a carne para se não danificar, ou tirar algum asco que possa ter; é quasi o mesmo que sapecar.

Faz-se isto a alguma caça que precisa desta operação, como seja a anta, o gamba, etc. (134)

MORCILHA, s. f. (do cast. *morcilla,* nós dizemos *murcela* quasi em igual sentido); chouriço de sangue de porco com diversos adubos. (135)

MORRÚDO, adj. vulg. (derv. de *môrro)* muito alto, muito comprido.

MOURO, adj. o que tem pelo mixto de preto e branco: diz-se do cavalo mouro, o que tem esta côr, isto é, mais escuro que tordilho-negro. (136)

MULÁDA, s. f. porção de mulas.

---

(115) MACEGA: É têrmo já incorporado aos dicionários. Pelo significado: campo com capim alto, geralmente da familia das gramineas (barba-de-bode, etc.), e ainda: campo sujo de capins altos e secos, póde provir do português antigo *massuca* que é bater o linho, maça-lo, (Brunswick), pois para atravessar qualquer *macegal* é preciso maçar, bater as gramíneas, derruba-las. O *maciega* castelhano, é moderno; não o registam Wildik e Granada. Cremos ser, para êles, portuguesismo e não para nós castelhanismo como insinúa Romaguera Corrêa.

(116) MACÊTA: É têrmo português antigo, mas as acepções são, algumas, diversíssimas: escarrador (Brunswick); cuspideira, escarrador (Moraes Silva); maça de ferro, pequena; maçaneta, etc. Póde provir de: mão + cesto (cinto, Brunswick); mão com cinto, isto é, amarrada com cinto o que dificulta o andar causando mau cômodo. Romaguera Corrêa diz que na acepção por nós usada no campo, é vocabulo oriundo das Rep. Platinas e o abona com o nome de Granada, entre parentesis. Mas o curioso é que Daniel Granada no seu Vocabulário por nós citado, não menciona e não nos consta que aquêle erudito filologo uruguaio tenha outro "Vocabulário Rio Platense". Romaguera não refere Bibliografia, cita apenas, os trabalhos de Beaurepaire - Rohan, de Coruja e um de Cezimbra Jacques e o Vocabulário Rio Platense de Daniel Granada, além de outros, nos verbetes. Quer parecer-nos que a palavra seja corruptela de *maçaneta,* que é, também, protuberancia nas portas, ou "remate esferico ou piramidal para ornamento de certos objetos". Wildik menciona-o em acepção muito diversa, no espanhol: Vaso para flores; maço pequeno, cabo de algumas ferramentas.

(117) MACHINOS: Derivado de macho; é o *machim* do Norte do Brasil.

(118) MALACARA: Parece-nos que esta palavra tem sua origem

em "*mhala na cara*" que é uma cousa e não na expressão espanhola "*mala cara*", cara má, ruim, feia. Granada e Wildik não referem a palavra.

(119) MANEAR: Esta palavra, com seus derivados *maneador* e *manear* (ou maneiar), Romaguera Corrêa a deriva do espanhol *mano*. No português antigo encontramos a palavra *maneio*, transporte e *maniota*, peia. (Brunswick). O maneador não é bem o que define Coruja, mas corda de couro de regular comprimento que o campeiro carrega no pescoço do cavalo para deixá-lo seguro no pasto durante a noite ou nas paradas em viagem (Callage, Luiz Carlos de Moraes, Vieira Pires, Romaguera Corrêa e Heraclito). Moraes Silva traz: *maneio* (ou maneyo): O trato, laboração de mãos... etc.

(120) MANGUEAR: Daniel Granada não a menciona. Refere, apenas, *manguera* (Curral). Entretanto Romaguera Corrêa declara que, segundo Granada, "e palavra oriunda do Prata, sendo também usada no Chile". (Veja-se a nota sobre Macêta). *Manguear* é ir ao lado da tropa, ladear a tropa para que se não disperse, tanto em terra, como ao atravesar arroios ou rios. Con esse mesmo sentido, mas em arte militar, empregrava-se no antigo português a palavra *manga:* Fileira de bésteiros que formava ao lado do grosso do exército (Brunswick). Daí nasceu *Manguear* e *Mangueador*, o chefe que mangueia, o que *mangueia*.

(121) MANGUEIRA: "Do platense *manguera*", diz Romaguera Corrêa, que também dá por platina a palavra *manga*, que assim define: cerca de pedra ou de pau que, començando á entrada da mangueira, ou do curral, estende-se até certa distância, servindo, por dispensar a presença de pessoas nesse lugar, para auxiliar a entrada do gado na mesma mangueira ou curral. Confronte-se a *manga*, gaucha com a do português antigo. Aliás, Daniel Granada lhe dá o mesmo significado gaucho apoiado numa descripção de Azara, que cita. A nosso ver, *manguear*, (veja), *mangueira* e *manga* são da mesma origem: a antiga *manga* portuguêsa, citada antes.

(122) MANICA ou MANICLA: Apesar de ser considerada de origem castelhana, de mano (Coruja) ou de manija (Romaguera), nós a temos como portuguêsa genuina: *Manica:* especie de luva de couro que usam os carroceiros (Brunswick). O mesmo autor cita, no sentido de segurar na mão, que cabe na mão, mais estas: *manino*, pequeno; e *manípolo*, o que uma só mão póde abarcar. Parece-nos mais logica a antiga origem portuguesa.

(123) MANO A MANO: em igualdade de condições: também a expressão "estar ou ficar a mano", isto é: ficar quite, ou empatar no jogo. Moraes Silva menciona a primeira sem acoimá-la de castelhanismo: *Mano a mano*, mão por mão, fig. igualmente. Jogar, mano a mano, só com outro parceiro. Parece-nos entretanto que é espanholismo, embora no português haja a expressão *mano* (mão) em diversas palavras compostas manipular, manopla, manusear, etc., de origem remota.

(124) MANOTAÇO: É outro castelhanismo autêntico: de *manotazo*, que corresponde ao português *patada* que é, em espanhol, *patazo* termo chulo). Nós usamos para diferençar o golpe: *manotaço* com as patas dianteiras; patada ou coice com as trazeiras. Usamos, derivadas de manotaço, mais as seguintes: manotear e manoteador.

(125) MARCADO: No sentido de conhecido, assinalado por seus atos. É termo português. Moraes e Silva traz: Notável por bem ou mau no fisico, ou moral. É, hoje, mui pouco usado no linguajar gauchesco.

(126) MATA-BOI: Expressão composta de genuinas palavras portuguêsas. É termo especialmente usado entre carreteiros (carreiros, como se diz no norte). Bluteau refere-a: *Matabuey*.

(127) MATADURA: Apesar de sua conformação brasileira, tanto pode ser de origem portuguêsa como espanhola, pois que a encontramos em Bluteau com a mesma grafia en ambas as línguas, e em Wildik. Moraes Silva declara: "Ferida feita pela albarda, ou sela no corpo das bestas". Por essa definição e por Bluteau, verifica-se que o termo é antigo na língua portuguêsa e póde bem ter sido criação portuguêsa adotado pelo espanhol no periodo da soberania Espanhola em Portugal ou espanhol adotado em Portugal, conforme já notamos em outros verbetes.

(128) MATAMBRE: Há uma tradição que diz terem dado, no Prata, êsse nome à carne fibrosa do costilhar entre a carne propriamente dita e o couro, porque não a comiam e davam aos vadios e soldados para matarem a fome (matar el hambre). Talvez seja essa ou a que refere Coruja, a origem desta palavra.

(129) MATUNGO: Tem os derivados seguintes: matungão (aumentativo) e matungada (grupo de matungos). Romaguera Corrêa foi buscar sua origem em Cuba, quando ela está entre nós, sendo que a de Cuba teve a mesma que a nossa: *matungo*, termo africano que significa: cavalo velho, inútil. (Renato Mendonça que também cita João Ribeiro).

(130) MELADO: Côr de mel, ruivo quasi branco, é o que devia ser. Mas a este pêlo cavalar dá-se o nome de baio. A explicação de

Coruja que, aliás, é a de todos, justifica o termo creado nás estâncias. Moraes Silva diz: "Côr de mel: v. g. cavalo melado".

(131) MINUANO: Nome de tribo indígena que habitou o Rio Grande do Sul, na zona Sudoeste e parte (NO) do Uruguai. Ao vento frio, cortante, mas seco de SSO., justamente por soprar da zona habitada pelos referidos aborígenes, foi dado o nome de *Minuano*.

(132) MOCHADO: Moraes Silva diz: feito mocho é o que hoje denominam, castelhanamente, *mochacho* ou *muchacho*. Era também grafada *Mochaco*. A mania acastelhanadora matou o termo português, derivado de *mocho* (assento sem encosto) que vem de *mocho* sem cornos porque cortaram, ou porque não os tem (Moraes Silva), só porque no Prata, por má compreensão auditiva transformaram mochaco em mochacho... Assim são muitos "castelhanismos" do Rio Grande do Sul. Romaguera Corrêa diz que "muchacho" é "termo português noutra acepção, também usado em castelhano". Realmente *muchacho, muchacha,* figuram em alguns dicionários com o mesmo significado castelhano: rapaz, rapariga. Poderia ser palavra espanhola introduzida no tempo dos Felipes de Espanha no trono português. Bluteau tradú-la por moço, moçetão, o que quer dizer que não é portuguêsa nem mesmo adotiva, embora Manuel Bernardes a use.

(133) MONARCA: Português puro. O significado não é só o que lhe da Coruja. M. Pereira Fortes diz que monarcas são os gauchos independentes: reis do pampa. Luiz Carlos de Moraes e Romaguera dizem ser também o qualificativo do bom cavaleiro, garboso, faceiro, franco, alegre e valente. Roque Callage diz que é sinônimo de gaucho na sua mais alta significação. É o dominador do pampa, pela ousadia, garbo, valentia e conhecimento do terreno que pisa. De *monarca* formamos os termos *monarquear, monarqueador* (também *monarquista* e *monarquisação*) e *monarquia,* condição de monarca das coxilhas ou do pampa. Moraes Silva traz a palavra *monarquiar* com o significado com que a usamos no Rio Grande do Sul: fazer de monarca, e abona a definição com citação do "Soldado Pratico", de Diogo Couto.

(134) MOQUEAR: Termo pouco usado. É derivativo do *churrasco,* churrasco apressado, incompleto, imperfeito. Geralmente a *carne* "moqueada" é para ser preparada mais tarde. A palavra é guaraní: de muquem ou moquem. Moraes Silva regista-a como brasileirismo.

(135) MORCILHO: Também *murcilha* e murcela, esta, fora de uso. Bluteau traduz e espanhol *morcilla* por "Salchichão ou murcela". Dificil e dizer-se qual a naturalidade da palavra. Moraes Silva diz *murcela,* chouriço artificial imitando as de sangue, etc.

(136) MOURO: Pêlo de cavalo. Denominação dada provávelmente em Portugal, ou entre nós, tomada por base a côr mixta do mouro.

N

NAMBÍ, adj. o que tem uma das orelhas caidas; diz-se dos animais. Vem do nome indigena *namby,* orelha. (137)

---

(137) NAMBI: Palavra tupi, nambí (Montoya), orelha. M. A. Morinigo diz: *Nambi:* (Apócope, del guaraní *nambiyeroa,* que tiene las orejas caídas). Argentina: Dícese del caballo o yegua que tiene las orejas caídas. Es voz usada sobre todo en el Brasil (Rio Grande do Sul).

O

ORELHA LIVRE: fraze usada nas parelhas: indica que se os cavalos empataram na carreira, aquêle que apostou que o cavalo do contrario só lhe ganharia com *orelha livre* ganhou a aposta; porque o outro não se adiantou um poucochinho mais, quanto fosse bastante para da raia se distinguir se *sacou a orelha* ou não, isto é, se a adiantou.

ORELHANO, adj. o que não tem marca ou sinal na orelha: diz-se do gado vacum, o qual ainda antes de ser marcado pelo dono já é por êle assinalado na orelha ou orelhas. (138)

OVADO, adj. doente dos machinhos: diz-se do cavalo.

OVEIRO, adj. (do cast. *overo)* o que tem malhas vermelhas ou pretas sôbre o corpo branco, ou vice versa. Diz-se do cavalo e do boi. (139)

---

(138) ORELHANO: Diz Romaguera Corrêa: "derivado de orelha; ou melhor, do vocábulo hispano-americano - *orejano*". A preferência é sistemática. A derivação, no caso, deve ser de *orelha,* pois do contrário a formação portuguesa seria outra, mais aproximada, se não permanecesse a mesma, como em outros casos. Aliás, já ouvimos, com o mesmo significado, dizerem, na fronteira, *orejado...*

(139) OVEIRO: Do castelhano *overo,* diz Romaguera Corrêa. Gra nada não traz a palavra e Wildik declara: "Overo: côr de ovo. m. pl. fam. Diz-se aos olhos inteiramente brancos". E nada mais. Ora, o nosso *oveiro* aplicado ao pêlo do cavalo ou boi designa o que tem manchas ou malhas vermelhas (oveiro vermelho) ou pretas

(oveiro negro) sobre o corpo branco. É, portanto, diverso do *overo* espanhol ou castelhano. Em português temos *fouveiro*, ruivo (Brunswick) ruivo manchado, malhado de branco, fundo preto, cachito ou lazão (Moraes Silva). É, por tanto, oveiro - ouveiro - fouveiro. E o *overo* cast. terá a mesma origem...

P

PAGOS, s. m. pl. (do cast. *pago)* o mesmo que lares: na campanha se diz: v. g. vou para os meus pagos, isto é, vou para casa, ou para terreno pertencente a ela. (140)

PALA, s. f. o poncho chamado de *pala é* de fazenda mais fina que o de bichará, e com as pontas arredondadas, é mais leve, mais curto, e na campanha é considerado como trajo mais decente. (141)

PALANQUE, s. m. (parece alteração de *palanco)* esteio de dez palmos mais ou menos de altura, fincado no meio do curral ou na frente dêle, ao qual se prende o potro, animal bravo, para se poder encilhar. (142)

PALÊTA, s. f. osso das mãos que compõe as cruzes tanto no boi como no cavalo. (143)

PALETEAR, v. a. esporear na palêta.

PAMPA, adj. cavalo pampa é o que tem uma orelha de uma côr e outra de outra côr: também usam chamar *pampa* o que tem uma côr de um lado, e outra doutro; ou o corpo de uma côr e a cabeça de outra; ou cualquer parte notavel do corpo de uma côr e o resto de outra: mas estes melhor se pódem chamar bragádos ou ouveiros, conforme a posição das manchas. (144)

PANCAS, s. f. pl. *dar pancas* é o mesmo que brilhar, distinguir-se, portar-se heroicamente, etc.: é frase usada no campo. (145)

PANGARÉ, adj. mais claro que o douradilho, diz-se do cavalo. (146)

PARELHEIRO, adj. o que é acostumado a correr parelhas: diz-se dos cavalos, e são para isso ensinados. (147)

PASSAGEIRO, s. m., além das significações que tem em português, também significa o homem encarregado de dar passagem em canôas aos que tem de passar um rio ou arrôio. (148)

PASSARINHEIRO, adj. espantadiço: diz-se do cavalo que montado e em viagem se espanta de qualquer cousa. (149)

PASSO, s. m. certa maneira comoda de caminhar o cavalo; pelo que que se chama *cavalo de passo;* também se chama passo, o logar do rio escolhido pelos viandantes, por onde se atravessa mais comodamente e com menos perigo.

PASTOR, s. m. cavalo *inteiro* que em manada de eguas ou de burras, serve para a propagação da especie: também se diz do touro no gado manso.

PAUTEAR, v. a. ou n. o mesmo que mangar; entreter o tempo conversando em cousas inuteis. (150)

PEALAR, v. a. (parece alteração de *pear)* prender com laço o animal por ambas as mãos indo ele a toda brida, o resultado é caír. Figuradamente se toma também por enganar. (151)

PEÁLO, s. m. ação de pealar: diz-se *armar o peálo* quando se prepara o laço; e *deitar o peálo* quando se atira. No peálo de *cucharra,* que é o mais facil, atira-se o laço por baixo: no peálo de *sobre-costelhar* vai o laço sôbre a costela do animal, estendendo-se pelo corpo para diante até prender as mãos: no peálo do *sobrelombo* que é o mais engenhoso, atira-se sobre o lombo do cavalo o laço aberto, o qual cáe a prender as mãos pelo lado opposto.

PEÃO, s. m. homem ajustado para fazer o serviço do campo; esta designação se estende até aos escravos exclusivamente ocupados no serviço das estancias.

PECÊTA, s. m., animal de máu comodo, lerdo, feio, inferior, etc. Também por analogia se diz do homem. (152)

PECHADA, s. f. (tem analogia com o cast. *pechazo,* grande coragem, ou deriv. de *pecho* peito) ação de se encontrarem impetuosamente ou esbarrarem dois cavaleiros, vindo de lados opostos. (153)

PELECHAR, v. n. (do cast. *pelechar)* mudar o animal o pelo. Diz-se que o animal está pelechando quando está na muda do pelo. (154).

PELÊGO, s. m. (do cast. *pellejo)* pele de carneiro quadrada com lã; a gente pobre o faz substituir o coxinilho. O uso mais ordinário, é po-lo sôbre o lombo do cavalo, quando se monta *em pelo,* isto é, sem arreios. *Tem pelêgo* corresponde à frase portuguesa *tem dente de coelho,* isto é, é cousa dificil. (155)

PÊLO, *Andar em pêlo* é montar a cavalo sem arreios, e só com o pelêgo. Viajar de *pêlo a pêlo* é fazer uma viagem sem mudar cavalo.

PELÓTA, s. f. couro de boi em cujas extremidades se faz um apanhado de maneira a formar un bojo, como de cesto: serve para transportar gente de um lado ao outro do rio, quando não há canôa; e é puxada a reboque por cavalo a nado, ou por um homem nadador que a leva presa aos dentes por uma corda.

PERÁO, s. m. lugar fundo do rio, e onde se não alcança pé. (156)
PERNEIRA, s. f. especie de bota de couro crú garroteado, que os cavaleiros usam no campo, e que tiram inteiriça da perna do potro; pelo que também chamam *botas de potro.*
PETIÇO, s. m. cavalo de pernas curtas: diz-se no augment. *Petição:* e no dimn. *Peticinho.* (157)
PIÁ, s. m. filho de caboclo: assim são chamados os que têm mais ou ou menos de 14 anos para baixo, e só do sexo masculino: às do sexo feminino chamam *chininha.* (158)
PICAÇO, adj. de côr escura com a fronte e pés brancos: diz-se dos cavalos. (159)
PICANHA, s. f. em uma nota do romance Divina Pastora, à pág. 51 se lê a seguinte explicação: "É assim chamada a parte posteior da região lombar, onde há, no gado, grande acumulação de substância gordurosa". Nota-se que o melhor *assado de couro* é o da picanha. (160)
PICARDIA, s. f. (do cast. *Picardia)* perfidia, maroteira, ação vil: é usado na gente do campo. (161)
PICOÁ, s. m. (do arg. *picoá)* mala de algodão ou linho com abertura no meio para conduzir roupa ou mantimento em viagem. Também se costuma chamar *sapicoá.* (162)
PINGO, s. m. vulg. diz-se de um bom cavalo: que bônito pingo! - rebenqueia o pingo, etc. usa-se tanto na campanha, como nas cidades. (163)
PLANCHAR-SE, v. r. caír o cavalo de lado com o cavaleiro. (164)
POLVADEIRA, s. f. (imit. do cast. *polvorada)* grande poeira, principalmente a que resulta da passagem de animais pela estrada. (165)
PONCHADA, s. f. (deriv. de poncho) grande porção; v. g. de dinheiro que poderia encher um poncho.
PONCHO, s. m. (do cast. *poncho)* vestidura de lã mais ou menos quadrada com uma abertura no meio, para enfiar a cabeça: substitui o capote a quem anda a cavalo. (166)
PONTA de gado, porção de gado sem diferença de ser manso ou não. Sendo em grande porção, que vem em viagem para o corte das charqueadas, se chama *tropa.*
PORTEIRA, s. f. a entrada para os currais e mangueiras, cuja tapagem consta de tronqueiras e varas: as varas são como caibros.
POSTEIRO, s. m. o homem que mora no posto de uma fazenda. (167).
PÔSTO, s. m. casa nos fundos de uma fazenda ou estancia, onde moram homens para vigiá-la.

POTREIRO, s. m. (deriv. de *pôtro)* logar cercado que tem pasto e água; nele se encerram os animais para se conservarem seguros.
PÔTRO, s. m. cavalo novo que ainda não se acabou de domar. (168).
POTRANCO, s. m. (dimin. de *pôtro)* a cria da egua, quando tem de um ano a três: a fêmea se chama *potranca.*
POTRILHO, s. m. (dim. de potranco) a cria da egua, quando tem menos de um ano. A fêmea se chama *potrilha.*
PRACISTA, adj. (deriv. de *praça)* o que vivendo no campo, mostra mais alguma civilisação por ter feito viagens as cidades e ter nelas praticado com pessoas de educação.

---

(140) PAGOS: Do latim *pagus.* Augusto Daisson estuda a palavra longamente e refere a quasi universalidade do *pagus* nas Galias depois França e seu uso no Rio Grande do Sul. Não há razão alguma para naturalizarmos castelhana a tão grave quão expressiva voz gaúcha: *pagos.*

(141) PALA: "Do cast. *Palio,* capa, deriva do latim *palliura.* Em português tambem temos - *palio*", escreve Romaguera Corrêa. Do velho, do clássico termo *palio,* do latin *pallium,* capa, temos: *palea,* pala de calix, por exemplo (Brunswick) e pala, aba, resguardo. Silva trás, para *pala,* vários significados, entre os quais o de peça que cobre os sapatos, por cima, e a barra do escudo de armas. O Prof. Propício da Silveira Machado informa: *Pala,* tido por têrmo regional, por "pertencer à indumentária gaúcha", como afirma o prof. João Henrique, é "Palavra antigüíssima, proveniente do grego, onde significava o pó fino com que os atletas se cobriam, antes de entrarem nos combates, e que na antiga Roma designava o manto que a mulher colocava sôbre os ombros".

(142) PALANQUE: No português antigo Brunswick refere a palavra *Pallanque,* "estacada ou palissada que cingia o campo de batalha; obras avançadas ou redutos em que se colocam e assentam as máquinas para bater cualquer praça". Moraes Silva traz: *palanque,* cadafalso com degraus, e *palanco,* "içando as velas nos palancos", isto é, nas cordas que passam pelo moutão.

(143) PALETA: É o omoplata do animal. Em sentido figurado emprega-se designando as costas da pessôa: "carregar na paleta". É derivado da palavra portuguêsa *paleta,* tabuinha de pintor, por analogia de forma. Não é vocabulo castelhano como o quer Romaguera Corrêa. Daniel Granada não o traz. Wildik menciona-o com os significados: 1) pá pequena; 2) paleta de pintor; 3 colher de cosinha; 4) pá com que se mexe o lume; 5) (anat.): espadua, pá,

omoplata. Em português, conforme Moraes Silva, *paleta* é sinônimo de palheta, taboasinha de pintor: De *paleta* formamos *paletear* com varios significados: ferir o cavalo com as esporas ou bater com os calcanhares nas paletas; dificultar negocios (desusado); carregar no ômbro; - e *paleteador*, cançador, intruso, etc.

(144) PAMPA: Esta voz parece realmente de origem quéchua: *bampa, pamba* ou *bamba* = planura. Daniel Granada assim explica a palavra no meio platino e, também, sulriograndense: "Os espanhois que chegaram com o adelantado D. Pedro de Mendoza na costa austral do Rio da Prata, deram o nome de *querendíes* aos indios que a ocupavam, os quais, após fundada Buenos Aires a custa de muito sangue, retiraram-se para o sul, ao mesmo tempo que a tribo de raça araucana descia a cordilheira". Fundiram-se e ficaram vivendo naqueles plainos - as *pampas* (nos dizemos *o*, os pampas) - nome pelo qual ficaram tambem eles conhecidos. Coruja só lhe dá a acepção referente ao pêlo do cavalo. Mas denomina especialmente as vastas planicies do Rio Grande do Sul e do Prata, no geral cobertas de bôas pastagens. Campos sem grande elevação (maiores do que cochilhas) e sem matagaes. Temos ainda: *pampeano*, (do pampa) e *pampeiro*, vento forte, violento do S. O que açoita o Prata e todo o Rio Grande do Sul.

(145) PANCAS: Abreviação de *pancada;* empregada no plural tem o significado que lhe dá Coruja; no singular, significa: louco, transtornado, idiota. No primeiro sentido é sempre usado com o verbo dar: deu *pancas*, dará *pancas*. No segundo é usado com os verbos ser e estar.

(146) PANGARÉ: Expliquemos: animal cavalar ou muar com pêlos vermelho escuro ou mais ou menos amarelado, com focinho vermelho claro ou desmaiado. Daniel Granada não o traz, mas Romaguera Correa cita-o declarando que a voz é usada no Prata. Quer parecer-nos palavra de origem guarani (talvez composta de *Tang*, ou *Pitang* = temo + reá = do campo, ou de *Tange* primeiro + reá = do campo) ou talvez de origem charrúa ou minuana, linguas infelizmente desaparecidas sem deixar vestigios certos, salvo uma ou outra expressão, e notas do Manuscrito charrua, de Vilardebó (Boletin de Filologia - Tomo I, n.º 4 e 5 - Montevideo, 1937 - Instituto de Estudios Superiores). A respeito do *pangaré*, diz Adolfo Berro Garcia que julga ser voz quéchua, de panca, "hoja de color dorado a amarillo claro que envuelve el choclo o espiga del maíz". E conclui duvidando que tenha origem guarani, e diz "solo podia derivar de *pangab*, participio, modo de hacer o

construir, y *rá*, manchado, es decir *hecho a manchas*, por los diversos matices del pelaje del animal".

(147) PARELHEIRO: De parelha, páreo. Brunswick menciona: *páreo*, parelha. Qualquer exercício por aposta entre duas ou mais pessoas. Perfeitamente explicada, assim, a definição de *parelheiro*, que também tem a significação de bom, otimo, excelente animal. Nada tem com *parejéro* castelhano.

(148) PASSAGEIRO: Palavra portuguêsa genuina. Em muitas localidades, e mais correntemente, em seu lugar usam a expressão: *passeiro*, de passo, que atravessa o passo do rio ou arroio, pessoa que dá passagem em canôas, balsas, etc. nos passos. A palavra *passeiro* é sobretudo usada no norte do país, se bem comum, mas não vulgar no Rio Grande do Sul.

(149) PASSARINHEIRO: De passarinho, pássaro. Assustado como os pássaros.

(150) PAUTEAR: De *pauta* (margem) ou *pausa*. Não é mais usado.

(151) PEALAR ou PIALAR: De pear, antigamente punir, castigar (Brunswick) ou de *peal*, escarpim (Moraes Silva). Parece entretanto, que o verbo pear, no sentido de segurar, amarrar, foi formado de *pêa*, ou peia, baraza, corda (Brunswick). Do verbo foi formado o substantivo *pealo* ou *pialo*. A. Berro García diz que a origem da palavra está no latim: "de pedalis-e-is, lo que tiene un pie de largo... De pedale, por la pérdida de la *d* oclusiva intervocálica, resulta *peale*, o *piale*, *peal* o *pial*". etc.

(152) PECÊTA: Diz Romaguera Corrêa: oriundo, nesta acepção do vocábulo *pezeta*, da América Espanhola. Já vimos a palavra *macêta*. *Pecêta* deve ter a mesma origem: pé + cesto, isto é: pé amarrado, ou seja, que caminha como se estivesse maneado, aos salavancos, como o *maceta*, de marcha dificultosa e mau cômodo.

(153) PECHADA: Brunswick traz "*pechoso*, que tem muito peito. Aquele que censura o procedimento de outros". Essa, parecenos, a verdadeira origem da *pechada* na acepção gaúcha.

(154) PELECHAR: É espanholismo: criar pelo novo, convalescer, etc. No antigo português existe a palavra "*pelagra*, doença muito grave, cujos primeiros sintomas se manifestam na pele" (Brunswick).

(155) PELEGO: É antiga a palavra no Rio Grande do Sul. Embora exista no linguajar platino a voz *pellejo*, (que Bluteau traduz por ôdre, pele) parece-nos que bem se poderia originar de *pellagra*, isto é: pele arrancada e tratada no *pelame*. Tanque em que se maceram peles (Brunswick), modificado pelo povo, como é co-

mum, não só na grafia, como o significado primitivo. Adolfo Berro García diz "En cuanto al origen de la dicción *pelegos*, usada en el Uruguay... debe venir del *portugués*, en que el vocablo *pellugem* significa conjunto de pelos que cubren el cuerpo".

(156) PERAO: Também *peráu*. Romaguera Corrêa, citando Beaurepaire Rohan di-la originaria de *Typy apyababa*, descido do fundo. É demasiado forçada a etimologia, Tupi do ilustre visconde. Poderia ser, antes corruptela de *pélago* que muitas e muitas vezes teria sido pronunciada peláo (de onde perao) pelo povo inculto e indígenas, pretendendo repetir a palavra, pronunciada por militares e engenheiros talvez explicando o que era o despenhadeiro, o local do rio em que se não encontra fundo, especialmente estes, etc. A palavra, entretanto, segundo Moraes Silva é de origem francêsa: de *perreau*. E declara: termo usado no Brasil.

(157) PETIÇO: De *petizo*, vocabulo hispano-americano, diz Romaguerra Corrêa. Entretanto, nem Bluteau, nem Daniel Granada, nem Wildik trazem a palavra. É a nosso ver, formação popular gaucha, à maneira das antigas *petipé* (petit + pé), escala reduzida, pequena; *peticego* (miope), influência francesa já de Portugal, nestas duas e outras, de petit, pequeno. Petiço = pequeno. Aliás Moraes Silva regista: *petites*, antiquado. Tornesses petites: torneses pequenos. A. Berro García, corrobora a origem francesa.

(158) PIÁ: Palavra tupi-guarani: *piá a*, piá, coração (Montoya). O piá é assim considerado até os 18 anos, mais ou menos. E termo afetuoso também empregado como designando peão ou criado das estâncias. Passado dos 18 anos passa a ser *chirú* de chêyru, companheiro (chê = meu, eu + yrú = companheiro). Quanto ao feminino *chininha*, ou ainda *chinoca* e *chinasinha*, outrora também *china* que passou a designar toda e qualquer mulher, diz Romaguera Corrêa que provem do quéchua: escrava, lacáia. Não acreditamos nessa derivação e sim que provenha da própria palavra *china* com que são designadas mulheres *chins*, pela semelhança que as guaranís, especialmente as moças, apresentavam e apresentam, com as daquele povo asiático - mongoloide. Aliás, a parecença foi notada pelo geral dos viajantes, muitos dos quais consideram os guaranís descendentes de mongoloides.

(159) PICAÇO: Melhor *picasso*, quer Romaguera Correa que derive do platense *picazo*. Cita a opinião de Aulete que a faz derivar de *picarso*, do antigo português, também referido por Brunswick que define: "Mesclado de branco e preto". É justamente nosso cavalo

picasso. Bluteau e Daniel Granada não trazem *picazo*, e Wildik define assim a palavra: "*picada, picadela*".

(160) PICANHA: Em espanhol *picaña* significa pícaro, —folgazão. Maltrapilho: descarado. No masc. é remendo nos sapatos; tomba (Wildik). É a nosso ver, palavra criada entre nós. Granada não a traz e Bluteau traduz *picaña* por pedinte; tacão.

(161) PICARDIA: Não é mais usado. Bluteau dá a mesma grafia para o espanhol e o português. Cremos que se derive do antigo português *picadeira*, aguilhada.

(162) PICOÁ: É palavra que nunca entrou no linguajar do Rio Grande do Sul.

(163) PINGO: Diz Daniel Granada: Caballo vivo, ligero, de buenas cualidades. Nada mais. Romaguera Corrêa, citando Campano, diz que é cavalo de regalo, isto é, que se da de presente. Provirá de *pinto* ou *pinta*, isto é dinheiro (cruzado), e que passou a designar faceirice, garbo, elegância? A definição de *pingo* e a do nome vulgar do "antigo cruzado novo" (Brunswick) são idênticas, e como o povo gosta de transpor e mudar letras, criando novos termos, não é de admirar-se de que *pingo* provenha de pinto que, mais tarde, tomou também a forma feminina.

(164) PLANCHAR-SE: É vocabulo português, do antigo *plancha*, atual prancha. Tem o sentido de cair de todo o comprimento, como prancha. Dá-se também o nome *plancha* à lamina da espada, do facão ou adaga: levar *planchada* o *planchassos* apanhar de espada, facão ou adaga. *Planchar-se*, verbo reflexivo, significa também atirar-se de lado, de cima do cavalo. Usa-se igualmente *planchear-se*. Nada tem do castelhanismo que invoca Romaguera Corrêa.

(165) POLVADEIRA: É castelhanismo, de polvo, pó. Usa-se na fronteira em lugar de poeira, mas principalmente no sentido de briga: levantou *polvadeira*... note-se, entretanto, que tanto pó como polvo vem do latim *pulvis*. Daí existir também no português de todos os tempos palavras como polvorizado (pulverizado); *polvorizar*, reduzir a pó, a nada, *polvorizavel*, *polvorento*, etc. que podem abonar a origem portuguêsa de *polvadeira*...

(166) PONCHO: Muitos escrevem erradamente *ponche* que é coisa mui diversa e deriva do *punch* inglês. Poncho não e castelhano como o quer Coruja e menos ainda araucano como pensa Romaguera Corrêa, se bem, no Chile façam derivar *poncho* do araucano *pontho* (Magda Arce: "Mariano Latorre, Novelista Chileno Contemporáneo", in "Revista Iberoamericana" Vol. VI, N.º 12, México, D. F. 15 de Mayo de 1943). É português autêntico, a nosso ver, ou

talvez introduzido pelos muçulmanos, diretamente ou através da Espanha. Daí seu uso em alguns povos de origem espanhola na América. Encontramo-la no português antigo e Brunswick cita-a e define: capa curta e de muita roda. Especie de cobrejão americano. Moraes Silva regista *ponche* como castelhanismo, confundindo com o *ponche* (do inglês punch) e derivado de *poncil* (limão) conforme nos informou o Prof. Propício da Silveira Machado constar do "Dic. Crit e Etimol." de Constâncio e outros:

Ponche, é bebida (punch);

Poncho, é nosso cobrejão.

(167) POSTEIRO: Derivado de *puestero*, vocabulo usado no Rio da Prata, diz Romaguera Corrêa. Derivada de *posta*, pousada (Brunswick) e de *postar*, isto é, reparar, cuidar, compor. É, portanto, o homem que pousa para reparar e cuidar o campo. Teremos, ainda, *postilhão*, antigamente sinônimo de correio, depois de guarda de posto, posteiro. Em Soropita, encontramos a palavra *posto* que Camilo Castelo Branco explica: *sitio* (*Poesías* e *Prosas inéditas* de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Com uma prefação e notas de Camilo Castelo Branco. Porto. Tipografía Lusitana, 1868). Para que buscar origem em *puestero* e *puesto*?

(168) PÔTRO: bravio, derivado do português antigo; potro: instrumento violento de suplício a que eram condenados os mais *bravios* ou *bravos* negadores e criminosos. Daí, derivam Potra, fem. de potro e que também significa sorte de modo geral, *potrada, potranca, potranco, potrancada, potreação, potreador, potrear, potreco* oú *potrilho* e outros diminutivos e *potreiro*, lugar propio para conservar os potros.

Q

QUADRA, s. f. a extensão de 60 braças. A distancia das parelhas ou carreiras se mede por quadras. Diz-se *cavalo de duas quadras*, de quatro, etc. conforme o número delas em que ele póde ganhar, ou que está acostumado a correr com ventagem.

QUADRILHA, s. f. porção de cavalos mansos amadrinhados de diferentes pêlos: sendo de um só pêlo se chama *tropilha;* e se não são amadrinhados se chama simplesmente *cavalhada.* (169)

QUARTA, s. f. nos carros puchados por mais de duas juntas de bois, chamam-se *bois da quarta* os que vão entre os *da ponta* e os *do couce* quando são mais de uma quarta, a junta que vai perto da da ponta, se chama *quarta da ponta;* e a que vai imediatamente à do couce, se chama *quarta do couce.* (170)

QUÉBRA, adj. máo, de má condição: usa-se dizer dos animais, inda que por analogia também algumas vezes apliquem ao homem. (171)

QUERENCIA, s. f. (do cast. *querencia*) logar ou paragem onde o animal assiste de ordinário ao pasto, ou onde foi creado. (172)

QUINCHA, s. f. a coberta da casa ou carreta, feita de palha; ou antes pequenos pedaços da coberta de palha, que se unem uns aos outros sôbre o této da casa ou tolda da carreta. (173)

QUINCHAR, v. a. cobrir com quinchas, i. é com as diversas partes da coberta.

---

(169) QUADRILHA: É termo português. Significava e ainda hoje se usa no mesmo sentido: pandilha, sucia. Daí também o significado regional para certo grupo de animais cavalares sem unidade de pêlo.

(170) QUARTA: Do provincialismo espanhol cuarta, afirma Romaguera Corrêa. É entretanto do português de todos os tempos designando quarta parte ou quarto lugar. No uso campeiro, ou antes carreteiro, designa os animais que estão no quarto lugar, ou no centro quando, de dois a dois, há 6 animais. Quando há 8 serão os 3 e 4 que formam la quarta da ponta, e os 5 e 6 a 2.ª quarta ou coice e os 7 e 8 formam o coice ou couce.

(171) QUEBRA: Tem diversas acepções além da que refere Coruja, como sejam: valente, irado, arisco, valentão; indomavel. Talvez provenha do antigo verbo português *quebrar:* reivindicar; alcançar; cobrar. (Brunswick); talvez de *cabro* ou *cabra*, no sentido de indio destemido. Moraes Silva traz: Quebra, com acepções semelhantes às que dá Coruja ,além de outras.

(172) QUERÊNCIA: É como estância e tantos outros, português puro: de *querença*, lugar onde os falções tem as crias. Amizade, amor (Brunswick). É o lugar de nosso afeto, nossa plaga natal, o *pago* pequeno, ou onde nós habitamos e estamos habituados a viver. Querência é como saudade: diz tudo e é quasi inexplicavel.

(173) QUINCHA, QUINCHAR: São vozes platinas, introduzidas, provavelmente pelos indios "pampas" segundo se depreende de Romaguera Correa e Daniel Granada, que apoiado no Vocabulario da Academia Espanhola a dá como quechuismo. A ser quéchua, só nos poderia ter vindo através carreteiros que tivessem convivido com indios pampas. Em português a palavra *Quina*, angulo, é antiquíssima e bem pode ter dado origem a *quíncha*, cobertura de duas aguas, da carreta.

R

RANCHEIRO, adj. (deriv. de *rancho*) chama-se raicheiro o cavalo que indo em viagem quer ir a todas as casas que ficam proximas à estrada.

RASGADO, adj. toque rasgado é o modo de tocar viola arrastando as unhas pelas cordas, isto é, tocar sem ser ponteado.

REBENCAÇO, s. m. (do cast. *rebencazo)* açoute dado com o rebenque: também se diz *rebencada.* (174)

REBENQUE, s. n. (do cast. *rebenque,* ou alter. do port. *rebêm*) pequeno chicote de que usa o cavaleiro para tocar o cavalo.

REBENQUEAR, v. a. açoutar com rebenque

REBENTONA, s. f. negocio grave e duvidoso que esta prestes a decidirse. Diz-se que é uma rebentona, ou que está para haver rebentona. (175)

REDOMÃO, s. m. (pl. em *ões*) cavalo novo que já tem tido algus repasses. (176)

REGEIRA, s. f. corda de couro que na junta de bois lavradores se ata na orelha de cada boi do lado de fóra, sendo uma ponta em cada uma das orelhas, e o seio na mão do lavrador, serve para guiá-los.

REIUNAR, v. a. cortar ao cavalo uma das orelhas, de ordinario a orelha direita. Uma orelha cortada ao cavalo indica que éle pertenece ao estado.

REIÚNO, adj. (deriv. de *rei)* pertencente ao estado, antigamente ao rei. (177).

REJEITAR, v. a. (corrupção de *jarretar* ou *desjarretar)* cortar o rejeito (jarrete) ao boi para fazer cair, e poder ser morto com mais facilidade.

REJEITO, s. m. ,(corrupção de jarrete) nervo ou tendão da perna do animal, cortado o qual êle não póde mais caminhar: diz-se do boi; no cavalo se chama garrão.

RÉLHO, s. m. chicote com cabo de páo e um pedaço de laço na ponta; serve para tocar animais, e a ponta de ordinario é bastante comprida: também se costuma chamar rêlho de *enchiqueirar.*

RELHADA, s. f. açoute dado con o rêlho: também se diz relhaço.

RENGO, adj. (do cast. *rengo,* derreado) manco da perna, que arrastra caminhando: diz-se do animal e por analogia se aplica ao homem. (178)

RENGUEAR, v. n. arrastar a perna caminhando.

REPASSE, ou repasso, s. m. o número de vezes que um cavalo ou potro foi montado com o fim de o domar. Dizer que um cavalo tem quatro ou seis repasses é o mesmo que dizer que já foi montado quatro ou seis vezes.

REPONTAR, v. a. enxotar os animais para um lado, ou também para a estrada, quando na viagem se desviam dela. (179

RESTINGA, s. f. pequena porção de mato que circunda um arroio nas suas margens.

RETALHADO, adj. diz-se retalhado o cavalo, pastor de eguas destinadas à propagação das mulas, por causa de uma operação que sofre, a que se chama *retalhar,* mas que não obstante conserva as eguas reunidas e as prepara para o hechor efetuar a fecundação.

RETOVAR, ou retobar, v. a cobrir com couro. Retovar o burro é, depois de se matar a cria recem-nascida de uma egua e de se lhe tirar o couro, cobrir com êle por alguns dias um burrinho do mesmo tamanho para a egua o poder criar sem estranhar, e êle costumado entre elas poder depois servir de *hechor.* Retovar as bolas é cobrílas com couro. Ordináriamente se diz retovar; muitos porém pronunciam *retobar* talvês do nome argentino *toba* especie de calçado. (180)

RINCÃO, s. m. porção de campo cercado naturalmente de mato; os animais para ali repontados supõe-se estar em segurança. (181)

RODAR, v. n. cair o cavalo com o cavaleiro indo a galope: quando o cavalo roda, falseia das mãos e cae sôbre elas virando o corpo. Também figuradamente se diz que *rodou,* aquele que se deixou cair em algum engano.

RODEIO, s. m. logar no campo de uma estância, onde fazem reunir o gado em dias determinados, de ordinário uma vez por semana. *Parar rodeio* é cada fazendeiro fazê-lo como de costume. *Dar rodeio* é fazê-lo quando algum vizinho o pede para nele separar o seu gado. (182)

ROSÊTA, s. f. além das diversas significações, que tem, tambén significa o espinho que fica no capim seco, unido à raiz depois de muito catado pelos animais: daqui vem o nome de *roseteiro* de que abaixo trato.

ROSETEIRO, s. m. chacareiro assim chamado pelos estancieiros, porque tendo pouco pasto no seu campo, este fica logo reduzido à rosêta.

ROSILHO, adj. diz-se por *Russilho,* que se encontra nos dicionários. (783)

RUANO, ad. (do cast. *ruano*) diz-se em logar de *ruão,* que se encontra nos dicionários. (184)

---

(174) REBENCAÇO: Brunswick diz: "*rebencaço,* açoute dado com rebem", e cita mais : *rebem,* açoute com que se castigavam os galeotos: *rebencada* e *rebenquear,* castigar com rebem. Moraes Silva, traz ainda *arrebem,* cabo ou calabrote, de que os comitres e mestres usavam para açoutar os marinheiros. Com todas estas palavras identicas, porque buscar origem platina?

(175) REBENTONA: Do castelhano *reventon* diz Romaguera Correa. Mas pode muito bem provir do velho português *rebentina,* explosão de furia, de cólera (Brunswick) ; cousa que está por sair, de *repentinoso.* Também Moraes Silva traz *rebentina* à qual junta na definição: sobressalto. Cremos mais na origen portuguesa que na castelhana.

(176) REDOMÃO: De *domar, re domar;* é a propria definição: já teve repasse, isto é, iniciada a doma, vai ser novamente domado: *redomão.* Parece-nos não haver razão para o castelhanismo a que Romaguera Correa liga a palavra. Ha, ainda o feminino *redomona,* e as palavras *redomonear* (sujeitar o animal aos primeiros tratos de dôma) e *redomoneação,* palavra pouco usada, que quer dizer: tornar o potro redomao; é quasi o mesmo que redomonear. *Domar* figura em Moraes Silva fartamente abonado com classícos.

(177) REIUNO: Também *reuno:* sem propietario nominal. Antigamente o que pertencia ao Estado, pois o Estado era o rei. Atualmente designa tudo que não tem dono conhecido. Dai formou-se o verbo *reiunar,* isto é: tornar reuno, ou pôr a marca do Estado.

(178) RENGO: Do português *rengo,* coxo. Também tecido semelhante a gaze. Fio para tecer cassa (Brunnswick). De *rengo* derivam: *renguear* e *rengueador.*

(179) REPONTAR: Derivado de pontas; despontar, espontar. O significado não é bem o que lhe deu Coruja: só se *reponta,* quando se afastam do lugar ou da estrada, ou quando são levados para a invernada: repontar para a invernada. Diz-se também do garanhão quando começa a aproximar-se das éguas, que está repontando a eguada. Tem aida o sentido de aparecer especialmente no que se refere a carneação: repontar o matambre, repontar a gordura, etc. Moraes Silva traz *Repontando* e *Repontar* com significado semelhante, abonando-as com varios autores clássicos.

(180) RETOVAR: É termo de uso antigo no Rio Grande do Sul. Já em 1739 em documento de 9 de agosto, portando dois anos após a fundação oficial do Rio Grande, encontramos a palavra *retovado,* como cognome de um dos povoadores: "os campos que foram de Custodio da Silva, "*O Retovado*". O documento firmado por André Ribeiro Coutinho, governador do Rio Grande do Sul, está citado in: João Borges Fortes, "*O Retovado*". Boletim do Centro Riograndense de estudos históricos, cidade do Rio Grande, Vol. II, 1940. Nunca ouvimos a pronúncia *retobar* no Rio Grande do Sul.

(181) RINCÃO: Rincão e rincón são igualmente antigas e dificil é dizer-se qual a origem, tanto mais que tem, em ambas as línguas o mesmo significado. Bluteau, entretanto, refere *rincon,* com o unico significado português; canto da casa. Moraes Silva traz: *rincão,* canto oculto, escondido; (pouco usado). Quer parecer-nos que a prioridade é contudo espanhola, pois Moraes Silva diz: rincon, castelh, embora abone *rincão* com Duarte Nunes Leão e Antonio Vieira.

(182) RODEIO: Do castelhano *rodeo,* feira de gado, diz Romaguera Correa. No antigo português temos, além de roda, rodeira, lugar por onde circulam os carros (Brunswick). Mas é bem provavel, — pois as feiras de gado eram, em Espanha, mais vulgares que em Portugal, — que a palavra seja espanhola adatada ao português, se bem pudesse provir de *roda* como a *rodeira* que citamos. Bluteau traz, para ambas as linguas a mesma palavra: *rodeo.* Moraes Silva refere *Rodeo* (ou antes rodeyo), mas na sua definição não há menção a feira de gado.

(183) ROSILHO: Pêlo do cavalo em que se notam fios brancos de mistura com vermelhos o que lhe dá aspeto rosado. Era o que no antiguo português se denominava *rodano* ou *randão* (Brunswick). Temos entre nós mais as designações: *rosilho vermelho,* quando o branco é diminuto; *rosilho mouro,* quando há mistura de pêlo escuro; *rosilho prateado,* quando o branco predomina, e *rosilho alazão* que é quasi identico ao *vermelho.* Moraes Silva diz: *Russilho,* côr ruça com côr de rosa mesclada; v. g. cavalo russilho, vulgo *rosilho,* e mais proprio.

(184) RUANO: Em castelhano é *roano,* mas não figura em Bluteau nem em Granada: Wildik traz: ruão, diz-se do cavalo que tem pêlo misturado de branco, pardo e baio, algo diferente, portanto, do nosso que é alazão claro com crinas, cauda, focinho, orelhas e ca-

belo das mãos, amarelo claro, quasi branco, ou branco. Cremos ser o nosso *ruão* a origem da palavra embora a definição desta não seja perfeita, como vemos em Moraes Silva e outros.

S

SACAR a orelha, é chegar o parelheiro à raia com a *orelha livre*, isto é, adiantado do outro parelheiro apenas o espaço da orelha, ou tanto quanto se possa distinguir que a adiantou à do companheiro.

SAIR com luz, é nas parelhas sair um cavalo do ponto da partida adiantado do outro mais de meio corpo, ou com tanta vantagem que mesmo ao longe se possa distinguir.

SANGA, s. f. logar fundo, desbarrancado pelas aguas da chuva, e pantanoso, ou com grandes poças dagua a que chamam caldeirões. (185)

SANGRADOURO, s. m. logar onde se dá a primeira punhalada nos animais para os matar: é no pescoço junto ao peito direito.

SAPICOÁ, s. m. Veja-se Picoá.

SEBRÚNO, adj. meio escuro: parece contração de *semibruno:* diz-se do cavalo desta côr. (186)

SEIO de laço, é o seio, ou especie do semicírculo que o laço fórma indo dois cavaleiros a galope, levando cada um dêles presa uma das pontas de um mesmo laço: desta maneira pódem ofender alguma pessoa que lhes fica de permeio levando-a por diante com violencia. Também póde por casualidade ficar alguem envolvido em um *seio de laço*, estando uma das pontas deste pressa em algum animal.

SINCÊRRO, s. m. especie de campainha um pouco maior que as ordinárias, que se ata ao pescoço da egua madrinha em viagem, ou da besta que serve de guía. (187)

SINUÊLO, s. m. fazer sinuêlo é juntar uma porção de bois ou cavalos mansos para melhor conduzir para alguma parte. (188)

SOBRECINCHA, s. f. tira de sola comprida que aperta os arreios, por cima do coxinilho, ou da badana: sendo de lã ou de algodão, é mais larga e se chama *cinchão.*

SOBRECOSTELHAR, s. m. a manta de carne que se tira de cima da costela. (189)

SOBRELÁTEGO, s. m. tira de guasca com o látego que une o travessão à barrigueira por meio das duas argolas de um e outra; e serve para apertar ou alargar a cincha, conforme o cavalo é mais gordo ou mais magro.

SOCÁDO, s. m. lombilho de cabeça alta: de ordinário é de couro crú, mais curto que o lombilho ordinário, e serve aos domadores por admitir mais segurança. Usa-se dizer no plural.

SOGA, s. f. corda ou pedaço de laço com que prenden aos animais para pastarem seguros.

SUADOURO, s. m. tecido de lã quadrado e grosso, que se põe por baixo dos arreios, sôbre o lombo do cavalo.

---

(185) SANGA: Não aparece em Granada nem em Wildik a palavra castelhana, *sanja,* da qual, diz Romaguera Correa, deve derivar *sanga.* Em Bluteau, porém, figura *sanja* para ambas as linguas, e e Brunswick assim define a *sanja* portuguesa: a abertura ou sargeta para desviar parte de uma corrente de agua. A definição de Coruja não é exata, pois *sanga,* é pequeno arrôio despraiado, regato que facilmente seca ou cujas aguas em tempo de seca são insignificantes. Brunswick traz ainda: *sangra,* agua russa (deve ser ruça; a que escorre das tulhas da azeitona ensalmoirada, explica Moraes Silva.

(186) SEBRUNO: É originário de *bruno, brunal,* sombrio; talvez de ser - bruno ou *serbruno* que Moraes Silva escreve *serbuno,* e diz: cavalo de côr mais carregada que a do cervo. E interroga: alterado de *cerbruno,* de *cebra* castelhano, que é zebra, côr de zebra? Essa interrogação não tem cabimento pois o cavalo *sebruno* nada tem, no pelo, parecido com a zebra. Seria admissivel a contração de *cervo bruno.*

(187) SINCERRO: Alguns escrevem com *c* (Romaguera Correa, Luiz Carlos de Moraes, Roque Callage) porque o fazem derivar do castelhano cencerro. O pequeno Vocabulario Brasileiro da Lingua Portuguêsa traz as duas formas, ambas com a mesma definição por extenso. Entre tanto a palavra deriva de *sino,* como sineta, e sua composição exata é: *sino de encerra* que, por contração passou a ser *sincerro.* Nada tem de castelhano e não se deve escrever com *c.* Era com esta campainha que, outrora, levavam o gado aos currais. A *égua madrinha* é hoje, quem leva a manada, como, o gado, o boi manso que a traz no pescoço e, até, nos rebanhos de ovelha, a mais mansa o ua que vai segura leva o *sincerro* e guia as outras.

(188) SINUELO: Do castelhano *siñuelo,* diz Romaguera Correa. Enrique D. Tovar y R., citando Rodriguez Marin, di-la voz castiça espanhola, usual entre rioplatenses. Entretanto, Wildik, Granada e Bluteau não a trazem.

(189) SÔBRECOSTELHAR: Diz-se geralmente, hoje, sobrecostilhar. Carne tirada de sôbre as costelas. A definição explica a origem que, entretanto, Romaguera Correa faz derivar do castelhano: *sobrecostillar* - talvez influenciado pelo *lh* que usamos e que se representa em espanhol pelos *ll*, que, entretanto, pronunciam, no Prata, especialmente no Uruguai como *jota* (j) gutural, o que desvia a hipotese de Romaguera Correa.

T

TAMBEIRO, adj. em geral se chama tambeiro o gado manso, principalmente o aquerenciado perto da casa: novilho tambeiro é o nascido de vaca mansa, isto é das de tirar leite. (190)

TAPÉRA, s. f. casa ou sitio abandonado: vem do nome indígena *tapéra*, aldeia velha. (191)

TENTOS, s. m. pl. pequenas tiras de guasca presas na parte posterior do lombilho de um e outro lado onde se prende o laço ou alguma outra cousa que se queria trazer presa à garupa. (192)

TERNEIRO, s. m. (do cast. *ternero)* a cria da vaca até a idade de um ano; é o mesmo que bezerro. (193)

TESTEIRA, s. f. aquela parte das cabeçadas que circunda a testa do animal.

THEATINO, adj. cousa de que se não conhece dono: aplica-se este termo mais especialmente aos cavalos; mas também se diz de outra cousa sem dono. Chamavam-se theatinos ou clerigos regulares da Ordem de S. Caetano de Theate, os quais eram conhecidos pelo nome de padres da Divina Providencia: dizer cousa theatina não será o mesmo que dizer cousa da Divina Providencia? Talvês este termo daí tenha origem, trazido pelos antigos jesuitas. (194)

TIPITI, s. m. tecido de palha de coqueiro ou taquára em fórma de cesto com boca estreita, que se enche de mandioca ralada para ser espremida na prensa antes de ir ao forno, e de se tornar farinha. (195)

TIRADOR, s. m. couro crú sovado que os laçadores põem ao redor da cintura quando laçam a pé: serve para amparar as ilhargas ao laçador quando estica o laço.

TIRANA, s. f. dança e cantoria muito usada no fandango.

TIRIRICA, s. f. arbusto que fórma touceiras e tem folhas como de capim, porém mais largas e ásperas; e se encontra nos brejos. Usam tirar dela palha para fazer chapéos. (196)

TIRIRICAL, s. m. brejo composto de tiriricas.

TOCAIO, e tocaia, s. m. e f. (do cast. *Tocayo, tocaya)* o mesmo que chará; qualquer de dois ou mais que tenha o mesmo nome. (197)

TORÇAL, s. m. pedaço de laço que está preso ao buçal por uma argola; nos cavalos ariscos o cavaleiro o prende na mão conjuntamente com as rédeas. Tambem o chamam *cabresto*, que se encontra nos dicionários. (198)

TORDILHO, adj. de côr salpicada de branco e preto: chama-se tordilho negro, quando a côr escura sobresáe à branca, e tordilho sabino, quando é salpicado de branco e vermelho. Dizse sómente dos cavalos. (199)

TOUREAR, v. a. diz-se no campo tourear por namorar.

TOURÚNO, adj. chama-se boi tourúno, o boi mal capado, e que por isso inda continua a procurar as vacas; tambem por analogia se diz do cavalo. (200)

TRANCO, s. m. o andar ou marcha natural do cavalo em viagem ou passeio, sem ser incitado a apressar-se. (201)

TRANQUINHO, dimin. de tranco.

TRAVESSÃO, s. m. a parte mais larga da cincha, e que, quando se encilha o cavalo, fica sobre o lombilho.

TRONCO de laço, é um laço cujas extremidades são amarradas em duas estacas bem seguras, ou em cousa semelhante, no meio do qual e com laçadas do mesmo se prende o pescoço de algum homem preso.

TRONQUEIRA, s. f. assim se chama cada um dos dous grossos esteios em cujos buracos se introduzem as varas da porteira. (202)

TROPA de gado; grande porção de gado que vem em viagem para a côrte. (203)

TROPIÇÃO, s. m. a ação de tropicar: diz-se do cavalo.

TROPILHA, s. f. (do cast. tropilla) porção de cavalos amadrinhados; mais propriamente se diz de cavalos do mesmo pêlo; v. g. tropilha de baios; tropilha de escuros, etc. Sendo de diferentes pêlos se chama quadrilha.

---

(190) TAMBEIRO: De *tambo*. Romaguera Correa diz que é vocábulo hispano-americano. Parece-nos entretanto que é palavra bem portuguesa: *tambo*, banco, escabêlo (Brunswick). O leite, sempre é tirado sentado o ordenhador em banco ou escabelo, daí a palavra designando o local onde se tira leite. Aliás, Moraes Silva cita: tambo, talamo ou leito de casados, alem de banquinha baixa. Na ortografia antiquada escreviam tãibo. Wildik além desta acepção da-lhe a de "reunião de pretos africanos para se divertirem" e a de "*mesón, venta*", isto é estalagem, venda.

(191) TAPÉRA: Montoya define-a: ta - tab- taba + puera = taba preterita, que foi = *tapera*, casa em ruinas. É, com o mesmo significado, usada no Uruguai (Granada).

(192) TENTOS: De *tento*, antigo português, ainda hoje usado com o mesmo significado: cuidado, atenção; juizo, prudência; sentido (Brunswick). *Tento*, cousa que segura, prende. Daí o nome. Os *tentos* são também usados para confecção de laços e outros trançados de uso campeiro. A palavra *tento* é portuguesa e antiga, mas com significados bem diversos, alguns dos quais dizem respeito a segurar e mais, o de vara delgada na qual o pintor encosta a mão.

(193) TERNEIRO: É castelhanismo, dizem: De *ternero:* bezerro. Diz Bluteau que é, também novilho até 1 ano. Moraes Silva só traz o feminino: *terneira*, novilha de carnes *ternas*. Virá daí a palavra?

(194) THEATINO: Hoje escrevemos *teatino:* cousa sem dono. É como diz Coruja, originária do cognome da ordem de São Caetano: *padres Teatinos*. Esta ordem foi fundada no século XVI por Caetano de Viena e pelo bispo de Theato (hoje Chieti) João Pedro Caraffa, mais tarde papa Paulo IV. A ordem foi instituida em 1524. Os fundadores propuzeram-se, fundando a ordem, a reformar os costumes do clero e de toda a cristandade. Estes religiosos eram obrigados a viver sem fundos monetarios e sem rendimento algum certo, como também não podiam mendigar. Deviam, só, confiar na Divina Providência e viver da caridade dos fieis. Os Teatinos (Theatinos) eram, portanto, a pobreza personificada o seu nome passou a designar miseria, sem destino e sem propriedade. Esta deve ser a origem da palavra gaucha.

(195) TIPITI: É palavra tupi-guarani, que, segundo Montoya, significa: *tipi* = centro, *ti* = blanco: cosa liquida, turbia. Ou então, *Ti* = sumo; *pi* = apertar, espremer; *ti* = branco = espremer o sumo branco, ou melhor ainda, segundo o mesmo Montoya, a própria voz *tipiti* = instrumento de hojas de palmas, como manga, para exprimir mandioca.

(196) TIRIRICA: Palavra de origem tupi-guarani, de *tiriri* = arrastar, mais *ca* = quebrar, ofender, abrir (Montoya). Encontramos em *Ermano Stradelli*, (Vocabularios da lingua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português, etc. (in Revista do Inst. Hist. Brasileiro. Tomo 104. vol. 158 (2.º de 1928) Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1929) o seguinte: "*Tiririca:* Afasta, afasta. Nome de certa trepadeira de fôlhas e caule finamente cortantes, que forma toiças e torna a mata quasi impenetravel, parecendo mandar retirar a gente que encontra". Nossa tiririca, que dá nos banhados, é algo

diferente na amazônica, mas tambem pertenece à familia das ciperaceas. *Tiririca* tem, hoje, entre nós, outros significados mais: 1) furioso, bravio: ficou *tiririca*. 2) Gatuno solerte, maneiroso: É um tiririca. Formou-se daí, com o mesmo sentido: *tiriricar*, roubar maneirosamente, fazer o *tiririca*, e *tiriricagem*, roubalheiras, até politicamente falando: as eleições foram verdadeira *tiriricagem*.

(197) TOCAIO: Não figura, como palavra espanhola, em Bluteau. Apenas Wildik a refere. Brunswick traz: *tocaio*, do mesmo nome que outro. Quer parecer-nos que essa palavra tem origem guarani, talvez da propria palavra *tocaia*, espera da caça no proprio local, emboscada, segundo Stradelli (citado antes), ou de *Tocai*, curral, segundo Montoya que, para o caçador que se esconde a espera da caça da o nome *Cherocai*. Em castelhano, *tocayo* lê-se e pronuncia-se tocajo.

(198) TORÇAL: Talvez provenha de toral, do antigo linguajar português: cabeção. Moraes Silva acrescenta a toral: o terço mais forte da lança. Citando torçal, declara: Francês - retors.

(199) TORDILHO: Côr de tordo, diz Brunswick. Existe, ainda, o *tordilho vinagre*, quasi igual ao *sabino*. Tambem Moraes Silva traz a palavra com a mesma definição de Brunswick e a explicação: com pêlo mesclado de branco e preto, como o tordo que define logo abaixo.

(200) TOURUNO: Também *turuno*. De touro. Há, ainda as expressões: *taura*, sujeito de valor sem receio, sem temor; bom no manejo das armas ou de qualquer outro objeto, - e *turuna*, que ninguem registou até hoje, com o significado de *taura*.

(201) TRANCO: Espanholismo platino, diz Romaguera Correa. Moraes Silva e Brunswick trazem: *Tranco*, salto que o cavalo da parando logo. Virá daí, modificado pelo povo o sentido primitivo, o atual uso da palavra, no Rio Grande do Sul. Aliás *Tranco* significa ainda: parada súbita, rasteira, esberro, empurrão. "Andou aos *trancos*": aos saltos. "Por *trancos* e barrancos", frase popular: sem orientação, sem cuidado. É quasi o mesmo que "a torto e a direito". De tranco formamos: *tranquinho* (diminutivo) e *trancão*, (aumentativo), pouco usado. Há quem use a forma acastelhanada *tranquito*.

(202) TRONQUEIRA: Do antigo português: *tranqueira* e *tranquia*, a 1.ª paliçada, fortificação de estacas, trincheira; a 2.ª cerca de paus cavados para atalhar uma passagem (Brunswick), ou então de *Tronqueiro*, guarda do tronco, carcereiro (Moraes Silva).

(203) TROPA: Vem de *tropel*, *tropeada*, *tropear*, fazer ruido com os pés ao andar. De tropa formamos *tropeirada*, *tropeiro*, aliás men-

cionado por Moraes Silva, *tropilha* (que não é castelhano, como querem Coruja, Romaguera Correa e outros) *tropinha* ou *tropazinha* e o aumentativo *tropão*, alem do verbo tropear. O aumentativo *tropão* não significa apenas tropa grande, mas principalmente tropa composta de animais de excelente qualidade e gorda: é um tropão!, isto é: ótima.

U

UNHEIRA, s. f. matadura incuravel ao lado do fio do lombo dos cavalos, proveniente do máo uso dos lombilhos. Na campanha chamam *cuêra* e o que a tem *cuerudo*. (204)

---

(204) UNHEIRO: De unha, doença das unhas, (panarício) bastante comum tanto nos seres humanos como nos animais. O nome dado à *matadura* provem da dureza, cortante como unha, que tem a *casca* da ferida, ou escara, quando não está aberta.

V

VAQUEANO, s. m. o que serve de guia em alguma viagem por ser conhecedor dos caminhos. (205)

VARIAR, v. a. ensinar o cavalo a correr parelhas com outro: quando é com o fim de comparar com outro, se diz cotejar. (206)

VARIADO, partic. de variar, ensinar na carreira ou talvês industriado a correr na mesma raia.

VELHAQUEADOR, adj. o que é acostumado a velhaquear. (207)

VELHAQUEADOURO, s. m. a virilha do cavalo, onde sendo esporeado o cavalo velhaqueia.

VELHAQUEAR, v. n. dar o cavalo corcóvos, é o mesmo que *corcovear*.

VIZINDÁRIO, s. m. (do cast. *vecindario)* o número de vizinhos que habitam algum logar, usa-se dizer na campanha e se aplica ao chefe da casa, ou ao que se supõe estar nessa posição. (208)

VOLTEADA, s. f. quasi o mesmo que volta, quando se conta que um animal tem de passar por certo ponto, e o esperam, usa-se a frase *esperar na volteada*, a qual tem aplicação a outros casos idênticos.

---

(205) VAQUEANO: Esta palavra é tida como hispano-americana, invocando-se a designação *baquia* (segundo Z. Rodrigues, citado por Beaurepaire - Rohan, e este por Romaguera Correa), com que os

espanhois, depois da conquista do Mexico nomeavam os soldados velhos com pratica e conhecedores da região ou zona. Teria assim, a palavra formada pelos espanhoes no Mexico, vindo ao Prata, e daí se estendido ao Brasil. Bluteau não traz nem *baquia*, nem *baqueano;* Wildik, refere *baqueano*. Parece-nos, entretanto que a frase tupi-guarani (Montoya): *Mbia e cûnguy nû* = essa gente de campo, poderia, por contração, ter dado *baqueano* e *vaqueano*, passando por *bacum*. Essas corruptelas são conmuns e, não raro, quasi incriveis. Mas se fizeram e existem.

(206) VARIAR: Romaguera Correa invocando Granada, dá à palavra origem platina. Daniel Granada, entretanto, não a refere em seu *Vocabulário*... *Varear*, no antigo português segundo Brunswick, significava medir. Ora, nosso *variar* nada mais é do que medir as forças e possibilidades do cavalo. Logo, nada mais certo do que a origem de *variar* no antigo *varear* português.

(207) VELHAQUEADOR: De velhaco, velha palavra portuguesa insubstituivel, por isso sempre em uso, da qual formamos, nas lindes campeiras e sociedade, além da palavra a margem, mais *velhacaz* (grande velhaco - pouco usado no campo); *velhacagem; velhaqueadouro; velhaquete* (pequeno velhaco). O verbo *velhaquear*, Moraes Silva o menciona abonado por Bento Pereira Pinto. Traz ainda: *velhaquesco, velhaquete* e *velhaquinho*. À palavra *velhaco* e derivados dá a definição geral e mais: lascivo, fazer ações libinosas (velhaquear), com equivocos lascivos (velhaquesco).

(208) VIZINDÁRIO: De vizinho, mais o sufixo de profissão (*d*) *ário*. O português tem *vizindade, vizinhança*, como sinônimo de *vizindário*. No linguajar platino encontramos *vecindario*, com a significação de moradores da vizinhança: vizinhos em grupo.

X

XÊRGA: s. f. (altr. de enxerga) tecido de lã com lavores nas beiradas; faz parte dos arreios, e se põe por baixo da carona. (209)

---

(209) XERGA: Romaguera Correa diz que provém do espanhol jerga. Mas, em português, além de enxerga (espécie de enxergão que assenta sobre a albarda, Moraes Silva) temos *xerga*, estamenha (Brunswick), que Moraes Silva define: pano de saco, grosseiro, de que antigamente se faziam vestidos de dó, e luto. A definição é

abonada com *Palmeirim d'Inglaterra.* E diz ainda que da xerga se faziam enxergões. Preferimos, assim, a origem portuguesa.

Z

ZARGO ou sargo, adj., o que tem olhos brancos; e às vezes um só branco: tambem chamam gazeo. (210)

---

(210) ZARGO: De *zarco,* português, que significa não só ter olhos azuis, como também designa o cavalo que tem malha branca envolta de um ou de ambos os olhos. Moraes Silva dá, a zarco, origem castelhana: zarco, azul claro tirando a branco; traz, porém, zargo e declara: V. Zanolho, que significa zarolho. Assim parece que zargo é corruptela de *zanolho* com influência do castelhanismo *zarco,* pois, na realidade, o cavalo *zargo* tem aspeto de *zarolho.*

Significación, uso y ortografía de las posposiciones guaraníes (1)

Sus formas y uso en guaraní

POR EL PROF. EDUARDO SAGUIER

No obstante las gramáticas últimamente aparecidas en este año y en el anterior (Bianchetti, Guasch, Muniagurria) y en la nuestra del año anterior, no se toca en ellas con la amplitud debida un punto bastante extenso y complejo como son las preposiciones en sus distintas formas y usos en nuestro idioma.

A manera de contribución, pues, va este pequeño trabajo buscando llenar las lagunas que sobre el punto tienen las obras mencionadas.

No se trata desde luego de ningún descubrimiento, sólo que nadie ha parado en reunir, coordinar y reglar las observaciones sobre las distintas formas y diferentes usos que las preposiciones tienen en guaraní.

Ante todo conviene establecer, como ya se estableciera alguna vez, que las *preposiciones* en castellano son exactamente a la inversa y sin excepción alguna, *posposiciones* en guaraní.

Las preposiciones que vamos a considerar son las separables castellanas actualmente en uso, que tienen sus correspondientes formas en guaraní como se ve en el siguiente cuadro:

---

(1) El *sonido nasal* se representa por el *acento circunflejo,* el *gutural* por la *diéresis* y el *nasogutural* por el *acento grave* del francés.

sobre	ari
contra	kotïkótï
bajo	guî, guïpe
tras	kupé, kupepe
entre	pa'û, paûme
sin	ì, ìme
desde	guibé o guié
hacia	kótï o kótïo (ngótï o ngótïio)
a	pe, be (me)
en	pe, (me), pïpé
hasta	pebé (mebé) yepebé
por	rehé, re, rupí
para	haguâ, guârá o beguârá, peguârá o (meguârá), râ.
con	ndibé o ndié, rebé rehebé, pe (me).
de	gui gua guaré
	peguá peguaré
	reguá reguaré
	guiguá guiguaré
	heguí chuguí

Hacemos notar que las formas puestas entre paréntesis corresponden al uso de las respectivas posposicione con voces nasales.

Llamamos igualmente la atención sobre las formas Guié, Ndié y Kótïo de las posposiciones guibé-desde, ndibé-con y kótïbo-hacia, formas que adquieren por síncopa, metaplasmo común en el idioma.

Hacia - kótïbo - kótï(b)o: kótïo.
ákotïo o ákotï: hacia aquí; oga kótïo o kótï: hacia casa.
Desde - guibé - gui(b)e: guié.
aguié o aguibé: desde aquí; kuehé guié o guibé: desde ayer.
Con - ndibé - ndi(b)e: ndié.
chendié o chendibé: conmigo; taïrandie o taïra ndibé: con su hijo.

Las preposiciones o posposiciones que acabamos de enumerar, si bien toman nombrse distintos por la opuesta posición que ocupan, tienen en ambas lenguas la misma función gramatical e igual condición de separables, difiriendo sólo en cuanto a la invariabilidad que en guaraní no lo son, con excepción de ari-sobre y kotïkótï-contra.

Estas breves y cortas palabras, por lo menos las monosílabas, por carecer de acento, al unirse con un sustantivo parecieran formar

con éstos un solo vocablo al pronunciarlos y que estuviesen escritos unidos, la posposición y el nombre sustantivo.

oga pe;   oga re;   oga gui
ogape;   ogare;   ogagui

Idéntica impresión acusan en castellano:

a casa;   en casa;   de casa;   por casa;

su pronunciación o lectura da la sensación de que fueran un solo vocablo y que estuvieran escritos unidos:

acasa;   encasa;   decasa;   porcasa.

Sobre este particular y a fin de hacer concordar la realidad de la enunciación prosódica con su estructura gráfica, debe establecerse la regla ortográfica de escribir unido al vocablo a que se juntan las posposiciones monosílabas siguientes, ya que no existen antecedentes de uso o costumbre que lo impidan como ocurriría en castellano:

gui-de; re-por; râ-para; ì-sin; pe(me)-a; pe(me)-en

y las siguientes *bisílabas:* en función con los pronombres personales:

rehé-por; guârá-para; ndibé y rehebé-con;

y las formas especiales de la posposición gui-de: heguí y chuguí.

Deben también escribirse unidas las posposiciones:

gui-de; guibé o guié-desde;
pebé-hasta; kótï o kótïo-hacia;

con las formas apocopadas de los adverbios:

ape   -a: aquí
pepe o upepe-pe: ahí

para conformar su grafía con el régimen proclítico que impone su enunciación prosódica:

agui en lugar de: ape gui- de aquí
pegui en lugar de: pepe gui- de ahí
apebé en lugar de: ape pebé- hasta aquí
pepebé en lugar de: pepe pebé- hasta ahí
aguié o aguibé en lugar de: ape guibé- desde aquí
peguié o peguibé en lugar de: pepe guibé- desde ahí
ákotï o ákotïo en lugar de: ape kótï- hacia aquí
pékotï o pékotïo en lugar de: pepe kótï- hacia ahí.

Siguiendo la condición de *separables* hallamos en castellano la excepción de la preposición CON, que forma una sola estructura con los pronombres personales del singular en el ablativo: CONMIGO, CONTIGO, CONSIGO.

En guaraní la excepción es amplia como ya expresamos más arriba y que para mayor claridad y mejor comprensión daremos por separado cada caso, REPITIENDO:

Todas las posposiciones monosílabas o las formas monosílabas de las mismas deben escribirse unidas al vocablo con que se juntan. Ellas son: pe(me)-en: pe, be(me)-a; re-por; gui-de; râ-para; ì-sin.

A- pe, be, (me).

Se une a sustantivo ,adjetivo y verbo:

a casa-ógape; al campo-okape; al perro-yaguape; a la cabeza-akâme.
a hermosa no le igualan- porâme na i mboyoyahái
a trabajar no le ganan- mbaapope na i mboagïyehái

Se une a los pronombres personales en su forma "be", menos en la 2.ª persona del plural y 3.ª del singular y plural:

chebe a mí	ñandebe	a nosotros
ndebe a ti	orebe	a nosotros
chupó a él	peême	a vosotros
	chupé kuera	a ellos.

EN- pe (me). Se une a sustantivos:

en casa- ógape; en Corrientes- Taraguipe; en la cabeza- akâme.

DE- gui. Se une a sustantivos y adverbios:

de afuera- okáragui; de Corrientes- Taraguigui; de lejos- mombïrïgui.

Con los adverbios: aquí-ape y ahí-pepe o upepe, éstos se apocopan:

de aquí- agui en lugar de: ápegui
de ahí- pegui o upegui en lugar de: pépegui

POR- re. Se une a sustantivos, adjetivos y verbos:

por dinero trabaja- pirapirere o mbaapó
por una casa pelearon- peteî ógare a ñorairô
por lindo lo quiere- i porâre oi potá
por pesado lo dejó- i pohïire o heyá
por mirarle (a él) se enojó- o maêre hesé i pochï
por robar se le echó- o mondare o ñemosê.

PARA- râ. Se une a sustantivos:

papel para (hacer) libros- kuatiá arandukarâ.
madera para (hacer) puerta- ïbïrapé okêrâ.
casa para mí (que será mía)- che rogarâ.

Se une a los pronombres posesivos:

chembaerâ- será mío o para mí- ñanembaerâ- será nuestro o para nosotros.
nembaerâ- será tuyo o para ti- penembaerâ- será vuestro o para vosotros.
imbaerâ- será suyo o para él- imbaerâ kuera- será de ellos o para ellos.

SIN- ì. Se une a los verbos en la conjugación negativa del imperativo y presente del subjuntivo:

e yapoì ndé - no hagas tú
to yapoì ha'e- no haga él, etc.

ché ta	karuì-yo	no coma	ñan. taya	karuì	nos.	no comamos
ndé tere	karuì-tú	no comas	peè tape	karuì	vos.	no comáis
ha'e to	karuì-él	no coma	h. k. to	karuì.	ellos	no coman.

Las posposiciones polisílabas siguientes deben escribirse unidas a los pronombres personales. Ellas son:

rehé-por; guârá-para; ndibé y rehebé-con; y las formas especiales de gui, heguí y chuguí.

REHÉ- por. Se une a los pronombres personales menos en la 3.ª persona en que toma forma especial:

por mí	cherehé	por nosotros	ñanderehé
por ti	nderehé	por nosotros	orerehé
por él	hesé	por vosotros	penderehé
		por ellos	hesé kuera

GUÂRÁ o BEGUÂRÁ- para.

para mí	chebeguârá	para nosotros	ñandebeguârá
para ti	ndebeguârá	para nosotros	orebeguârá
para él	chupeguârá	para vosotros	peêmeguârá
		para ellos	chupé kuera guârá o chupeguâranguera

Ì o RÉHEÌ- sin.

sin mí	chereheì	sin nosotros	ñandereheì
sin ti	ndereheì	sin nosotros	orereheì
sin él	heseì	sin vosotros	pendereheì
		sin ellos	heseì kuera

En la declinación de los pronombres con las preposiciones *para* y *sin* se advierte la clara concurrencia de otra preposición: *a* con la primera y *por* con la segunda. La declinación guaraní expresa en efecto:
a para mí; a para ti; a para él, etc.
por sin mí; por sin ti; por sin él, etc.

NDIBÉ y REHEBÉ- con.

conmigo-	chendibé	con nosotros	ñanendibé
contigo-	nendibé	con nosotros	orendibé
con él	hendibé	con vosotros	penendibé
		con ellos	hendibé kuera

REHEBÉ es la forma que en guaraní toma la preposición CON cuando tiene significación de compañía agregada:

Con vosotros cuatro y conmigo cinco ya es bastante
Peê irundï ndibé ha cherehebé po, haebema.
Nosotros siete y con él ocho ya somos muchos.
Ñandé pokôi ha hesebé poapï, ñandé retama.

conmigo	cherehebé	con nosotros	ñanderehebé
contigo	nderehebé	con vosotros	penderehebé
con él	hesebé	con ellos	hesebé kuera

HEGUÍ y CHUGUÍ- de. Heguí con la 1.ª y 2.ª y chuguí con la 3.ª

de mí	cheheguí	de nosotros	ñandeheguí
de ti	ndeheguí	de nosotros	oreheguí
de él	chuguí	de vosotros	pendeheguí
		de ellos	chuguí kuera.

Formas, uso y significación de las posposiciones

Las condiciones de *separables* e *invariables* de las preposiciones es tan firme en castellano que sólo tiene la excepción de la preposición *con*, separabilidad que también acompaña a las posposiciones guaraníes pero con numerosísimas excepciones.

En cuanto a la condición de *invariables*, se puede decir que no rige para el guaraní, pues en la lista que hemos dado, no hay más que dos, ari-sobre y kotïkótï-contra, que permanecen constantes, teniendo las restantes dos formas o estructuras, otras cuatro y cinco y la gui-de, hasta diez.

La profusión de formas de las posposiciones que toma el guaraní por razones de eufonía y por imposición de su fonética nasal es lo que imprime a su característica sencillez, gran dosis de complejidad.

Entraremos a estudiar cada una por separado dando su significación y formas, uso y ortografía.

ARI - sobre

Tiene la significación simple de encima. En la declinación del pronombre personal de tercera persona toma la forma *hi ari*.

che ari-sobre mí; nde ari-sobre ti; hi ari-sobre él.

e moî apïká ari-	póngalo sobre la silla
e moî hi ari-	póngalo encima
o u kabayú ari-	vino a (sobre) caballo.

KOTÏKÓTÏ - contra.

Tiene significación de oposición.

Perú o ho Chùâ kotïkótï-	Pedro va contra Juan.
Ha'e o u che kotïkótï-	El viene contra mí.

PA'Û, PAÛME - entre

Expresa posición o estado en medio de otras cosas.

Pa'û indica la parte intermedia de algo sin establecer referencia a cosa alguna: kuâ pa'û- entre dedos (la parte o espacio entre los dedos).

Oga pa'û- entre casas (la parte o espacio entre dos casas).

Paûme se usa cuando se refiere a algo que se halla entre otras dos:

che râi paûme o pïtá- entre los (mis) dientes quedó.
a moï aranduká kuera paûme- lo puse entre los libros.
oré paûme o ikó- anda entre nosotros.

GUÏ, GUÏPE- bajo

Significa la posición de o situación de inferioridad de una cosa con otra.

GUÏ expresa la parte baja o inferior de una cosa sin establecer relación:

apïká guï-bajo la silla; tupá guï-bajo la cama.

GUÏPE se usa para establecer referencia a algo que se encuentra bajo otra cosa:

yaguá o ke tupá guïpe- el perro duerme bajo la cama.
a rekó che akanguïtá guïpe- lo tengo bajo la (mi) almohada.

KUPÉ, KUPEPE - tras

Expresan el orden en que están colocadas las cosas.

KUPÉ indica la parte trasera de una cosa pero sin referencia a otra.
apïká kupé- tras la silla; okê kupé- tras la puerta.

KUPEPE se usa para referirse a algo que se halla detrás de otra cosa: o ñemoî apïká kupepe- se puso detrás de la silla.
o kañï okê kupepe- se escondió tras la puerta.

Ì, ÌME - sin

Significa falta o carencia de algo.

Ì es negación y como tal se le emplea en la conjugación negativa de los verbos en el imperativo y presente de subjuntivo.

no hagas tú	e yapoì ndé	yo no haga	ché ta	yapoì
no haga él	to yapoì ha'e	tú no hagas	ndé tere	yapoì
no hagamos Nos.	ya yapoì ñandé	él no haga	ha'e to	yapoì
no hagáis Vos.	pe yapoì peê	Nos. no hagamos	ñan. taya	yapoì
no hagan ellos	to yapoì h. k.	Vos. no hagáis	peê tape	yapoì
		Ell. no hagan	H. K. to	yapoì

ÌME es la forma de uso corriente y su escrituración debe hacerse separada.

aó ìme- sin ropa; yaguá ìme- sin perro; tïpïchá ìme;
yaguá ìme a yu- sin perro vengo.
tïpïchá ìme nda ikatúi o yetïpeí- sin escoba no se puede barrer.
mbaapó ìme; karú ìme; ke ìme;
a yepokuaama a ikobo mbaapó ìme- ya me acostumbré a andar sin trabajar.
ababé ndo ikobéi ke ìme- Nadie vive sin dormir.

Sus dos formas: ì e ìme, se prestan para hacer dos declinaciones de los pronombres personales:

sin mí	cherehеì	ché	ìme
sin ti	nderehеì	ndé	ìme
sin él	ñanderehеì	ha'e	ìme
sin nosotros	heseì	ñandé	ìme
sin nosotros	orerehеì	oré	ìme
sin vosotros	penderehеì	peé	ìme
sin ellos	heseìnguera	H. K.	ìme

En la forma *reheì* se ve la concurrencia de la posposición rehé-por expresando en realidad:

por sin mí	cherehеì	
por sin ti	nderehеì	
por sin él	heseí	etc.

GUIBÉ o GUIÉ - desde

La segunda forma GUIÉ, adquiere por síncopa de una letra.
Tiene significación de iniciación o principio y se junta con todos los vocablos.

desde que se fué	o ho guibé	o guié
desde mi casa	che roga guibé	o guié
desde tu cabeza	ne akâ guibé	o guié
desde nosotros	ñandé guibé	o guié
desde ayer	kuehé guibé	o guié
desde allá	amó guibé	o guié

Respondiendo a un fenómeno proclítico, guibé y kótï deben escribirse unidas a las formas apocopadas de los adverbios ape-aquí y pepe-ahí:

aquí -a apócope de ape
ahí -pe apócope de pepe o upepe
desde aquí es aguibé o aguié en lugar de ape guibé
desde ahí es peguibé o peguié en lugar de pepe guibé

KÓTÏ o KÓTÏO (NGÓTÏ o NGÓTÏO)- hacia

La segunda forma kótïo, adquiere por síncopa de "kótïbo". Significa la dirección en que se produce algo:

hacia tu derecha	nde akatúa kótï	o kótïo
hacia tu casa	nde roga kótï	o kótïo
hacia mí	ché kótï	o kótïo
hacia Corrientes	Taraguí kótï	o kótïo

Por la misma causa expuesta precedentemente en GUIBÉ, esta posposición debe escribirse unida a las formas apocopadas de los adverbios aquí-ape y ahí-pepe o upepe.

aquí a- apócope de ape
ahí pé- apócope de pepe o upepe
hacia aquí es ákotï o ákotïo en lugar de ape kótï
hacia ahí es pékotï o pékotïo en lugar de pepe kótï

Igualmente unidas deben ir la escrituración de sus formas nasales - ngótï o ngótïo con la palabra que les precede:

amóngotï	o amóngotïo	hacia allá
kibóngotï	o kibóngotïo	hacia acá
mamóngotï	o mamóngotïo	hacia donde

PEBÉ, (MEBÉ), YEPEBÉ - hasta

Indica límite de lugar y tiempo.
Se junta con todos los vocablos.

oga pebé	hasta casa	oré pebé	hasta nosotros
nde ati'ï pebé-	hasta tu hombro	peê mebé	hasta vosotros
mombiri pebé-	hasta lejos	ya karú pebé-	hasta que comamos
kuehé pebé -	hasta ayer	ña manó mebé-	hasta que muramos

Idéntico fenómeno de unión con las formas apocopadas de los adverbios aquí-ape; y ahí-pepe o upepe, registrado para las posposiciones KOTÏ y GUIBÉ, se presenta en PEBÉ:

aquí- a- apócope de ape
ahí - pe- apócope de pepe o upepe
hasta aquí es apebé en lugar de ape pebé
hasta ahí es pepebé en lugar de pepe pebé

YEPEBÉ es la forma que toma cuando se excede el límite que indica su significación:

nde rú yepebé o u	hasta tu padre vino.
che ra'ï yepebé che nupá-	hasta mi hijo me pega.
itá yepebé o guerú hikuái-	hasta piedras trajeron.

PE, BE, (ME) - a

Es la posposición de uso más generalizado.

La forma "BE" toma por eufonía en unión de los pronombres personales de 1.ª y 2.ª persona.

Su forma nasal "ME" se emplea con voces de esa fonética.

En la declinación de los pronombres *yo, tú* y *nosotros*, pe se hace be.

chebe	a mí	nandebe	a nosotros
ndebe	a ti	orebe	a nosotros
chupé	a él	peême	a vosotros
		chupé k.	a ellos.

PE o ME se usan cuando indica el complemento directo:

ama a su prójimo	o haïhú hapichape
ayuda a los pobres	oi pïtïbô mboriahupe
hace trabajar a su hijo-	o mombaapó taïrape

Cuando indica ubicación o situación especial:

Va a Corrientes	o ho Taraguipe
Va a su casa	o ho hógape

Cuando indica ubicación o situación especial:

a Oriente	kuarahïsêndápe
a Occidente	kuarahïkendápe
queda a su izquierda	- o î nde asúpe
queda a mi derecha	- o pïtá che akatúape

PE, (ME), PÏPÉ - en

Como la posposición a, sirve para establecer relación o dependencia.

Su forma nasal "ME" se emplea con palabras de esa fonética.

Su escrituración debe ser siempre unida.

Se usa cuando indica lugar o residencia:

estamos en Montevideo	ñai me Montevideope
trabaja en su casa	o mbaapó hógape
está en la lluvia	o î amame

Cuando indica tiempo o término en que se ejecuta algo:

En un momento lo hizo sapïaitépe o yapó

En un abrir y cerrar de ojos lo comió- peteî sapirîme ho upá.

Las expresiones adverbiales: en verdad, en broma, en secreto; se expresan así: añeté hape; gua'u hape; ñemí hape.

PÏPÉ sólo se usa en la declinación de los pronombres personales:

ché	pïpé	en mí	ñandé	pïpé	en nosotros
ndé	pïpé	en ti	orép	pïpé	en nosotros
i	pïpé	en él	pendé	pïpé	en vosotros
			i	pïpé kuera -	en ellos

En el uso, la forma PÏPÉ no siempre coincide con la preposición en.

En él confío hesé a yerobiá

Confío en vosotros-a yerobiá penderehé

Mientras el castellano utiliza *en*, el guaraní emplea *por*.

Es que PÏPÉ tiene desde luego la significación de: *por* o *por intermedio de*. Véase estos ejemplos:

che pïpé o gueruruká ndebe	por mi (intermedio) se lo envía.
i pïpé o yapouká	por él (su intermedio) lo mandó hacer.
taïra pïpé o mboeuká	por su hijo lo hizo enseñar.

REHÉ, RE, RUPÍ - por

Es otra de las posposiciones de uso frecuente.

RE es apócope de rehé y en la escritura debe ir unida a todos los vocablos con que se junta y REHÉ a los pronombres personales.

che pore	por mi mano
nde rógare	por tu casa
i pukure o hayá	por largo lo dejó
i porâre o guerahá	por lindo lo llevó
o ñeêre oi nupá	por hablar lo pegó
o sapukaire o ñemosê-	por gritarse le echó
mombïrïre ndo hoséi -	por lejos no quiso ir.

cherehé	por mí	nanderehé	por nosotros
nderehé	por ti	orerehé	por nosotros
hesé	por él	penderehé	por vosotros
		hesé kuera	por ellos.

RUPÍ es más bien una forma adverbial que equivale a:

por aquí	árupi	o kórupi
por ahí	pérupi	o upérupi
por allá	amórupi	

Es grave error y conviene evitar las formas *arpi, perpi, amorpi*, que escriben algunos.

HAGUÂ, GUÂRÁ, BEGUÂRÁ, PEGUÂRÁ, (MEGUÂRÁ), RÄ - para

Tiene significación de destino de las cosas y la última además, la de futuro próximo, la que por su condición de monosílaba debe escribirse unida a los pronombres posesivos y sustantivos.

HAGUÂ se usa con verbos:

para comer- karú haguâ; para sentarse- guapï haguâ
para trabajar- mbaapó haguâ; para acostarse- ñenó haguâ

PEGUÂRÁ (MEGUÂRÁ), se usa con sustantivos:

para el perro	yaguá peguârá
para la lluvia	amá meguârá
para mi madre	che sï peguârá
para mujer	kuñá meguârá
para los hombres	kuimba'e kuera peguârá

GUÂRÁ se usa con adverbios:

para la mañana	pïharebé guârá
para la siesta	asayé guârá
para la tarde	kaarú guârá
para la noche	pïharé guârá
para mañana	koêramo guârá
para después de trabajar -	mbaapó riré guârá
para mientras se come-	yekarú ayá guârá

BEGUÂRÁ se usa con los pronombres personales de 1.ª y 2.ª del singular y 1.ª del plural:

che*beguârá*	para mí	ñande*beguârá*	para nosotros
nde*beguârá*	para ti	ore*beguârá*	para nosotros
chupeguârá	para él	peêmeguârá	para vosotros
		chupeguarângúéra	para ellos.

Nuevamente hacemos notar la concurrencia de la posposición a-pe, be junto a la posposición para-guârá en la declinación de los pronombres personales. Se ve en efecto que expresa: a para mí, a para ti, a para él.

RÂ se usa con sustantivos y pronombres personales, da idea de futuro próximo y su escrituración es siempre unida en razón de ser monosílabo.

che yaguará- perro-que será-para mí; nde rogará- casa-que-será para ti
bïrapé okêrâ- tabla para puerta (que servirá para hacer)
kuatiá arandukarâ- papel para libros (para hacer libros)
koba i yïbará- esto para la (su) manga. (En la confección de un vestido).
koba henonderâ- esto para el (su) delantero.

Y con los pronombres posesivos:

chembaerâ	será mío	o para mí
nembaerâ	será tuyo	o para ti
imbaerâ	será suyo	o para él
ñanembaerâ	será nuestro	o para nosotros
orembaerâ	será nuestro	o para nosotros
penembaerâ	será vuestro	o para vosotros
imbaerânguéra	será de ellos	o para ellos.

ko yaguá chembaerâ	este perro será para mí
amó akâbaó nembaerâ	aquel sombrero será tuyo o para ti
umí kabayú orembaerâ	esos caballos serán nuestros o p/nos.
amó mbaká kuera penembaerâ-	aquellas vacas serán vuestras o p/Vos.

NDIBÉ o NDIÉ, REBÉ, REHEBÉ, PE (ME) - con

Tiene significado de compañía, acompañamiento o concurrencia de cosas o personas.

NDIBÉ o NDIÉ se usan cuando dan idea de compañía. Su forma NDIÉ la adquiere por síncopa de una letra. (ndi(b)é).

va con su padre	o ho i túa ndibé o ndié
vienes con tu hijo	re yu nde ra'ï ndibé o ndié
llega con su abuela	o guâhê i yarïi ndibé o ndié

Ndibé o ndié, cuando se usan con los pronombres personales se escribe unida a éstos, como se vió al principio:

chendibé	têra	chendié	conmigo
nendibé	"	nendié	contigo
hendibé	"	hendié	con él
orendibé	"	orendié	con nosotros
penendibé	"	penendié	con vosotros, etc.

chendibé o mabaapó	conmigo trabaja
hendibé o karú	con él come
orendibé o ne'ê	con nosotros habla

REBÉ se usa cuando indica acompañamiento.

Vengo con mis animales	a yu che rïmbá kuera rebé
Se fué con mis ropas	o ho che aó kuera rebé
Café con leche	kaherï kambï rebé
Mazamorra con leche	kaguïyï kambï rebé.

REHEBÉ tiene significación de compañía agregada.

Se usa con los pronombres personales y corresponde escribirla unida a los mismos.

cherehebé,	nderehebé,	hesebé,	orerehebé,	penderehebé,	hesebé kuera
conmigo	contigo	con él	con nos.	con vos.	con ellos

Estamos 5 y contigo 6- roi me po, ha nderehebé poteî.
Con vosotros y conmigo ya es bastante. - Penderehebé ha cherehebé haebema.

PE, (ME), el paréntesis para las voces nasales, se usan cuando dan idea de elemento o medio o cuando en la oración castellana la preposición *con* se puede sustituir por *a*.

Él cubre la mesa con papel	Ha'e o yaho'i aripaká kuatiape.
Tú atajas con la mano	Ndé re yokó nde pope.
Ellos cortan con los dientes-	H. kuera oi kïtî hâime.
Lo rayó con la uña	O haí i kuâpême.

Yo lo hago *con* o *a* lápiz	Ché a yapó ikuatiakape
Cortado *con* o *a* cuchillo	I kïtîpï kïsépe
Ellos escriben *con* o *a* tinta-	H. kuera o ikuatiá tïraikápe.

GUI - de

gua	guaré
peguá	peguaré
reguá	reguaré
guiguá	guiguaré
heguí	chuguí

Es la posposición de mayor variación y de más amplio uso.

Tiene la significación de propiedad o pertenencia y de origen o procedencia.

Procuraremos, ante todo, dar el régimen de esta posposición en su significación de *propiedad, posesión* o *pertenencia,* para detallar luego sus formas en la de *origen* o *procedencia.*

Cuando esta posposición se usa con significado de propiedad o pertenencia, no se traduce en guaraní, significación que se obtiene con la simple inversión de los términos de la oración castellana.

Sirvan estos ejemplos:

La casa de *mi padre*- *che ru roga* *El hijo* de *tu tío*- *nde tutï ra'ï*
1 2 2 1 1 2 2 1
La cama de *su abuela* *La cara* del *niño.*
1 2 1 2

Salvando posibles observaciones que pudieran formularse a frases a estilo de los ejemplos que siguen:

casa de paja	oga kapi'i
puerta de madera	okê ïbïrá
chipa de maíz	chipá abatí

aclaramos desde ahora, que no encerrando tales frases idea de posesión o pertenencia, la no traducción de la preposición *de-gui* no es más que una omisión en el habla popular.

Son casos de *genitivo,* que expuestos con corrección y propiedad dirían así:

oga kapi'i guiguá	casa de paja
okê ïbïrá guiguá	puerta de madera
chipá abatí guiguá	chipa de maíz

GUI se usa cuando indica procedencia en unión de substantivos y adverbios.

Vengo de Corrientes	A yu Taraguigui
De lejos vengo	Mombïrïgui a yu
De hambre y sed murió	Ñembïahïi ha ïuhéigui o manó.

GUA se usa cuando indica origen de cosa o persona con idea de presente o actual y se junta con sustantivos y adverbios. Por eufonía se antepone a veces *ï.*

Nde rú Taraguiguá	Tu padre es de Corrientes (correntino)
Che sï paraguaïguá	Mi madre es de Asunción (asunceña)
Mamoïguá ko karaí	De donde es este señor
Ko karaí mombïrïguá	Este señor es de lejos
Ko apïká amoguá	Esta silla es de allá
Koïguá	De la chacra (chacarero)
Okaraïguá	De la campaña (campesino)

GUARÉ se usa cuando indica origen o procedencia con idea de pasado y se junta con adverbios:

Mamó guaré nde ahoyá	De donde es (fue) tu tapado
Araka'e guaré ko tembi'u	De cuando es (fue) esta comida
Ko mbuyapé kuehé guaré	Este pan es (fue) de ayer
Ai potá mbuyapé angé guaré-	Quiero pan de hoy (que fue)

PEGUÁ PEGUARÉ se usan cuando indican procedencia, lugar o sitio con idea de *presente* o *pasado* respectivamente y se juntan con sustantivos.

Para que se note mejor la diferencia entre ambas formas, esto es, cuando envuelve la idea de *presente* en una y de *pasado* en la otra, utilizaremos los mismos ejemplos e igual procedimiento emplearemos con reguá reguaré y guiguá-guiguaré.

PEGUÁ indica procedencia con idea de presente.

ïbá Mendoza peguá he'ê	La fruta de Mendoza es dulce
Kaaï nde pó peguá he	El mate de tus manos es rico
Ko ïkuá peguá ï i porâ	De este pozo el agua es buena

PEGUARÉ indica procedencia con idea de pasado.

ïbá Mendoza peguaré he'ê	La fruta de Mendoza (que fue) es dulce
Kaaï nde pó peguaré he	El mate de tus manos (que fue) es rico
Ko ïkuá peguaré ï i porâ	De este pozo el agua (que fue) es buena

REGUÁ Y REGUARÉ se usan cuando indican procedencia u origen con idea de *presente* y *pasado*, respectivamente, y se juntan con sustantivos y además, con el presente da idea de agregación o adhesión y con el pasado idea de desprendimiento o separación.

REGUÁ indica procedencia con idea presente y agregación.

Okê okara che roga reguá	La puerta de calle de mi casa.
Mbaeakuâ nde pó reguá	El perfume de tus manos
Inimbó nde aó reguá	El hilo de tu vestido, de tu ropa
Agué ne akâ reguá	Pelo de tu cabeza.

REGUARÉ indica procedencia con idea de pasado y de desprendimiento.

Okê okara che roga reguaré	La puerta de calle (que fue) de mi casa
Mbaeakuâ nde pó reguaré	El perfume (q'fue) de tus manos
Inimbó nde aó reguaré	El hilo (q'fue) de tu vestido
Agué ne akâ reguaré	Cabello (q'fue) de tu cabeza.

GUIGUÁ y GUIGUARÉ se usan cuando indican procedencia u origen de la materia de que está hecha una cosa, con idea de *presente* y *pasado*, respectivamente, y se juntan con sustantivos.

GUIGUÁ indica origen de la materia que compone una cosa (genitivo) con idea de presente:

Mahe'ê ïbá guiguá	Dulce (que es) de fruta
Chïrïrï tupi'a guiguá-	Tortilla (que es) de huevos
Kagì ubá guiguá	Vino (que es) de uva
Kaña eíra guiguá	Caña (que fué) de miel.

GUIGUARÉ indica origen de la materia que compone una cosa (genitivo) con idea de pasado:

Mahe'ê ïbá guiguaré	Dulce (que fue) de fruta
Chïrïrï tupi'a guiguaré-	Tortilla (que fue) de huevos
Kagì ubá guiguaré	Vino (que fue) de uva
Kaña eíra guiguaré	Caña (que fue) de miel

HEGUÍ y *CHUGUÍ* estas dos formas de la posposición gui-de se usan con los pronombres personales, *heguí* con la 1.ª y 2.ª personas y *chuguí* con la 3.ª y su escrituración debe ser unida.

cheheguí	de mí	ñandeheguí	de nosotros
ndeheguí	de ti	oreheguí	" "
chuguí	de él	pendeheguí	de vosotros
		chuguí kuera	de ellos

cheheguí oi pe'a	de mí lo quitó
ndeheguí o guerahá	de ti lo llevó
chuguí o kañï	de él se escondió
pendeheguí o kihiyé-	de vosotros teme.

Debemos consignar ahora, que algunas posposiciones como las formas GUI-de, GUÂRÁ-para y YEPEBÉ-hasta, pueden ir en la oración precedidas de otra posposición, es decir dos posposiciones seguidas, caso en que rige la segunda o sea la ubicada en último término.

GUI-de, se antepone:

ari, guï, kupé, pa'û, kótï, guârá, pebé, guibé.

apïká *ari gui* o guerahá	*De sobre* la silla lo llevó
O guenohê aondaká *guï* gui	Lo sacó *de debajo* el ropero
Okê *kupé gui* oi pe'a	*De tras* la puerta lo quitó
Che râi*pa'û gui* a nohê	*De entre* los dientes lo saqué
Nde roga *kótï gui* o u	*De hacia* tu casa vino
Mbuyapé chebe guârá gui ho'u	*Del* pan *para* mi comió
Poteî arïmá o guerekoba *pebé gui* o poí	Largan a los *de hasta* 6 años
Poteî arïmá o mbotïba *guibé gui* o poí	Largan a los *de desde* 6 años cumplidos

GUÂRÁ se antepone:

ari, guïpe, kupepe, paûme, rehé, ndibé, kótï, pebé y guibé.

ahoyá che rupá *ari guârá*	frazada *para sobre* mi cama
pïrundaó tupá *guïpe guârá*	alfombra *para bajo* la cama
oga *kupepe guârá*	*para tras* la casa
pohâ che pïsâ paûme guârá	remedio *para entre* los dedos del pie
sapatú che pï *rehé guârá*	zapatos (por) *para* (mis) pies
mandi'o so'o ka'ê *rebé guârá*	mandioca *para* con el asado
ko mitâ *chendibé guârá*	este niño (es) *para conmigo*
kuarahï resê *kótï guârá*	*para hacia* el Este
nde roga rokê *guibé guârá*	*para desde* la puerta de tu casa
nde roga robái *pebé guârá*	*para hasta* frente a tu casa

YEPEBÉ se antepone:

ari, guïpe, kupepe, paûme, rehé, ndibé, guârá, ìme, kótï, gui.

tupá *ari yepebé* o yupí	*hasta sobre* la cama subió
tupá *guïpe yepebé* o ma'ê	*hasta bajo* la cama miró
okê *kupepe yepebé* o heká	*hasta tras* la puerta lo buscó
oré *paûme yepebé* o ikó	*hasta entre* nosotros anda
taïra *rehé yepebé* o yahéi	*hasta por* su hijo se impacienta
nendidié yepebé o ikó baí	*hasta contigo* anda mal
so'o koêro *guârá yepebé* ya'u	*hasta* la carne *para* mañana comimos
karú *ìme yepebé* o mbaapó	*hasta sin* comer trabaja
nde roga *kótïo yepebé* o ma'ê	*hasta hacia* tu casa miró
imbae*gui yepebé* oi pe'a	*hasta de* lo suyo quitó

Finalizamos este trabajo presentando a manera de síntesis de las funciones de las posposiciones, cuadros de declinación de sustantivos ORDINARIOS y NASALES y de los PRONOMBRES PERSONALES, en los que se podrá apreciar en conjunto, si no la totalidad, los aspectos más importantes y usuales, sus variaciones y ortografía y al mismo tiempo las variaciones o cambios que sufren los pronombres personales EL, ELLOS y VOSOTROS bajo el régimen de los mismos.

DECLINACION DE UN NOMBRE SUSTANTIVO

Ordinario: apïká- silla		*Nasal:* okê- puerta
apïká ari	sobre	okê ari
apïká kotïkótï	contra	okê kotïkótï
apïkáguï o apïká guïpe	bajo	okêguï o okê guïpe
apïká kupé o kupepe	tras	okê kupé o kupepe
apïká pa'û o paûme	entre	okê pa'û o paûme
apïkaì o apïká ìme	sin	okêì o okê ìme
apïká guibé o guié	desde	okê guibé o guié
apïká kótï o kótïo	hacia	okêngotï o okéngotïo
apïkápe	a	okême
apïkápe	en	okême
apïká pebé	hasta	okê mebé
apïkáre o apïká rehé	por	okêre o okê rehé
apïká peguârá	para	okê meguârá
apïká rebé	con	okê rebé
apïkágui	de	okêgui

DECLINACION DE LOS PRONOMBRES *YO TU* y *NOSOTROS*
CHE NDE ÑANDE ha ORÊ

DECLINACION DEL PRONOMBRE *VOSOTROS*
PEÊ

CHE NDE ÑANDE ha ORÊ		PEÊ
che ari	sobre	pendé ari
che kotïkótï	contra	pendé kotïkótï
che guïpe	bajo	pendé guïpe
che kupé o kupepe	tras	pendé kupé o kupepe
che pa'û o peûme	entre	pené pa'û o paûme
che ìme o cherehei	sin	peê ìme o penderehei
che guibé o guié	desde	peê guibé o guié
che kótï o kótïo	hacia	peéngotï o peéngotïo
chebe	a	peême
che pïpé	en	pendé pïpé
che pebé	hasta	peê mebé
cherehé	por	pendereché
chebeguârá	para	peemeguârá
chendibé o chendié	con	penendibé o penendié
cheheguí	de	pendeheguí

DECLINACION DEL PRONOMBRE *EL*
HA'E

DECLINACION DEL PRONOMBRE *ELLOS*
HA'E KUERA

HA'E		HA'E KUERA
hi ari	sobre-	hi ari kuera
ha'e kotïkótï	contra-	h. k. kotïkótï
i guïpe	bajo-	i guïpe kuera
i kupepe	tras-	i kupepe kuera
i paûme	entre-	i paûme kuera
ha'e ìme o heseì	sin-	h. k. ìm eo heseìnguéra
ha'e guibé o guié	desde-	h.k. guibé o guié
ha'e kótï o kótïo	hacia-	h. k. kótï o kótïo
chupé	a-	chupé kuera
i pïpé	en-	i pïpé kuera
ha'e pebé	hasta-	h. k. pebé
hesé	por-	hesé kuera
chupeguârá	para-	chupeguarânguéra
hendibé o hendié	con-	hendibé kuera
chuguí	de-	chuguí kuera

La acentuación del vocablo guaraní

POR EL PROF. EDUARDO SAGUIER

Acento es el sonido mayor con que se pronuncia determinada sílaba de una palabra y que se marca en la escritura con el signo respectivo ('), primando en guaraní sobre todos los demás signos fonéticos que se encontraren en el cuerpo de la misma.

En términos generales se puede expresar que en nuestro idioma todas las palabras llevan si no un acento ortográfico, un signo fonético y es frecuente hallar alguna con todas sus sílabasa signadas.

Los signos fonéticos que propiciamos son: el acento circunflejo ê, este mismo acento invertido y la marca de la ñ. (1)

El primero se utiliza para indicar el sonido nasal que le corresponde a la vocal sobre la cual va colocada: perô-pelado; el segundo, ï el sonido gutural: ïbï-tierra y el tercero, ì el sonido nasogutural: petì-tabaco.

Estos signos no son acentos sino como en el griego "espíritus", simples timbres necesarios para marcar o señalar los sonidos que caracterizan la fonética guaraní.

La condición o tendencia agudizante del guaraní es razón para que lleven acento ortográfico la enorme mayoría de sus vocablos y como ya se expresó, es frecuente hallar palabras con todas sus sílabas signadas: â-alma; kâ-hueso, seco; ïbï-tierra; kïbô-aquí; pïtïbô-ayudar; yïrïbïtïi-papada; las que deben llevar además, según corresponda, en una de sus sílabas el acento ortográfico, produciéndose así la superposición de signos sobre una misma vocal, inconveniente que se desea evitar.

Con el fin de evitarlo se asigna a los signos fonéticos adoptados

(1) Por no disponer del signo circunflejo invertido y del tilde de la ñ, nos vemos obligados a reemplazarlos en este trabajo, el primero por la diéresis, y el segundo por el acento grave del francés. — *(Nota de la Dirección).*

(â - ï - à) la función del acento ortográfico cuando alguno de ellos ocupe el lugar de éste. Ej.:

En palabras agudas: tabï-tonto; pïtâ-rojo; potî-limpio; peteî-uno.
En palabras graves: tibïra-hermano; taïra-hijo; teindïra-hermana.
En palabras esdrújulas: koêramo-mañana; aniìramo-sino.

No prodigar, en cuanto sea posible, el uso de los signos y evitar la superposición de éstos con el acento, superposición que apareja el grave inconveniente de no existir como tipo de imprenta sino en una o dos casas impresoras, es uno de los propósitos en que se funda estas reglas.

Téngase presente la capacidad del sonido nasal de pasar su propio timbre a la vocal que le precede y a la que le sigue.

En cuanto al apóstrofo cuya función específica en la ortografía castellana es conocida, se la adopta no como signo fonético sino para señalar con él una característica en la pronunciación de las palabras agudas terminadas en dos vocales, que requiere una pausa previa o suspensión prosódica antes de emitir la vocal final acentuada:

ka'a-yerba, mba'e-cosa; pï'a-estómago; kï'a-sucio; angu'a-mortero.

En esta función el apóstrofo cumple indirectamente la del acento ortográfico, pues al separar y unir a un tiempo las dos vocales finales hace innecesario la acentuación de la vocal final, que de escribirse sin su concurso fuera de rigor usar: kaá, kué, kaí, kïá, pïá.

Con estas aclaraciones serán comprensibles las reglas que formulamos.

Hay palabras con acento ortográfico y sin él.

Las sin acento y signos son pocas en guaraní:

ara	día	ayura	cuello	yara	dueño	apira	cuero cabelludo
aba	cabello	taba	pueblo	kaba	avispa	tera	nombre
oga	casa	koga	sembrado	mboenara	maestro		
agui	de aquí	pegui	de ahí	upegui	de ahí	amogui	de allí
koba	este	peba	ese	upeba	ese	amoba	aquel
koicha	como este	peicha	como ese	upeicha	como ese	amoicha	como aquel
ape	aquí	pepe	ahí	upepe	ahí		

Las palabras con acento se clasifican en:

AGUDAS, GRAVES o LLANAS, ESDRUJULAS y SOBRE-ESDRUJULAS.

AGUDAS

En guaraní la mayoría de los vocablos son agudos y todos terminan en vocal. Por tanto, las palabras agudas en guaraní llevan acento ortográfico: mboká-fusil; peré-cicatriz; taguató-halcón; pukú-largo.

Las palabras agudas que llevan signo fonético en su última sílaba no requieren el acento escrito, pues aquellos cumplen la función de éste y se evita así la superposición de signos:

porâ-lindo; karê-rengo; mokô-tragar; kû-lengua; potî-limpio; apï-extremo.

Cuando la palabra tiene dos, tres, o todas sus sílabas con signos fonéticos, la acentuación debe cargar en la última sílaba signada:

Pïtïbô-ayudar; tïrïrï-arrastrar; pïrïrìi-girar.

Cuando entre las sílabas signadas hay alguna con acento escrito, priva siempre éste:

ïbïtú-viento; ïbïrá-madera; yatïtá-caracol.

GRAVES

Forman parte de este grupo las palabras que no llevan acento o signo, que se han dado al principio.

Llevan acento ortográfico las palabras graves que teniendo signo fonético no está él ubicado en su penúltima sílaba:

tâimbíra-encía; kótïo-hacia; ïbága-cielo; ïgaba-barco.

No requiere acento escrito la palabra grave que lleva signo fonético en su penúltima sílaba, para evitar la superposición y porque el signo ya cumple la función del acento:

apïra-extremo; apïri-en ancas; atïra-montón; pïra-crudo; ïba-asa; têra-o,u; taïra-hijo del padre; tayïra-hija del padre, etc.

ESDRUJULAS

Son pocas y la mayoría son palabras compuestas:

árupi	por aquí	kórúpi	por aquí
amórupi	por allá	opárupi	por todas partes
ákotïo	hacia aquí	pékotïo	hacia ahí
kïbóngotï	hacia acá	opákotï	hacia todas partes
máramo	nunca	upéramo	entonces
koêramo	mañana	anììramo	o sino
yepotaìramo	si no se quiere		
porâbéntema	ya más lindo		

pérupi	por ahí	upérupi	por ahí
upékotïo	hacia ahí	amóngokïo	hacia allá
aipóramo	entonces		

yeyapoìramo	si no se hace
porâitebéntema ya	mucho más lindo

SOBREESDRUJULAS

Se encuentran por excepción:

mbaebéicharamo	—de ninguna manera; en forma alguna
upéicharamo	—si es así
máichamoipo	—cómo será
mbaéichatamo	—cómo sería; cómo habría

Las palabras agudas terminadas en diptongo se acentúan en su vocal fuerte o en la primera si las dos son débiles:

amandáu	*karâu*	*tai*	*tâi*	*tï'âi*	*tï'ai*	*tobái*	*mombáï*
granizo	karáu	picante	diente	gancho	sudor	en frente	despertar

peu o mbeu	*heréi*	*yohéi*	*na i karêi*
pus	lamer	lavar	no es curvo

henói	*temói*	*mokôi*	*no mokôi*	*na i ñapobôi*
llamar	comezón	dos	no traga	no es gomoso

kïguá	*koïguá*	*yaguá*	*i ñakuâ*	*meguá*
peine	chacarero	perro	es veloz	abolladura

togué	*ambué*	*agué*	*mbogué*
hoja	otro	pelo	apagar

tïyúi	*pïkúi*	*nda hakúi*	*ña i ñapekûi*	*na i ñápïtu'ûi*
espuma	tostar	no es caliente	no tiene paladar	no tiene seso

tuguï	*mbohuguï*	*ïbïguï*	*mboïbïguï*
sangre	sangrar	bajo tierra	poner bajo tierra

robiá	*mbïekobiá*	*mombiá*	*piá*
creer	reemplazar	ladear, salirse del camino	salirse del camino

sarapîu	*yïkïi*	*yarïi*	*pohïi*
sarampión	desgranar	abuela	pesado

ambïu	*taìi*	*tatapìi*	*apesìi*
moco	semilla	carbón	superficie lisa

Las palabras agudas terminadas en vocal que no sean *i* o *î*, cuando se usan en forma negativa, conservan su acento por cuanto se reproduce la regla anterior al formarse diptongo con la agregación de la partícula negativa final *i*:

tá	*nda hetái*	akâ	*na i ñakâi*	hatâ	*na hatâi*
	no es mucho		no tiene cabeza		no es fuerte o duro
ré	*nda i peréi*	karê	*na i karêi*	tapé	*nda hapéi*
	no t. cicatriz		no es curvo		no tiene camino
pó	*ndo yapói*	mombó	*no mombói*	tapó	*nda ha hapói*
	no hace		no arroja		no tiene raíz
kú	*nda i pukúi*	asú	*nda i yasúi*	kesú	*nda i kesúi*
	no es largo		no es zurdo		no tiene queso
pï	*nda hepïi*	yopï	*ndo yopïi*	mbïkï	*na mbïkïi*
	no es caro		no aprieta		no es corto

Las palabras agudas terminadas en *i* o *ï*, cuando se usan en forma negativa, se agregan "ri" en lugar de "i", debiendo suprimírseles el acento ortográfico, no el fonético si lo tuviere, al convertirse con la nueva sílaba en una palabra grave, a menos de que tenga alguna con signo:

abatí	nda i yabatiri	*morotî*	na i morotîri
maíz		blanco	
ambopí	na i ñambopiri	*pererî*	na i pererîri
flecos			
mandubí	na i mandubiri	*tatatî*	na hatarîri
maní		humo	
topebí	nda hopepiri	*tatî*	na hatîri
párpados		espina	
nambí	na i nambiri	*kïtî*	nai kïtîri
oreja		cortar	
mimbí	na mimbiri	*ñapïmí*	na ñapïmîri
brillar		zambullir	

La regla que precede alcanza y es de exacta aplicación a las palabras agudas terminadas en diptongo, es decir, que pierden el acento escrito al convertirse en voz grave con la agregación de la partícula *ri* a menos de que tenga alguna de sus sílabas signada, caso en que lo conservará:

yohéi	*ndo yoheiri*	*henói*	no *henoiri*
lavar	no lava	llamar	no llama
tïyúi	*nda hïyúiri*	*temói*	*na hemoiri*
espuma	no t. espuma	comezón	no tiene comezón
pohïi	*nda i pohïiri*	*yïkïi*	*ndo yikiiri*
pesado	no es pesado	desgranar	no desgrana
tai	*nda i tairi*	*tâi*	*na hâiri*
picante	no es picante	diente	no t. diente
tatapìi	*na hatapìiri*	*taìi*	*na haìiri*
carbón	no t. carbón	semilla	no t. semilla

Las palabras agudas terminadas en dos vocales con "i" final acentuada, cuando se usan en forma negativa, conservan su acento ortográfico no obstante el carácter de grave que adquieren con la agre-

gación de la partícula negativa final "ri", a fin de evitar cambio o pérdida de su significación:

poí	*ndo poíri*	*haí*	*ndo ahíri*
largar	no larga	rayar	no raya
ayuí	*nda i yayuíri*	*andaí*	*na i ñandaíri*
laurel	no tiene laurel	calabaza	no tiene calabaza

Las palabras agudas terminadas en dos vocales con las pronunciación característica guaraní de la pausa previa para la emisión de la vocal final acentuada, pausa que se marca con el apóstrofo, conserva su escrituración especial cuando se usa en la forma negativa:

ma'ê	*na ma'êi*	*po'i*	*nda po'iri*
mirar	no mira	largar	no larga
tu'û	*na hu'ûi*	*te'ô*	*na he'ôi*
blando	no es blando	humedad	no está húmedo
to'o	*nda ho'oi*	*so'o*	*nda i so'oi*
carne	no tiene carne	carne	no tiene carne
kapi'i	*nda i kapi'iri*	*ati'ï*	*nda i yati'ïi*
paja	no tiene paja	hombro	no tiene hombro
kï'a	*nda i kï'ai*	*kïpï'ï*	*nda i kïpï'ïi*
sucio	no es sucio	hermana	no es su hermana
pe'î	*na i pe'îri*	*cha'î*	*na i cha'îri*
angosto	no es angosto	arrugado	no está arrugado

Corresponde acentuar los verbos monosilábicos del 3er. grupo: a-caer, u-comer y e-decir, en todos los tiempos y personas y en las dos formas de conjugación, afirmativa y negativa.

La ausencia total de sinalefa entre las desinencias verbales y la raíz del verbo que es vocal, exige que su escrituración se haga como si fueran palabras agudas terminadas en dos vocales con la pausa que se marca con el apóstrofo, grafiando así su fonética especial:

ché	ha'a	ché	ha'u	ché	ha'e
ndé	re'a	ndé	re'u	ndé	e re
ha'e	ho'a	ha'e	ho'u	ha'e	he'i
ñ.	ya'a	ñ.	ya'u	ñ.	ya'e
o.	ro'a	o.	ro'u	o.	ro'e
p.	pe'a	p.	pe'u	p.	pe ye
hk.	ho'a	hk.	ho'u	hk.	he'i

ché	nda'ai	ché	nda'ui	ché	nda'ei
ndé	nde re'ai	ndé	nde re'ui	ndé	nde rei
ha'e	ndo'ai	ha'e	ndo'ui	ha'e	nde'iri
n.	nda ya'ai	ñ.	nda ya'ui	ñ.	nda ya'ei
o.	ndo ro'ai	o.	ndo ro'ui	o.	ndo ro'ei
p.	nda pe'ai	p.	nda pe'ui	p.	nda pe yei
hk.	ndo'ai	hk.	ndo'ui	hk.	nde'iri

LOS MONOSILABOS

Los monosílabos no requieren acento escrito a menos que aparezcan dos o más de igual forma pero con diferente función gramatical. En guaraní abundan los monosílabos de esta clase.

El verbo mosílabo se identifica fácilmente por la presencia de las desinencias verbales por lo que resulta innecesaria en ellos la función diacrítica del acento, correspondiendo por tanto utilizarlo en los otros monosílabos.

yú	sustantivo	*yu*	verbo		
aguja					
pú	sustantivo	*pu*	verbo		
sonido		reventar			
pó	sustantivo	*po*	verbo		
mano		saltar			
rú	sustantivo	*ru*	verbo		
padre		traer			
pá	sustantivo	*pa*	partic. interrog.		
fin, todo		(?)			
hé	adjetivo	*he*	desinencia verbal		
sabroso		. . .			
í	adjetivo	*i*	adjetivo posesivo		
chico		su			
ché	pron. pers.	*che*	adjetivo posesivo		
yo		mi			
ndé	pron. pers.	*nde*	adjetivo posesivo	*nde*	negat. 2.ª pers.
tú		tu		no	
pé	adjetivo	*pe*	adjet. demostrat.	*pe*	preposición
plano		ese		a, en	
né	adjetivo	*ne*	negat. nasal	*ne*	característica del
fétido		. . .		. . .	futuro imperf.
		ne	adj. poses. nasal		Indicativo
		su			

DEL TRIPTONGO

La acentuación del triptongo cae sobre la vocal fuerte, variando la ubicación de acuerdo con la fonética y significación del vocablo cuando está formado por tres vocales débiles.

El triptongo por excelencia es *uai,* como en:

Paraguái, Uruguái, tuguái
Paraguay Uruguay cola

Las otras estructuras de triptongos surgen del uso en forma negativa de algunas palabras terminadas en diptongo, como se verá en los ejemplos que siguen:

uái

Paraguái	*Uruguái*	*tuguái*	*yokuái*	*yokuaipï*	*tembiguái*
Paraguay	Uruguay	cola	mandar	mandato	mandadero
guâimí	*tekuâi*	*kuâitára*			
vieja	gobernar	gobernador			
no mboguái	*ndo yoguái*	*ndo yoguái*	*ndo yokuái*	*nda i yïbïkuái*	
no cierne	no compra	no parece	no ata	no tiene pozo	
nda i kïguái	*nda huguái*	*nda i kuái*	*nda i yaguái*	*no mboyeguái*	
no t. peine	no t. fondo	no t. agujero	no tiene perro	no adorna	
na i kuâi	*na i ñakuâi*	*na hakuâi*			
no t. dedo	no es veloz	no t. perfume			

uéi

nda haguéi	*nda hoguéi*	*nda hikuéi*	*na i kanguéi*	*no mboguéi*
no t. pelo	no t. hoja	no t. líquido	no t. hueso	no apaga

uïi

nda huguïi no sangra

uìi

aguìi cerca

iái

nda robiái	*na mbïekobiái*	*na mombiái*
no creo	no lo reemplazo	no hago salir del camino

ïéi

nda hïéi no tiene vientre

ïui

na i ñambïui no tiene moco

MOVIMIENTO DEL ACENTO

En guaraní al formarse los vocablos compuestos el movimiento del acento es de avance conforme a su propia naturaleza agudizante que impide o dificulta la formación de los esdrújulos.
koêramo*ité*

koêramo	mañana	kïbóngotïo	hacia acá
koêramo*ité*	próximamente	kïbongotïo*bé*	más hacia acá
máramo	nunca	araka'e	cuando
maramo*bé*	jamás	arakae*bé*	nunca

Estos ejemplos prueban que a medida que se agregan partículas compositivas, el acento se transporta sobre éstas formando por excelencia los agudos.

Las palabras agudas al componerse ceden o hacen avanzar frecuentemente su acento a la partícula compositiva final.

kuehé	ayer	porâ	lindo
kuehe*bé*	días pasados	pora*bé*	más lindo
tesá	ojo	porâ*ité*	muy lindo
tesa*tû*	tuerto	porâ*itebé*	mucho más lindo
mba'e	cosa	porâ*iterei*	lindísimo
mbae*bé*	nada	porâ*itereibé*	muy lindísimo

En castellano se observa en este punto un fenómeno contrario.

El movimiento del acento es de retroceso y al formarse las palabras surgen fácilmente las palabras esdrújulas y sobreesdrújulas:

pegó; pegóse; péguese; péguesele.

CUADRO DE LA ACENTUACION DEL VOCABLO GUARANI

Voces sin acento ni signo			aba, ayura, apira, ara, kaba, koga, oga, taba, tera, yara, ape, pepe, upepe, agui, pegui, upegui, amogui, koba, peba, upeba, amoba, koicha, peicha, upeicha, amoicha, piririta, mañandara, mboehara, nupahara, yukahara.
con acento o signo	agudas	con signos: nasal	porâ, karê
		gutural . . .	yatï, kïbï
		nasogutural .	petì, ñotì
		con acento ortográfico .	pará, peré, pirí, pokó, pukú
	graves o llanas	con signos: nasal	têra, koêma, morotîba, hûba, hâtâba
		gutural . . .	taïra, tayïra, apïra, mbobïma
		nasogutural .	karuìme, ogaìme, tembiapoìme
		con acento ortográfico .	ïbága, ïkére, tïkéra, pïtâmíba
	esdrújulas	con signos: nasal	koéramo, heêramo, morotîramo, hûramo
		gutural . . .	hasïramo, hembïmiba, hobïntema
		nasogutural .	aniìramo, mokôìramo
		con acento ortográfico .	máramo, upéramo, aipóramo, amórupi
	sobre esdrújulas	con acento ortográfico solamente . .	mbaebéicharamo, upéicharamo mbaéichatamo, kóicharamo máichamopo
	Movimiento del acento	En guaraní . de avance .	máramo-maramobé, kuehé-kuehebé ïkére-ïkereté, koêramo-koêramoité
		En español . de retroceso	pegó, pegóse, péguese, péguesele

Alfabeto - Grafía - Gramática guaraníes

Por el Prof. I. Mario Flores

(Presidente Provisorio de la Academia Correntina del Idioma Guaraní, y Profesor de la Lengua en el Instituto de la Academia)

(APORTE AL CONGRESO DEL IDIOMA GUARANI DE MONTEVIDEO)

Este trabajo contiene gran parte de los principios y las reglas sustentados por la ACADEMIA CORRENTINA DEL IDIOMA GUARANI.

Las cuestiones sobre las cuales la Academia no se ha pronunciado aún, sólo tienen el respaldo de mi opinión personal. Por consiguiente, en cada caso y cuando se trate de puntos que merecieron ya el pronunciamiento de la Academia, se hará constar esa circunstancia, entre paréntesis (Acad.).

La primera cuestión que hubimos de resolver fué la representación de la *sexta vocal gutural*, que es fonema predominante en guaraní. Concluímos por admitir este signo: ï, que desde luego es convencional. (1) Mas, he aquí las razones que tuvimos para adoptarlo:

1.º — Es signo simple y fácil de trazar. La figura l se convierte en i con la tilde; en t con la rayita cruzada, en j, en l, etc. Con la tilde, — se convierte en ï = vocal gutural.

2.º — Este signo elimina definitivamente a la y, que produce confusión y dificultad en la escritura, como en la voz kabyyy = mazamorra. La nueva letra da kabïyï, puesto que la y pasa a ser exclusivamente consonante.

(1) Por no tener el signo señalado por el autor, el acento circunflejo invertido, fué necesario sustituirlo por la diéresis, y el tilde de la ñ para el sonido nasogutural por el acento grave del francés.

3.º — En consecuencia, las vocales son: a, e, i, o, u, ï. Pero sabemos que las vocales pueden estar afectadas por varios timbres: son nasales y naso-guturales.

Para el timbre nasal, adoptamos el signo ya conocido, el circunflejo â,— que en la lengua francesa desempeña la misma función: â, ê, î, ô, û. No creímos necesario aquí crear un signo nuevo. Para representar el sonido nasogutural, adoptamos el acento grave del francés. Así *amirìi, amiïramo,* etc.

CONSONANTES. — Respecto de esta cuestión, buscamos la línea fácil, simplificando el alfabeto y excluyendo los fonemas que no pertenecen al guaraní. De acuerdo con este criterio, establecimos las siguientes bases:

1.º — Eliminamos la v, y la sustituímos en todos los casos por la b, que por su carácter más explosivo parece que se aviene mejor con la índole del idioma. Este temperamento permitirá unificar la grafía, en este particular. Claro es que el mismo resultado se obtendría adoptando solamente la v, pero de ser así nos hallaríamos con el fenómeno inusitado de crear estos fonemas raros: mvo, mve, mvi, etc., en lugar de los conocidos mbo, mbe, mbi, etc.

2.º — Eliminamos la c y la q en los sonidos ca, co, cu, que, qui, y adoptamos exclusivamente la k. De este modo tenemos ka, ke, ki, ko, ku, kï. La escritura resulta enormemente simplificada. Y cabe agregar como dato ilustrativo que en el castellano mismo alguno de esos sonidos está demás.

3. — La y (ye) desempeña función exclusiva de consonante, como ya lo dejamos dicho.

4.º — La h, según nuestro sistema, es la consonante espirada (aspirada, como vulgarmente se dice, y mal). Ella elimina los fonemas usuales jha ja, y la consiguiente anarquía con que escriben los escritores del guaraní.

5.º — La s sustituye en todos los casos de sonidos suaves a la c y la z. No habrá ya ce, ci, za, zo, etc., sino sa, se, si, so, su, sï.

Hemos entendido que esta simplificación favorece la unidad de la escritura, y al mismo castellano en América le haría falta esa poda.

Lo importante, para nosotros, era traducir con fidelidad los sonidos del guaraní con el menor número posible de signos.

6.º — Eliminamos del alfabeto los sonidos f, j, l, ll, rr, x, que no posee el guaraní (Acad.).

ALFABETO. — En consecuencia de la precedente discriminación, al alfabeto guaraní se compondría de seis vocales: a, e, i, o, u, ï y de 15 consonantes: b, ch, d, g, h, k, m, mb, n, nd, ñ, p, r, s, t.

Queda entendido que, a nuestro juicio, son indispensables las consonantes compuestas mb, nd. Quizá falte agregar ng = ngaú; pero la Acad. no la incluyó en razón de ser escasísimas las voces que contienen dicho fonema.

NOTA: Respecto del signo gutural, hay otra razón práctica que aconseja su adopción, y es que ese signo o letra existe en algunas lenguas eslavas y en esta ciudad hay una casa impresora que la tiene, de modo que se podría editar un libro en guaraní con la grafía completa que adoptamos.

Desde luego hay que eliminar el signo ï con que algunos escritores representan la vocal gutural, debido a imposibilidades de las imprentas para reproducir la ï. Como sabemos, la diéresis tiene dentro de la gramática, y de los sistemas linguísticos más comunes, una función específica que consiste en dar vida propia a la vocal que lo lleva, como en cigüeña. Y dentro del idioma guaraní tenemos necesidad de usar la diéresis para análoga función, como se verá más adelante.

OBSERVACION. — Como se ha expresado, debemos adoptar en este trabajo la diéresis por no existir en la impresora el signo circunflejo invertido.

PROSODIA. — En base al alfabeto precedente, puede desarrollarse el estudio y composición de la prosodia. No se presentan mayores dificultades, pues bastará seguir los esquemas conocidos.

Sin embargo, conviene tener presente que en la lengua guaraní no hay más artículos que el indefinido teî, peteî - =un, una, el cual es también adjetivo numeral: UNO.

En consecuencia, debe establecerse los modos de la declinación, para lo cual habrá que conocer las *posposiciones* correspondientes.

Nom.	abá	el hombre
Gen.	abagui	del hombre
Dat.	abape guarâ	para el hombre
Acus.	abape	al hombre, en el
Ablat.	abandi, abare, etc.	con, por el hombre

Del pronombre ché:

Nom.	ché	yo
Gen.	chegui	de mi

Dat.	chebe guarâ	para mi
Acus.	chebe	a mi, en mi
Ablat.	che rehé, che rehebé	por, conmigo, etc.

EL VERBO. — Para nosotros (Acad.) el verbo en su conjugación está precedido por dos pronombres, o un pronombre personal y una partícula pronominal conjugativa.

Ej. ché a karú = yo como.

ché es el pronombre; a la partícula pronominal.

Como es sabido, en la conjugación se puede prescindir del primer pronombre, pero no del segundo.

Parece que la existencia de estos dos pronombres fuera una singularidad muy notable de la lengua.

Algunos estiman que lo que llamamos aquí *partícula pronominal* no es sino la desinencia del verbo, pero que al revés del castellano, en guaraní la desinencia está antepuesta. En castellamos tenemos:

yo am--o
tú am--as
él --a,etc

Las desinencias propias de cada persona, que se agregan a la raíz *AM* son *o, as, a,* etc.

No aceptamos este criterio, porque advertimos que en la conjugación negativa tales presuntas desinencias se pierden, lo que no debería ocurrir si tuvieran esa índole. Ej.

nda karúi	no como
nde re karúi	no comes, etc

¿Dónde han ido las desinencias? En cambio, es evidente que la partícula pronominal ha sido sustituída por las negaciones de primera y segunda persona, nda, nde re, como se ve en el ejemplo.

De conformidad con estos puntos de vista, los verbos en guaraní pueden clasificarse en cuatro grupos. (Este descubrimiento de nuestros académicos, consideramos de fundamental importancia dentro de los estudios del idioma).

Primer grupo. — Los que se conjugan con las partículas pronominales: a, re, o, ya, ro, pe, o.

Paradigma: yuká, a yuká = matar

a yuká	yo mato
re yuká	
o yuká	
ya yuká	
ro yuká	
pe yuká	
haekuera o yuká	ellos matan.

Pertenecen a este grupo. entre otros:

karú, a karú	comer
yoó, a yoó	cavar
guahê, a guahê	llegar
yu, a yu	venir
ke, a ke	dormir
paï, a paï	despertarse
kañï, a kañï	perderse
ñaní, a ñaní	correr
moñá, a moñá	perseguir, etc.

NOTA: Hemos establecido designar los verbos por su infinitivo y la primera persona del singular, a fin de individualizarlos fácilmente para su conjugación. Tal facilidad adquiere importancia decisiva en los cursos de enseñanza del idioma.

Segundo grupo. — Los que exigen las partículas pronominales ai, rei, oi, yai, roi, pei, oi.

Paradigma: suú, ai suú - morder.

ai suú	yo muerdo
re suú	
oi suú	
yai suú	
roi suú	
pei suú	
haekuera oi suú	ellos muerden

Pertenecen a este grupo, entre otros:

ke, ai ke	entrar
ko, ai ko	andar, existir
kobé, ai kobé	vivir
me, ai me	estar, haber

potá, ai potá	querer
pïhï, ai pïhï	agarrar
poká, ai poká	torcer, etc.

Tercer grupo. — Irregulares, que se conjugan con las partículas pronominales: ha, re, ho, ya, ro, pe, ho. Como puede verse, la primera y tercera persona admiten la h.

Paradigma: a, ha a - caer.

ha a	yo caigo
re a	
ho a	
ya a	
ro a	
pe a	
haekuera ho a	ellos caen

Pertenecen a este grupo:

e, ha e	decir
u, ha u	comer
ïu, ha ïu	beber

Cuarto grupo. — Se conjugan con el pronombre personal directo: ché, ndé, i, ñandé, oré, pendé, i.

Paradigma: kaneó, che kaneó - cansarse.

ché che kaneó	yo me canso
ndé ne kaneó	
haé i kaneó	
ñandé ña ne kaneó	
oré o re kaneó	
pendé pe ne kaneó	
haekuera i kaneó	ellos se cansan

Pertenecen a este grupo: rasï, che rasï - enfermarse; ahéi, che ahéi - aburrirse, etc.

Este grupo ofrece varias irregularidades que sería largo enumerar, pero basta conjugar alguno de ellos para advertir aquéllas y consignarlas prolijamente en la gramática.

MODOS Y TIEMPOS DE LOS VERBOS

Con referencia a los modos y los tiempos de los verbos, consignamos los que siguen:

Indicativo, Imperativo, Subjuntivo, Condicional, Infinitivo y Participios.

El modo indicativo tiene los siguientes tiempos: yuká, a yuká - matar.

Presente	a yuká	yo mato
Pret. inmediato	a yukáma	ya maté, ya he matado
Pret. inperf.	a yuká nipó raé	había matado
Fut. imperf.	a yukáne	mataré
Fut. perfecto	a yukáne raé	habré matado
Fut. inminente	a yukáta, yukápota	voy a matar
Fut. más que inmin.	a yukátama, yukápotama	ya voy a matar
Fuf. indefectible	a yuká baerâ	debo matar

Imperativo:

e yuká ndé	mata tú
to yuká haé	mate él, etc.

Subjuntivo:

Presente	ta yuká	yo mate
	te re yuká	tú mates, etc.
Pret.	a yukáramo	si matara, matase

Condicional:

a yukáro	si mato, si matare

Infinitivo:

Presente	yuká	matar
Pasado	yukába kué	que fué muerto
Infin. de infinitivo	yuká sé	querer matar
Futuro	yuká baerâ	tener que matar
Gerundio	yukábo	
Gerund. en acción	yuká aína	estar matando

Como se podrá advertir, no están consignados todos los tiempos posibles, sino únicamente algunas características que podrían servir de guía para la redacción de un cuadro completo de la conjugación.

Es importante destacar la cantidad de grados que tiene el *futuro* como asimismo los dos grados del gerundio.

En cuanto los modos *permisivo, relativo* y *recíproco* que consignan algunas gramáticas antiguas, pensamos que son inoficiosos y faltos de fundamento. Existen, sin duda, formas reflexivas y recíprocas en la flexión de los verbos, pero en manera alguna serían modos.

PARTICIPIOS. — Consideramos dos clases: unos preceden al verbo y otros le suceden.

Los primeros son temi, tembi, como en temimboé - el enseñado, o sea el discípulo.

A los segundos pertenecen pï, pïré, pïrâ, como en mboepï, mboepïré, mboepïrâ, que expresan respectivamente: lo enseñado, el enseñado y los que serán enseñados.

Ambos participios pueden acoplarse simultáneamente al verbo, y así podemos tener: temimboépï - lo enseñado a los discípulos, que son los enseñados.

ADJETIVOS Y ADVERBIOS. — No ofrecen dificultades. Los adjetivos poseen sus términos positivos, comparativos y superlativos, además de los calificativos y demostrativos.

En cuanto a los adjetivos numerales (o sistema de numeración) nos remitimos al trabajo de nuestro compañero don Eduardo Saguier, miembro también de la Academia Correntina del Idioma Guaraní.

POSPOSICIONES. — Hasta ahora todos los escritores de guaraní, y especialmente los que han bosquejado algunas gramáticas, han seguido llamando *preposiciones* a las *posposiciones* guaraníticas. Opinamos que debe abandonarse de una vez aquella denominación falsa; el guaraní sólo tiene *posposiciones*, separables unas e inseparables otras, aunque no es fácil marcar el límite de cada especie, porque los escritores las usan arbitrariamente, bajo la tendencia perniciosa de aglutinar las palabras.

Precisamente este punto —tendencia a aglutinar— debería llamar poderosamente la atención del Congreso y de los estudiosos de la lengua. La aglutinación indebida hace perder flexibilidad al idioma y hace incurrir en el error de afirmar que la lengua guaraní es aglutinante. Mi opinión es contraria a esta tesis.

ESCRITURA DE LOS PRONOMBRES

En la escritura de los pronombres hay una verdadera anarquía y una confusión tan grande, que el Congreso prestaría un gran servicio si pudiera determinar algunas reglas a su respecto. Veamos.

Pronombres personales: ché, ndé, haé, ñandé, orẽ́, pendé, haekuera, que deberían ir acentuados.

Pronombres posesivos: che roga, nde roga, hoga, ñande roga, ore roga, pende roga, hohakuera (mi casa, tu casa, la casa de él, nuestra casa, vuestra casa, la casa de ellos). Sin acento.

Estas mismas voces equivalen al dativo ME, TE, etc., en cuyo caso la escritura debería ser:

che reyá	me deja
nde reyá	te deja
o heyá	lo deja
ña nde reyá	nos deja
pe nde reyá	os deja
haekuera o heyá	los dejan

De esta manera, a mi juicio, quedan individualizados los oficios.

ACENTOS. — También en este punto ha reinado el discrecionalismo. Nuestra Academia ha estudiado el tema de los acentos durante un año y medio, y ha llegado finalmente a formular las reglas que siguen, y cuya aprobación se propone al Congreso.

Primera regla: Toda palabra aguda que termina en timbre fonético (nasal o gutural) no lleva acento ortográfico. El signo fonético hace la función del acento ortográfico:

Ej. potï
koê

Segunda regla: La palabra aguda que no termine en signo fonético, llevará el acento ortográfico:

Ej. kaá-topé, topepí-kïyá-ñakurutú, etc.

Tercera regla: No siendo la palabra aguda, el acento ortográfico en la última sílaba con signo fonético:

Ej. ïbïre-koêro-

Cuarta regla: Las palabras esdrújulas se acentuarán ortográficamente, si en la antepenúltima sílaba no tuviera signo fonético:

Ej. koêramo
upéramo

El objeto de estas reglas, aparte de que tienden a uniformar la escritura, es el de evitar en la acentuación la *superposición de signos*, como ocurriría si adoptásemos las reglas del castellano. Tal superposición es dificultad que se agrega, aparte de la imposibilidad de contar con la tipografía adecuada para impresiones correctas.

Algunos han pensado que siendo predominantes en guaraní las voces agudas —es una de sus características— las reglas se podrían simplificar desterrando el acento ortográfico de la mayor parte de los casos. Con tal criterio resultaría sólo acentuadas las menos, las que no son agudas.

En principio, el fundamento es muy atendible. Pero la adopción de ese criterio habría significado perturbar nuestra estructura mental, que está ya hecha a los acentos, tanto en el castellano como en el portugués, y lejos de solucionar un problema ortográfico, lo habríamos complicado grandemente. Mecánicamente acentuaríamos las palabras agudas, allí donde no veamos el signo fonético, que hace las veces de acento.

Entendemos que las reglas consignadas, resuelven satisfactoriamente ambas dificultades.

EL ACENTO DE LOS MONOSILABOS

Otro punto de sumo interés para la buena ortografía es el relativo a la acentuación de los monosílabos. A este respecto, en el seno de nuestra Academia hubieron distintas opiniones y el Cuerpo no se ha pronunciado aún sobre el particular.

Las reflexiones que siguen, por lo tanto, son mías personales. Soy de parecer que algunos monosílabos deben ser acentuados, para individualizarlos prontamente en su función gramatical.

Es verdad que la sintaxis guaraní difícilmente haría confundir el sentido de una palabra con el de otra, pues los diferencian su colocación, o sus componentes:

pe oga	esa casa
oga pé	casa chata

Pero aquí opino que el adjetivo calificativo pé, aunque imposible de confundirlo con el demostrativo pe, debe llevar acento para identificarlo sin esfuerzo a los ojos del lector.

o yapó pá	terminó de hacer
o yapó pa?	hizo?

Pá es también adjetivo.

a ru	yo traigo
che rú	mi padre
a yu	yo vengo
pe yú	esa aguja
o po	él salta
i pó	la mano de él

En ninguno de estos casos habría confusión; pero el vocablo aparece con la claridad de su oficio, al primer golpe de vista. Y no se diga que del contexto surge la función, porque eso también ocurre con los polisílabos, y sin embargo sentimos la necesidad de acentuarlos.

Como regla general, suceptible de reajuste, se podría establecer que los monosílabos se acentúan cuando son pronombres personales, sustantivos y adjetivos calificativos. No así los verbos ni las otras partes de la oración.

ESCRITURA DE LA PALABRA GUARANI

Conocida es la índole del guaraní, en cuya virtud gran número de palabras deben ser pronunciadas separando notoriamente las vocales. Por ejemplo la voz kaá - yerba, hierba, planta, que se pronuncia ka-á. No hay sinalefa entre ambas vocales.

Esta particularidad ha conducido a muchos escritores, la mayor parte de ellos, a fragmentar las palabras mediante un guión —como en el ejemplo dado— o mediante el apóstrofo ('), escribiendo: ka'á.

Nuestra Academia ha reaccionado contra esa práctica. Nos ha parecido que por ambos procedimientos se destruían las palabras inútilmente, puesto que quien sepa leer o hablar guaraní, no incurriría en error de pronunciación, y quien se propusiera aprenderlo con maestro, conocería desde el comienzo esa particularidad.

En este caso se hallan las palabras: kaá, suú, soó, kaú, poí, kaabï, haé, haékuera, küé, küá, kuí, etc.

Pero al mismo tiempo, tenemos parónimas que deben ser diferenciadas. Ej. :

kuá	cueva, agujero
küá	cintura
kué	lo que fué, antiguo
küé	desvencijado
poí	del verbo largar
pöí	delgado

Puede advertirse que aquí entra en función la diéresis, de la que hablamos antes. Ella sirve para determinar la pausa entre vocal y vocal.

II

NEOLOGISMOS. — La circunstancia de que la lengua está atrasada en su léxico, nos impulsa u obliga a crear los neologísmos que respondan a las denominaciones de los nuevos tiempos. Además, crear las palabras que pueden designar cosas antiguas, cuyos nombres no han llegado hasta nosotros, o que simplemente no existieron.

Hállanse en este caso, entre otros muchos, los días, los meses, las estaciones del año, los puntos cardinales y una infinidad de cosas que los aborígenes no conocían y que carecen de denominación guaraní.

Nuestra Academia ha puesto nombre a los días, meses, estaciones y puntos cardinales, los que sometemos a la consideración del Congreso.

Días:

arapeteî	lunes	día primero
aramokôi	martes	" segundo
aramboapï	miércoles	" tercero
ararundï	jueves	" cuarto
arapó	viernes	" quinto
areté mboïbé	sábado	" antes de la fiesta
areté	domingo	" fiesta, feriado

Meses:

Yasïpeteî	enero	primer mes
Yasïmokôi	febrero	segundo mes
Yasïmboapï	marzo	tercero
Yasïrundï	abril	cuarto
Yasïroïsâ	mayo	mes frío
Yasïroïsâbé	junio	más frío
Yasïroïsâité	julio	muy frío
Yasï ïbïtú	agosto	mes ventoso
Yasïrokï	setiembre	mes de los brotes
Yasïrakú	noviembre	mes cálido
Yasïrakubé	diciembre	más cálido

Estaciones del año:

Araporâ	primavera	tiempo lindo
Araroïsâ	invierno	tiempo frío
Arakangï	otoño	tiempo triste, débil
Arahakú	verano	tiempo caluroso

Puntos cardinales

Kuarahïsendá	lugar	donde sale el sol: Este
Kuarahïkendá	Oeste	donde se acuesta el sol
Mbïrïaindá	Norte	de donde viene el calor
Roïndá	Sur	de donde viene el frío

Como se comprende, los neologismos deben formarse siguiendo el sistema que los guaraníes tenían para crear sus vocablos.

Por otra parte, es admisible que en algunos casos se guaranice una palabra castellana o portuguesa, cuando ella responde a la índole del idioma, como ha resultado con bakáa - vaca, kabayú - caballo, etc.

III

CONCLUSIONES. — Este trabajo representa un esquema gramatical, y tiene por objeto principal hacer ver a los amigos guaranistas de qué manera hemos encarado el estudio del idioma guaraní, y sobre qué bases, a nuestro juicio, se podrá elaborar una gramática completa, nueva, despojada de las hojarascas de que están cargadas las gramáticas antiguas, escritas evidentemente con empirismo, sin fundamentos científicos en el sentido filológico y linguístico.

Se nos ocurre pensar que del Congreso podría surgir una comisión permanente encargada de redactar la gramática, tomando por base los trabajos presentados sobre esta materia.

Entre tanto, y como tarea inmediata, el Congreso podría pronunciarse ya sobre los temas siguientes:

1) Escritura uniforme del idioma, en lo que respecta a la palabra misma, en el sentido de no fragmentarla con el guión o con el apóstrofo, como muchos estilan hasta el presente.
2) Sanción de las reglas de acentuación, ya sean las que en este trabajo se proponen, o las que se considerasen más adecuadas y fáciles.
3) Adopción de la sexta vocal gutural, y el signo que ha de representarla, teniendo en cuenta los factores que este trabajo especifica.
4) Adopción de un alfabeto, el más simple posible, como el que aquí se propone, por las razones que hemos expresado.
5) Adopción de los neologísmos propuestos, u otros que los sustituyan ventajosamente.
6) Adopción de la h como único fonema representativo de las sílabas espiradas, en sustitución de jha, ha. No puede haber duda que la h sustituye ventajosamente a los otros dos fonemas, y elimina del alfabeto una letra, cuya existencia en el idioma es dudosa.
   Sabemos que en inglés y en francés la h es aspirada (espirada).
7) Considerar la conveniencia de establecer la acentuación de los pronombres personales, para distinguirlos de los posesivos.

Buenos Aires, diciembre 1948.

El maíz entre los guaraníes (1)

POR EL PROF. DR. MÁXIMO PEREYRA

Este cereal es originario de América y constituye una de sus cuantiosas contribuciones para la civilización del mundo. Todas o casi todas las naciones precolombianas que llegaron a superar el estado de la pesca, de la caza, del aprovechamiento de las raíces y de las frutas silvestres como alimentación y llegaron al de la agricultura. lo cultivaron como medio principal de subsistencia. Sobresalieron en su cultivo no solamente los *Aztecas*, los *Mayas*, y los *Incas*, sino también, entre otros más, los *guaraníes* que eran sus cultivadores más próximos a nosotros y que, por eso mismo, merecen nuestra atención bajo pena de ingratitud.

Este cereal fué descubierto por los europeos en el primer viaje de Colón, en la isla de Cuba. Si en vez de esta isla, hubieran sido las costas del Brasil, el Alto-Uruguay, las mesetas orientales de Bolivia o el Paraguay, el teatro de los primeros descubrimientos, con seguridad que en estas vastas regiones se habría descubierto el preciado cereal desconocido hasta entonces por los europeos y fuéramos hoy mucho menos injustos con sus primitivos habitantes: los *guaraníes*, o, hablando más genéricamente y con más exactitud, los *avá*.

El maíz se llama *avatí* entre éstos, nombre que se conserva aún intacto en Paraguay y se le usa corrientemente para designar este cereal. Su significado etimológico sería "fruta de barba blanca". Descomponiendo esta palabra en sus elementos constitutivos, tendremos: *a*, fruta; *va*, aféresis de *ava*, cabello o barba, y *tí*, de *morotí*, blanco. Este nombre de *avatí* se habría aceptado después de largas deliberaciones en asambleas en que se estudiaban las particularidades dis-

(1) Disertación tomada de la cátedra de Avañé'é (Lengua guaraní), que regenta el Dr. Máximo Pereira en el Instituto de Estudios Superiores, y leída con motivo de la Exposición del Maíz que propició la Ancap en la ciudad de Montevideo.

tintivas de las cosas a designar —como acostumbraban hacer nuestros aborígenes guaraníes antes de su corrupción por los europeos—. Por eso el nombre guaraní se impuso, no solamente a las tribus de la gran nación *Avá* (Guaraní), sino a las otras.

El nombre de *Avatí* puede y debe considerarse como una de las tantas pruebas lingüísticas de la gran influencia de la lengua de los *Avá* que se extendía por la mayor parte de la América del Sur. Con dicho nombre, con pequeñas diferencias dialectales, se designa el preciado cereal en las Antillas y en las Guayanas, como en el Amazonas y en todo el litoral del Atlántico. Así el *Avatí* de los guaraníes, era el *Avasí* de los Calinás de las Guayanas; *avachí* o *marichí* entre los Eyarí o Cauara de las Antillas, que también lo llamaban *nachí*. Los *taínos,* que constituían una especie de casta militar en las Antillas y en tierra firme, lo llamaban *maís* o *marichí.* En el Amazonas se designa con el mismo nombre que en Paraguay, como en Bolivia, entre los *Chiriguaná.* Podemos, pues, afirmar que el nombre de *maíz,* como también el cereal que designa, es auténticamente americano, tal como lo oyeron y escribieron los primeros descubridores *(maysi, maisí, maicí, maizi, mayzy, mayzi, mahí,* etc.) y probablemente de origen *avañé'é* (Guaraní).

Los *avá (guaraníes)* conocieron el maíz originario, silvestre, a que llamaban *avatiaré,* cuyo significado es el siguiente: *avatí* maíz, *aré* antigüedad, originario, silvestre. Un guaranista que vive entre nosotros, certifica haber visto el maíz silvestre cuya particularidad es la siguiente: cada grano se halla revestido de chala. No es extraño que por atavismo aparezcan de tiempo en tiempo, espigas o granos de maíz con esta particularidad entre las especies que se cultivan hoy día.

Los guaraníes cultivaron diversas variedades de maíz, entre ellas las siguientes:

Avatí morotí, maíz blanco.
Avatí choré, maíz rosado, blando.
Avatí cananá, maíz blando.
Avatí tupí, llamado también (especialmente en el Amazonas) *avatí antá,* maíz rústico que es también duro.
Avatí pichingá, de grano chico, que tiene la característica de la reversibilidad al freírse para hacer lo que aquí y en el Paraguay se conoce con el nombre de *pororó,* palabra onomatopéyica que se utiliza para significar el crepitar del maíz al tostarse.
Avatí guaicurú, maíz de color negruzco plomo.

Avatí mbih'á, maíz enano.
Avatí mitá, maíz de tallo corto.
Avatirí, maíz de grano menudo.
Avati tatá ïh, cuyo nombre literalmente significaría maíz sin fuego.

Las partes principales del maíz se llaman:

Avatí piré, chala; *piré* cáscara.
Avatí ihgué, marlo; *ihgué, ihvacué,* cimiento o base que fué.
Avatí ragué, barba del choclo; *ragué* pelo.
Avatí raïhi, semilla del maíz; *raïhi,* semilla.
Avatí rapó, (con la *r* simple) raíz de maíz; *rapó,* raíz, etc.

Por el grado de madurez se llama:

Avatí kih, al choclo; *kih,* tierno.
Avatiayú, maíz maduro; *ayú,* amarillo, maduro, etc.

Los *avá (guaraníes)* conocían los siguientes platos a base de maíz; algunos de éstos, si no todos, forman parte del arte culinario del Paraguay, de una gran parte de las poblaciones del Plata y de nuestros pobladores habituados a la vida euuropea. Estos platos son:

Avaticureih, caldo de locrillo.
Avatirih, caldo de maíz o sopa de maíz pisado.
Avatipiró, pirón de maíz como la fariña.
Avaticuí, harina de maíz.
Avatihuipó, almidón muy fino producido por la variedad *avatitatäih.*
Avatikihmimoi, choclo sancochado.
Avatirurú, maíz sancochado, literalmente maíz hinchado.
Avatimimoi, maíz sancochado simple.
Avatimaimbée, maíz torrado.
Avatimbichih, maíz asado.
Avatichihrihrih, maíz tostado.
Avatipororó, maíz pichingá frito.
Avaticuí chirihrih, torta de harina de maíz con aceite y miel de abeja.
Mbaipih, polenta de maíz.
Mbaipihavatikih, polenta de choclo.
Chipáavatí, pan de maíz al horno, muy usado en el Paraguay.
Avaticavuré, pan de maíz asado al fuego.
Huitï, harina de maíz.
Caguihyih, mazamorra.

Queremos brevemente referirnos a la fabricación primitiva de la cerveza o vino de maíz, que dió origen al *whisky de maíz* que fabrica hoy la Ancap.

Se ponía el *avatirurú* en un *yapepó,* olla grande, y se le hacía vir más o menos 12 horas continuas quedando reducido a una mazamorra, llamada en idioma guaraní *caguihyih* que, como se sabe, sirve para comer directamente. Luego la mazamorra se ponía con agua en una gran tinaja cuyo nombre aborigen ya sabemos. Después se filtraba por medio de un cedazo llamado *ihrupé,* de *ihru,* vasija, y *pé,* chata. El líquido filtrado se llamaba *canguih,* especie de cerveza o vino, llamado generalmente *chicha* en lengua quichua, origen remoto del *whisky de maíz.* El *canguih* se depositaba en grandes cántaros llamados *cambuchí* que se tapaban con *takihpé,* de *ta,* que significa dureza; *kih,* tierno, y *pe* chato, o sea: arcilla endurecida y chata. Después de tres o cuatro días el líquido estaba en condiciones de ser bebido, generalmente en la temporada del *areté,* literalmente día verdadero, día de fiesta y de júbilo, que comprendía de mayo a setiembre, cuya descripción es interesante, pero que no nos permite el tiempo disponible. En la fabricación del *canguih* debe distinguirse la mujer guaraní cuyo mayor orgullo era sobresalir en ella. Si no sabía hacerlo, lo que era imposible de concebir, no merecía ser *cuñá,* o sea mujer digna en el concepto de nuestros aborígenes, y se la consideraba extraña a las buenas costumbres y tradiciones de los *tamoi,* nuestros abuelos, para quienes se tenía siempre un recuerdo imperecedero y cuyas lecciones observaban escrupulosamente, bajo la vigilancia austera del *payé,* fiel depositario de las tradiciones de la raza.

Una tradición que ha llegado hasta nosotros por medio de los jesuítas asegura que *Tupá* (traducido ligeramente como significando Dios) reservó un solo alimento para los *avá,* y éste es el maíz. La tradición dice así: *"Peteï ñó raca'é orerembi'urä ome'é oreve Tupá; upeva co Avatí héravae",* frase que traduciremos literalmente, parte por parte:

peteï, uno;
ñó, sólo;
raca'é, aseguran antiguamente;
oré, nosotros excluyendo a la persona a quien se habla;
rembi'ú, comida;
rá, para, sufijo del tiempo futuro;
o, partícula verbal de tercera persona;
me'é, dar en infinitivo o indicativo presente;

ve, preposición equivalente a la preposición española *a;*
Tupá, neologismo jesuístico equivalente a Dios;
upeva, eso;
co, esto;
avatí, maíz;
héravae, así se llama.

El sentido de la frase es el siguiente: "Nos aseguraron que Dios nos reservó un solo alimento para nosotros y este alimento es el maíz."

De esta frase se inferiría que los *avá* se consideraban los únicos favorecidos con este cereal, o en otros términos, se creían sus inventores, ya que *Tupá* no era para ellos el Dios de los cristianos, sino el espíritu de sus padres que los vigila desde una región remota.

Pero no solamente esto significaba el *avatí* en la tradición de los *avá,* sino que también era el alimento preferido de los hombres.

Es así como en caso de divorcio los hombres llevaban para sí el cereal y la mujer el *cumandá* (poroto), alimento preferido por las mujeres. No bostante lo dicho, las mujeres se alimentaban únicamente del *avatirurú* en tres períodos de su existencia que se relacionan con su vida con el varón: estos períodos son la pubertad, al tener un hijo y al enviudar.

Si no observaban fielmente esta costumbre, eran consideradas como adversarias de las tradiciones de la nación y, como tales, despreciadas por todo el pueblo, especialmente por los *payé,* depositarios de las tradiciones, usos y costumbres de la raza y que desencadenaron la gran guerra de resistencia contra los invasores europeos.

Montevideo, agosto de 1948.

Valores interjeccionales

POR LA PROF. DELIA FEIN PASTORIZA

GENERALIDADES

La estimativa de los elementos sonoros del lenguaje, siempre señalados al tratar la fraseología popular, como un medio —entre otros— de eficaz comunicación, despeja el camino para considerar, asimismo, los diversos aspectos de las interjecciones, instrumentación lingüística de tan varia calidad y decisivo papel en el lenguaje.

Empleamos este término, lenguaje, en su acepción amplia, sin establecer distinciones entre lo popular y literario, pues queremos evitar toda forzosa restricción, que a veces más que forzosa es arbitraria. A las interjecciones, por mérito de antigüedad e imposible sustitución, corresponde valorarlas en todo medio lingüístico, alternativamente, pues sólo ellas habilitan la eficacia de la perforación en el fondo lingüístico. El consentimiento universal, sin distingos de época y lenguas, corrobora su ineludibilidad, y esto es suficiente razón para marcar rumbos a un estudio sobre este aspecto del lenguaje. Nuestro intento se reducirá a recalcar la gracia significativa de algunas interjecciones comunes en la lengua española y otras cuyo uso se restringe a algunos países de América. Como veremos más adelante, lo último se explica por su raíz aborigen, y en cuanto al término que había parecido extraño *gracia,* o *gracia significativa,* es un modo de admirar el invalorable matiz expresivo que estos sencillos instrumentos musicales —llamémosles así— agregan al fin primordial que persigue el lenguaje afectivo. Esto es, la comunicación cálida que atrae eficazmente la atención del oyente. Veremos de qué manera se cumple esta adhesión psicológica.

LA INTERJECCION EN EL CRUCE DIALOGAL

Cuando el diálogo es interrumpido por una interjección, se establece de inmediato una comunicación más íntima, y sucede que los interlocutores perciben el acicate que los conduce involuntariamente a una mayor atención. El interés por el dato que originó aquella interjección, o bien la comprobación de un sentimiento que sólo en la exclamación encontró la expresividad exacta, acerca más a interlocutores, tal vez indiferentes, un momento antes. Con esto, que cien veces todos hemos comprobado, queremos poner de manifiesto el influjo de esa síntesis de pensamiento que llamamos interjección. (Del latín *interjetio-onis;* de *inter,* entre, y *jacere,* arrojar). Esta vez la etimología latina, no hace más que puntualizar nuestra experiencia en el registro erudito. Justamente, porque es apresurado ese *arrojo* instintivo de nuestra interioridad hemos prescindido de los instrumentos necesarios para organizar una cláusula: el sentimiento domina aún a la razón. Puede, eso sí, la interjección interrumpir el mecanismo clausular y situarse tanto en sus extremos, principio y fin, como en el centro. No interesa en el desarrollo estricto de la regulación sintáctica, cuya base se sostiene en la clasificación de categorías gramaticales sobre conceptos definidos y no en los signos emocionales. Tan despreocupada liberalidad que la sintaxis otorga al sentimiento podría considerarse como el franco acceso, a veces concedido, a algo que por ínfimo se le resta importancia, o bien —la otra posición— una plena compenetración de su valor. Es esto último, sin duda. Igual que el vocativo, cualquier interjección posee esa virtud adaptativa, propicia para variar continuamente de posición, lo cual redunda en beneficio de los intereses comunicables, pues trasmite su influjo emocional a los elementos clausulares más próximos. Proyecta de este modo su fuerza estimulante concentrando en determinado punto un mayor interés. Regístranse no pocos casos de ejemplos poéticos, más concluyentes en cierto sentido que los ejemplos del lenguaje cotidiano, ya que el poeta persigue en forma consciente, expresar con la mayor pulcritud, lo esencial de la emoción. Esa esencialidad tan difícil de alcanzar, que apenas consigue esbozarse con las palabras en su sentido traslaticio, puede también traducirse con la valorización de sus significados según su posición dentro de la cláusula. Digamos así que la sintaxis figurada es fino índice que aclara y conduce por los senderos que nos llevan al encuentro del mensaje poético. La interjección es buen portador que sabe trasmitirlos desde la posición que le fué asignada.

LA PROSODIA INTERJECCIONAL

Mucho hay que decir sobre ésto, y la coincidencia que se observa sin variaciones a través del tiempo, entre el signo característico del lenguaje primitivo, y esa misma interjección —auxiliar valioso de la poética— nos induce a repasar un poco lo más elemental de la lingüística. Relacionamos a la interjección con el lenguaje primitivo; sería mejor decir que esa expresividad netamente instintiva, precedió, en realidad, al lenguaje. Son las interjecciones —se ha dicho— supervivencias de la época anterior a la formación del lenguaje, lo cual supone que fueron las primeras emisiones verbales reveladoras de las reacciones primarias de ese período. Ahora bien, ¿cuáles fueron esas interjecciones? Las vocales fuertes *a o* fueron las primeras que registraron un sentimiento vital, poderoso, estrechamente enlazado con las representaciones más originarias. Considerado desde el punto de vista fisiológico el grito *ah, oh* o *eh* requería para su emisión un impulso energético de mayor amplitud que el exigido por la *u* cuyo sonido impone una mímica fisionómica menos espontánea. Ese grito salvaje aún perdura, atemperado su brío primitivo en la prosodio interjeccional, cuyas variadas modulaciones afectivas, constituyen por sí solas, un registro interesante del lenguaje emocional de nuestros días.

Si casualmente se elige una de estas interjecciones, así sea la más común, veremos su variada capacidad para indicar los sentimientos, aun los más opuestos. En este sentido, podemos considerarla como la nota musical que necesita el lenguaje y que se diferencia de la palabra porque si la alejamos del habla coloquial, poco o nada explica, no nos da un concepto: solicita en cambio, la interpretación de un sentimiento, indefinible muchas veces. Recuérdese aquí lo que señala Bergson acerca de la inefabilidad de ciertos estados psíquicos, cuyos extremos delicados y sutiles no traduce la palabra demasiado dura, encasillada en la rigidez de significaciones heredadas. La metáfora algo consigue vencer esta ineptitud de todo idioma. Y también la interjección: como elemento idiomático, intelectualizado, conserva la frescura de sus fuentes originarias y el dolor y la alegría siguen expresándose por intermedio de su acento insustituíble. Mas la complejidad psíquica logró extraer diversas inflexiones de ese *¡ah!* que interpreta los matices más sutiles de la espontaneidad vital: ternura, ironía, orgullo, piedad, etc., etc., todo esto que podríamos llamar adiciones complejas, sumadas a la simplicidad primitiva.

LA EJEMPLARIZACION POETICA

En lo posible, trataremos en sucesivos ejemplos poéticos —los cuales por su específica naturaleza permiten una mejor penetración en la sutileza emocional— de traducir los diversos sentidos de una misma interjección. Asimismo, se escoge deliberadamente, de principio, la poemática de ambiente rudo, porque sin duda el lenguaje de sus estrofas, sustenta el acercamiento a esas formas iniciales de expresión.

¡Quién no sentirá lo mesmo
cuando ansí padece tanto!!
Puedo asigurar que el llanto
como una mujer largué.—
Ay, mi Dios — si me quedé
más triste que Jueves Santo.

(De "Martín Fierro").

Este *ay* suspendido entre dos guiones, está referido también a un vocativo aunque desprovisto de signos enfáticos, concomitantes gráficos de la cargazón emocional: pero la subjetividad se trasluce por esa queja contenida de carácter especial. Tal como lo señala la ausencia precisamente de signos enfáticos, solicita cierta restricción tonal, como algo que no se quisiera que nadie escuchase. El gaucho reprime la queja porque siente mermada su hombría cuando recurre al lenguaje de la debilidad. La más antigua exclamación pierde su amplificación primitiva cuando la pena, el amor propio, o bien la propia conmiseración se refrenan; y es lo cierto que así, entonces, aparece como si se subyugara su ímpetu. Se percibe, sin embargo, que estas riendas de la pasión no han hecho sino aumentar su densidad patética.

Los guiones confidenciales de —ay, mi Dios— sirven para canalizar su sentido profundo, intensamente amargo. Semánticamente han crecido, sin duda, los valores primarios de *ay* como de cualquier interjección similar. Fué necesaria la soldadura de innumerables eslabones invisibles que anunciarían la riqueza comunicativa de un "yo" cada vez más empeñado en la tarea de perfeccionar el instrumento vocálico, en donde tan claramente vibran las impresiones. Pero siempre permanece más o menos agazapada la espontaneidad primigenia, fuerte y sin trabas: la poética por medio de una puntuación adecuada

(o la escritura, en general) determina el tono y de esta manera organiza un énfasis natural. La omisión de los signos enfáticos (insisto en no denominarlos signos de admiración por razone de una lógica elemental) es una licencia más bien auspiciada por los poetas. Digamos entonces que la Poesía, en uso de sus derechos, enriquece sutilmente, aun valiéndose de omisiones, al lenguaje del sentimiento.

Anteriormente, hablamos de como se hacía necesario buscar en una misma interjección significados bien distintos y hasta opuestos si se quiere, como medio de punzar la materia anímica.

ROMANCE DEL REY MORO
QUE PERDIO ALHAMA

Paseábase el rey moro
por la ciudad de Granada,
desde la puerta de Elvira
hasta la de Vivarrambla.
"¡Ay de mi Alhama!"
Cartas le fueron venidas
que Alhama era ganada;
las cartas echó en el fuego,
y al mensajero matara
"¡Ay de mi Alhama!"
Descabalga de una mula,
y en un caballo cabalga
por el Zacatin arriba
subido se había al Alhambra.
"¡Ay de mi Alhama!"

La transcripción de este romance, más extensa que las anteriores, tiene como objeto lanzarnos a meditar en el sentido real de ese lamento "¡ay de mi Alhama!", tres veces repetido en tan breve espacio. Y en lo que falta del relato, ocho veces más. Muy rápido se percata que las contingencias diferenciales de raza, ambiente, rango, etc., traen aparejadas sutiles diferenciaciones de lenguaje que se perciben aun en los signos más comunes. En este caso, el uso de las comillas que acompañan a la exclamación plañidera del moro, e incluso su misma iteración efectista, logran manifestar un aire de reyecía. No es la queja recatada, que ya conocimos anteriormente; es el duelo real que pregonan los heraldos. Y las comillas no ejercen otra función que la del oropel heráldico.

Contrariamente a esta cargazón expresiva, la poética moderna se declara por una tendencia a la omisión deliberada de los signos de puntuación a que hacemos referencia. Es un medio de aminorar o frenar, mejor dicho, el impulso interjeccional, asaz contundente.

Recordemos si no, esta estrofa de G. Mistral, la primera de su poema *"Himno de la Escuela Gabriela Mistral"*.

Oh, Creador, bajo tu luz cantamos
porque otra vez nos vuelves la esperanza.
Como los surcos de la tierra alzamos
la exhalación de nuestras alabanzas.

¿Qué de común tiene esa interjección *oh* con aquélla del lenguaje cotidiano, tan francamente abierta en su específica exteriorización de asombro?

Una gratitud densa y delicada antecede a la enunciación del vocativo máximo: el Creador. Luego, el movimiento lento, ceremonioso, de actitud recogida, aparece al iniciarse el primer verso; lo indica la coma y la misma fonía velada por ausencia de los signos característicos. La consecuencia de esta estilística puntuativa es, con apariencias de menguar la vitalidad interjeccional, un método infalible de marcar, mucho más, su potencial enfático. De esta medida se desprende, como una especie de educación del sentimiento, que es conveniente velar las exteriorizaciones por demás exageradas. La llamaríamos de este modo táctica estilística, y si estimamos la intención de severidad que la regula, no dejamos de percibir que para nada ha debilitado la inmanente fuerza sensible del lenguaje exclamativo.

EN LA POESIA DIALECTAL

No sería posible estimar lo que vale en sí la interjección como expresión indómita de lo popular, si nos limitáramos solamente a considerar los cuartetos de poetas, en quienes el enunciado de su nombre, manifiesta bien a las claras que su lenguaje ha pasado por los filtros de una avezada conciencia estética, desnudamente lírica; pero en su consideración no puede prescindirse del elemento intelectual, colaborador eficaz que interviene a favor de esa misma emoción que quiere traducir. En la poesía dialectal tropezamos con un lenguaje que no ha sido pulido, ni domado, diríamos mejor, por la sujeción

académica en su tarea depuradora; la interjección por consiguiente es, en ese léxico, un cuerpo real, indispensable, con un brío peculiar, tan pintoresco, como muchas de sus palabras, cuya fuerza significativa penetra con esa elocuencia ingenua y sugeridora del habla popular. Una puerilidad cargada de abrumadora adultez si se desentraña el sentido de muchas de las expresiones del lenguaje de la intimidad, convencerá que lo que parece una oposición, es simplemente una síntesis estimativa de un estado emocional. Y a propósito nos viene "in mente" una de esas tantas expresiones que necesitan infaliblemente el consiguiente acompañamiento mímico: *¡Ay!, por favor, no me lo digas!* Y nada más. La broma, el miedo y una defensa instintiva que toma medidas para evitar la turbación, acercan al niño y al adulto. No se sabe si es el temor gracioso de que se devele el secreto que quiere adivinarse o la angustia de oír cómo se denuncia la rotura de algo. De ese no sé qué ingenuo y cargado, se deslizan en el habla dialectal expresiones que nos parecen nuestras (y que lo son a veces) y que bien podríamos dejarnos influír de su saludable naturalidad. Justamente de "*El Miajón de los Castúos*" de Luis Chamizo (1), elegimos algunos versos. Para nuestra finalidad, nos conforma la transcripción de estos cuartetos. Si bien es cierto que en esta reserva selectiva que nos imponemos, mucho se pierde de la gracia jugosa que se desprende del poema íntegro, también pueden sugerirse los beneficios de la síntesis: lo último, despierta interés por el tema, conduce quizá a la lectura de la obra completa, etc., etc. Y aquí comienzan algunos cuartetos a explicarse por sí mismos:

EL PORQUÉ DE LA COSA

¡AJAJÁ! Celipillo, tu tiés argo,
tú no pués engañarme,
o el amo te miró con mala cara,
o bajó el manijero los jornales;...

¿Para qué explicar esto que habla por sí solo? *¡Ajajá!* convendría repetir, equivalente al "ya comprendemos", "a mí no se me engaña". La interjección, con su sílaba repetida, ejerce ya una influencia subyugante, que domina, desde luego. Es una persuasión que

(1) En la lengua dialectal de Extremadura, *miajón* significa *miga de pan*, lo que se traduce por entraña, esencia idiomática. Lo que Unamuno denomina *cogollo. Castúo,* significa *castizo* en la tierra del poeta.

induce a la confidencia y aparece revestida de una ironía brusca, dominante: los elementos sonoros del lenguaje (esos ja, ja), tienen un valor onomatopéyico de imponderable atracción.

...¿Es que gorvemos otra vez, Celipe
a las mesmas junciones d'endenantes
porqu'ers orgulloso y no te gusta
que tu mujé trabaje?

...qu'hay que jorrar ¡RECONTRA! pa la suerte
los cuatro mil reales... (1)

Situado en el centro de *jorrar* y *suerte,* dotados de tan decisivo resguardo, no se nos presenta *recontra* con esa acepción de superficialidad indiferente como reza en la definición. Es más bien un toque de clarín que espanta a las abulias y ordena imperioso, justificándose por aquellos cuatro mil reales... La consideración del sentido estricto del vocablo *contra,* señalativo de una oposición, y si se agrega que se ha reforzado su énfasis con el prefijo *re,* nos lleva a la expresión de una dinámica decidida, bien resuelta o que se impulsa a sí misma. Este sentido es el que se desprende de los versos. *Corcio,* sí, de acuerdo con su definición, denota un ánimo más superficial o quizá mejor un alarde de despreocupación.

EL DESCONCIERTO. (Sinónimo de fiesta, juerga)

¡Qué *corcio!*
Yo estuve en el desconcierto
es decir yo estuve juera
que los que estaban por drentro
eran tos los señoracos,
la gente gorda der pueblo.
. . . .
Asín son las juergas, madre,
de los señores der pueblo
aún dan gusto *¡qué contri!*
y no como aquí jacemos
siempre empinando la bota
cantando siempre lo mesmo.

(1) *Recontra* más enfático que *contra* o *contri* y sinónimo de *corcio,* úsase en Extremadura para denotar despreocupación.
Equivale así al *caramba* de nosotros en algunas ocasiones.

En realidad, no sentimos muy despreocupado a ese *¡qué contri!:* hay como un intento de defenderse con el lenguaje de un ánimo cargado cuya traducción se podría resolver con una mímica adecuada, sostenida por un encogimiento de hombros, índice de una amargura que se ha filtrado poquito a poco y se revela en la descripción detallista de alguien que mira, de afuera...

ELIPSIS DE TERMINOS Y ASIMILACION DE OTROS ELEMENTOS DENTRO DE LA MISMA INTERJECCION: DESINENCIAS ITERATIVAS

Prescindiendo del hecho sobre el que tanto hemos reflexionado, de que la expresión dialectal contiene ese arranque vigoroso, donde se revelan las esencias expresivas del lenguaje popular, en lo que se refiere al uso de las interjecciones, tan diverso, colaboran causas de muy distinta naturaleza. No es solamente un impulso emocional que en la lengua afectiva aspira a comunicarse del modo más íntimo. Es también una forma sintética y rica en sugerencias, capaz de eludir el esfuerzo de una coordinación ideológica sostenida por goznes bien ajustados. El diálogo coloquial en que tanto papel juega la mímica y el hecho mismo del conocimiento familiar o amistoso, permite suprimir la estricta correlación conceptual de causa a efecto, y la cláusula sin terminar, entrecortada, es precisamente lo que le presta un interés especial. De ahí que una cierta ausencia de léxico, y sobre todo de engranaje subordinativo, se sustituya con una expresividad acentuada. No hay duda, que ésta es una característica común al lenguaje popular; pero el dialecto, por estar ajeno a nuestros hábitos verbales, nos pone de manifiesto esa especie de júbilo afectivo donde resuenan los elementos interjeccionales.

Las interjecciones representan, sobre todo, este tipo de *corcio, recontri,* un decir sin mucho compromiso explicativo: allí están ellas insinuando toda una crítica que no se sostiene con mucho argumento, y se reserva por esto, el privilegio de dar a entender, insinuar, reprender y reír. Todo esto de la manera más inocente y todo con ese *algo* que no es propiamente una palabra y que se sostiene ahí columpiando entre el gesto y la palabra misma. También en Extremadura, úsanse otras muchas interjecciones, desconocidas en nuestro ambiente, y tan variadas son, que se dice *ajurrear,* con carácter exclamativo, refiriéndose a los distintos modos de hacer burla de una persona, (textual), y *bío* significa una protesta por algo ridículo o grotesco. A la primera de estas interjecciones, de claro sentido humorístico, su morfología permite atribuírle una significación de verbo frecuentativo. El ejercicio imitativo conduce a esta alianza determinante en la que el vocablo se posesiona de la actividad psicológica del sujeto. *Ajurrear* adoptará el tono expresivo de la interjección y la morfología, del verbo frecuentativo, como lo indica su desinencia *ear,* esto es, la costumbre hecha hábito arraigado de repetir. Sería necesario subrayar el adjetivo arraigado o buscar alguna palabra más acertada dirigida exclusivamente a los verbos frecuentativos, porque, pensando un poco, repetir por repetir la acción, merecerían entonces esa desinencia todos los verbos que hacen referencia a una actividad del transcurrir diario como *caminar, respirar, comer,* etc., y que no se nos ocurre considerar fecuentativos. No hay duda que en algunos ejemplos la causalidad verbal establece relaciones coincidentes entre la morfología del vocablo y una denominación restringida a ese grupo determinado; y en muchos casos sólo la diferenciación flexional es el factor predominante, o el único que impide su concurso a la misma agrupación definida.

Tanto *ajurrear* como *bío,* seguramente que perderían su exacta alusión expresiva en el intento de trasplantarlas a otro ambiente; constituyen como toda interjección un movimiento del alma incapaz de ser traducido. Otras en cambio *(contri, recontri),* comprendemos que su adopción sería más fácil, aun cuando perdieran, sin duda, su matiz específico. Por cierto que *bío,* significativa como ya dijimos de una señal de protesta por algo que se considera inadecuado, no la percibimos con la fonía peculiar del fastidio. Su eufonía, peculiarmente suave, nos parece que es razón suficiente para rechazarla como signo enfático de un ánimo indignado. En estas conclusiones semánticas, predomina, sin duda, un tácito convenio ambiental, que se impone naturalmente abriendo cauces insospechados a la estratagema expresiva. Leamos si no estos documentos dialectales del campesino de Extremadura.

MAS SOBRE LO DIALECTAL: DUALISMOS SIGNIFICATIVOS

SEMANA SANTA EN GUAREÑA (Fragmentos)

Eja que lo cuente
como se dé maña
qu'en jamás jué'l muchacho pal pueblo
pa Semana Santa.
. . . .

¡Chacho! qué jorgorio hay en las tinieblas
en cuanti las últimas candelas s'apagan.

Yo di matracazos
con la mi matraca
y arrimé silbíos
que naide arrimaba.

A continuación transcribimos unos versos de otro poema; aunque poéticamente tal método pueda tacharse de arbitrario por la inconveniencia de aislar fragmentos sin ninguna vinculación, consideramos que es la manera más práctica de conocer de inmediato la dualidad significativa de una interjección.

EL NOVIAJO

¡Qué jormá te pones! — me icen los viejos;—
¡Qué gueno que eres! — me icen las viejas —
¡Chacho! ¿qué t'a dao? — me icen los mozos
dende la taberna.

(L. Chamizo)

(Chacho significa para el campesino de Extremadura muchacho, chico. Úsase también como interjección para denotar sorpresa).

Conocidas las atribuciones lexicológicas del vocablo *chacho,* inmediatamente surge la cuestión de saber cuál es, en el caso que se nos plantea. Es posible que esa dualidad significativa dependiente del funcionamiento, contribuya a dar mayor relieve a la interjección, que por esta brecha pudiera accidentalmente escurrirse y dar lugar a confusiones momentáneas que nunca alterarían su importancia. Muy al contrario. En la descripción de Semana Santa en Guareña, vemos como el ambiente nuevo e inesperado del "jolgorio" incita a una exclamación locuaz, bien en consonancia con el ánimo de un *chacho.* Así entonces, lo que denuncia la sorpresa sirve también para denominar a quien pasa por la edad elocuentemente avizora. De hecho, el sustantivo denominador y la interjección propiamente dicha, están unidos por una relación de dependencia de nudos bien consecuentes. En el cuarteto de "El Noviajo" aun cuando ese *chacho* tiene un sentido claro de vocativo familiar, atrayente, no deja de sentirse por influencia de la interrogante *¿Que t'a dao?* como lleva involucrado

un caudal sorpresivo similar al de su homónimo interjeccional. Transijamos diciendo que hay entre los dos *chachos* una hermosa reciprocidad.

Se da el caso, bastante frecuente, que la estimativa de un vocablo de diferentes sentidos, pero con similitudes bien acusadas, adquiera mayor trascendencia cuando, trasplantado a otra lengua, manifiesta, por ley de lo que constituye un no hábito, el entronque íntimo de las significaciones aparentemente distintas. El conocimiento de algunas interjecciones del idioma quechua nos permite demostrar, con la evidencia del ejemplo, como las variaciones semánticas de una misma interjección de la lengua desconocida, sólo es un motivo para izar más lo que hay de empalme ideológico en su origen.

SON INTRADUCIBLES...

Un tomo de poemas, que el azar ha depositado en nuestras manos, nos ha dado la oportunidad de conocer parte del instrumento interjeccional quechua a través precisamente de la labor poética de tres escritores peruanos: Luis de Rodrigo, Mario Florián y Luis Nieto (1), identificados con la intimidad léxica de la lengua aborigen.

Provoca simpatía observar la minuciosidad artística con que han ordenado los quechuismos, previendo muchas veces los efectos estilísticos según su posición en la línea versal combinada con espacios más o menos acentuados por la dimensión tipográfica. Sentimos en presencia de algunas de esas voces, estrictamente intraducibles porque carecemos del equivalente sintético y acertado, lo inerme de nuestro idioma, asaz duro en ese aspecto, sin esa filtración sutilísima, denotadora de las alternativas sensoriales, cuando no espirituales.

Alalau comprueba lo que hemos comentado anteriormente respecto a lo que denominamos empalme ideológico: es decir, ambos sentidos (indica una sensación de frío o un estado de pobreza) delatan una asociación de contigüidad que luego evolucionó naturalmente permitiendo desvincular la pobreza del frío. Sabemos de la fonética quechua- su vocalización sutilmente delicada y diversa: las sílabas repetidas constituyen el signo innegable de un ánimo cargado, intenso.

(1) La Dirección de Educación Artística y Extensión Cultural del Ministerio de Educación Pública del Perú publicó en un solo volumen la obra de estos poetas, reconocidos en un certamen. Lima, 1945.

El análisis morfológico del vocablo nos daría simplemente una forma originaria del lenguaje primitivo, denominada como sabemos tautología; pero como bien lo percibiremos una vez compenetrados de su sentido, recalcado en la esencialidad temática del poema, se nos hace más patente la intención musical. El hecho mismo de esta interjección dar nombre al poema y señalar las divisiones estróficas es un modo de confiar en la convicción de su musicalidad. Veamos:

Alalau!
gritaron los ponchos anoche
en el ángulo más hambriento
del poblacho.

Alalau!
los *yauris* del frío en la carne
y en los yertos hilos de lana
y en el alma errante que pasa.

¡Alalau!
Vientecillo
traicionero
de la pampa
qué triste tu canto de noche.
¡sunka, sunkita. . . ¡

¡Alalau!
Y no haber Santusa que espere
ni fuego siquiera en el trago
ni medio de coca en los dientes. . .
¡Alalau!

Luis de Rodrigo.

Yauri, aguja larga: *sunka* se denomina al perro lanudo de la puna.

Poca importancia tendría la distribución de los versos, dado el interés que motiva nuestra observación, si no considerásemos que la interjección constituye el motivo poético, o elemento persuasivo, al cual se ajusta, como inclinándose al acompañamiento musical, el lenguaje de cada estrofa. La singular sinécdoque del primer verso: *Alalau! gritaron los ponchos,* prueba hasta qué punto se ha constituído en el centro expresivo del poema. Todo aparece circunscripto

a una determinación musical, encargada de velar por los intereses idiomáticos puestos a su custodia, para lograr así, por sensaciones auditivas, fácilmente representables, una total identificación con el escenario desolado. No podemos menos de insistir en lo que representa de invalorable esa metaforización musical que nos permite dialogar más cercanamente con el auténtico mensaje poético, con lo que hay en él de más dramático y rebelde.

Es indudable que esta labor de trasmisión que cumplen las interjecciones tratándose de la lengua escrita —sea artística o no— evidencia como extienden a los vocablos más próximos su influjo emocional y conquistan el potencial subjetivo de voces sencillas, casi vulgares, del intercambio cotidiano.

LA ADECUACION TONICA

Como lo hicimos notar, la interjección puntualiza musicalmente la temática esencial, esgrimiendo los recursos sonoros, destinados a interpretar el lenguaje del sentimiento. El detalle gráfico coadyuva, apoyando enfáticamente los valores expresivos. Hay una señal que tal vez pasaría inadvertida al lector distraído y que sin embargo, al comienzo del poema, advierte el tono de voz exigido por la minuciosa compenetración de la temática. Notamos que en la primera y segunda estrofa *Alalau!*, que es precisamente la voz inicial, aparece, tal como se transcribe, sólo con el signo enfático que se coloca al final. No pensamos en errores de imprenta, porque esta elipsis no se observa en las otras iteraciones, sino que, fuera de duda, esta omisión está vinculada con las exigencias tónicas: un tono bajo, recogido, corresponde a la primera sílaba, para luego expandirse abiertamente en la última sílaba. Al terminar el poema, lo subraya, como remate final, la misma interjección, esta vez bastante alejada de los vocablos del último verso y sostenida ahora entre los dos signos *(¡alalau!).*

Es ni más ni menos que contrarrestar también con un elemento enfático esa sobriedad verbal que caracteriza al poema, donde los elementos narrativos (los ponchos, los yauris, el vientecillo) desfilan casi con naturalidad sin dramatismo alguno. En esa insistente repetición que evidencia gran angustia, comprendemos la compensación musical del lenguaje, el cual por esta vía comunicativa, refuerza el sentido de frases que sólo insinúan la intención poética.

Del mismo autor transcribimos la primera y última estrofas del poema:

CANCION DE AMOR
DE LA MALIKA

Espinita de sankayo,
si me hieres en los dedos,
— ¡acacau! —
no me hieras en el alma,
espinita de sankayo,
que yo vengo por tu flor.
....
Espinita de sankayo,
ya no te siento en los dedos,
ya no te siento en los pies,
pero me hieres el alma,
me punzas el corazón
— ¡acacau! —
espinita de sankayo...

Malika, equivalente de María; *sankayo,* fruto pequeño de color vivo, producto de una cactácea que crece en la puna y da una flor morada; *acacau,* voz que expresa sensación de dolor y también de calor.

Acacau, si por su morfología es similar a *alalau,* en cambio su valoración interjeccional es bien distinta en el cuadro poemático. Comparando ambas poesías, se advierte como característica diferencial, que el mecanismo verbal de la segunda es sustancialmente explícito. No hay elipsis, ni el recurso de estructurar la composición de algunas estrofas por medio de frases. Cada estrofa es una oración completa como el ejemplo primero. Luego de la invocación — *espinita de sankayo*—, se inicia con el hipérbaton, inherente casi a las oraciones condicionales: la prótasis que reclama la consiguiente apódosis.

Situada *acacau* entre las dos proposiciones complementarias acentúa la ondulación rítmica, enfáticamente señalada por la inusitada interrupción de un elemento interjeccional.

Además vigoriza —digamos así— el sentido angustioso, pues al dividir sintácticamente las dos proposiciones nos permite penetrar con más atención en las formas verbales de "herir", cuya fuerza subjetiva se vuelve más densa en la repetición.

Termina el poema con el verso inicial: la misma obsesora invocación, *espinita de sankayo.* Y siempre la interrupción oracional que cobra así un carácter impositivo; se pulsa una intención como dirigida a apaciguar a alguna fuerza que amedrenta. ¿Por qué no pensar, que en lenguas como la quechua, sin tradición escrita y en cuyos hijos bien se conocen los poderes mágicos que asignaban a la música, no recurrieran a elementos sonoros de su idioma con fines conjurantes? Se vería así entonces, que esas voces, expresivas de una sensación de dolor, estaban prosódicamente organizadas, con sus internas repeticiones, para asegurar un ritmo singularmente exhortativo y apaciguador a la vez. No tendría nada de extraño que la interjección, espontánea en principio, se habilitara luego como un medio de alcance musical, capacitado para actuar eficazmente en las ceremonias rituales.

Al filtrarse y perdurar en las hablas hispanoamericanas, es natural que perdieran en el trasiego habitual —o se esfumara, mejor— su específico sentido espiritual. Digamos, más acertadamente, lo que había en ellas de primitivismo autóctono y aun esotérico. El conquistador español no es posible que pudiera asimilar el caudal sortílego del vocabulario extraño.

La poesía campesina, en su acercamiento al folklore, donde pervive en algo el alma de las antiguas civilizaciones, al tratar temas líricos de entraña profundamente subjetiva, se acerca, por la raíz común que supone la angustia o el dolor individual, al problema de una colectividad, y así, en la ansiedad invocativa y supersticiosa, se recupera el dramatismo real que caracterizó a algunas voces. Ese pequeño instrumental idiomático —como ya denominamos a la interjección— completaría un movimiento rítmico, de trascendente sentido, sin duda vinculado a la danza. Y así, la entonación, sugeridora de determinada intención espiritual, debió ser regularizada puntualmente.

Es de lamentar que los vocablos, algunos por lo menos, no cumplan esa función musical, seguramente olvidada por la dinámica moderna que no supo consagrarle las delicadezas de un oído más atento. No obstante, pensamos que las interjecciones constituyen —cualquiera que sea su morfología y sentido— una especie de escritura musical del sentimiento, ya que siempre imponen un tono, el que corresponde a la nota que expresan: notas represetativas de una escala emocional con sus signos bien diferenciados.

Recapacitando un poco, recordamos que omitimos una interjección, extraña también a nuestros hábitos exclamativos y que debió

haberse enunciado como primera, ya que dió origen a *acacau*. Hacemos referencia a *acau*, más breve, es una exclamación de lástima: la otra más larga, agregó solamente un peldaño imitativo que refuerza la exteriorización de un grado emocional, bastante similar.

INTERJECCIONES CON SENTIDO INTRADUCIBLE

Es preferible, ya analizadas las características más comunes, enumerar algunas interjecciones que no harán más que corroborar lo que hemos dicho. Así, *ayayay* que expresa simplemente dolor sin ningún determinante que especifique su carácter; *achachay*, mucho frío; *arraray*, haber sufrido quemaduras; *chasquibay*, lamentaciones de los deudos ante el cadáver; *¡chin!*, miedo; *¡cho!* exclamación para espantar pájaros; *curga*, para ahuyentar alimañas; *wifala, wifalita*, gritos de júbilo en la danza de hombres, vestidos de mujer; reminiscencia de los portaestandartes incaicos.

Esta última *wifala* nos invita más que ninguna a conocerle en su ambiente, y éste no es otro que el creado poéticamente por Luis de Rodrigo, a quien hemos mencionado anteriormente. El mismo título del poema *Kantutas* (1) lleva una incitación a palpar lo legendario ya esbozado implícitamente en el sentido de la palabra.

KANTUTAS

(Fragmentos)

Raíces de sangres
a las montañas se prenden como garfios.
Mañanas y tardes, lenguas en los ríos.
. . . .
Cazadora furtiva de lejanías
hilandera de mis días eglogales,
de tu beso mana un jugo de sankayos.
¿Dónde las zampoñas de su amor festivo?
Sólo hay un corderito que come de tus manos,
¡wifala! ¡wifalita!
. . . .

(1) *Kantutas*. Campánula. Flor simbólica del inca. La campánula roja ha sido proclamada flor nacional del Perú.

La interjección, si penetramos en el hilo temático, lo que exigiría la lectura total del poema, observamos que comunica un sentido acicateante, de invitación jubilosa, que aún perdura en ella, desalojada del marco ritual. Sin duda, el símbolo fonético, aliado de la antigua danza, adquirió un tono nuevo, íntimo y mesurado, más propicio para alternar con el lenguaje subjetivo. Esta interjección como tantas otras que hemos mencionado, morfológicamente también se distingue de aquéllas que consideramos más comunes en nuestra lengua. Tampoco poseemos nosotros, y eso salta a la vista, esa característica diversidad semántica para referirse no solamente a los estados emocionales, sino a las diferentes sensaciones de calor, frío, quemaduras, etc., pese a que nuestro equipo sensorial en nada se distingue, no hay duda, al del primitivo. Tampoco disponemos de una diferenciación expresiva tan singular, para llamar la atención o cuando no, espantar al animal. A este grupo de interjecciones de contenido tan enigmático como pintoresco pertenece *curga*, cuya atracción estriba en la oportunidad de considerarla en el ambiente propicio. El poeta, Mario Florián (1), uno de los tres autores que figuran en el mismo libro, presenta por suerte, esta interjección en su extenso poema *Urpi*, dividido en estrofas numeradas. Para sus poemas campesinos conviene repetir las palabras iniciales con que el crítico nos conduce a su conocimiento en el encomiástico prólogo: "*Entre un embriagante olor a tierra recién regada y el monótono balar de los ovejunos rebaños familiares... advino al mundo...*".

URPI

VI (Fragmentos)

. . . .
Con tus dos *alkos*
ladrando al día,
con tu silbido,
con tu ruequita.

Ischal y niebla
y puna fría.
. . . .

(1) Mario Florián. Urpi. Canciones Neokeshwas.

Llegaba el zorro.
Llegaba el puma.
Ladraban *alkos.*
Decía, tu grito: —
¡León, *átoj... curga!...*
¡Y oliendo a *cancha*
corrían en fuga!
....

M. Florián.

Urpi, paloma, amada o canción de amor; *Ischal,* lugar poblado de *ischu* o paja de la puna: pajonal; *alkos,* perro precolombino; *atoj,* zorro; *cancha,* maíz tostado).

Bien claro se ve como el grito *curga,* cargado de intención supersticiosa o de un contenido mágico, provocaba la huída de las fieras. No podemos olvidar que por otro camino, ya que es con el fin de estimular al animal, nosotros contamos con algunas voces alusivas: el *¡arre!* tan típico es un ejemplo, y el dialecto gallego registra el suave *¡surás!* destinado a atraer las gallinas al lugar donde se echan los granos. Mas no conocemos un ejemplo categórico de una voz interjeccional destinada a desviar el peligro. Digamos así que el campesino le asigna aún poderes conjuratorios. En franca oposición con su sentido dinámico, *curga,* bien podría confundirse con cualquier denominación común que vamos reconociendo del lenguaje quechua. No se caracteriza por repeticiones silábicas ni juegos fonéticos. Tan parece más bien simular un determinado nombre, que el lector desprevenido que considera el léxico poemático, al leer *curga,* luego de León, *atoj* (que es el zorro), cree, como es natural, que bien puede tratarse de otro nombre de animal.

No pasa lo mismo con las otras: su morfología defiende la cromática de un juego iterativo, de imponderable fuerza sugestiva, en el que se advierte la posición exhortativa y así se desprende del vocablo una evidente religiosidad intrínseca que lo consagra como mediador místico. Así y no de otro modo, podemos concebir esos *ayayay, arraray, alalau,* etc., en cuyos fonemas se presienten las reminiscencias de voces cuyo alcance sólo es posible intuír mediante un develamiento analítico. A su vez, en *chasquibay* (lamentaciones de los deudos, ante el cadáver) son diferentes las tres sílabas, lo que la distingue de otras intejecciones, menos en el *ay* final. Este elemento

interjeccional, absorbido como elemento indisoluble, al final de tantas voces quechuas, constituye aisladamente el signo general propio de toda tensión afectiva.

Sin duda alguna, es gracia de los poemas hacer conocer las singulares características de este lenguaje emocional, imposible de interpretar en una simple enunciación léxica, desgajado del clima autóctono al cual debe su nacimiento.

La poesía, al sumergirse en los impulsos primarios, absorbe toda la trabazón primitiva y la comunica luego. Esta comunicación se opera, es sabido, mediante la alianza de lo misterioso con lo real. Lo misterioso, en este caso, reside en un sentimiento de raza, cuyo recóndito mensaje se revela, fragmentaria y a la vez poderosamente, en los valores musicales de la lengua. El arte salva estos fragmentos y los valoriza redimiéndolos de posibles caídas en el olvido.

Montevideo, noviembre de 1948.

Escolios a los escolios

(Continuación)

POR EL PROF. ALFREDO F. PADRÓN

CARATER. — La eliminación de la c en el grupo consonántico *ct* en palabras como *conducta, defecto, doctor, efecto, octavo,* etc. persiste en el habla del pueblo de Hispanoamérica, muy particularmente entre los campesinos, como persiste aún en el pueblo español.

Según decimos en la introducción de estos apuntes, en el siglo XVII existían dos tendencias: la de los que entendían que debía escribirse como se hablaba, y la otra, apadrinada por Juan Robles, o sea, la etimologizante, que se empeñaba en escribir y pronunciar los vocablos, siempre que ello fuera posible, con las mismas letras de los que los engendraron. De ahí las divergencias que se observan hoy entre *conducta* y *conduta; doctor* y *dotor; septiembre* y *setiembre; obscuro* y *oscuro; digno* y *dino; objeto* y *ojeto; excelso* y *ecelso; transmitir* y *trasmitir; instante* e *istante; abnegación* y *anegación; técnico* y *ténico; submarino* y *sumarino; concepción* y *conceción; adyacente* y *ayacente; acción* y *ación; columna* y *coluna; conmigo* y *comigo; pseudo* y *seudo,* etc.

Aun cuando es muy atendible el argumento de los etimologizantes de que deben conservarse dichos grupos consonánticos en la escritura, esto no resulta una realidad absoluta en la lengua hablada, ni mucho menos. Es un hecho que algunos de esos grupos no son fáciles de articular, razón por la cual la ley del menor esfuerzo hace que ellos se suavicen en la pronunciación. No hay duda de que es más fácil decir *oscuro* que *obscuro; ecelso* o *escelso* que *excelso* (eksceIso); *setiembre* que *septiembre; seudo* que *pseudo; trasmitir* que *transmitir.* Por esta razón la Academia admitió, además de las formas etimológicas de dichas palabras, las menos difíciles *oscuro, setiembre, seudo, trasmitir.* Excelso, desde luego, ha permanecido invariable a pesar de que nadie pronuncia ekscelso, y es que no debemos olvidar la realidad de que hay siempre diferencia, desde el punto de vista fonético, entre la lengua hablada y la escrita.

Por supuesto que es mejor, siguiendo la etimología, conservar íntegros en la escritura los grupos cuestionados, mas esto no destruye nuestra tesis de que los hablantes de la lengua española eliminan la primera de las consonantes de dichos grupos al pronunciar las voces en que ellos figuran. En el habla vulgar esto ocurre de manera casi absoluta; en la culta, no está tan generalizado, pero la tendencia es siempre a hacer tal eliminación. Por ello se explica que algunos españoles, queriendo huír de la pronunciación vulgar de la palabra *defecto,* y deseando emplear la etimológica, digan *defetto* en vez de *defeto,* duplicando la *t* por influencia de la asimilación, como observamos en nuestros "Comentarios" a la citada obra de Martínez Vigil.

En esos propios "Comentarios" nos lamentamos de que el español, por respetar las formas etimológicas, ha sacrificado la suavidad en la pronunciación de las dicciones apuntadas, mientras que los portugueses y los italianos, fieles al genio de sus respectivas lenguas, no admitieron, por ejemplo, el grupo *ct,* como lo comprueban las palabras *oitavo* y *ottavo; doutor* y *dottore.*

AO. — Ya en nuestros "Comentarios" dijimos que en Cuba se observa entre los negros y los guajiros la pérdida de la *d* intervocálica, lo cual se hace extensivo al habla vulgar en general. Tal ocurre en palabras como *caía, soldao, deo, vía, oío, toa, toíto; too, crúa, crúo,* en vez de *caída, soldado, dedo, vida, oído, toda, todito, todo, cruda, crudo,* respectivamente.

A veces, además de la pérdida de la *d* hay apócope, como en *sentá* por *sentada,* a causa de estar la *d* en la última sílaba. También hay ejemplos en que la pérdida de la *d* da lugar a una reduplicación de vocal, como ocurre en *tóo, apóo,* en vez de *todo* y *apodo.*

DIR. — Nuestros guajiros siguen diciendo *dil* en vez de *ir*; esto es, trocando la *r* final por *l,* como hacen con todos los infinitivos. Este vicio de pronunciación se explica por tener ambas consonantes el mismo punto de articulación.

VACIDO. — Aun cuando los costarricenses dicen actualmente *vacido* por *vacío,* no creemos que ello se deba a influencia arcaica, ni a que hasta el mismo Hernán Cortés lo dijera así, según la cita de Gagini que transcribe Tovar en sus escolios, sino a la analogía, pues todos los participios regulares de la primera y segunda conju-

gaciones terminan en *ido* o *ida*, según que pertenezcan al masculino o al femenino. En el mismo caso se encuentra también *tardido*, citado por Martínez Vigil y Tovar.

Merced a esa influencia de la analogía, muchos niños, y aún personas mayores, dicen *bacalado* y *Marianado*, por *bacalao* y *Marianao*.

REVOLETEAR. — Esto no es más que un caso de disimilación. Lo propio ocurre con *chisporretear* en vez de *chisporrotear*.

GÜESO, GÜESPED, GÜEVO, GÜEY. — Para no incurrir en repeticiones, remitimos al lector a las observaciones que hacemos acerca de estas palabras en las páginas 21 y 22 de nuestros "Comentarios". Si quisiéramos agregar, con perdón sea dicho del Sr. Tovar, que no hay tal distinción entre la pronunciación de la *b* y la *v* como lo indica él con las siguientes palabras: "La pronunciación correcta de la *b* y de la *v* son los menos quienes la evidencian, tanto en la Península como en estos países". Acerca de las observaciones que hicimos sobre esta falsa distinción, remitimos al lector a las páginas 23 y 24 de nuestros "Comentarios".

HENDIJA. — Así sigue diciéndose en el habla vulgar de Cuba, en lugar de *rendija* que es la forma correcta usada actualmente y preferida por la Academia, en lugar de *rehendija*. Es cierto, como indica el léxico de dicha corporación que *hendija* es aféresis de *rehendija*, así como *rendija* es síncopa de la segunda de las palabras citadas.

ARISMÉTICA, ARISMÉTICO. — El reemplazo de la *s* por la *t* en estas palabras se explica por la dificultad que ofrece la pronunciación de la *t* en final de sílaba. Por eso es que Navarro Tomás (Pronunciación Española, párrafo 99) dice que la *t* final de sílaba en la conversación familiar se reduce a una *d* sonora y fricativa. En el habla vulgar en Cuba, en vez del trueque de la *t* por *s* lo que se oye es una ligera aspiración, pronunciándose *arihmética*.

SOSPRENDERSE. — Esta pronunciación de la *s* por *r* se la hemos oído solamente a los aragoneses.

Hasta aquí, los escolios que hizo Tovar a los "Arcaísmos" de Martínez Vigil. Siguen a continuación unas cuantas papeletas sobre palabras arcaicas acerca de algunas de las cuales haremos nuestros comentarios.

ABUJA. — Esta palabra y *abujero* se oyen mucho entre los guajiros y las personas ignorantes de la ciudad. Esto no obedece más que a la atracción que ejercen las vocales *u* y *o* sobre las consonantes guturales convirtiéndolas en labiales, como dice Cuervo ("Apuntaciones", párrafo 800). De ahí que se diga *abuja* y *abujero* por *aguja* y *agujero*. Esta atracción puede ser también inversa, es decir que las dichas vocales pueden convertir las labiales en guturales, v. gr.: *abuelo-agüelo, bueno-güeno*.

ACCIDO. — La coexistencia de *acidente* y *accidente, ocidente* y *occidente, otava* y *octava, aflición* y *aflicción*, da *áccido*, como observa Cuerpo ("Apuntaciones", pár. 847). Por eso aquí en Cuba la gente "fisna" dice *áccido, aficción* y *occéano*.

AGUACHENTO. — Por aguanoso úsase también en Cuba. Se aplica sobre todo a las frutas. (1).

AHORITA. — Esta palabra, que en México significa "ahora mismo", expresa en Cuba tiempo pasado o futuro muy reciente o inmediato al acto de la palabra. Así decimos: "Ahorita salió el tren", para indicar que acaba de salir, del propio modo que decimos "Ahorita viene el tren" para denotar que llegará inmediatamente, sin dilación alguna. Tenemos en Cuba el bidiminutivo *ahoritica*, muy usado por los negros, y en México, *ahoritita* y la forma reduplicada *ahorititita*. Es raro que Malaret no haya incluído *ahorita* en la 3.a edic. de su Diccionario de Americanismos.

ALCOL. — Nos sorprende que Tovar encuentre tan raro que los españoles al pronunciar la palabra *alcohol* reduzcan las dos *oes* a una sola diciendo *alkól*. De esta manera es como la pronuncian corrientemente todos los hispanohablantes, a no ser en la expresión algo esmerada o ceremoniosa, en la cual sería lícito decir "alkoól" (Navarro Tomás; Pronunciación Española, par. 140).

ALMATROSTE. — Continúa oyéndose en Cuba en el habla vulgar.

ALEVANTAR. — También de uso en este país entre los campesinos y gente ignorante de la ciudad. Es uno de los casos de prótesis vocalaria sobre los cuales tratamos al principio de estas apunciones.

(1) Ha sido incorporada esta voz por la Academia Española en su Diccionario de 1936. — *(Nota de la Dirección).*

AGUAITAR. — Se usa más entre los guajiros (por asimilación parcial, como observa Cuervo, "Apuntaciones", par. 786) *agüeitar*, si bien no con el significado de acechar que le asigna a *aguaitar* la Academia sino el de "mirar u observar sin ver visto y por mera curiosidad", como acertadamente asevera Constantino Suárez en su Vocabulario Cubano.

AFIGURAR. — Esta prótesis vocalaria es muy común entre nuestros guajiros, quienes la usan en forma reflexiva: *"Afigúrese usted, camará"*.

AMEJORAR, APROBAR, ARRECOGER, ARREMEDAR. — Todas estas prótesis vocalarias son usadas entre los guajiros y gente ignorante de la ciudad.

BACENILLA, BRACELETE, CIENEGA. — Las dos últimas son de uso coriente en el habla vulgar de Cuba, no así la primera, pues en vez de ella el vulgo emplea *tibor*, considerándose como palabra propia *orinal* entre la gente culta.

COMELÓN. — De uso frecuente por el vulgo.

COMPARANZA. — Todavía usada por nuestros guajiros.

COSPIRAR, COSTANCIA, COSTAR (constar), COSTITUCIÓN, COSTITUIR, COSTREÑIR, COSTRUCIÓN, COSTIPACIÓN, COSTIPADO, CIRCUSTANCIA. — Véase lo que digo sobre el grupo consonántico *ns al* tratar sobre la palabra *caráter*.

COYONTURA. — Muy usada por el vulgo esta asimilación progresiva.

CULUMPIO. — Muy usual en el vulgo, quien también dice *fututo* en vez de *fotuto*.

CHAMPURRAR, CHAMPURREAR. — Epéntesis muy usuales en Cuba.

CHISPORRETEAR. — Véase lo que digo atrás sobre la voz *revoletear*.

CHOCOZUELA. — También se usa aquí por *choquezuela*.

DENTRAR. — Usual entre los guajiros.

DEPOTISMO. — Se observa en el habla descuidada. Acaso se deba esta síncopa a la analogía con ciertas palabras que llevan el

prefijo *de*, tales como *deponer*, *develar*, *devastar*, en las cuales el vulgo tiene la propensión, por lo contrario, de introducir una *s* epentética.

DIABETIS. — Por *diabetes* es de uso corriente en Cuba. Observa Cuervo (Apuntaciones par. 947) que esto se debe a que se iguala el final de ciertas palabras al de otra u otras palabras, como si fuera un sufijo. De ahí, según él, que se diga *diabetis* por analogía con *enteritis, peritonitis*, en las que figura el sufijo *itis*. No obstante encontrar muy razonable esta explicación, me parece que no deja de tener gran influencia la disimilación que se efectúa en el vocablo que estudiamos, ya que se trueca la *e* de la última sílaba por *i*.

DRENTO. — Metátesis muy común entre los guajiros.

ECCENA, ECCENARIO. — Se oyen en Cuba, si bien se pronuncian *eksena, eksenario*.

EMPIEZO. — Como equivalente de comienzo, se oye entre el vulgo.

ENAMORISCAR. — Por *enamoricar* es muy corriente en Cuba.

ENCHAROLAR y ENGANGRENAR. — Por *charolar* y *gangrenar* son prótesis de uso frecuente en este país entre la gente ignorante. Entre el vulgo, es más usual, sin embargo, la forma *encangrenar*.

ENDIVIDUO, ENJAGUAR, ENGOLVER, ENTOAVIA, en que se observan las siguientes alteraciones fonéticas: reemplazo de la *e* por la *i*, metátesis, cambio de la *v* por la *g* y la sílaba protética *en* y desvanecimiento de la *d*, se oyen en labios del vulgo.

ESCALABRAR, ESNUCAR y ESPARRAMAR. — La confusión que hay en el empleo de los prefijos *es* y *des* da lugar a que se digan dichas palabras entre nuestros guajiros en vez de las propias *descalabrar, desnucar* y *desparramar*. De la misma manera dicen *desagerar* y *descampar*, por *exagerar, escampar* (Véase Cuervo, Apuntaciones, párrafo 944 y Henríquez Ureña, El Español en Santo Domingo, página 199).

ESPERENCIA. — Estos casos de disimilación se observan entre los campesinos cubanos, como decimos en nuestros "Comentario a los Arcaísmos de Martínez Vigil" al tratar de la palabra *concencia* (pág. 24). Ello obedece a una confusión entre las terminaciones *encia*

y iencia, razón por la cual se dice *cencia* por *ciencia*, y *diferiencia* por *diferencia*.

ESTOGAMO. — Muy frecuente el uso de esta metátesis entre el vulgo.

EXILIO. — Por más que la Academia se empeñe en ponerle el estigma de anticuada, es esta palabra de uso comunísimo en el lenguaje literario. (1)

GANDIDO. — Participio pasado del antiguo *gandir*, es adjetivo que la Academia tacha de desusado. Sin embargo, se oye corrientemente en Cuba en el sentido de *comilón, glotón*. Es de uso común en toda Hispanoamérica. Malaret (Dicc. de Americ., 3.ª edic.) la limita a Cuba y Santo Domingo; Santamaría (Dic. de Americ.) no circunscribe su localización; Gagini (Dic. de Costarriqueñismos) fija su uso en Cuba, México y Costa Rica; Cuervo la considera de uso popular en varios países de América (Apunt., párrafo 714). (2)

GURUPERA. — Esta epéntesis la registra la Academia (Dic. 16.ª edic.), si bien remite para su definición a *grupera*. En Cuba los guajiros dicen *gurupela*, en el sentido de baticola.

HABLADERA. — El sufijo *era* es de uso frecuente entre los guajiros. Así se oyen palabras como *conversadera, rasquera*. Todos estos nombres verbales tienen siempre cierto sentido peyorativo, pues *conversadera* no es, por ejemplo, sinónimo de *conversación*, sino que significa conversar en demasía; *rasquera* es un equivalente del cubanismo *rasquiña*, y ambos vocablos son a su vez sinónimos de la voz española *rascazón*.

La Habana, noviembre 1948.

(1) Ha sido incorporada por la Academia española en su Diccionario de 1936. — *(Nota de la Dirección)*.
(2) Voz desconocida en el Uruguay y en el Río de la Plata. — *(Nota de la Dirección)*.

Fragmentos del Diccionario Toponímico Tupí-Guaraní

POR EL SR. FELIPE KURY

Para el "Boletín de Filología".

BUTANTÁN. Barrio en el suburbio de la ciudad de San Pablo, Capital del estado del mismo nombre, Brasil.

Ahí está ubicado el grande y famoso serpentario que lleva este mismo nombre.

Etimología: *By'tú* — Viento... *Hatâ* — Fuerte.

Traducción: *"By'túhatâ"* — Viento ó vientos fuertes.

Semántica: *Butantán* es deformación del vocablo tupí compuesto, *"By'túhatâ"*, cuya grafía exacta es muy difícil, sino imposible, para la escritura neolatina.

N. del A.: Conocemos este pintoresco lugar, ubicado en la cima de una colina, donde reinan los vientos del subtrópico que mantienen su intensidad por períodos más o menos largos, y de ahí se nos ha hecho más aceptable la etimología que consideramos un tanto forzada.

PARAGUAY. Según Antonio Ruiz de Montoya, viene de *"Paraguá"*. *"Pará"* —Variedad—, y *"Guag"* —Engalanar—. Coronas de plumas. "Río de Coronas, dicen al Río Paraguay". El noble Mecenas brasileño, ilustre americanista e indianólogo, Doctor Theodore Sampaio, agrega a la definición dada por Montoya, esta otra: "Rio dos papagaios". Von Mártius, en su "Glossaria Linguarum", también opina como Sampaio: "Papagallos". El erudito historiador correntino Don Manuel Florencio Mantilla, enuncia las siguientes definiciones, no carentes de ingeniosidad: Empieza poniéndose de acuerdo con Montoya, y a continuación da como posible el origen del vocablo

"Paraguay" a *"Paraminguá"* y *"Payaguá"*, que no encajan en el sistema invariable de los Tupí-guaraní de asignar a los lugares nombres objetivamente descriptivos.

A nuestro modo de ver, los autores citados no han prestado la debida atención a la etimología de esta nominación, o les pasó desapercibida la inflexión que los indujo a las dudosas explicaciones anteriores, casi todas basadas en Montoya. Papagallo es el *"Páraca-ú"* y hay que forzar demasiado la deducción para acercarse a la lógica y hacer filología muy barata para ir a dar con el significado de "río de coronas".

"Paraguá", así, tal como suena, significa: Bahía, golfo o ensenada, y siendo, como es, el río Paraguay un cauce bordeado por frecuentes bahías y ensenadas, es más probable que su denominación responda a esas características, y de ahí el nombre *"Paraguay"*, río de las ensenadas. Esta última toponimia responde al sistema tupí-guaraní.

Profundizando un poco en el análisis filológico, en cambio, tenemos esta otra forma más técnica: Etim.: *"Pará"* — Mar... *"Guá"* —De o desde... e «*Y'*», como sufijo: Río. Traducción: "Río del mar" o "Río que viene del mar".

TACUARY. (Pronunciación: Con pospalatal gutural la última sílaba). Río, afluente del Paraná en la República del Paraguay. Etimología: *"Tacuara"* — Caña gorda. (Bambusa tacuara)... «*Y'*», como sufijo: Río.

Traducción: *"Tacuary"* — Río de las tacuaras o de las cañas gordas.

CARACARÁ: Aldea en el Estado de Ceará, Brasil.

Origen del vocablo: Sonido onomatopéyico tomado del cacareo de los caranchos (Polyborus vulgaris), ave de rapiña abundante en el lugar. Este aguilucho rapaz es conocido entre los tupíes por *"Caracará"*.

CAPIBARY : (Pronunciación: Con pospalatal gutural la última sílaba). Ríos en los estados de Bahía, San Pablo y Río de Janeiro, Brasil.

Etimología: *"Capibara"* — Carpincho. (Hydrochoerus capybara) ...«*Y'*», como sufijo: Río.

Traducción: *"Capibary"* — Río de los carpinchos.

Semántica: *"Capibara"* viene de las siguientes partículas: *"Caapí"* que por apócope se convierte en "Capí" y "Uhara" que por la grafía de nuestra lengua carente de sonidos sibilantes y por la forma imprecisa en que se pronuncian la B y la V, particularmente cuando se articulan sonidos indígenas, se llegó a escribir y adoptar "Bara" que más bien debió ser "Vara" y así llegamos a las raíces del vocablo compuesto que son: *"Capí"* — Pastos ó hierbas y *"Bara"* — Comedor. (Dóminus gráminis).

YUQUERÍ: Nombre de varias aldeas en el bajo plano de América del Sur.

Descripción: *"Yuquerí"* — Mimosae frutex aculeatus. Arbusto silvestre, abundante en el subtrópico, de forma arborescente y hojas bipinadas, espinas abundantes, muy afiladas, de forma de ganchos, sensible al tacto y a la luz.

Etimología: *"Yú* — aguja... *"Quer"* — Dormir ó sueño... *"i"*, como sufijo, hace el supino.

ITAPÚA: Parte indígena del primitivo nombre de la actual ciudad de Encarnación (Paraguay), fundada dos veces sobre la margen derecha del río Paraná, en la zona que ocupaba el Imperio Jesuítico, fracción que hoy pertenece al Paraguay.

Algunos antecedentes: El 25 de mayo de 1615, el P. Roque González de Santa Cruz, funda a cuatro leguas de San Ignacio Guazú la reducción de Nuestra Señora de la Encarnación de Itapúa. Ochenta y ocho años después, 1703 o 1704, ésta fué trasladada al lugar que actualmente ocupa la ciudad de Encarnación.

La primera fundación a que nos referimos se hizo en los dominios del gran cacique Itapúa a quien los misioneros jesuítas convirtieron al cristianismo, bautizándolo y atribuyéndole el nombre de Pacífico Itapúa.

Etimología: Damos las siguientes, a título ilustrativo: *Itapu-â.* (Nasal la última sílaba). Levantamiento de piedra o piedra erguida. (Manuel Domínguez).

Ytapuá. Los que tiran piedras, (M. F. Mantilla. Crónica histórica de Corrientes).

Itapuhá. (Absorbida la última sílaba). Donde suena la piedra,

Itaipúa. Piedra que suena o piedra sonora.

Itaapu-á. Piedra esférica.

Itapy'-á. (Pospalatal gutural la penúltima sílaba). Corazón de piedra.

Nuestra conclusión: En honor a la verdad, debemos declarar que no hemos tenido el gusto de conocer a ninguno de los protagonistas de estos trabajos, así no nos queda más recurso que darnos otro de los tantos chapuzones en el inmenso mar de las conjeturas y deducciones, para decir que creemos que la traducción más aceptable del apellido del finado Don Pacífico, podría ser: "Corazón de piedra".

POSADAS, (Misiones), febrero de 1948.

Giros sintácticos corrientes en el habla popular, culta y semiculta cubanas

POR EL PROFESOR ALFREDO F. PADRÓN

(Basados en el "Cuestionario lingüístico hispanoamericano" del Prof. T. Navarro Tomás)

Apuntaciones sobre el libro "Spanish-American Syntax" de Charles E. Kany (1.ª edición). (1)

I

411. — *Carácter y circunstancias del uso de* ello. — *Formas que le sustituyen.* En el habla culta tenemos *Había trabajado mucho y no estaba arrepentido de ello; ello es que no pudieron ponerse de acuerdo; ello al cabo se ha de saber.* En el primer caso el habla popular y semiculta sustituye *ello* por *eso;* en el segundo, lo sustituyen por *el caso;* en el tercero, por *esto.* El giro *ello hemos de morir* no se usa en Cuba.

413. — *Reflexivo con complemento de interés.* — Son de uso corriente los casos anotados de reflexivo con complemento de interés en el habla popular, aunque no de modo invariable sino según las circunstancias: "No te me caigas". "No se nos vayan tan temprano".

414. — *Reflexivo con complemento especificativo de tercera persona.* — Son aplicables a Cuba los ejemplos anotados. "Me le hice el remolón"; "me les escapé".

415. — La forma *nosotras* no ha sido desterrada, aunque sí se usa casi siempre el pronombre indefinido *uno* en vez de *una* cuando gramaticalmente corresponde la forma femenina. Es curioso el uso que hacen las muchachas en el habla popular de la palabra *caballeros* como término de camaradería cuando hablan entre sí, por lo cual dicen "Caballeros, qué buena está la fiesta".

---

(1) Los números del texto se refieren a los párrafos respectivos de la obra del profesor Kany.

416. — *Tendencia a evitar las formas reflexivas.* — A no ser en el habla culta, se evitan las formas *sí, consigo,* por lo que en el habla popular se dice "hablaron entre ellos", "lo lleva siempre con él".

419. — Complementos concurrentes. — Es muy común la supervivencia del "*le*" (se). "El dinero *se* lo dí a Juan". "Las cartes *se* las entregué al muchacho".

420. — Entre las personas ignorantes se colocan indebidamente *me, te,* en concurrencia con *se:* "Me se olvidó", "te se cayó".

421. — *Anteposición o posposición de los pronombres complementarios en uso con el imperativo.* — En vez de los casos "te pon el abrigo", "se ponga el sombrero", "le diga que venga", relacionados en el Cuestionario Lingüístico Hispanoamericano, ocurren los siguientes, con bastante frecuencia, lo mismo en el habla culta que en la vulgar: "Le dices a Juan que venga", "le entregas el libro a Pedro", por "Dile a Juan que venga" y "Entrégale el libro a Pedro".

423. — *Preferencia por la anteposición o posposición de los pronombres en los demás modos del verbo.*—De los casos "díceme", "esperábannos", "pidiéronles", relacionados en el Cuestionario sólo tiene uso "díceme", pero con la singularidad de que no tiene significación de tiempo presente sino de pasado: "Ayer vi a José y díceme: ¿No vas al juego de pelota?". Las referidas formas del Cuestionario se usan solamente en el lenguaje escrito de las personas cultas. En general hay preferencia por los proclíticos: "me dice", "nos esperaban", "les pidieron".

425. — *Colocación del pronombre con formas impersonales de la conjugación.* — Tienen uso aquí: "Al yo venir", "sin tú decir nada", en el habla vulgar.

426. — *Colocación del pronombre en la pregunta:* "¿Qué quieres tú?": ¿Tú qué quieres? Rasgo muy característico de nuestra habla es la anteposición del pronombre al verbo en casos como los señalados por el Cuestionario, y así oímos, lo mismo en el habla culta que en la vulgar: "¿Cómo tú te llamas?; ¿Qué tú dices?". Tal vez se deba ello a analogía con las construcciones en que se usan las formas oblicuas del pronombre, en las cuales sí es admisible tal anteposición: "¿Qué te pasa?".

428. — *Forma plural de los pronombres complementarios en el habla popular.*—Existen casos esporádicos de *dígamen;* pero lo que más se oye es *demen.*

430. — *Vacilación de concordancia del pronombre entre sujeto y complemento.* — Ocurren con frecuencia, tanto en el lenguaje hablado

como en el escrito, los casos señalados en el Cuestionario. "Dale (dales) un abrazo a tus tíos"; "Usted no es hombre para achicársele (achicárseles) a partiquines".

431. — *Reiteración pronominal identificativa.* — Frecuentísimo es el uso de "Es un joven, alto él;" "es una muchacha, rubia ella".

432. — *Posesivo mi en expresiones vocativas.* — Se oyen con frecuencia: *mi amigo, mi socio, "mi compadre",* (o mi compai), *mi general, mi hijo* (m'hijo), *mi hija* (m'hija), *mi viejo, mi vieja:* "Mi amo" hoy está en desuso. En los negros africanos durante la esclavitud era de uso constante.

433. — *Tendencia a sustituir los posesivos NUESTRO, VUESTRO, SUYO,* por *DE NOSOTROS, DE USTEDES, DE ELLOS.* — En el habla vulgar hay tendencia a tal sustitución: "Esta casa es de nosotros"; "Esta voz es la de él"; "Este caballo es el de ustedes"; "Esa voz es la de ellos".

435. — Es muy corriente en Cuba las sustitución de los demostrativos *aquel, aquella, aquello, aquellos, aquellas* por *ese, esa. eso, esos, esas.*

436. — *Empleo de* ESTE *o* ESTO *como muletillas que se repiten e intercalan en la explicación, sin valor gramatical.* — En el habla popular ocurre ello corrientemente, si bien se usa más *esto* que *este,* sobre todo al contestar a una pregunta: "¿Qué es una isla? Esto..., una porción de tierra rodeada de agua por todas partes". Este empleo de *esto* ocurre con más frecuencia en los casos en que hay vacilación en la respuesta; de ahí que haya puesto puntos suspensivos después de dicha muletilla para indicar la pausa ocasionada por tal vacilación.

437. — *Tendencia a sustituir los relativos QUIEN, QUIENES, CUAL, CUALES,* por *QUE, EL QUE.* — Son frecuentes estas sustituciones: "Quien (el que) te adula te ofende", "Vendió una casa de su padre, la cual (que) era la única herencia que le quedaba".

438. — *Uso del relativo QUE con supresión de su preposición y artículo.* — En el habla popular, y a veces en la semiculta, ocurren casos como *"el hombre que lo atacan se defiende", penas de aquellas que no hay consuelo; el día que te vi; el lugar que nació;* pero los casos *"la casa que va* (A la que va); *el caballo que vino* (en qué), no ocurrirían más que entre personas muy ignorantes.

439. — El relativo *cuyo* sólo tiene carácter literario. No se conserva *cuyo* interrogativo.

440. — *Uso equivocado de* CUYO *por* EL CUAL *en habla semiculta.* — Casos como "entraron en un café a descansar, cuyo café se

encontraba en la plaza del pueblo", "debe enseñarse el francés, cuya lengua es muy útil", son frecuentes en el habla semiculta.

441. — *Formas neutras del relativo empleadas en la exclamación ponderativa.* — Son frecuentes las exclamaciones "¡Lo que llora esta niña! (¡Cuánto llora, qué mucho llora!) ¡Lo que habrá costado esta casa! (¡Cuánto, qué mucho habrá costado!). Conviene advertir, sin embargo, que en el lenguaje literario se usa *cuánto* en vez de *qué mucho.*

442. — *Relativo masculino o neutro en la pregunta elíptica.*—Sólo en el habla popular se usa *¿el qué?* (¿Qué és lo que dices?). Es muy frecuente en la propia habla el empleo de este giro para responder a una amenaza: *"Como me sigas fastidiando te voy a romper la cara"*. "¿El qué?".

443. — *Preferencia por los indefinidos ALGUNO, NINGUNO en lugar de ALGUIEN, NADIE.* — Si no preferencia, hay propensión al menos en el habla popular a sustituir alguien, nadie, por *alguno, ninguno:* "Vino alguno a preguntar por mí?", "ninguno vino" o "no vino ninguno".

444. — Empleo del indefinido *cualesquiera* con valor de cualquiera. Ocurre con más frecuencia entre los guajiros (campesinos) y las personas ignorantes de las ciudades. — *"Cualesquier hombre honrado; cualesquiera clase de juego"*. Los campesinos y personas ignorantes de las ciudades usan también "cualisquier" y "cualisquiera".

445. — *El pronominal distributivo CADA UNO suele usarse elípticamente o con otros complementos determinativos:* "Tuvo cinco hijos y dejó a cada uno (a cada, a cada cual, a cada quién) unos miles de pesos". Debo advertir que el giro *a cada* no se usa en Cuba. En cuanto *a cada quien,* a no ser alguno que otro periodista que quiere imitar a los mejicanos, tampoco tiene empleo entre nosotros. Sólo usamos "cada uno" y "cada cual".

446. — *Empleo del artículo con nombres propios o apellidos.* — A no ser en el lenguaje curial o en el despectivo, no tiene uso en Cuba. Sí se usa, sin embargo, delante de apellidos cuando nos referimos a mujeres famosas *"la Pardo Bazán, La Xirgu, la Avellaneda"*. Por esta misma razón, los estudiantes de la enseñanza secundaria o superior, cuando se refieren a una catedrática, dicen familiarmente "la Hernández" (por la Dra. Hernández).

448. — *Uso o no del artículo con algunos nombres de países o continentes.* — Aquí decimos también *la Argentina, el Uruguay, el Paraguay, el Perú, el Ecuador, el Salvador, los Estados Unidos, el Canadá, el Japón, El Asia, el Africa,* etc. Europa se usa sin artículo. En cuanto a China, es más corriente que se emplee sin artículo.

Aun cuando el nombre de nuestra capital es en rigor la Habana, suele suprimirse el artículo cuando se fechan las cartas o cuando se pone la dirección en un sobre.

También usamos el artículo al referirnos a ciertos pueblos de la República: *el Guajay, el Perico.* Es curiosa, sin embargo, la supresión del artículo cuando elípticamente nos referimos al nombre de un teatro: "Anoche fuí a "Payret" (Anoche fuí al Teatro Payret) en vez de la forma elíptica: "Anoche fuí al Payret" que emplearían en España.

449. — *Uso del artículo con proposiciones sustantivas.* — Suelen usarse los giros: *"No me importa el que se lo digas; no es culpa nuestra el que te hayas equivocado"*.

VERBO

450. — *Concordancia del impersonal con el sujeto aparente.* — En el habla popular son frecuentes: "en la puerta *habían* dos árboles"; "*hacen* tres años que no nos vemos"; "hacían cinco meses que se habían casado"; "*hubieron* muchas fiestas"; "hicieron grandes calores". En el habla culta y semiculta se incurre a veces en el uso erróneo del verbo *haber* en plural: "En la puerta habían dos árboles"; "Hubieron muchas fiestas"; pero no ocurriría lo mismo respecto del verbo *hacer* en los casos señalados en este párrafo.

451. — *Vacilación de concordancia entre pasiva refleja e impersonal.* — En general, en todas las capas sociales tienen plena conciencia del uso correcto de la pasiva refleja en casos como: "En el huerto se podían plantar rosales"; "se venden frutas"; "se alquilan casas". Sólo algún pseudo gramático, ya en periódicos, ya en libros, confunde a la gente sosteniendo que la construcción correcta es: "se alquila casas" y no "se alquilan casas".

452. — *Concordancia del verbo con nombre singular de cantidad.* La verdad es que la tendencia de los hablantes es usar el verbo en plural para concertar éste con el complemento determinativo del nombre singular de cantidad: "La mitad de los obreros quedaron sin trabajo". Sin embargo, anteponiendo el verbo como palabra inicial de la proposición podría haber vacilación entre el singular y el plural: "Murió (murieron) en el camino un tercio de los animales", lo cual se explica por la proximidad del nombre singular de cantidad a causa de la sintaxis figurada del ejemplo citado. En sintaxis regular, la ten-

dencia sería a usar el verbo en plural: "Un tercio de los animales murieron en el camino".

453. — *Concordancia con nombre colectivo.* — Lo más corriente es que se emplee el verbo en singular en estas construcciones para concertarlo con el colectivo: "Amotinóse el pueblo, pero al primer ataque *huyó* sin hacer resistencia".

454. — *Vacilación de concordancia del verbo respecto al pronombre personal o relativos precedentes.*—Lo corriente es concertar el verbo con el pronombre personal precedente. "Yo soy el que quiero hablar"; "tú eres la que te duermes". Sólo en el habla cuidadosa de las personas cultas se concierta el verbo con el pronombre relativo precedente "Yo soy el que *quiere* hablar"; "tú eres la que se duerme".

455. — *Concordancia del verbo ser con el sujeto o con el predicado.* En estos casos hay vacilación, dependiendo el número del verbo de la atracción que ejerza sobre el mismo el sujeto o el predicado: "Los indios araucanos eran (era) gente guerrera"; "los asesinatos en la vía pública era cosa sabida". Sin embargo, en el giro "La tropa francesa era (eran) soldados veteranos", se preferiría aquí el uso del verbo en plural, ya que parece más ostensible la atracción del predicado que la del sujeto.

456. —*Formas de imperativo discordante.* — Los giros que señala el Cuestionario de "Dame usted pan" y "Perdóname usted" ofrecen la curiosa particularidad de que el tuteo *(dame y perdóname)* queda desvirtuado por el tratamiento de respeto *usted.* En Cuba no tiene empleo este giro, pero en la clase baja del pueblo, suele oirse, por ejemplo: "Señora, dame dinero", forma en que, al igual que la del imperativo discordante, el tuteo *(dame)* queda desvirtuado por el tratamiento de respeto "señora".

457. — *Uso del pretérito (simple) y del perfecto (compuesto).* — En los casos en que en ciertas regiones de España usan impropiamente el perfecto compuesto *("Ayer hemos vuelto")*, nosotros usamos correctamente el simple ("Ayer volvimos"); pero ocurre el hecho curioso de que en el habla popular, en la semiculta y a veces en la culta, se emplea erróneamente el pretérito simple por el compuesto: *"Esta tarde pasé por su casa de usted; ¿A qué hora te levantaste hoy?"*, "sonaron dos tiros" (hecho de ocurrencia inmediatamente anterior al acto de la palabra); ¿qué pasó?; *¿cómo amaneciste hoy?*

459. — *Extensión de la forma perifrástica a las funciones generales del futuro.* — Hay preferencia por la forma perifrástica, sin que ello quiera decir que se proscriba el uso del futuro simple. *Voy a escribirle a Juan* (le escribiré a Juan) *voy a decirle a mamá que has llegado* (le diré a mamá que has llegado). Las formas: *lo he de ver* (o he de verlo) y *he de escribirle* sólo se usan en lenguaje literario.

460. — *Formas exhortativas.* — Las formas simples *comamos; veamos* tienen carácter literario. Las formas perifrásticas *"vamos a comer"*, *"vamos a ver"* tienen carácter popular, pero las usa el habla popular, la semiculta y hasta la culta.

461. — *Diferenciación o indistinción entre las formas de subjuntivo usadas en la expresión volitiva ojalá.* — En el habla popular son frecuentes las formas *"¡Ojalá llueva hoy!"*; *"¡Ojalá pueda llegar a tiempo!"*. En el habla cuidadosa de las personas ilustradas se prefiere el pretérito de subjuntivo: *"¡Ojalá lloviera hoy!"*.

462. — *Preferencia por el potencial o por las formas en —ARA, —ERA en la expresión del deseo, conveniencia o posibilidad.* — El habla popular prefiere las formas en —ARA, —ERA. "No quisiera (querría) morir sin haberle visto", "bueno fuera (sería) no olvidar esta experiencia". En las hablas cultas y semicultas se usan indistintamente el potencial y las formas en —ARA, —ERA.

463. — Subjuntivos en —ARA, —ERA en función de pluscuamperfectos de indicativo. Sólo literario. En el habla popular y también en la culta y la semiculta únicamente se emplearía el pluscuamperfecto de indicativo: "No podía olvidar el adiós que le había dado (diera) el día en que había partido (partiera) de su hogar".

464. — *Uso de los subjuntivos —ARA, —ERA como simples pretéritos de indicativo.* — Son aplicables a este párrafo las observaciones que hago en el N.º 463.

465. — *Distinción o indistinción entre las formas compuestas del potencial y del subjuntivo.* — Es sólo literaria la distinción entre dichas dos formas. "Su misma madre no habría podido (hubiera podido, hubiese podido) atenderle mejor", "yo habría dicho (hubiera dicho, hubiese dicho) que estaba disgustado". En el habla popular y a veces en la culta y semiculta, cuando se trata de oraciones condicionales, se usa indistintamente, tanto en la prótasis como en la apódosis, **hubiera** o **hubiese**. "Si yo hubiera tenido dinero, hubiera ido a España"; "Si yo hubiese tenido dinero, hubiese ido a España". El habla popular alterna irreflexivamente, en la prótasis y la apódosis, las formas **hubiera** y **hubiese**, contra lo que pide la gramática: "Si yo hubiera tenido tiempo, hubiese ido". Es sólo literario el uso de *hubiera* o *hubiese* en la prótasis, y *hubiera* o *habría* en la apódosis, como preceptúa la Academia (Gram., párrafo 434, b —2.º, 1928). El

habla popular, por un falso concepto de corrección, emplea a veces *hubiese*, tanto en la prótasis como en la apódosis: "Yo hubiese comprado el libro si hubiese podido"; pero entiéndase bien que los que tal hacen no usan indistintamente en la condición y en la consecuencia de la oración condicional las formas *hubiera y hubiese*, como indico más arriba, sino que ponen especial empeño en usar *hubiese* por creer que ello es de buen tono o tal vez el modo correcto de expresión.

466. — *Combinaciones predominantes de —RA, —RIA, —SE en la correlación de tiempos.* — En Cuba sólo se usan en la prótasis las formas del subjuntivo; nunca las del potencial: "Si tuviera (o tuviese) dinero le compraría"; "Si por mí fuera (o fuese), lo hubiera (o hubiese) comprado"; "Si hubiera (o hubiese) estudiado, habría (hubiera, hubiese) aprendido".

467. — *Preferencia por el potencial o por el imperfecto en oraciones condicionales.* — El habla popular prefiere el imperfecto. "Si yo fuera el Papa, *negaba* la licencia".

468. — *Uso del futuro de subjuntivo.* — No se usa en la lengua oral, a no ser por personas cultas en el habla cuidadosa. Tiene, pues, carácter literario.

469. — *Sustitución del futuro de subjuntivo por otros tiempos.* — Aun en la lengua literaria, la tendencia es a usar el presente de indicativo por el futuro de subjuntivo: "Si *viene*, avísenme", "quien lo rompa, lo pagará".

Sólo los escritores cuidadosos usan el futuro de subjuntivo en estos casos. A veces incurren en la transgresión de emplear el pretérito de subjuntivo "Si viniera, avísenme". En el habla popular y la semiculta se emplea el presente de indicativo y a veces el pretérito de subjuntivo "Si viene, avísenme"; "si viniera, avísenme".

470. — *Combinación predominante en las construcciones de sentido hipotético con reiteración del subjuntivo.* — En la lengua literaria, cuando se trata de escritores cuidadosos, suele emplearse en ambos elementos de esta reiteración del subjuntivo, el futuro del propio modo: "*Fuere* lo que *fuere*, lo cierto es que no pudieron vivir juntos". A veces esos mismos escritores prefieren usar en el primer elemento el pretérito de subjuntivo y en el segundo, el futuro del propio modo: "Fuera lo que fuere, lo cierto...". También presente de subjuntivo en el primero y futuro de ese modo, en el segundo: "Sea lo que fuere...". En el habla popular, y a veces en la semiculta, se prefiere el presente de subjuntivo en ambos elementos "Sea lo que sea..."; "*diga* lo que *diga* está de todos modos condenado".

471. — *Uso del infinitivo o del gerundio como elemento inicial de acciones consecutivas.* — Es raro el uso del gerundio en estos casos, a no ser en la lengua literaria, y de ocurrir ello, son escritores muy castizos los que lo emplean: "En saliendo (al salir) del colegio, trabajarán con su padre"; "En acabando (al acabar) de comer daremos un paseo". En general se usa en tales casos el infinitivo.

474. — *Construcciones con doble gerundio en la representación de acciones continuativas.* — Es frecuente el uso de estas construcciones: "Estando comiendo llegó una vecina"; "yendo caminando oímos ladridos lejanos".

475. — *Expresión de la acción intensiva mediante la repetición del verbo.* — Son corrientes estas expresiones: "Canta que canta", "llueve que llueve", "dale que dale"; "duerme que duerme". En vez de las formas del Cuestionario "andas que te andas"; "hablas que te hablas", el habla popular prefiere "Anda que te anda"; "habla que te habla". También se emplea la variante "dale que te dale".

476. — *Persistencia del impersonal HA en expresiones arcaicas de sentido temporal.* — El empleo del impersonal HA sólo tiene carácter literario: "cuánto ha"; "cuánta ha que"; "ha mucho tiempo"; "rato ha"; "veinte años ha que murió". La forma del Cuestionario "hace veinte años HA que murió", no tiene uso en Cuba.

477. — *Empleo de HABER en lugar de ESTAR o SER.* — En el habla popular son corrientes los casos de "Aquí *habemos* cuatro hombres"; "*hubimos* muchos heridos".

478. — *Uso de SER con QUE adverbial.* — Este QUE adverbial se oye a veces en labios de personas cultas por influencia del francés. Desde luego que se oye también en el habla popular, bien por imitación inconsciente o porque creen así expresarse mejor. Son, por lo tanto, corrientes los casos "por eso es que lo busco"; "es por eso que lo busco"; "de allí fué que salió"; "fué de allí que salió"; "mañana es que me voy", "es mañana que me voy". En la provincia de Oriente, donde aún existen muchos descendientes de familias francesas que sentaron allí los reales en tiempos de la colonia, es muy común este *que* galicado, por lo que podría estimarse de carácter patrimonial. Es corriente oir a cualquier oriental "¿Dónde es QUE está Juan?".

479. — *Uso de SABER como verbo modal.* — En el habla popular y en la semiculta se oyen expresiones como "Sabía (solía) venir antes por aquí, pero ya hace tiempo que no viene". Conviene advertir que este uso de *saber* ocurre más bien en los casos en que uno le reprocha algo a otra persona. "Cuando Juan vivía aquí, bien que SABIA venir

todos los días"; "Muchacho, cuando te regañan bien que SABES callarte".

480. — *Verbos originariamente intransitivos transformados en transitivos.* — En el habla popular son corrientes los giros: "Fulano me pelea siempre por todo"; "Sr. Martínez, aquí lo procuran".

481. — *Elipsis del verbo.* — Las personas ignorantes, sobre todo los chicos, omiten el verbo. "¿No verdad?".

482. — *Verbos con complemento implícito.* — Son corrientes los giros: HINCARSE (hincarse de rodillas); OSTENTAR (ostentar riquezas); TENER (tener dinero); DAR (dar golpes). Sin embargo con el verbo COSTAR no se omite el complemento: "Me cuesta trabajo hablar".

483. — *Verbo expletivo.* — Son corrientes los giros: "Mal haya sea la China!" (Mal haya la China); "Mira a ver si viene"; "ve a ver si viene" (mira si viene).

ADVERBIO

484. — *Uso de RECIEN con participio, forma personal o adverbio.* — Sólo se usa con participio: "recién venido".

485. — *Empleo de la forma arcaica A LO QUE, LO QUE, POR CUANTO.* — En el habla popular suelen oirse giros como: "A lo que me vió, empezó a llorar". No tengo noticias del uso de "lo que me vió, se calló".

486. — *Concurrencia intensiva de los adverbios de tiempo: NUNCA JAMAS, YA EN SEGUIDA, HOY EN DIA, LUEGO DESPUES.* — Son muy frecuentes en el habla popular: "hoy en día" (usado también en la culta y la semiculta): "luego después". Son menos frecuentes: "nunca jamás" y "ya en seguida".

487. — *Formas adverbiales equivalentes a CUANTO MAS.* — En el habla popular son corrientes: "mientras más bebe"; "entre más bebe". Es raro "contra más bebe". Entre las personas ignorantes es frecuente "contimás bebe", forma no incluída en el Cuestionario. Úsase también "entre más"; "Entre más bebe, más quiere".

488. — *Expresiones adverbiales equivalentes a CASA DE.* — En el habla popular son corrientes: "Nos juntaremos esta tarde DONDE mi primo"; "Creo que lo encontraré DONDE el maestro". No se usan los giros: "Vamos a lo de mi padre"; "vamos de mi padre".

489. — *Extensión del uso de DONDE con elipsis verbal.* — Es de uso corriente el giro: "Ninguno de los criados entraba donde su señora (donde estaba su señora)".

490. — *Construcción de TAN, no sólo con adjetivos y adverbios, sino también con otros complementos.* — Son corrientes en el habla popular, la culta y la semiculta: "tan es así"; "tan lo creo así"; "tan estoy alejado"; "tan no quiero hablar". Sólo las personas cultas en el habla cuidadosa dirían, por ejemplo: "tanto es así".

491. — *Uso de MÁS en lugar de TAN.* — Son muy corrientes en Cuba los giros: "¡Estoy MAS cansado!"; "¡Qué pan MAS blanco!".

492. — *Colocación de MAS en concurrencia con pronombres.* — Está muy generalizada en Cuba la anteposición del adverbio al pronombre: "más nada"; "más nunca"; "más nadie"; "más ninguno". Sólo las personas cultas o semicultas, en el habla cuidadosa, posponen el adverbio al pronombre: "nada más"; "nunca más", etc.

493. — *Uso adverbial del demostrativo.* — Son corrientes los giros "Ese invierno hizo mucho frío"; "Esa ocasión eché el resto"; "esa vez no habló"; "ese día no vino".

494. — *Formas interrogativas equivalentes a CUANTO.* — Sólo se usa CUANTO: "¿Cuánto le pagan?". No se usan los giros: "¿Qué mucho le pagan?"; "¿Qué tanto le pagan?".

495. — *Conservación de la antigua expresión adverbial DIZ QUE (al parecer).* — Sólo tiene carácter literario: "No pudieron venir porque DIZ QUE se había enfermado un chico".

496. — *Concordancia del adverbio con sujeto o predicado.* — Muy corriente en el habla popular: "Están medias locas"; "son unos muchachos medios tontos"; "Son los que peores hablan"; "Son los mejores que cantan".

497. — *Elipsis de adverbios.* — Son corrientes en el habla popular: "¡Faltaba otra cosa!"; "¡Faltaba más!"; "¡Buena que estaba!"; "¡En mi vida he visto cosa mejor!"; "¡Bobo que eres!".

PREPOSICION

498. — *Complemento con o sin A.* — En la lengua hablada rara vez se omite la preposición delante del complemento representado por nombre propio o común de persona: "Conozco a Buenos Aires"; "visitaron a sus parientes"; "abandonaron a su tía". Delante de nombre común de cosa, se omite la preposición: "Abandonaron sus haciendas". Con el verbo acostumbrar rara vez se omite la preposición: "Acostumbro a levantarme temprano". Es usual el giro: "La cuenta montó a veinte pesos". Al igual que en España, algunos escritores y periodistas omiten la preposición delante de nombres geográficos: "Visité Buenos Aires".

499. — *Empleo popular de la preposición A en concurrencia con POR.* — Casos como el de "Fueron A POR agua", no ocurren en Cuba.

500. — *Preferencia por A o EN con verbos de movimiento.* — Con el verbo entrar se prefiere el uso de *en:* "Entrar en la iglesia". No faltan casos de supervivencia de la preposición A: "Entraron a la iglesia"; pero lo normal es usar EN. Con el verbo ir sólo las personas ignorantes usan *EN* en vez de A: "Ir EN casa del médico".

Con *trepar* es corriente el uso de EN: "Me trepé en una ventana".

501. — *Inclinación en favor de POR CAUSA DE o A CAUSA DE.* — Las personas cultas, tanto en la lengua oral como en la escrita, prefieren A CAUSA DE: "No se veía a causa del humo"; "dejaron el trabajo a causa de la lluvia". El habla popular usa POR CAUSA DE en tales casos.

502. — *Uso galicista de A por DE.* — En estos giros se usa DE en vez de A: "Buque de vapor"; "molino de viento"; "cocina de gas".

503. — *Vacilación entre A FUERZA DE, EN FUERZA DE, CON TAL DE y EN TAL DE.* — Se prefiere A FUERZA DE en el primer caso: "Lo aprenden de memoria A FUERZA DE repetirlo". En el segundo se usa CON TAL DE: "No le importa el ridículo con tal de llamar la atención".

504. — *Diferenciación o indistinción entre DEBER Y DEBER DE.* — En general, casi nunca se establece esta distinción. Cuando *deber* significa obligación es corriente en el habla popular acompañar al mismo la preposición DE: "DEBES DE respetar a tus padres". En el habla culta o la semiculta se omitiría en tal caso la preposición, aunque no faltan ejemplos de lo contrario.

En cuanto a DEBER cuando significa suposición o incertidumbre, es general el uso del mismo sin la preposición, a no ser en el habla cuidadosa de las personas cultas: "Debieron (suposición) llegar por la mañana".

505. — *Construcciones con o sin DE ante infinitivo complementario.* — Los verbos *reir, venir* y *roncar* no se construyen con la preposición *de:* "hacer reir"; "lo vieron venir"; "se le oía roncar". En el giro "hacerse rogar" sí se usa la preposición: "No te hagas de rogar y canta la canción que se te pidió".

506. — *Discrepancia en el uso de DE ante complemento adverbial.* — En el habla popular se usa DE en estos giros: "Trabajar de gratis"; "echar de menos"; a no ser que se trate de escritores muy cuidadosos de su estilo.

507. — *Empleo u omisión de DE ante QUE explicativo.* — Es corriente la omisión de dicha preposición en estos giros: "No hay miedo que venga"; "te doy palabra que volveré". Sólo en el habla cuidadosa de las personas cultas no se omitiría.

En cuanto a DE expletivo ante QUE, se oye entre las personas ignorantes: "Le dijo DE que viniera"; opino DE que no tiene razón".

508. — *Diferencia de sentido entre las construcciones con DE o sin DE ante complemento sustantivo.* — En general se establece diferencia de sentido en estas construcciones, según que se use o no la preposición DE. Decimos, por lo tanto, "sufrir dolores", cuando los aguantamos, toleramos o soportamos (4.ª acepción de sufrir, Dic. Acad., última edición); "sufrir de dolores", cuando padecemos de ellos (1.ª acepción de dicho verbo, dic. citado); "padecer error", cuando lo cometemos o incurrimos en él. Con el sustantivo *error* precedido de DE no usaríamos el verbo padecer; pero sí usamos dicha preposición cuando el complemento es otro sustantivo; v. gr. "padecer de dolores" (1.ª acepción de padecer, dic. citado). A no ser escritores muy castizos, nadie usa el verbo *meter* sin la preposición "Meterse monja"; por el contrario se dice: "Meterse a monja" (acepción 23, dic. citado). No usaríamos en estos casos la preposición *de.*

509. — *Uso de OCUPARSE EN y OCUPARSE DE.* — Se da preferencia a DE en estas construcciones: "Se ocupó del fomento de la ganadería"; "estimaré que te ocupes de este asunto". Sólo escritores muy cuidadosos de su estilo establecen distinción de sentido en este régimen, usando EN en la 8.ª acep. de *ocupar* y DE en la 9.ª (dic. citado), aunque el sentimiento lingüístico es en general usar DE en todos los casos.

510. — *Vacilación ante DE y EN en construcciones adverbiales.* — Entre las expresiones "de pie"; "en pie"; "de pies"; "en pies", se prefiere la primera. En cuanto a "de puntillas"; "en puntillas"; "en puntas de pies", se prefiere la segunda.

511. — *Construcciones con DE o POR.* — Hay preferencia por la preposición DE: "Dejarse llevar del miedo (por el miedo)"; "de mala (por mala) que era odiaba a todo el mundo". "¡De qué poco (por qué poco) te asustas!

512. — *Uso de PARA o POR con complemento de interés.* — Hay vacilación en el uso de estas preposiciones en los giros siguientes: "Trabajaba para (por) mantenerse"; "pinta para (por) entretenerse"; "hizo lo posible para (por) encontrar el libro".

513. — *Carácter de las diversas formas de reiteración continuativa.* — Las locuciones "día a día" y "día por día" se usan para precisar que una acción se realiza diariamente sin falta. De estas dos, se prefiere la segunda. "Día tras día" y "un día tras otro" tienen más bien carácter literario, y se usan ambas locuciones en el sentido de "todos los días", indicando mera sucesión temporal. En cuanto a "noche a noche"; "noche por noche"; "noche tras noche"; "una noche tras otra", existe igual distinción que en las anteriores respecto a la palabra DIA. En el habla popular se prefiere "*noche por noche*".

514. — *Preferencia por A o CON en las siguientes frases: "CONFORME A (O CON) LA REGLAMENTACION"; "DE ACUERDO A (O CON) LOS PLANES", etc.* — En estas construcciones se usa CON y no A. Sólo en lenguaje legal se usa *a* en lugar de CON: "Conforme a lo dispuesto en el artículo número...". Lo que nunca se usa es la expresión "de acuerdo a...", como ocurre con tanta frecuencia en la Argentina.

515. — *Elipsis de A ante complemento en infinitivo.* — Los giros "te voy matar"; "te voy pegar"; "me voy sentar", no los emplea ningún cubano. Sólo los gallegos ignorantes que residen en este país..

516. — *Elipsis de la preposición ante nombre de naturaleza.* — En estos casos se usa la preposición unas veces y se omite otras. Decimos "agua lluvia"; "agua florida"; "uvas parras"; pero "agua de colonia"; "leche de crema".

517. — *Elisión de la DE determinativa.* — No se omite la preposición DE en estos casos: "La finadita mi hija (de mi hija)". "La pobre mi mujer (de mi mujer)".

518. — *Uso o no de la preposición DE en nombres de calles, plazas, parques, etc.* — La tendencia en estos casos es a omitir la preposición DE: "Avenida Simón Bolivar"; "calle Campanario"; "Calle Muralla". Los viejos, sin embargo, usarían la preposición en tales expresiones. "Calle de la Muralla".

La Habana, 12 de marzo de 1948.

II

Género. — (pág. 5). En Cuba, al igual que en otros países de Hispanoamérica, hay tendencia a diferenciar el género natural de los nombres. Así, son corrientes la *presidenta*, la *dependienta*, la *sirvienta*, la *taquígrafa*. Ministra no es tan usual. *Sirvienta* y *taquígrafa* están aceptados por la Academia (Dic., última edic.).

Marchanta es de uso general.

Tipa, como femenino de tipo, se usa en sentido peyorativo. Entre la gente baja es muy usual *tipo* para nombrar a una persona, en vez de *joven, individuo*, etc.

Un femenino curioso, aunque merece tildarse de vulgarismo, es *tora*. Llámesele aquí *toro* a cualquier hombre que sobresale en alguna cosa o que es diestro o experto en ella, v. gr.: "Fulano es un *toro* en el juego de ajedrez". De ahí que al tratarse de una mujer que reúna esas cualidades se diga "*tora*" en vez de *vaca*, pues este último semánticamente no tendría el mismo sentido que el primero. Existen también los aumentativos *torón* y *torona*.

Curioso es también el uso de *piezo* como masculino correspondiente a *pieza*. "Tener una *pieza*" se dice aquí, en el habla popular, para significar que se tiene una *querida*, una *amante*. De ahí que refiriéndose a una mujer digan "Fulana tiene un *piezo*" (un amante).

Bombillo es de uso general en vez de *bombilla*. *El costumbre* se les oye todavía a los guajiros (campesinos). La *azúcar* y el *sartén* son de uso frecuente. En cuanto a *el radio* por *la radio*, en mi libro "Cuestiones Lingüísticas y Gramaticales" (pág. 127 y sig.) explico ampliamente que en Cuba se dice, correctamente a mi juicio, *el radio* cuando nos referimos al *radiorreceptor;* y *la radio*, cuando nos referimos a la *radiotelefonía*.

La expresión *a la mejor* se oye a menudo, tanto en el campo como en la ciudad. Se usa en el habla popular y la semiculta. A veces en la culta. Ejemplos de conversaciones oídas por mí: "Te pones a hacer proyectos para construir una casa con tus ahorros, y *a la mejor* te quedas sin trabajo y no puedes hacer nada". "Estás muy seguro de que vendrá y *a la mejor* ni piensa en eso". También se oye "de seguido" por "de seguida". El uso de *serviciala* como adjetivo femenino, es corriente entre los guajiros.

Expresiones temporales (pág. 10). En el habla culta y la semiculta siempre se dice "¿qué hora es?" en vez de "¿qué horas son?". En el habla popular se dice a veces "¿qué horas son?".

"Los otros días" y "las otras noches", por "el otro día" y "la otra noche", (pág. 12) son expresiones corrientes en el habla popular.

Artículo definido (pág. 20). — En Cuba decimos siempre "voy a casa" y no "voy a la casa", como es corriente en muchos países de Hispanoamérica.

En las locuciones "venir a pelo", "por malas", "por buenas" usamos el artículo, y así decimos: "Venir al pelo", "a las malas", "a las buenas". "Al propósito" por "a propósito" se oye entre gente rústica.

Condicional AL más infinitivo (pág. 27). — En el lugar de Montenegro ("Los héroes", pág. 135): *"Al no querer* nadie hablarnos, tampoco teníamos nada que decirnos entre nosotros", me parece que *al* tiene carácter de causal y no de condicional, pues sería lo mismo que si dijéramos *"por* no querer nadie hablarnos...". El uso de este *al* condicional en Cuba es raro. Tendría empleo, en la locución "a decir verdad", v. gr. "al decir verdad, Juan es un buen muchacho", equivalente de "si he de decir verdad, etc.".

Apócope de adjetivos (pág. 29). — En el habla popular es frecuente la apócope de primera: "la primer vez", "la primer cosa". Como en Cuba es muy raro que se diga *ciento* cuando no precede a sustantivo o adjetivo, también se ha generalizado el uso de *cien por cien* en vez de "ciento por ciento", que sería lo correcto. Sólo escritores muy cuidadosos de su estilo dirían "te daré ciento" y "ciento por ciento". (Véase mi libro "Cuestiones Lingüísticas y Gramaticales", pág. 61 y sig.).

Adjetivos usados como adverbios (pág. 32 y sig.). — También en Cuba se usa con frecuencia el adjetivo por el adverbio en las expresiones señaladas por Ud., tales como "¡Qué bonito canta!", "Mis veinte años no fueron suficiente fuertes..."; "correr rápido" *Bonito* se usa con sentido adverbial en la siguiente expresión muy usual en Cuba "Pararse bonito" (Asumir una actitud enérgica). En el habla popular se usa casi siempre *media* por *medio:* "Estoy media muerta".

Comparación (pág. 49 y sig.). — En el habla popular son frecuentes los casos de usar los comparativos *mejor, peor, mayor, menor,* precedidos del adverbio *más: más peor, más mejor,* etc. Esto ocurre, desde luego, por analogía con los comparativos regulares, que se construyen con *"más":* "más bonito", "más largo", etc.

A propósito de la variante *más a peor,* que Ud. cita como usada en Guatemala, me parece interesante decirle que entre los guajiros y las personas ignorantes de las ciudades es corriente el giro "a mejor" para indicar que un enfermo mejora progresivamente: "Juan ha estado muy grave durante una semana; pero desde que tomó la medicina que le recetó el médico ha ido *a mejor, a mejor".* Casi siempre se usa en forma reiterativa.

También es corriente en el habla popular, y a veces trasciende a la culta y la semiculta la forma "más antes". Son igualmente usuales "mejor que mejor" y "peor que peor".

Voseo (pág. 55 y sig.). — El voseo en Cuba subsiste, como muy bien dice Ud. en la pág. 90, en las provincias de Camagüey y Oriente. En cuanto a las formas verbales que se usan en tales casos son las empleadas por Luis Felipe Rodríguez en su novela "Ciénaga", de la cual transcribe Ud. algunos pasajes en la pág. 91.

A propósito de la expresión "pies para que os quiero", que Ud. cita en la pág. 36, en vez de "patitas, para que te quiero" (variante usada en Chile), en Cuba decimos "Pies para que te quiero", y también "paticas para que te quiero". En el habla popular se dice *pa* en vez de para.

Otros pronombres personales. (Usados al dirigirse a una persona). Pág. 92 y sig. — *Su merced* se usaba mucho al dirigirse un subalterno a su superior en tiempos de la colonia. Era muy corriente sobre todo entre los negros esclavos cuando se dirigían a sus amos o a cualquier persona a quien debían respeto.

También los padres usan aquí *usted* cuando se dirigen a un hijo suyo en forma colérica.

El tratamiento de *usted* como forma de afecto no es tan usual.

Los hijos al dirigirse a cualquiera de sus padres por lo general lo tratan de *tú.* No es corriente que los hijos usen en tal caso *usted.* Donde más se observa el uso de *usted* es en los hijos de españoles residentes en Cuba.

También es usual entre los guajiros el uso de *él* cuando una mujer se refiere a su marido ausente, y el de *ella* cuando este último se refiere a su mujer ausente.

En el habla popular es frecuente usar la forma de nominativo en vez de la terminal: "yo me gusta la música".

Pág. 100. — En vez del oblicuo *nos* usan *los* las personas rústicas: los vamos (los se pronuncia loh). Usase también como enclítico: *Vámohloh* (vámonos) y *vamoh a ihloh* (vamos a irnos).

Pág. 102. — En general en Cuba somos loístas. Sólo los escritores muy cuidadosos de su estilo usan *le* en caso acusativo: "Ayer vimos a Juan y *le* encontramos más respuesto".

No usamos nunca *la* por *le,* ya que la primera de estas formas se emplea sólo en acusativo.

Lo que sí es muy frecuente es el uso de *le* y *les* por *la* y *las,* cuando van precedidos de *se:* "A María se *le* ve por aquí todos los

días", "A estas señoras se *les* considera mucho". Sólo los escritores cuidadosos de su estilo usarían los acusativos *la* y *las* en estos casos.

Pág. 122 y sig. — *Posición del pronombre como complemento.* — Unicamente en lenguaje literario se usan como enclíticos los pronombres personales: "*Habíase* amotinado el pueblo cuando en eso llegaron los soldados".

La posposición es frecuente en las narraciones; pero esto se hace con el verbo en presente y no en pasado: "Ayer ví a José y díceme: *¿No vas al juego de pelota?*" (Ver N.º 423 de mis respuestas al "Cuestionario" de Navarro Tomás).

Pág. 126. — *Posición del sujeto de infinitivo.* — Es muy frecuente anteponer el pronombre al infinitivo: "Al poco tiempo de usted llegar"; "sin yo verlo, no puedo decir si lo conozco".

Pág. 126. — *Posición redundante.* — Es muy usual que el pronombre preceda en estos casos al verbo auxiliar: "lo voy a hacer (voy a hacerlo)"; "te lo voy a decir (voy a decírtelo)".

Pág. 127 y sig. — Además de la expresión "¡Métele, Guayabo!", que usted toma del Vocabulario de Voces Cubanas, de Constantino Suárez, debo citarle la expresión que usan aquí los conductores de ómnibus cuando ordenan al chofer que prosiga la marcha después de una parada: "¡Dale!".

Pág. 135 y sig. *Demostrativos.* — También aquí es muy corriente que el demostrativo *ése* usurpe el oficio de *aquél.*

Este o esto como muletillas. — Ya en mi respuesta al N.º 436 del "Cuestionario" trato sobre este punto. Sólo agregaré aquí que en Cuba también se usan las locuciones "este que diga" y "que digo" y "que diga" en el habla popular.

"Este" como vocativo. En el habla popular, cuando se desconoce o no se recuerda el nombre de una muchacha se dice: "esta muchacha"; "esta niña". También suele posponerse el adjetivo demostrativo: "Ah, qué muchacho este!".

"Otro" y "este otro" se usan con sentido futuro: "No podré trabajar hasta la otra semana"; "No vendrá por aquí hasta este otro mes".

"La" y "las" indefinidos. — También en Cuba tienen uso: "Corrió que se las pelaba"; "Juan se las templó (se fué)"; "él se la busca muy bien" (se busca la vida muy bien); "cogerla con uno" (tomarla con uno); "me la largó" (me lanzó una pulla); "dar la mala" (perjudicar a otro en provecho propio: "Ayer me diste la mala en la compra que me hiciste").

Uno indefinido. — También en Cuba, sobre todo en el habla popular, se usa muchísimo *uno* en lugar de *yo* o *se:* "Uno también tiene sus ocupaciones"; "(yo también tengo mis ocupaciones)"; "cuando uno fuma mucho la garganta se irrita" (cuando se fuma mucho, se irrita la garganta).

Las mujeres con frecuencia, al hablar de sí mismas usan *uno* en lugar de *una,* concertando el adjetivo que se refiere a ese pronombre indefinido, unas veces en masculino y otras en femenino: "*Uno* está enfermo para trabajar tanto"; "Está *uno* cansada de tanto hablar".

Alguien, alguno: nadie, ninguno. — Ya en mi respuesta al N.º 443 del "Cuestionario" trato sobre este punto. Agregaré aquí que al igual que en Santo Domingo, se emplean en Cuba, en el habla popular, las expresiones: "él no está *ningún* enfermo"; "ella no parece *ningún* celosa". En realidad la apócope *ningún* en estos casos se usa en lugar de *nada,* y se emplea casi siempre en respuestas elípticas: "Juan está enfermo. *Ningún* enfermo (Él no está nada enfermo). "María es muy bonita". *Ningún* bonita. (Ella no es nada bonita). "Tienes que hacer este trabajo. *Ningún* de eso" (Nada de eso).

Cualesquier. — Remito a Ud. a mi respuesta al N.º 444 del "Cuestionario". Agregaré, como información suplementaria, que la gente rústica también emplea "cualisquier" por "cualquier".

Un poco de. — Entre los campesinos suele observarse la supervivencia de "una poca de agua" por "un poco de agua".

Con todo y. — Muy interesantes son sus observaciones respecto a las construcciones *con* más nombre más *y todo.*

El uso antiguo de *y todo* en el sentido de *también* no tiene vigencia en Cuba; pero si existe con la significación de *todo lo demás:* "Se puso el vestido, los zapatos *y todo*"; "se lo dije *y todo;* pero no me hizo caso". También se usa la forma contrapuesta *ni nada:* "No sabe inglés *ni nada*".

En cuanto a la curiosa metátesis que Ud. observa en muchas regiones de Hispanoamérica en el uso de la locución *con* más nombre más y *todo:* "con caballo y todo + con todo y caballo", debo significarle que en Cuba no usamos nunca la segunda forma, como ocurre con tanta frecuencia en México. En cuanto a la locución "con todo y con eso" en el sentido de *a pesar de eso,* puedo decirle que también la usamos aquí, si bien suprimimos en tal caso el segundo *con:* "Juan vino a darme una satisfacción por su mal comportamiento; pero *con todo y eso* no le perdoné la falta".

Igualmente ocurren los casos de *con todo y* seguido de infinitivo: "*Con todo y* ser tan buen tipo, no me gusta". Muy interesante es la hipótesis que Ud. señala respecto al desarrollo de *con todo y* como resultado de una fusión de *así* y *todo* (= a pesar de eso) y con todo (= no obstante, sin embargo): *así* y *todo* + *con todo con todo y*.

Pág. 164. — PRETERITO POR PRESENTE O FUTURO. — También en Cuba se usa en el habla popular la expresión "nos fuimos" por *nos vamos.*

Cuando se quiere dar por terminada una discusión úsase "murió el cochino".

En son de amenaza por alguna ofensa recibida suele decirse: "Te fastidiaste" (te voy a fastidiar); "te moriste" (te vas a morir).

Pág. 174. — *Subjuntivo presente exhortativo.* — No se usa en Cuba el subjuntivo como imperativo en forma interrogativa: "¿Entremos?".

Pág. 175. — *Mande,* con entonación interrogativa, se usa también entre los guajiros y gente humilde de la ciudad para pedir que se repita lo que no se ha oído o entendido: "Traéme la montura del caballo blanco. ¿Mande?".

Pág. 176. — *Vamos, vayamos.* — Muy interesantes sus observaciones respecto al uso de *vamos* en vez de *vayamos* en el imperativo. A este respecto, me permito remitir a Ud. a la página 30 de mis Comentarios a "Arcaísmos Españoles Usados en América", de Carlos Martínez Vigil, donde trato sobre este particular.

En Cuba casi siempre decimos *vamos* en el imperativo. También con el enclítico *nos:* "vámonos".

Sólo algunos escritores, creyendo así estar dentro de los preceptos académicos, dicen: "vayámonos".

Pág. 177. — *Querramos.* — Aquí también es corriente en el habla popular el uso impropio de *querramos* por *queramos* lo cual se debe, como muy bien observa Ud., a la influencia de *querremos.*

Pág. 188. — *Reflexivos.* — Al igual que las expresiones de El Salvador: "Tóquese algo", "Cántese algo", tenemos aquí por ejemplo, "Págate algo", la cual emplean en el habla popular cuando una persona desea que otra la invite a tomar algo.

Pág. 195. — *Recordarse.* — También se oye de vez en cuando en el habla popular *recordarse* por *recordar:* "No me recuerdo del nombre".

Pág. 196. — *Desayunarse.* — También en Cuba, por lo general, se omite, el pronombre reflexivo en el verbo desayunar: "Esta mañana desayuné temprano". Sólo en el habla cuidadosa de las personas cultas se usa el pronombre.

Pág. 197. — *Auxiliares de aspecto unitario.* — También tenemos aquí los auxiliares de aspecto unitario *ir y, coger y,* en el presente, pasado e imperativo: "voy y lo traigo"; "fuí y le dije"; "ve y tráemelo"; "cojo y lo abro"; "cogí y lo abrí"; "coge y ábremelo".

"El policía registró la casa y al ver que no encontraba al ladrón que buscaba, *cogió y se fué*". (En conversaciones corrientes del habla popular).

Pág. 200. — *Auxiliares de aspecto incentivo.* — Es también corriente aquí "decir a": "Estábamos listos para salir, cuando de pronto dijo a llover y tuvimos que quedarnos en casa". (Conversaciones corrientes en el habla popular).

Pág. 224. — Al igual que en Venezuela, aquí también en el habla popular se usa la expresión *¡desde cuándo!* en respuesta a la pregunta *¿desde cuándo?,* para significar *(desde) hace mucho tiempo:* "¿Desde cuándo no vas al teatro?" — ¡Uh! *¡desde cuándo!* Lo importante en este punto es la entonación que se da a ¡desde cuándo! en la respuesta, que indica claramente *largo tiempo* por lo mucho que se acentúa y prolonga la sílaba tónica *cuan.*

Pág. 226. — Van para dos años. Se usa aquí también esta relación temporal: "¿Cuánto tiempo hace que llegaste a La Habana? Va para dos años".

Pág. 230. — "Llevarse" sin indicación de tiempo no se usa en Cuba: "Me llevo estudiando", "este niño se lleva en la calle". Desde luego que en estas expresiones está elíptico el elemento temporal.

Entre los campesinos sobre todo, son muy comunes las expresiones "Hay más de un año (Hace más de un año); "Hay rato que estoy aquí" (hace rato que estoy aquí).

Pág. 231. — NO LE HACE Y VARIANTES. — También se usa en Cuba "No le hace" por "no importa".

Pág. 234. — En vez de la forma abreviada "No te hagas" por "No te hagas el tonto", usamos la íntegra, pero empleamos en ella *bobo* en vez de *tonto.* La palabra bobo tiene un uso muy extenso entre nosotros. Cuando alguien se siente molestado por algo que le ha dicho otra persona, le contesta enojado: "¿Usted es bobo, compadre?'.

Otras veces se usa como palabra de afecto: "Mira, bobo, toma mi cartera". Se intensifica más el tono afectivo con el diminutivo: "No, *bobita;* no te pongas *brava* (no te enojes)". "¡Qué bobita eres!"

Pág. 235 y sig. — En vez de la expresión "Tú sí eres" tenemos "Tú sí que eres"; "¡Mira que tú eres!".

Pág. 237. — También en Cuba, desgraciadamente, se lee de vez en cuando en los periódicos el uso erróneo de la voz pasiva en la forma continuativa o progresiva: "El puerto está siendo bombardeado" en vez de la castiza: "Están bombardeando el puerto".

Pág. 255. — En Cuba es también frecuente quebrantar la concordancia *"lo que es"* seguida de pronombre sujeto (en la cual *es* permanece invariable), haciendo concordar el verbo en número y persona con el pronombre que le sigue: "Lo que soy yo"; "lo que somos nosotros"; "lo que eres tú"; "lo que son ustedes"; "lo que son ellos".

Pág. 261. — Expresiones de deseo. También aquí usamos el verbo tomar en expresiones de deseo: "Tomaría yo tener dinero, pues entonces viajaría mucho". A veces se sustituye *tomaría* por *tomara.*

Pág. 264. — Usamos también "quien quita" por "puede ser que".

Pág. 266. — En Cuba es muy corriente posponer el verbo al sujeto después del adverbio *ya*, en contra del uso normal, que exige la colocación del sujeto después del verbo en tales casos: "ya usted verá" por "ya verá usted".

Por eso se emplean con tanta frecuencia las expresiones "¿Qué tú dices?" "¿Cómo tú te llamas?". (Véase mi respuesta al N.° 426 del "Cuestionario").

Pág. 267. — Los casos de reiteración del verbo en la misma oración, que Ud. cita como de la Argentina, Uruguay y Chile ("¿Són muchas las yeguas? — No, señora. *Son* ocho no más, *son")* no ocurren en Cuba; pero sí existe el de la reiteración del adverbio *ya* al final de la oración en el habla vulgar: "¿Ya tú viniste, ya?". Creo, como Ud., que esto se hace por razón de énfasis.

Pág. 268. — LOCUCIONES ADVERBIALES. — También suele contestarse aquí con la expresión *"Absolutamente"* en sentido negativo. Una expresión muy corriente entre nosotros es la de "Completamente", significando con ello "Así es"; "por supuesto", etc.: "De manera que para inscribir esta finca en el Registro tengo que traerle la escritura" — "Completamente". Desde luego que es un uso disparatado; pero por desgracia muy frecuente.

Pág. 269. — *ACA, AQUI.* — También en Cuba, al igual que en Costa Rica y Santo Domingo, usan en el habla popular *acá* en lugar del pronombre correspondiente: *"Acá* me dijo que le pidiera dinero" (Este señor o el señor me dijo...)

A veces se usa *Acá* seguido de un nombre en forma elíptica, como resultado de la fusión de Acá más nombre (precedido de artículo o adjetivo) más una oración adjetiva: *"Acá* mi primo me lo dijo" (Acá el señor, que es mi primo, me lo dijo).

270. — Muy interesantes sus observaciones respecto a los adverbios *ahí, allí, de ahí.*

Hay aquí una curiosa expresión en el habla popular para significar "eso es lo que corresponde", "eso es lo propio": "Al bailar la guaracha hay que marcar bien los pasos al compás de la música. *Eso es de ahí,* compadre".

Pág. 278. — *Ahorita.* — Como muy bien dice el ilustrado lexicógrafo mejicano Santamaría, en su país *ahorita* significa "en este momento", "en el instante mismo en que se habla"; pero en Cuba lo empleamos para referirnos a un hecho que está próximo a ocurrir o que ha ocurrido inmediatamente antes del momento en que se habla: "¡Cuánto tarda Juan! — Espéralo un rato más, *ahorita* viene (viene en seguida, viene dentro de un momento)". "¿Está José en casa? — *Ahorita* se fué (hace un momento que se fué).

Pág. 279. — En vez de la locución "a la disparada", de uso en la Argentina, el habla popular emplea aquí "a la precipitada": "Cuando llegó la policía, los ladrones se fueron *a la precipitada*". Es de observar que en estos casos está elíptica la palabra *fuga.*

Pág. 281. — Al igual que en Méjico, usamos aquí "a la mejor" por "a lo mejor", en el sentido de *tal vez, cuando menos se espera.*

Pág. 283. — En vez de la locución "a lo macho", que usan los mejicanos, empleamos aquí "de a hombre": "Si eres guapo (valiente), fájate (pelea) conmigo. Esto te lo digo *de a hombre*".

Pág. 287. — En vez de "a saber", que cita Ud. como de uso en Costa Rica, Nicaragua, El Salvador, Guatemala y Méjico, decimos aquí "Vaya Ud. a saber" o "Cualquiera sabe": "¿Cree Ud. que este edificio se terminará el mes que viene? — *¡Vaya Ud. a saber!*" — "¿Traerá Juan los libros que le encargué? — ¡Cualquiera sabe!".

Pág. 289. — También aquí usamos "casualmente" en el sentido de "precisamente': "Cuánto siento no haber visto a Pedro — *Casualmente* vino a traerte las noticias que tú esperabas".

Pág. 292. — *Contimás.* A lo dicho en mi respuesta al N.° 487 del "Cuestionario" debo agregar que aquí el habla vulgar usa además la forma *"entre más"* por *"cuanto más": "Entre más* dinero tiene más quiere".

Pág. 296. — *Demasiado.* De esta palabra pudiéramos decir que en Cuba se abusa *demasiado* de ella. Efectivamente, la empleamos con frecuencia en el sentido de *muy, mucho, bastante:* "Eres *demasiado* bueno (muy bueno)"; "Hace *demasiado* calor (mucho calor)"; "No tengo dinero suficiente para hacer esa compra. — Tienes *demasiado* (tienes bastante)". A veces se usa en el sentido de *bien* o *muy bien:* "*Demasiado* sabes (bien sabes) que digo la verdad".

Pág. 301. — *De seguido, seguido.* También en Cuba en el habla popular se usa *seguido* en el sentido de *frecuentemente:* "¡Caramba cuánto tiempo hacía que no te veía! — Antes venías más *seguido* por aquí".

Pág. 304. — *De viaje.* — En el habla popular se usa en Cuba la locución "de un viaje" en el sentido de "de una vez": "Se tomó el vaso de vino de un viaje". En el habla vulgar tiene otro valor semántico la palabra "viaje": "Me tenía tan fastidiado que le aflojé *un viaje*" (Me tenía tan fastidiado que le dí una bofetada — o — una trompada).

Pág. 308. — *Lo más seguido de adverbio o adjetivo.* — En Cuba se usan las locuciones "lo más bien" o "de lo más bien" en el sentido de "muy bien". "Chica, anoche fuimos a la fiesta y la pasamos *lo más bien* (o *de lo más bien)*". Debo advertir que se emplea más la segunda forma; esto es, con la preposición de: "¿Qué tal te fué en tu viaje? — Chico, *de lo más bien*". Esta última forma puede estimarse como equivalente de "de lo mejor": "¿Qué tal es Juan? — Es *de lo mejor*".

Se usa igualmente *lo más* seguido de adjetivo: "Él es *lo más büeno* conmigo". Este giro se emplea también precedido de la preposición *de:* "Conmigo es *de lo más bueno*".

Pág. 317. — *Otra vuelta, vez pasada, ocasión.* — También en Cuba en el habla popular úsase *otra vuelta* en el sentido de *otra vez:* "Fuí *otra vuelta* a casa de Juan".

En cuanto a *ocasión* con el significado de *vez,* es muy usual su empleo entre los campesinos (guajiros): "Una *ocasión* me dijo José que le gustaban mucho mis siembras".

Pág. 318. — *Por si acaso.* — Muy interesantes sus observaciones respecto a que en ciertas regiones de Hispanoamérica se usan las expresiones "por las dudas" y "por si aca" en lugar de "por si acaso". Aquí en el habla popular lo que se usa es "porsia" en tales casos: "Me parece que ya no va a llover; pero me pondré la capa de agua *porsia*". A propósito de este simpático *porsia,* a la mente me viene un cuentecito, muy conocido en Cuba, referente a una pareja que fué a contraer

matrimonio ante un juez. A continuación se lo refiero en forma dialogada:

"Juez (dirigiéndose al futuro esposo). —"¿Toma usted por esposa a la Srta. X?

Futuro esposo. —Ya lo. (Ya lo creo).

Juez (dirigiéndose a la futura esposa). —"¿Toma usted por esposo al Sr. Z?

Futura esposa. —"Me pa" (Me parece).

Juez (desconfiado). —"Pues fírmeme aquí *porsia*".

Pág. 321. — *Quien sabe, quien quita.* — *Quien sabe* se usa como equivalente de *tal vez, quizás,* en lugar de la construcción normal "quien sabe si": "¿Dónde está mi sombrero? — *Quien sabe* Juan lo haya cogido".

En cuanto a "quien quita", también lo usamos en igual sentido que "quien sabe": "¡Quien quita me saque la lotería este mes!".

Pág. 331. — En vez de la expresión "al contado violentamente", que Ud. cita como usada en Chile, los comerciantes de aquí emplean "Al contado rabioso".

Pág. 333 y sig. — *Preposiciones.* — Muy eruditas e interesantes sus notas respecto a la omisión de la preposición *a* después de infinitivo para expresar fin o propósito, en el español antiguo: "le van cercar" (Cid. — ca. 1140—). Aquí no ocurre tal omisión. Sólo se observa en el habla de algunos gallegos residentes en nuestro país: "Voy dicirte una cosa".

Pág. 335. — A superflua. — Muy bien explicada por Ud. la distinción que existe entre emplear *mandar* con la preposición *a* y sin ella. Efectivamente, *mandar,* como verbo de obligación no requiere la preposición: "Mandé traer la carta" (ordené que la trajeran); en cambio, si usamos la preposición varía el sentido, entonces significaría "enviar": "Mandé a traer la carta" (envié a alguien a traer la carta).

Este uso impropio de la preposición *a* con *mandar* como verbo de obligación dió lugar a una polémica entre el Sr. Félix Callejas, (periodista cubano) y yo (Véase mis "Cuestiones Lingüísticas y Gramaticales", pág. 35 y sig.).

Aquí en Cuba pocas son las personas que tienen un concepto claro de dicha distinción, por lo cual siempre se usa la preposición *a* con mandar como verbo de obligación. De ahí que el Dr. Ciro Espinosa empleara la preposición *a* en el lugar que Ud. cita de la pág. 118 de "La Tragedia del Guajiro", de Ciro Espinosa: "Por tal razón, con-

tinuó el Alcalde, mandé a hacer la caja", ya que es de suponer que "el Alcalde" no tiene conciencia del uso impropio de tal partícula.

Pág. 342. — A en vez de por. — Indudablemente que expresiones como "el camino a tomar", "asunto a tratar", "letras a cobrar", etc., no son más que puros galicismos. Desgraciadamente aquí en periódicos, libros y hasta en el habla culta se observa este solecismo.

Pág. 344. — *A por para.* — En el habla popular se usa con frecuencia *a* por *para:* "Mi primo está *al* llegar".

Entre los guajiros y personas ignorantes se emplea *para* por *en*, uso que no veo registrado en su libro: "Josefa está *para* el campo"; "Juan está *para* la sala".

Pág. 345. — *Arriba de.* — Es muy común también el empleo de esta preposición compuesta en vez de *encima de:* "El libro está *arriba de* la mesa".

Pág. 353. — *"De" superfluo.* — En el habla vulgar tenemos casos de este *de* superfluo. Me dijo *de* que vendría"; "Así es *de* que no podré comprar la casa".

También se usa con el verbo *recordar*, que impropiamente se hace reflexivo: "No me recuerdo *de* eso". Está Ud. en lo cierto al aseverar que este uso reflexivo de *recordar* es por analogía con *acordarse.*

Pág. 359. — *De por en.* — Igualmente se usa *de* por *en:* "Quedó *de* venir hoy por aquí"; "Tengo mucho gusto de saludarle".

Pág. 360. — *De por y.* — En el habla popular es muy frecuente esta transgresión: "Se pasaba horas *de* horas bailando, en vez de "horas y horas".

Pág. 362. — *"Desde" superfluo.* — Ocurren también casos de este desde superfluo: "Desde la semana pasada trajo ese paquete".

Pág. 368. — *Entre.* — También entre los guajiros y personas ignorantes de las ciudades se usa *entre* por *en* o *dentro de:* "Se lo metió *entre* el bolsillo".

Pág. 377. — *Lo cual como conjunción temporal.* — No existe este uso en Cuba; pero en el habla vulgar sí se emplea *lo cual* en una forma muy curiosa en lugar de *mientras que:* "Yo nunca lo hago, lo cual ella sí" (Yo nunca lo hago, mientras que ella sí).

Pág. 384. — *Cosa que.* — Existe también en el habla popular este giro en el sentido de *para que, de modo que, de suerte que:* "Cierra bien la puerta, *cosa que* no entre el viento".

Pág. 385. — *Con eso.* — Igualmente se usa *con eso* como equivalente de *a fin de que, con el objeto de que, para que:* "Ven esta noche por aquí, con eso me ayudas a hacer la tarea".

Pág. 388. — *Donde.* — Ocurre también en el habla popular este uso de *donde* en lugar de *cómo:* "¡Dónde iba yo a creer que no vendría a verme!".

Pág. 394. — *"Que" superfluo.* — También corriente en el habla popular: "En cuanto *que* lo ví eché a correr".

Pág. 395. — *Uso de nada para reforzar la negación.* — Ocurre con frecuencia este uso: "No vino nada".

Pág. 409. — *Interjecciones.* — Además de "¡qué va!", tan corriente en Cuba, tenemos también "¡de dónde!", que Ud. cita como de uso en regiones rurales.

Pág. 412. — *Como no.* — Se usa corrientemente esta frase como equivalente de una palabra o expresión afirmativa. "¿Te gusta este libro? — ¡Cómo no!".

Tenemos también la variante *como que no.* "¿Vas al baile esta noche? — ¡Cómo que no!". Si bien esta forma se usa a veces en el mismo sentido de *¿cómo podría ser de otro modo?*, en que se emplea en España la frase como no, en muchas ocasiones tiene la misma significación afirmativa con que ella se usa en Hispanoamérica. Se emplea también *cómo que no* después de una oración negativa cuando la persona a quien se habla insiste en la realización del hecho a que se refiere esa oración negativa: "¡No irás hoy al teatro! — *¡Cómo que no!"* (¿Cómo no había de ir al teatro?).

Pág. 415. — *Equivalentes de como no.* — De las frases *cuando no, y de no, si no, pues no*, que Ud. presenta como equivalentes de *como no*, la última de ellas se usa mucho entre los guajiros: "¿Te gusta el baile? — ¡Pues no! (puch no)".

Pág. 421. — *Fórmulas de tratamiento.* — Es tanto lo que hay que decir sobre este tema, que no cabría dentro de los límites de estas observaciones que estoy haciendo. Le daré, sin embargo algunos detalles interesantes, guiándome para ello por el magistral trabajo que sobre este punto y con respecto a la Argentina escribió Frida Welber (Revista de Filología Hispánica, Año III, N.º 2 (1941), 105-39).

El cubano, por lo general, es muy dado al tuteo. Los padres a los hijos y viceversa, se tratan de tú. Entre amigos, salvo en el caso de dirigirse una persona joven a otra de edad, el tratamiento es también de tú. Entre muchachas, aun sin ser amigas, casi siempre se tutean.

Usted es el tratamiento de respeto, usándose también entre personas mayores que se tutean, cuando hablan en tono severo. Igualmente ocurre esto último cuando los padres regañan a sus hijos.

La fórmula familiar y amistosa, entre hombres y mujeres, es *chico, chica*. Las mujeres usan también vocativamente "*niña*".

Papá y *mamá* son las formas corrientes, salvo entre algunos guajiros que todavía conservan la acentuación tradicional *máma* que se usó en España hasta el siglo XVIII, época en que por influencia del francés se empezó a emplear *mamá*.

Se ha generalizado hoy entre los niños el uso vocativo de *mami* y *papi*. A veces se oyen también las formas *mima* y *pipo*.

Narrativamente se usan *papá* y *mamá*, lo mismo por los adultos que por los niños; pero a veces se oyen *mi papá* y *mi mamá*, si bien estas últimas fórmulas son más propias de los niños. *Viejo* y *vieja* suelen usarse vocativamente, como formas afectivas, de hijos a padres. Esta misma fórmula se usa en el trato amistoso entre hombres y mujeres, y a veces la usan los niños cuando hablan entre sí.

Entre marido y mujer. — Mi esposo-a y *mi señora* se conisderan socialmente más elegantes. A veces hay cierta reacción por parte de las personas cultas, quienes, teniendo plena conciencia de la absoluta propiedad de las fórmulas "mi marido" y "mi mujer", las emplean sin empacho. Ante terceros la mujer designa al marido unas veces con el apellido y otras con el nombre de pila, siendo esto último lo más corriente. *Padrino* y *madrina* se usan narrativa y vocativamente. ahijado-a, sólo narrativamente. Los sirvientes usan narrativa y vocativamente, respecto de los dueños de la casa, *caballero, señora, señorita*. A veces usan la tercera persona al dirigirse a sus superiores: "¿Qué desea el caballero?"; "¿Qué manda la señora?"; "¿Llamó la señorita?".

Entre amigos, el tratamiento corriente es *chico-a*. También se usa entre hombres *compadre*, y las mujeres entre sí, *comadre*. Entre la gente baja se usa también "mi socio", "mi tierra" y "varón". Otro tratamiento entre hombres, cuando uno se dirige a dos o más es el de *caballeros*. Es curioso el hecho de que las muchachas se hayan apropiado este término en su misma forma masculina para usarlo entre ellas, cuando lo propio sería decir *chicas*: "*Caballeros*, vamos a invitar a los muchachos para la fiesta". A veces se usa entre hombres *mi amigo* como fórmula de cortesía o de afecto.

Mi hermano es tratamiento de amistad, en forma efusiva.

La gente humilde al dirigirse a un extraño, que considera socialmente superior le dice "dorto" (deformación del *doctor* inglés).

Los hombres al dirigirse a las mujeres y viceversa, en forma efusiva, usan *mi hija, mi hijo*, respectivamente. También en la clase baja se usan *mi santa* y *mi santo*.

Tratamientos de respeto. — Subsisten *don* y *doña*. Han desaparecido *su merced, mi amo-a*. Más que *don* seguido del nombre, se usa, *señor* seguido del apellido: "¿Cómo está, Sr. Martínez?".

También en vez de *doña* seguido del nombre, se usa *señora*: "Señora María, ¿desea algo?".

ADDENDA

Las formas *andá, callá*, se oyen en los lugares de Cuba en que persiste el voseo. En Camagüey, por ejemplo, se usa el vos seguido de la forma verbal moderna correspondiente, pero sin pronunciar la *s* final en ninguna de las dos palabras. Lo propio ocurre cuando tienen que usar el *os*, verbigracia. "Vo sabei que o ehtoy (estoy) oyendo"; "Ve que o vai a olvidar (Ved que os vais a olvidar)".

Como ejemplos de la caída de la *d* medial y final, puedo ofrecer los siguientes: "Oíme; *vení* acá; ¿no o habei enterao que Juanita se casó anoche?". "*Vení* acá, Antonio; *mirá* a quien tenei aquí". Estos son casos corrientes en la conversación íntima entre parientes o amigos.

En los negros camagüeyanos persiste el voseo como reminiscencia del habla de los esclavos africanos: "Senó; ¿querei una tasa de chocolate? Mirá que etá muy bueno y yo sé que a *vo* o guhta (gusta)". El habla de aquellos esclavos no era más que un reflejo de la que usaban sus amos en tiempos de la colonia.

Ado. — Dice Ud. bien que la pérdida de la *d* intervocálica no puede estimarse como un simple caso de prosodia viciada de Hispanoamérica, ya que ello data de la época de los conquistadores españoles.

La Habana, 11 de abril de 1948.

EL USO DEL IDIOMA NACIONAL

POR EL PROFR. LUIS C. PINTO

Acabamos de leer en un diario metropolitano que el Consejo Económico Nacional, en su reunión del 19 de octubre, celebrada en la Casa de Gobierno, después de tratar asuntos referentes al agio, resolvió, además, "aconsejar al Poder Ejecutivo que las *cartas de restaurantes*, programas de cinematógrafos, teatro, etc. y todo lo que sea para conocimiento del público, deberán en lo futuro, *sin excepción*, estar escritos en *idioma nacional*".

Ignoramos la superintendencia que puede tener el Consejo Económico sobre cuestiones lingüísticas; pero desde que se trata de un alto cuerpo de asesoramiento para el Ejecutivo Nacional, es forzoso otorgarle toda la importancia que emana de sus resoluciones.

En tal sentido nos proponemos comentar lo atinente al idioma y la posible interpretación de su enunciado, a la verdad, bastante impreciso...

No es la primera vez que las autoridades toman ingerencia en el asunto de la vigilancia del idioma, con el buen criterio de evitar la corrupción del mismo, impidiendo que prevalezcan términos y frases lunfardas o groseras sobre el buen decir, que es signo de educación y cultura de las personas y de las colectividades.

Nunca podríamos estar en contra de una tan beneficiosa "ingerencia", cuando ella fuese el resultado de un serio, meditado y muy fundado estudio del asunto por personas especializadas, que unan a su condición de nativos, la de entendidos en la materia y, sobre todo, que obren con criterio científico.

Decimos esto porque generalmente se ha confiado la "dirección" de los asuntos lingüísticos en el país a profesores extranjeros, desconocedores de nuestro país y de sus tradiciones; individuos cargados de prejuicios "purísticos" y que más que enseñar en la forma que corresponde a quienes *saben*, provocaban reacciones adversas en los que hubieran debido ser aleccionados...

Es bien conocido el caso de aquel filólogo español, que después de haber sido contratado para dirigir el Instituto de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras, y de convivir muchos años en esa casa de estudios, se va del país y desde el exterior se nos descuelga con un libro contra las "peculiaridades lingüísticas rioplatenses", ni más ni menos que si hubiera pasado su existencia entre lunfardos o gente del hampa...

Es conocida, también, la especie de los puristas o "corregidores" de lengua, que desde la cátedra, el periodismo o la radiotelefonía, peroran sobre nuestra *incultura idiomática* en forma tan superficial y arbitraria, por sus desconocimientos de la evolución de las lenguas, que, más que aleccionar, confunde y perjudica, por inhibición, a las personas de escasos conocimientos lingüísticos.

Muchas veces, en decenas de artículos, nos hemos ocupado en estas columnas de esos seres que, al decir de Fígaro, se pasan la vida hablando de como debemos hablar...

Hace unos años, se dió un caso verdaderamente curioso, al respecto. Los concejales de la ciudad de Buenos Aires, se propusieron "velar por la conservación del idioma", y resolvieron que se cambiase ciertas denominaciones por otras más castizas...

Así se hizo, pero al poco tiempo el intendente de la ciudad, debió cortar las transmisiones por radio de las sesiones del Concejo, porque el lenguaje empleado por los ediles mismos, en los debates, era poco edificante... (Véase "Nueva Vida" del 30 de junio de 1938).

Consideramos, pues, que la vigilancia del idioma es asunto mucho más difícil de resolver de lo que aparentemente pareciera; ni puede confiarse a cualesquiera persona u organismos, sean estatales o privados.

Se sabe sobradamente, que el idioma es el vehículo de la cultura y que la evolución del mismo se efectúa en forma constante e ininterrumpida en los pueblos cultos; además esa evolución lleva implícita con el progreso de la lengua, vicios y defectos que no son sino desviaciones del buen uso, producidas en las personas o grupos sociales de despareja educación... Por lo mismo, ¿cómo establecer sanciones para los "infractores" sin el debido análisis de las leyes del lenguaje y causas de su incorrecto uso? ¿A quién confiar la policía de la lengua de modo que sea eficiente, lógica, amplia, y limitada al mínimo de restricción, para no incidir sobre el acrecentamiento y desarrollo de la misma?

Repetimos que las dificultades del empleo de una policía idiomática son numerosas, y su inadecuada aplicación puede significar un peligro mayor del que se quiere evitar. La lengua, se ha dicho muchas veces, hay que arreglarla "en marcha", pues no se trata de un reloj que puede descomponerse a gusto...

Así, pues, ¿cómo debe entenderse aquello de *escribir, en lo futuro, sin excepción, en idioma nacional, todo lo que sea para conocimiento del público?* ¿Qué temperamento o qué reglas deberán adoptarse por los establecimientos que tengan contacto con el público y deban comunicarse con él por medio de impresos o manuscritos?

Ante la vaguedad de la resolución, nos permitimos opinar en forma inductiva: si por *idioma nacional* se entiende el idioma que hablan los argentinos en general, y consagrado por el uso y la literatura, no importa la procedencia de sus elementos constitutivos, si se han formado según la índole propia del mismo, entonces nada tendremos que temer. Los argentinos no tenemos que avergonzarnos por nuestro lenguaje. Aquí, como en cada país, existe un tipo medio general de hablante que impone al conjunto su modalidad y moralidad idiomáticas, descontando por supuesto los lenguajes de germanía o lunfardos y los profesionales...

Si por el contrario se entiende por *idioma nacional*, el que pretenden imponernos algunos "profesores de la materia"' o puristas furibundos que limitan la lengua a lo poco que "autorizan" utilizar, sin sanciones, los *preceptores castellanistas,* para los cuales el reloj de la lengua está señalando todavía el siglo dieciséis, entonces sí tendremos que inquietarnos los argentinos porque se querrá encerrarnos en moldes idiomáticos demasiado estrechos para nuestro desarrollado organismo nacional en cuanto a progreso y cultura, y en lugar de adquirir cada día más universalidad en el habla, por la adopción de nuevos elementos traídos por el aporte de culturas foráneas, se nos someterá de nuevo a un colonialismo idiomático del que creíamos, afortunadamente, habernos librado para siempre...

Buenos Aires, 20 de febrero de 1948.

LA PRODUCCIÓN LINGÜÍSTICA DEL Dr. AUGUSTO MALARET

POR EL DR. CARLOS MARTÍNEZ VIGIL

Gratísima impresión me produjo la lectura, tan instructiva como interesante, de los libros que el ilustre Dr. Augusto Malaret tuvo la dignación de enviarme: "*Vocabulario de Puerto Rico*", "*Errores del Diccionario de Madrid*", "*Por mi patria y por mi idioma*", "*Voces afines*" y "*La obra de Malaret*".

Conocía su "*Diccionario de Americanismos*", gracias a la exquisita gentileza de mi noble amigo y competentísimo filólogo Dr. Berro García, y él no hizo sino confirmar la muy alta idea que me había formado de su personalidad de escritor al través de múltiples informaciones escritas y verbales.

Esa obra ha podido ser tildada de prematura, atendiendo a la consideración de que algunas naciones de América, o cuentan con materiales sumamente deficientes, o no cuentan en absoluto con los respectivos estudios regionales. Se ha podido argüir, además, que el trabajo llevado a cabo por él excede las fuerzas de un hombre solo, por excepcionalmente dotado que sea y por copioso que resulte su saber, y que reclama indispensablemente el concurso de las Academias, conforme con el pensamiento de Cuervo. Sea cual fuere el valor y fundamento de observaciones tales, menester es convenir en que con ese su trabajo ha venido el insigne filólogo a prestar un servicio eminente a sus hermanos de América y a los estudiosos de Europa y que ha realizado una obra verdaderamente patriótica en el alto y trascendente sentido de la expresión.

Sus otras obras, anteriores y posteriores, vienen a ratificar ese juicio, en que coinciden las más esclarecidas mentalidades españolas y americanas, amén de notabilidades de otros países.

"Se sirve a la patria por diversas vías", dice uno de sus ilustres críticos, y él sirve a la suya por medio de la consagración entusiástica y ejemplar al estudio del idioma, vínculo, por su perennidad, el más poderoso que pueda existir entre los hombres.

Ha acreditado singulares conocimientos en derecho, historia y literatura, y es de admirar la extraordinaria agilidad mental de que da brillantes y fehacientes testimonios en el cultivo de tan diversas disciplinas.

Es el Dr. Malaret un dignísimo continuador de la obra de Cuervo, llamado con razón por alguien especialmente capacitado para ello, "fundador y padre de la filología hispanoamericana".

Si algún día ve la luz una nueva edición de mi reciente libro "*Arcaísmos españoles usados en América*", él se convencerá del provecho que he sacado de sus lucubraciones y del interés con que leo cuanto procede de su intelectualidad por todos conceptos descollante. Su notable estudio sobre "*El idioma del jíbaro*" ha llenado mi alma de hondísima emoción.

Y sabedor de que el maestro recibe con placer las observaciones que se le formulan, no quiero que pase esta oportunidad sin manifestar que veo con pena que incida en el error, muy frecuente en la Academia Española, de denominar "*argentinismos*" a voces de uso corriente en el Plata y que, contra la opinión del Dr. Segovia, son rioplatenses y no argentinas. Sírvanle de excusa la pobreza de nuestra producción lexicográfica, el empeño de ciertos escritores en que prevalezca la mentira y las notorias dificultades del intercambio intelectual en las naciones del continente.

En general, las dicciones incorporadas al léxico argentino son usadas con idéntica significación en el Uruguay. No deben, pues, figurar como voces y frases de la Argentina en su "*Diccionario*", siendo como son propiamente del Río de la Plata, las siguientes: *agarradera, el que nace barrigón es al ñudo que lo fajen, benteveo, braguetazo, broma, carpir, cascarilla, confraternizar, costo, crema, a la criolla, curanderismo, champurreado, chifle, chiripá, chusmaje, embolsicar, endeveras, escupidera, extinto, frangollo, grullo, hacerle a uno un hijo macho, jeringón, largar* (por arrojar), *largucho, ligero, liquidar, llorrarle a uno una cosa, mameluco, mandar* (por tirar), *manflora, manflorita, material, estar metido, monis, mora, mordiscón, paganini, pajuato, al palo, péndulo, picarse, pichón, planchar, pollo* (gallo de poca edad y gargajo), *prenombrado, pretensión, raspa* (reprimenda), *rendir, confundir retreta con serenata, revoletear, revuelo, sancocho, a la sanfasón, deberle a cada santo una misa* (o vela), *sobrepaso, vaca, cada vez, vieja, viudedad, volantín, zampar* y *zanja*.

Y en "*Errores del Diccionario de Madrid*": *acreencia, ardiloso, armazón, balaquear, batuque, vincha, biraró, bolsear, camote, catinga,*

cogotudo, congresal, chacarero, chiflón, churrasco, domínico, empacarse, empotrerar, enredista, gradas, gurbia, impávido, implicancia, infundia (o injundia), *lavatorio, mandarse mudar, mote, mucamo, mburucuyá, naco, ñandubay, pelota, pique, revuelo, santulón, sesionar, sufragar, trastabillón, ubicar* y *vidriera.*

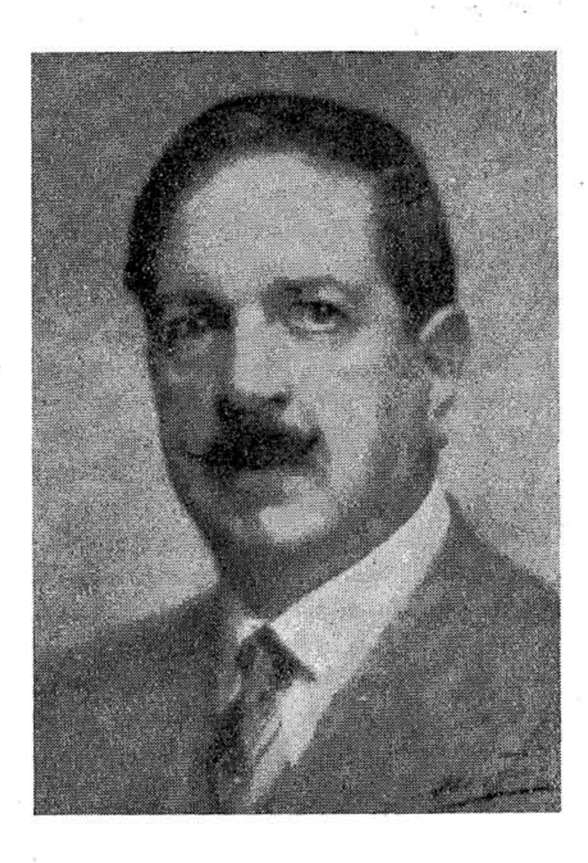
La Academia, repito, incurre muy frecuentemente en la omisión en que reparo, como se comprueba en el mismo libro "*Errores*", donde no figuran como de uso en el Uruguay los vocablos *acollarar, burucuyá, chajá, chasqui* (en la forma de chasque), *yerra, humita, sotreta, tacho, tropa, vilote, vincha, bocado, bolear, canilla, cargoso, desternerar, durazno, embicar, empatar, entrevero, expandir, expendio, forraje, machucar, manzana, marlo, mascada, mojinete, retobar, rulo, tertulia, tusar, zorra* (vagoneta), *bañado, bichear, bolada* y *colla*, todas ellas conocidas y usadas entre nosotros, los de este lado oriental del "río como mar".

Y son también de uso rioplatense, aunque no consta en su "Vocabulario": *asalto, barbiquejo* (barbijo), *bidel, cafetín, caracolillo, carache* (caracho), *no casarse con nadie, conocer uno a los cojos sentados, continuismo, cuándo!, desembarazar, empaparse, cuento del gallo pelón* (pelao), *lamparón, malagradecido, mangonear, marchantaje, mazamorra, morrocoyo* (en el Uruguay a lo menos), *negocio, níspero, ñapa, ni papa, parado, pata de catre, en dos patadas, patuleco, piojera, pluma* (en el Uruguay cuando menos), *de primera, pruebas, rajón, remojo, siete cueros, sobar, templarse, traqueteo, en* (un) *tris, tupido* (en nuestro país a lo menos), *estar una cosa en veremos.* Y los siguientes, que entresaco de "Errores": *brin, cumpa, huevo quimbo, garrotear, moniato* y *turpial.*

Se me disculpará la libertad que me tomo de decir cosas sabidas de todos los hombres entendidos, libertad hija de mi interés por la perfección futura de estas obras magníficas del sabio filólogo portorriqueño, y de las cuales no me atrevería en modo alguno a hacer uso si no tuviera pruebas irrecusables, como tengo, de que el Dr. Malaret coloca por sobre todas las cosas del mundo el santo amor de la verdad.

CARLOS MARTÍNEZ VIGIL

Falleció el 24 de octubre de 1949



Un nuevo luchador que se abate, un nuevo colaborador de nuestro BOLETIN que repentinamente deja su mesa de labor, un insigne cultor de las letras que pasa, con la pluma en la mano, de la vida fecunda y útil al sueño sin alba, un vigoroso investigador que no velará ya en las noches silentes, cabe sus libros y papeles, para extraer, del pensamiento que vibra y flamea, las lucubraciones que

arderán en belleza y en verdad, en tanto allá, muy lejos, parece guiar su espíritu el inquieto parpadear de las estrellas...

Carlos Martínez Vigil murió como había vivido su larga y opima existencia: trabajando. Jamás descansó su pluma ágil, castiza y exuberante; jamás transigió su espíritu superior con el desgano o la desesperanza. Emprende el viaje sin retorno, caballero andante de los caminos ásperos de la vida, sin que le haya mordido nunca el cansancio, el desmayo inoperante de los débiles, el dejar hacer de los abúlicos, el trajín insustancial de los triviales, los que sólo saben ser en la vida engranaje o instinto, materia o lodo...

El fué de los altivos y los fuertes, que no doblegaron su cerviz ante el orgullo de los déspotas o los poderosos. Miró siempre hacia lo alto, donde esplende el sol y fulge la nieve de las cumbres. Vuelo de águila fué su espíritu que no manchó el limo de las ciénagas. Trazó su ruta y de ella no se apartó jamás aunque rondara su hogar dignísimo la miseria y el olvido injusto. Robusto como su pluma, como su eterno laborar, fué su corazón nobilísimo. No conoció la envidia ni el odio. Caballeresco y gentil prodigó el afecto y cultivó la amistad como superior virtud de los grandes. No la falsa camaradería de los viles y los hipócritas que disfrazan su miseria moral con la máscara de un afecto que son incapaces de sentir. Su amistad era un diamante de primera agua. Diáfana y pura como la atmósfera de las alturas.

Escritor, periodista, filólogo, gramático, poeta, crítico, maestro y amigo: todo lo fué, todo lo dió su espíritu de excepción, su inteligencia superior, su voluntad de acero, su conducta moral, el ejemplo de su hermosa, de su admirable, de su fecunda vida.

Carlos Martínez Vigil es ya sólo un nombre que queda, luminoso y áureo, para la posteridad. Pero qué ejemplo! qué poderoso estímulo para el trabajo noble, para la vida dirigida a los más altos fines, para la constante superación de los dignos, para la sublimación del espíritu!

Su mesa de trabajo en esta casa fraterna, en esta Sección de Filología que él dignificó con su valioso aporte, no permanecerá yerma: bajo el estímulo de su recuerdo seguiremos los compañeros la labor tesonera y noble que sólo hemos interrumpido un instante para dejar que hablara muy quedamente el sentimiento que hacia él nos llevaba como la espiga al beso del sol, como el agua rumorosa del río al inmenso mar... Recuerdo que será ya, en la ruta que nos falta cumplir, eterno huésped de nuestra alma, huella honda

en nuestro corazón; pero luz, armonía e impulso para la lucha, para la verdad y para el bien.

Adolfo BERRO GARCÍA.

DISCURSO DEL Sr. RAUL MONTERO BUSTAMANTE A NOMBRE DE LA ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS

Venciendo la congoja que embarga mi espíritu ante la desaparición del Dr. Don Carlos Martínez Vigil, cuyos despojos mortales vamos a entregar a la tierra, y venciendo también la flaqueza de mis fuerzas físicas, vengo a dar el último adiós, en mi carácter de Presidente de la Academia Nacional de Letras, y en su representación, al que fué nuestro ilustre colega y Vicepresidente, y al que fué mi grande y querido amigo.

Esta caja se lleva más de medio siglo de tradición literaria, y un invalorable tesoro de sabiduría y experiencia. Emprende en ella el viaje sin retorno el último representante de aquel grupo insigne de escritores que, hace más de medio siglo, fundó la "Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales", publicación que abrió un nuevo y luminoso capítulo en la historia de las letras del Uruguay y, acaso, del Continente. Lo esperan en el más allá, los que fueron sus compañeros: José Enrique Rodó, Víctor Pérez Petit, su hermano Daniel, para reanudar el diálogo platónico que tuvo su iniciación en 1895 y que, por tres veces, fué interrumpido por la muerte. Ahora le ha tocado a él partir; y lo ha hecho como vivió, serenamente, silenciosamente, en el tibio regazo del hogar, sin que el dolor haya crispado su carne, ni la angustia haya turbado su espíritu en el instante en que el Creador lo llamó a su seno.

Los que nos acercamos al ocaso tenemos que asistir al melancólico espectáculo de ver ralear nuestras filas, y esa melancolía se hace más intensa al considerar que, en esta época que alcanzamos, se suele no advertir el desplazamiento moral que para la sociedad significa la muerte de hombres como éste que acaba de caer en su modesto retiro, casi octogenario, inclinado sobre su mesa de trabajo, en medio de sus libros y sus manuscritos, llenando con su pulcra caligrafía, hasta instantes antes del tránsito, las cuartillas cuya tinta está fresca todavía, cuartillas con las cuales su sabiduría, su ciencia, su experiencia, su comprensión y su tolerancia dictaban las últimas lecciones del maestro, en forma de epístolas, apuntes y juicios críticos que, si enseñan, sobre todo estimulan a perseverar en el noble ejercicio de las letras, en el estudio de las ciencias del lenguaje y en el comercio con las cosas del espíritu, cosas que no se suelen cotizar en los mercados del mundo en que vivimos, pero que empiezan a cotizarse desde que se franquea el pórtico de esta mansión del silencio, que es también el misterioso pórtico de la justicia inmanente.

La vida de este varón justo fué ejemplar. En compañía de sus preclaros camaradas, raleado el grupo, o solo, perseveró en su obra, y al margen del duro trabajo cotidiano, con apremio y sacrificio, la llevó a cabal término, y nos legó un ejemplo singular de vocación literaria, una rica antología de bellas páginas de prosa y poesía, y un conjunto orgánico de estudios gramaticales y filológicos cuya difusión le conquistó, desde temprano, jerarquía magistral y singular autoridad en todos los países de habla castellana. Desde sus años juveniles departió sobre tópicos técnicos con los más ilustres filólogos de América, que reconocieron su excepcional cultura, su sentido crítico y su sabio espíritu ordenador y constructivo que lo convertía en defensor y vigilante guardián de la pureza de nuestro idioma, de su noble arquitectura, de sus inagotables riquezas, de sus escondidos u olvidados tesoros, sin que desdeñara tampoco aquel sentido de libertad, que ya proclamaba Horacio, al reconocer que es fuerza que, a veces, perezcan las palabras antiguas para que surjan las nuevas, como las hojas de primavera sustituyen, en el árbol, a las que aventó el otoño. Maestro de la lengua y notable hablista, jurisconsulto eminente, sabio profesor, escritor elegante y castizo, poeta, hombre de vasta cultura universal, fundador y Presidente de la Sociedad de Hombres de Letras, cuando se recorren los anales literarios del país, a partir de fines del pasado siglo, se tropieza constantemente con su nombre y con su obra de filólogo y de literato.

La Academia Nacional de Letras le contó en el grupo inicial de académicos con que fué constituída, y desde entonces puso al servicio de la corporación sus vastos conocimientos literarios y filológicos. Hace apenas dos semanas todavía nos sorprendió con una luminosa exposición oral sobre un punto técnico de lingüística en que demostró la agilidad y la precisión con que este hombre, ya en el ocaso de la vida, hacía uso de su caudal de cultura y de su certero sentido crítico.

Ya no veremos su peculiar figura, que tenía la prestancia de pasadas épocas, llegar a nuestra sala de trabajo con su noble continente que, en la ancianidad, conservaba algo de la nerviosidad juvenil, y su cortesía de antiguo cuño, que era legado de la estirpe; no oiremos ya su ingeniosa palabra que, a veces, por exceso de ideas, vacilaba

y se detenía, pero llegaba siempre a su cabal objeto, y precisaba el pensamiento con nitidez y elegancia; ya no escucharemos su manera personalísima de introducir los temas en la deliberación y vestirlos con la gracia y el ingenio extraídos de su inagotable anecdotario; ya no beneficiaremos de las luminosas lecciones del maestro de la lengua, del sabio gramático, del ilustre filólogo, ni de aquella humana filosofía que él ponía en sus juicios, en la que se confundían la comprensión, la tolerancia y el optimismo. El sitial que deja vacío en la Academia será, sin duda, llenado con honor, pero, él nos recordará siempre la invisible presencia del esclarecido colega cuyo espíritu caballeresco contribuyó, en primer término, a crear el ambiente de cordial amistad que reina en nuestra mesa de trabajo.

Cuando murió Víctor Pérez Petit, en medio de la congoja que lo oprimía, Martínez Vigil escribió estas palabras: "No hay que llorar a los muertos que hicieron imperecedero su nombre en el arte, en el pensamiento o en la acción. Hay que continuarlos, siguiendo, en cuanto nos es dable, las rutas que honraron e iluminaron con sus creaciones o con sus procederes". He ahí la consigna que nos ha legado este hombre ilustre, cuya ruta en la vida fué clara, limpia y luminosa, y cuya obra literaria recoge la Academia, para honrarla y ofrecerla al culto de las generaciones futuras.

Descanse en paz el maestro y el amigo.

DEL PROFESOR JOSE JAMBO DA COSTA ANTE EL FALLECIMIENTO DE CARLOS MARTINEZ VIGIL

Nova Iguassú, 3 de enero de 1950. — Exmo. Sr. Prof. Dr. Adolfo Berro García. Montevideo, Rep. Oriental del Uruguay.

Grande filólogo y estimadísimo colega:

Nadie como Vd. ha sufrido dolor tan hondo como el originado por la repentina despedida de nuestro extraordinario amigo y figura impar de las letras orientales, —Dr. Carlos Martínez Vigil—, dadas no sólo la larguísima amistad que os unía, sino también las afinidades espirituales en el campo de la filología y de las letras. De ahí el penetrante dolor que transparenta su última preciosa y apreciadísima carta que me fué enviada, en cada una de sus palabras. Crea que no fué menor, tampoco, la amargura moral por mí experimentada al

tener noticia de la pérdida del apolíneo titán del pensamiento hispanoamericano.

Pesar igual sólo tuve cuando falleció, en forma inesperada y brusca, mi llorado amigo y magnífico intelectual peruano Dr. Enrique D. Tovar y R., desaparición en tal caso comunicada por el propio Martínez Vigil, siempre tan bien informado de todo cuanto ocurría en la esfera del pensamiento continental. Lloré ambas pérdidas, mi querido amigo Berro García, —permítame llamarlo así pues ya lo siento muy próximo a mí, y ahora bajo la sombra fraternal y bella de Martínez Vigil para unirnos más.— Lloré, como decía, y fué con los ojos cubiertos de lágrimas que escribí el elogio de los dos amigos, "post mortem". El primero de estos elogios fué estampado en el espléndido "Boletín de Filología" que Vd. tan sabiamente dirige; el segundo, tuve la honra de enviárselo dactilografiado, facultándole ampliamente para el destino que juzgare mejor. El mismo trabajo, que entregué bajo el título de "Murió el sol en la calle Soriano", y que está tan a tono con nuestro eminentísimo Carlos Martínez Vigil, ahí va hoy divulgado por la revista "Mensario" de diciembre último. Nada agregará a la gloria inmarcesible del profundísimo autor de "Arcaísmos españoles usados en América". Pero fué arrancado del fondo del corazón del que supo quererlo con la misma intensidad con que fué querido por él. Léalo Vd. y verá cuán hondo era el afecto que me ligaba a Martínez Vigil!

Mi queridísimo doctor Berro García, quedaríale eternamente agradecido si pudiera enviarme, por especial deferencia, todo lo que sea publicado ahí respecto al siempre venerado Dr. Carlos Martínez Vigil.

Llevé la noticia del fallecimiento de Martínez Vigil a muchos amigos, casi todos amigos también del autor festivo de "Mi vecina doña Rosa". Uno de ellos, el senador colombiano Dr. Emilio Robledo, hizo divulgar en "El Colombiano" de Medellín, un sentido suelto, "Un uruguayo eminente", que paso a transcribir, pues a todos interesa lo que se ha escrito sobre la figura excelsa de Martínez Vigil:

"La República Oriental del Uruguay acaba de perder a uno de sus hijos más ilustres: el polígrafo Dr. Carlos Martínez Vigil, según el comunicado de mi distinguido amigo el Dr. José Jambo da Costa.

Compañero del gran Rodó en empresa de alta cultura, de Daniel Martínez Vigil, de Víctor Pérez Petit y de otros intelectuales de aquel gran pueblo, Martínez Vigil muere en plena actividad literaria

y cuando adelantaba una serie de publicaciones de la Biblioteca de la Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay, de la cual era Presidente.

Aparte de muchas distinciones con que fué honrado por las sociedades literarias de la Argentina, el Brasil, Chile y el propio Uruguay, Martínez Vigil era miembro correspondiente de la Academia Colombiana de la Lengua, título que él tenía en gran estima, a juzgar por su correspondencia y por el cariño con que citaba a los compañeros de dicho instituto.

Sus estudios sobre acentuación ortográfica son hoy de grande actualidad, a pesar de haberse publicado hace ya varios lustros; los que publicó "Sobre el lenguaje", sobre "Arcaísmos españoles en América" y "Conceptos sobre el idioma", que nosotros conocemos, lo acreditan como seguro investigador del habla española y poseedor de gran cultura idiomática. Pero además fué inspirado poeta y poeta festivo, que versificaba tan fácilmente en la musa de Quevedo como en la de Camoens, pues conocía el portugués como su propia lengua.

Nosotros tuvimos el honor de conocerlo a través de sus principales publicaciones sobre temas gramaticales y filológicas y por su escasa correspondencia epistolar con que nos favoreció; y nos mereció siempre el concepto que acerca de él escribió Víctor Pérez Petit cuando asienta que "Martínez Vigil, ahí donde lo vemos, comunicativo, modesto, sin ambiciones, es la realidad misma. Jamás transigió con el mal; nunca comulgó con la hipocresía, ignoró siempre la envidia; no se avino con esa moral de ocasión que rige las conveniencias sociales y las grandes supercherías de la civilización. Solo, aislado, metido dentro de sí mismo, como aquel doctor Stokmann del drama ibseniano, no respondió más que al dictado de la propia conveniencia, y por ello son tan puras sus manos, tan elevada su prédica, tan fecunda su enseñanza...

Desde estas lejanas comarcas donde hay admiradores sinceros de la obra de aquel ilustre uruguayo, enviamos a la gran República Oriental del Uruguay, a la Sociedad de Hombres de Letras y a la distinguida esposa de Carlos Martínez Vigil, la manifestación de nuestro pésame sincero por la muerte de este varón eminente".

Como ve, mi noble doctor Berro García, la muerte de Carlos Martínez Vigil repercutió hondamente en todo el continente como lo hago notar en mi breve estudio adjunto. Un hombre de la envergadura moral y espiritual del fino Presidente de la Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay, tenía que dominar extensiones sin

lindes, hombres de los cuatro rumbos del Nuevo Mundo. Martínez Vigil no perteneció exclusivamente a su grande y venerado Uruguay ni a las generaciones de intelectuales y pensadores de su país natal, es también del Brasil, de Cuba, de Colombia, de Puerto Rico, de Argentina, de Chile, de Perú, de Ecuador, de Venezuela, de España, de Italia... y de tantos más! Grande gloria, imperecedera gloria, que sólo es dado gozar a los grandes espíritus.

En la inmensa espectativa de sus nuevas, soy como siempre su admirador y amigo fiel,

José *JAMBO DA COSTA.*

DATOS BIBLIOGRAFICOS DEL DR. CARLOS MARTINEZ VIGIL

Fué abogado y publicista. Sus padres fueron: Daniel Martínez y Amalia Vigil, de antiguas familias uruguayas. Nació en San José de Mayo el 14 de agosto de 1870 y contrajo enlace con doña María Rosalía Dabán. Los estudios primarios los cursó en el Colegio de don Fernando Stigliani, sacerdote italiano radicado en San José. Luego pasó al Instituto de la misma ciudad, que dirigía el también sacerdote don Jerónimo Zabala, en el cual inició sus estudios secundarios. Más tarde ingresó a la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Montevideo, donde recibió el título de doctor en jurisprudencia, en diciembre de 1900.

Fundó y dirigió, conjuntamente con José Enrique Rodó, Víctor Pérez Petit y su hermano Daniel, la "Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales", que se publicó en Montevideo y que obtuvo la colaboración de los primeros escritores del país y de Suramérica (1895-97). Luego estuvo al frente de "La Tribuna Popular" en calidad de Redactor-jefe, desde principios del siglo hasta mediados del año 1918. En un certamen organizado por dicho periódico acerca de los medios conducentes a mejorar los destinos nacionales, obtuvo el segundo premio: formaban el jurado los Dres. Joaquín de Salterain, José Pedro Massera y Manuel Herrero y Espinosa. Fué director de "El Orden" y "La Opinión" y ha colaborado en muchísimas revistas y publicaciones periodísticas, tanto de Montevideo como de las demás capitales americanas. Ha sido Secretario de la Asociación Jurídica, Presidente del Círculo de la Prensa, presidente del primer Congreso Periodístico celebrado en Montevideo, Oficial 2.º de la Biblioteca Nacional, catedrático de Gramática Castellana de la Universidad, Vo-

cal del Consejo de Enseñanza Primaria y Normal y Asesor Letrado del Consejo de Guerra Permanente.

Era Presidente de la Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay, que él mismo fundó en 1943, Vicepresidente de la Academia Nacional de Letras, representante de la "Sociedade de Homens de Letras do Brasil", Miembro correspondiente de la Academia Colombiana, Miembro honorario de la Academia Chilena de la Lengua, Miembro de Honor del Instituto de Cultura Americana de La Plata, "Grand Dignitaire" de la Unión Universal de los Caballeros del Honor y del Mérito (Francia), Miembro honorario de la Asociación de Intercambio Cultural Brasileño, etc.

Ha publicado las obras siguientes: "Ligeras nociones de acentuación ortográfica", "Apuntes de mi cartera" ("greguerías", 35 años anteriores a las de don Ramón Gómez de la Serna), "Sobre el lenguaje" (comentario a "Neologismos y americanismos" de don Ricardo Palma), "Juicio Héguy-Delgado. La Avenida a los Pocitos" (dos opúsculos), "El problema nacional", "Interpretación y alcance del art.º 325 del Código Penal", "Procedimiento Penal Militar", "Polémica sobre acentuación ortográfica con don Fidelis P. del Solar", "Por tierras amigas", "Mi vecina doña Rosa" (musa festiva), "El derecho de las madres", "Arcaísmos españoles usados en América" (comentado por los profesores Justino Cornejo, del Ecuador, y Alfredo F. Padrón, de Cuba, y recientemente por el Académico Dr. D. Enrique D. Tovar y R., del Perú, en el Boletín de la Academia Argentina, trabajo éste publicado aparte bajo el título "Estudios dialectológicos"), "Mensaje a los asociados y al público" (Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay), "Conceptos sobre el idioma" (publicado en el Boletín del Instituto Caro y Cuervo, de Bogotá) y "Felipe Neri Bringas. Una existencia ejemplar".

En el año 1949, publicó "Mi Ideario"; esta obra editada por la Sociedad de Hombres de Letras constituye el tomo VIII de la Biblioteca de la citada Institución.

La muerte lo sorprendió repentinamente el día 24 de octubre de 1949, en un momento de descanso, después de haber estado durante toda la mañana de ese día ocupado en sus tareas intelectuales cotidianas.

Deja pronta para entregar a las prensas su obra "De mi invernáculo".

BIBLIOGRAFÍA

ALFREDO F. PADRON. — "Cuestiones Lingüísticas y Gramaticales". — La Habana. — 1947.

15 de diciembre de 1948. — Sr. D. Alfredo F. Padrón, 6 y Primera, La Sierra, Marianao, Cuba.

Estimado amigo y colega:

Al fin puedo contestar y por suerte antes de que termine el año, su atenta de 3 de octubre pasado, que con varias otras ha estado esperando un momento desocupado. Las vacaciones íntegras pasaron en medio de lecturas de pruebas, y este trabajo y la confección de ilustraciones han ocupado todo mi tiempo hasta hace poco: un libro de texto de cerca de 500 páginas, con tablas y extensos vocabularios bilingües, que me ha calentado varias veces la cabeza. Ahora vendrán las pruebas paginadas, y durante este respiro me puedo poner al día en la correspondencia. Mil excusas por la demora. Por otra parte, sé muy bien que cuando me pongo a escribir cartas de esta clase me empieza a dar saltitos y hervir la sangre en las venas. Como Ud. ve, empiezo por advertirlo del mal que lo amenaza.

He leído con interés y sumo agrado su libro *Cuestiones lingüísticas y gramaticales* y tengo que felicitarlo. No sólo es Ud. aficionado, como yo, pecador, a gramatiquear, sino también, como yo, pecador, a hacer de solícito fiscal de lo que dicen o escriben los colegas. Y ¡por vida de sanes! que les ha dado Ud. en la cara, aunque con gran caballerosidad, a sus contrincantes. Se siente gran satisfacción, verdad?, de ver al contendor reventar de pura confusión y quizá arrepentimiento. La polémica es siempre útil si los polemistas se ponen en razón, y para el lector del libro está a la vista lo razonable que Ud. ha sido.

Me pide Ud. mi juicio sobre el libro, y con gusto le digo que demuestra Ud. cordura y discreción en sus juicios y que ha hecho bien en publicar sus artículos, que sin duda contribuirán a hacer luz sobre todos esos puntos en que discrepan las opiniones. Pero no voy

a decirle solamente cosas que lo alegren, pues mucho mayor bien puedo hacer a la lengua dándole a conocer a mi sincero sentir que dorándole la píldora y cantándole loores.

Me parece que habría hecho Ud. labor más útil omitiendo toda la parte personal de las controversias, es decir, limitándose a los hechos lingüísticos y a la parte gramatical. Sólo para los amigos suyos puede tener interés el averiguar quién gana la palma y quién queda debajo. Hay, en cambio, centenares de puntos semejantes a los que Ud. discute o que fueron objeto de las polémicas, sobre los cuales hay que ilustrar al vulgo, y no pocos mal u oscuramente tratados en las gramáticas, que podrían ser dilucidados con gran provecho general.

En todo el mundo que habla nuestra lengua se está despertando verdadero interés por las cosas del idioma. No solamente las revistas sino los diarios acogen hoy con gusto en todas partes los artículos sobre temas filológicos. En ABC aparecen con frecuencia los artículos de Casares, en La Nación de Buenos Aires los de González Lanuza y Herrero Mayor, en El Mercurio de Santiago de Chile los de R. P. Morales, el Prdo. Francisco Cavada, etc., y así podría seguir con los diarios principales de La Habana, Méjico, Bogotá, etc.

Lo más hermoso es que en todas partes se defienden con calor los fueros de la lengua y que los articulistas demuestran bien a las claras no tener prendidos con alfileres los conocimientos; todos son muy doctos y echan en sus escritos rayos de verdades y razones. Muy doctos, sí, pero más aficionados a tocar el bombo y los platillos que a laborar en bien de la lengua. Artículos como los de González Lanuza, por ejemplo (Poesía y Gramática), ofrecen interés única y exclusivamente a los especialistas. Muy eruditos todos ellos, pero demasiado indigestos para el vulgo, que es el falto de luces en las cosas de la lengua. Mucho mejor lo ha hecho Ud., pues se ha puesto más al alcance de los que tienen sed de saber.

Para mi modesto modo de ver estas cosas, los gramáticos se han puesto a hacer en la prensa lo que durante siglos han hecho en el aula. ¡Que la muerte los coja confesados! ¡Ay de mí!, cuando me pongo a pensar en los resultados que se podrían haber obtenido si en escuelas y colegios se hubiesen utilizado provechosamente los esfuerzos mentales gastados por la juventud en el estudio de la árida y pesada Gramática preceptiva (en la forma recargada de vetusta rutina en que se ha enseñado desde ab aeterno), se me traspasa el corazón de dolor y paso la pena negra.

Yo por suerte no he enseñado Gramática a estudiantes hispanoparlantes, pero sé que aún en este país (donde casi todos los estudios han progresado más que en otras partes) hay maestros aferrados a la creencia de que las categorías inventadas por los gramáticos son realidades inviolables e inalterables del idioma, y no únicamente valores subjetivos. Si con tanto embrollo como hay en todas las gramáticas (y muy especialmente en las nuestras) no se ha entorpecido el estudio del idioma patrio en vez de ayudarlo, que me emplumen. Pero lo que más me apena es el precioso tiempo perdido y la terrible tortura sufrida por la mente de los educandos.

No es que yo sea enemigo de la Gramática. Como ciencia tengo por esa señora grandísimo respeto; pero por la disciplina enseñada en la forma clásica siento soberano desprecio. Para mí esta última no es sino (creo haberlo dicho ya por ahí) *un complicado sistema de obstáculos, alambradas y armadijos cuidadosamente instalados* (las más de las veces con criterio bastante cuestionable) *en el ameno y sombrío sendero del idioma, para estorbar el avance del hombre libre.*

Los gramáticos autores (principalmente los que compusieron la Gramática académica) han venido haciendo con las mentes juveniles lo que el testarudo cachicán al amelgar el terreno que quiere cultivar: arranca rabiosamente las florecillas silvestres para plantar en su lugar, colocadas en perfecta línea recta, siniestros nabos y berzas. Gramáticas como la de la Academia apenas nos sirven a nosotros, y eso no siempre, para resolver nuestras dudas; a los que quieren aprender gramática les anubla el ingenio, si no les hace perder el seso. No se puede negar que hay verdadera incompatibilidad entre el genio y la gramática.

A los maestros jóvenes como usted (bien puedo llamar joven a un hombre que tiene veinte años menos que yo) que tienen, como usted, la gramática en la punta de los dedos, la afición los pone en deuda con la cultura; deben hacer triaca del veneno. Si los gramáticos, y principalmente los académicos, martirizan al vulgo con sus embelecos y patrañas, en la prensa se les puede devolver el martirio. Como no habría defensa, no habría batalla. Es sólo cuestión de ocupar el baluarte, y ese baluarte es la prensa.

Si en cada capital hispanoamericana se publicase una docena de artículos (yo, aunque viejo, me comprometería a más, pero tendría que publicarlos aquí donde no pueden tener eco) sobre los puntos en que flaquean las gramáticas (definiciones cojas o anticuadas,

ejemplos del tiempo de la Nanita, desacuerdos con el Diccionario —estoy pensando principalmente en la de la Academia—, exceso de consideraciones teóricas, falta de unidad en la terminología, etc.) ya vería Ud. cómo mejoraban. Uno o dos artículos no conseguirían nada, ni media docena tampoco; pero si en cada capital se publicase un respetable número, seguro estoy de que las corregirían según la verdad y el uso, y además según la moderna idea de lo que debe ser una gramática.

Les va muy bien a la mayor parte de los gramáticos a la antigua con la musulmana indiferencia nuestra. Abrimos sus obras, las consultamos a veces con frecuencia, averiguamos por dónde cojean, y cuando más nos limitamos a hacer una observación o corrección allí donde encontramos el error o la omisión. Azotes por la prensa son los que hacen falta, y quienes pueden azotar son los que tienen, como Ud., patente y claro conocimiento de la gramática. Pero me doy cuenta de que estoy azotando su paciencia con esta interminable carta, y he de terminar. Mucho me alegraré de leer sus nuevas producciones. No tenga miedo de desplegar todas las velas de su saber en pro del mejoramiento de los libros en que se enseña gramática, al seguir la labor que tan felizmente ha comenzado, pues estoy seguro de que hará gran bien a la lengua y a la cultura general.

Cuando reciba ésta ya la Navidad estará aquí y boqueando el año. Que pasen Ud. y familia Felices Pascuas y tengan un próspero Año Nuevo son los deseos de este (mi mujer también los comparte) su colega y buen amigo que le estrecha cordialmente la mano.

Carlos F. Mc HALLE.

BENIGNO A. GUTIERREZ. — "De todo el maíz". — Medellín. 1947.

Señor D. Benigno A. Gutiérrez. — Medellín.
Insigne escritor y dilecto amigo:

Se ha de dignar usted disculpar la demora en escribirle y avisarle el recibo de la nueva tirada de su "Arrume folklórico". He venido a esta ciudad de mis amores, con el fin de pasar la temporada invernal, sin papeles; pero, haciendo una excepción, viajo en compañía de su inestimable libro que oportunamente recibí con una honrosísima comunicación suya.

Ya con ocasión de la primera tuve oportunidad de manifestar a usted que su recolección de materiales folklóricos y los glosarios con que los acompaña realizan el ideal de esos trabajos y son sin par en esto de la espiritualidad y las agudezas del ingenio.

Ahora ratifico ese mi juicio y expreso a usted mi adhesión incondicional a las ideas que lo informan. Es cosa punto menos que imposible la absoluta conformidad de pensamiento entre los hombres; mas su libro me demuestra la hermandad de nuestros sentimientos y la total coincidencia de nuestros deberes frente a la vida.

Aunque el escribir bien en Colombia, con propiedad, corrección, brillo y buen gusto, sea cosa tan natural como el respirar en el resto del mundo, es excepcional en este libro su naturalidad y donosura, el arte, habilidad y gracia con que están presentados los trabajos ajenos y la galanura de los comentarios propios. Permítame decirle que hace usted patria con su libro, porque es hacerla recoger con paciencia benedictina, como lo ha hecho, los íntimos efluvios del alma nacional.

Trabajos como "De todo el maíz" se necesitan en toda América: trabajos en que "mezclan sus aguas el instinto y la cultura" y que, sin renegar de la rancia herencia hispánica, poseen un carácter netamente americano. Por eso ha podido decir de él, con su grande autoridad, mi sabio amigo el padre salesiano don José Ortega Torres, ilustre miembro de la Academia Colombiana de la Lengua: "Libros como el suyo sirven más que glosarios y gramáticas para apreciar los términos propios con su significado genuino y usual".

Esto no importa renegar de nuestro pasado, ni embanderarnos en ninguna escuela literaria, ni obedecer a ningún prejuicio. El amor sincero a la patria, del que es inseparable el amor a la lengua propia, no coloca a nadie en situación de hacerse portavoz de la injusticia.

Aun repitiendo lo que ya antes le expresé, he de decir a usted que el lenguaje campesino y vulgar de Colombia es nuestro lenguaje campesino y vulgar. Todas las voces y frases que usted cita: *acarrear leña* (o mate), *aceto, agora, agüelo, ai* (por ahí), *Alemaña, alvertir, andó, antiojos, antonces, arrempujar, asina, benino, campesinado, caridá, compaña, creis, crinolina* (del francés), *chingolo, demen, dende, dentrá, descansás, desocupado, dijunto, dino, direción, disolvido, distes, donde fulano, dotor, dueblo, en después, escrebir, fierro, fundillo, golver, güeco, güeltas y regüeltas, güeno, güérfano, güerta, güerva, güevo, hacés, haiga, injusión, jiede, juera, jundamento, lión, Magalena, máiz, mama, méndigo, menistro, mitá, naides, naguas, onde, pe-*

dile, perfeición, persinar, pión, pionada, pionero, pior, plata (por dinero), *ponele, ponete, préstemen, probe, quemao, ráiz, reló, reloses, reservémosnos, rial, riyóse, romper el alma, saberá, sabidor, sartén* (masc.), *redutor, sincero, sinvergüenzada, subite, tocame, tranca* (por borrachera), *truje, tuavía, turca, Uropa, vamos* (por vayamos), *verdá, vide, vidro, vigüela, virgüela, vitoria, vos sos, yantar*, e infinitas más, son rezagos del español preclásico que mantienen, y mantendrán eternamente, los sentimientos de amistad hacia la madre patria y contribuyen y contribuirán a estrechar los vínculos fraternos entre las naciones del continente americano.

Entre nuevas y viejas colaboraciones del "Arrume folklórico", han llamado poderosamente mi atención, el "Relato de Pepe López, con el cuento del negro Salustiano"; el "Relato de Alejandro Álvarez"; "La derrota del tigre", de Rafael Jaramillo; "Finanzas", de Efe Gómez, y algo que está por encima de toda ponderación y muchas de cuyas estrofas están grabadas en mi mente desde los tiempos de mi lejana juventud: la "Memoria sobre el cultivo del maíz en Antioquia", de Gregorio Gutiérrez González, el hombre de las tres ges, obra verdaderamente monumental, digna de Virgilio. Todo ello y los numerosísimos chascarrillos que usted registra, plenos de travesura y de singular ingenio, son testimonio elocuentísimo, al par que de las costumbres sencillas de las gentes antioqueñas, de la alegría de su vivir austero.

En dos palabras yo desearía concretar mi óptima opinión sobre su libro. Sólo acierto a decir a usted que me cautivan su profunda versación en materia folklórica; la depuración de su gusto literario, fruto de sanas y sazonadas lecturas; su identificación con el alma nativa, que un ilustrado juzgador nacional llama acertadamente la compenetración del artista con la tierra; sus dotes de observador fino y sutil; la satisfacción que su lectura provoca en el espíritu de los amantes de la naturaleza, y, ante todo y sobre todo, su amor a la patria, que usted concibe como lo concibo yo: desinteresado y grande, puro y sin mácula, superior a los partidos, superior a toda preferencia de orden político o filosófico, coronando como un nimbo de luz las glorias del pasado y señalando con mano firme y segura los venturosos derroteros de lo porvenir.

Aguardo impaciente el corte longitudinal del pueblo antioqueño que usted tiene en preparación y que, con este que denomina corte transversal, darán una idea completa del *paisa*.

Por todo ello reitero al eminente colombiano y docto escritor amigo don Benigno A. Gutiérrez mis congratulaciones más efusivas y le envío desde estas hermosas tierras del Brasil, que profundamente admiro, un abrazo fuerte y cordial, pleno de fervor americano.

Río de Janeiro, 4 de agosto de 1948.

Carlos MARTÍNEZ VIGIL.

LUCIO AMBRUZZI. — "Nuovo Dizionario Spagnuolo-Italiano". Torino. — 1948.

El reputado profesor D. Lucio Ambruzzi, que regenta la cátedra de español en la Facultad de Economía y Comercio de la Universidad de Turín, miembro correspondiente de la Real Academia Española, del Ateneo Ibero-Americano de Buenos Aires y de la Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay, autor entre otras obras de una Gramática Española y de "Páginas de Vida Española y Americana", acaba de dar a luz un nuevo libro bajo el título "Nuovo Dizionario Spagnuolo-Italiano".

Como un examen detenido y prolijo de obra tan hondamente meditada e inteligentemente llevada a cabo en beneficio de cuantos dedicamos nuestros afanes al estudio de los idiomas, especialmente de los idiomas latinos, demanda consagración y tiempo, deseo en estas líneas informar a mis lectores de la excelente impresión que un rápido vistazo de ella ha producido en mi espíritu.

Copiosísima es la bibliografía, como múltiples y diversificadas las fuentes de información a que ha debido el autor recurrir para llevar a feliz término este *capo lavoro*, que él denomina con razón su "obra de mayores arrestos".

Su realización está a la altura de los nobles y generosos afanes que la impulsaron, y la Editorial Paravía y Cía. puede vanagloriarse con razón de haberla presentado al público en forma artística, cómoda y elegante.

España y América somos deudores al profesor Ambruzzi de este inmenso servicio que proporciona a sus connacionales —por nosotros tan bien recordados siempre por la importante contribución prestada a nuestros progresos— una amplia información acerca del español, y a los españoles y americanos, una guía segura para el conocimiento de la lengua del Lacio.

Carecíamos en absoluto de un léxico moderno de ambos idiomas, y el autor, con amplia visión de las necesidades actuales, viene a

colmar con su libro tan lamentable vacío. Esa meritísima labor, subsiguiente a estudios de una técnica nueva y de una excelente metodización, es acreedora a nuestra profunda gratitud y a nuestro fervoroso aplauso.

Encuentro inmejorables las reflexiones con que prologa su libro y de un altísimo valor, muy especialmente, las consagradas al español que se habla en América.

"Considerar la lengua española, dice el autor con plenísima razón, circunscrita a los vocablos y frases usados en España, además de un error, sería menguar su valor e importancia, dada la valiosa aportación con que ha sido enriquecida la literatura hispánica por una pléyade de insignes prosistas y poetas americanos. Por esto la Real Academia ha acogido en las últimas ediciones de su Diccionario un número cada vez mayor de *americanismos* y el ilustre don Julio Casares en su magnífico "Diccionario Ideológico" ha admitido muchos vocablos de uso americano sin tildarlos de americanismos".

He recorrido a la ligera esta nueva producción y podido comprobar, con el consiguiente alborozo, que el profesor Ambruzzi navega en esas mismas aguas dando fehacientes muestras de un criterio conciliador y ecuánime, sin caer en la vituperable condescendencia de admitir aquéllos que por su índole extravagante pugnan con nuestro idioma y las normas de la formación de las voces.

Ese rápido examen me ha proporcionado la prueba de que el autor ha acogido en las macizas columnas de su obra valiosísima muchos cientos de palabras usadas entre nosotros, en procura de un ideal superior, cual es el de la unidad de la lengua hispanoamericana.

Tal proceder es merecedor de plácemes. Si los vocablos empleados en pequeñas provincias de la Madre patria; si hasta las voces de la propia *germanía* tienen cabida en el léxico oficial, ¿con cuánto mayor razón no han de tener el mismo derecho las que se emplean en nuestro Continente por veinte naciones de una superior cultura?

A favor de la germanía se aduce la consideración de que ello es necesario para la lectura de la característica literatura picaresca y de la dramática de ambiente popular. Nosotros no desconocemos el valor de esa consideración; pero aducimos en favor de nuestra tesis razones de índole superior, cuales son las de la justicia y el interés de unir en un solo haz el lenguaje hablado por millones de hombres y agregarlo al necesariamente reducido bagaje contenido en todos los diccionarios oficiales.

Cierto: La Academia Española no es hoy el *hortus conclusus* de

otros tiempos. "Un grato sentido de amplia comprensión, dice a este respecto el doctísimo tratadista y filólogo argentino Pbro. don Rodolfo M. Ragucci, parece animar a sus actuales miembros; noble espíritu de sana democracia parece haber llegado también a aquel recinto solemne, que se apresta ahora a abrir sus puertas a cuantos deseen colaborar en la importante labor de limpiar, fijar y dar esplendor a nuestra habla. No hace poco que estos pueblos de América estaban reclamando, con el mismo derecho que regiones de la Península, la participación en las tareas de conservación y enriquecimiento del tesoro común. Pues ahora que se les brinda oportunidad tan honrosa, ¡a trabajar con amor e inteligencia!"

Al comentar tan sabia orientación, usted rinde un tributo de justicia al eminente crítico y filólogo don Julio Casares, factor importantísimo de tan loable empresa. A su lado deben figurar numerosos escritores de América, pero uno muy especialmente, el Dr. don Augusto Malaret, cuyo "Diccionario de Americanismos" en sus diversas ediciones, y sus Suplementos, constituyen inestimable tesoro al que debemos recurrir con muchísima frecuencia los amantes del idioma común.

Por nuestra parte, no nos hemos mostrado renuentes a tan nobilísimos propósitos, y en mi propia casa nos reunimos todos los lunes los miembros de la Comisión académica encargada de proceder a la revisión de los neologismos y americanismos en uso en el Uruguay, Comisión de la que forman parte los Dres Adolfo Berro García, José Pedro Segundo, José María Delgado y el señor Carlos María Princivalle, todos ellos autores laureados que prosiguen con verdadero amor la obra emprendida hace cerca de tres años en compañía del sabio polígrafo e inolvidable amigo Dr. Víctor Pérez Petit.

Un ilustre crítico español, D. Joaquín de Entrambasaguas, ha manifestado que Ambruzzi conoce el castellano como su propio idioma y escribe en él con un estilo propio, castizo, lleno de movida expresión, sin el anquilosamiento que experimenta quien redacta su pensar en un idioma que no es el suyo materno. Yo diría, más bien, sin el anquilosamiento tan frecuente en los autores de gramáticas, atentos por lo común a la estricta observancia de las reglas. Vencer las dificultades de la forma y lograr la belleza del estilo, comunicándole emoción y sentimiento, constituye una especie de doble salto mortal que no alcanzan a realizar con fortuna sino los verdaderos artistas del pensamiento.

Carlos MARTÍNEZ VIGIL.

REVISTAS

Etnografía e Lingua tupí-guaraní. — Facultad de Filosofia. — *SAN PABLO.* — Brasil.

The Hispanic American Review. — Duke University Press. — *DURHAM.* — North Carolina. U. S. A.

Anales de la Universidad de Cuenca. — *CUENCA.* — Ecuador.

New Mexico Quarterly Review. — University of New Mexico.

Annales de l'Université de Paris. Sorbonne. *PARIS,* VIe.

Boletín de la Academia Argentina de Letras. — *BUENOS AIRES.*

Language. — Journal of the Linguistic Society of America. — *BALTIMORE.* — U. S. A.

English Language Teaching. — Published by The British Council. — *LONDON.* — Great Britain.

Revista Mexicana de Sociología. — Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad Nacional autónoma. — *MEXICO,* D. F.

Revista de la Universidad Nacional de Córdoba. — Imprenta de la Universidad. — *CORDOBA.* — Rca. Argentina.

Revista Nacional. — Literatura. - Arte. - Ciencia. — *MONTEVIDEO.*

Boletín de la Academia Venezolana de la Lengua. — Correspondiente de la Española. — *CARACAS.* — Venezuela.

Indice Cultural Español. — Dirección general de relaciones culturales. — *MADRID.*

Repertorio Americano. — Cuadernos de cultura hispánica. — *SAN JOSE DE COSTA RICA.*

Eusko-Jakintza. — Revista de Estudios Vascos. — *BAYONNE.* — France.

Orbe. — Universidad de Yucatán. — *MEXICO.*

Boletín de la Academia Nacional de Historia. — *QUITO.* — Ecuador.

El Terruño. — Revista nativa. — *MONTEVIDEO.*

Logos. — Orgão oficial do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. — *CURITIBA.* Paraná. — Brasil.

Southern Folklore Quarterly. — University of Florida. — *JACKSONVILLE.* — Florida. — U.S.A.

Anales de la Universidad. — Universidad de Montevideo. — *MONTEVIDEO.*

Boletín de la Real Academia Española. — *MADRID.* — España.

Boletín de Historia y Antigüedades. — Academia Colombiana de la Historia. — *BOGOTA.*

Boletín de la Sociedad Geográfica de Lima. — *LIMA.* — Perú.

Studia Neophilologica. — A journal of germany and romanic philology. — *UPPSALA.* — Suecia.

Revista del Museo Nacional. — *LIMA.* — Perú.

International Journal of American Linguistics. — Indiana University. — *BALTIMORE.* — U.S.A.

Clio. — Revista de la Academia Dominicana de la Historia. — *CIUDAD TRUJILLO.* — República Dominicana.

Boletín Indigenista. — Instituto Indigenista Interamericano. — *MEXICO.*

Anales de la Universidad Hispalense. — *SEVILLA.* — España.

Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística. — *MEXICO, D. F.*

Cuadernos de Estudios Gallegos. — *SANTIAGO DE COMPOSTELA.* — España.

América Indígena. — Instituto Indigenista Interamericano. — *MEXICO.*

Anales de la Sociedad de Geografía e Historia de Guatemala. — *GUATEMALA.*

University of Miami Hispanic-American Studies. — Coral Gables. — *FLORIDA.* — U.S.A.

Revista del Museo Histórico Nacional de Chile. — *SANTIAGO DE CHILE.*

Facultad de Humanidades y Ciencias. — Revista. — Universidad de la República. — *MONTEVIDEO.*

Al-Andalus. — Revista de las Escuelas de estudios árabes de Madrid y Granada. — *MADRID-GRANADA.*

Revista de Ideas Estéticas. — Instituto Diego Velázquez. — *MADRID.* — España.

Boletín Municipal de La Paz. — 1948, 4.º Centenario de la Ciudad. — *LA PAZ.* — Bolivia.

Tradiciones. — Revista Folklórica Boliviana. — *ORURO.* — Bolivia.

Nativa. — Revista de la tradición argentina. — *BUENOS AIRES.*

Asomante. — Universidad de Puerto Rico. — *SAN JUAN DE PUERTO RICO.*

Universidad Pontificia Bolivariana. — *MEDELLIN.* — Colombia.

Sefarad. — Revista del Instituto Arias Montano de estudios hebraicos y oriente próximo. — *MADRID - BARCELONA.* — España.

Biblos. — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. — *COIMBRA.* — Portugal.

Revista del Museo de La Plata. — Sección Antropología. — *BUENOS AIRES.*

Boletín del Museo Social Argentino. — *BUENOS AIRES.*

Nueva Revista de Filología Hispánica. — El Colegio de México. — *MEXICO, D. F.*

Arquivo da Universidade de Lisboa. — LISBOA. — Portugal.

Boletim do Museu Nacional. — Antropologia. — *RIO JANEIRO.* Brasil.

Revista de Filología Española. — Instituto Antonio de Nebrija. — *MADRID.* — España.

Universidad de San Carlos. — *GUATEMALA.*

Revista Javeriana. — Universidad Católica Javeriana. — *BOGOTA.* — Colombia.

Fénix — Revista de la Biblioteca Nacional. — LIMA. — Perú.

Boletín del Instituto Caro y Cuervo. — *BOGOTA.* — Colombia.

Revista de Indias. — Instituto Fernández de Oviedo. — *MADRID.*

Boletín del Archivo General del Gobierno. — *GUATEMALA.*

Anuário da Universidade de Lisboa. — LISBOA. — Portugal.

Guarania. — Revista americana de cultura. — *ASUNCION DEL PARAGUAY.*

Cuadernos Canarios de Investigación. — *SANTA CRUZ DE TENERIFE.* — Islas Canarias.

Museu Paranaense. — Publicações avulsas. — *CURITIBA.* — Paraná. — Brasil.

Episteme. — Asociación Argentina de Epistemología. — *BUENOS AIRES.*

Anales de Instrucción Primaria. — *MONTEVIDEO.*

Cultura Bíblica. — Asociación para el fomento de los estudios bíblicos. — *MADRID.*

Universidad. — Organo de la Universidad de Panamá. — *PANAMA.*

Universidad de Antioquía. — *MEDELLIN.* — Colombia.

Revista de Filosofía. — Instituto Luis Vives. — *MADRID.* — España.

La Ciencia Tomista. — *SALAMANCA.* — España.

Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. — *ASUNCION.*

Finisterre. — *MADRID.* — España.

Nandé Retá. — Semanario rioplatense español-guaraní. — *MERCEDES.* — Corrientes. — República Argentina.

Iverá. — Cancionero argentino. — Publicación bilingüe español-guaraní.

Boletín del Folklore dominicano. — *CIUDAD TRUJILLO.* — República Dominicana.

Revista de las Indias. — Ministerio de Educación. — *BOGOTA.* — Colombia.

Revista del Instituto Nacional de la Tradición. — *BUENOS AIRES.*

Revista del Instituto Panamericano de Geografía e Historia. — *MEXICO.* — D. F.

NOTAS

Vida y muerte de las palabras

(Notas crítico-filológicas a un libro del Dr. Carlos Martínez Vigil)

POR EL PROF. JOSÉ JAMBO DA COSTA

Carlos Martínez Vigil, José Enrique Rodó y Víctor Pérez Petit constituyen triángulo estelar en la literatura uruguaya contemporánea. Desde los viejos tiempos de la "Revista Nacional", donde también militaba el no menos brillante orador, historiógrafo y filósofo Daniel Martínez Vigil —estudiado hace poco, con justeza de líneas, por el ilustrado profesor Santiago José Fontana—, vienen imponiéndose esos tres luminares de las letras hispanoamericanas. Carlos, con más acentuadas tendencias hacia los problemas lingüísticos, cultor del Derecho y hoy lexicógrafo paciente y penetrante antes que todo; Rodó, pensador apolíneo que nadie desconoce; Pérez Petit, crítico y estilista excepcional. Juntos lucharon y juntos siguieron el engañoso camino de los sueños y sufrieron dolores iguales. La ascensión no les fué fácil como fáciles eran las ilusiones. El pensador de "Ariel" traspuso más pronto los umbrales de la gloria. Sus dos compañeros tardaron más. Con todo, supieron con sincero entusiasmo recibir la glorificación del colega. Y aquel retardo insignificante en la conquista de la corona triunfal estaba más en los géneros literarios por ellos cultivados, que en la falta de espléndidas cualidades personales. Y fueron más felices que el autor de "Motivos de Proteo", porque sintieron y gozaron más dilatadamente su gloria, favor concedido a pocos en las artes y en las ciencias, principalmente en las primeras. Sobre las cenizas de Rodó inclinaron la cabeza los dos delicados amigos, que mayores razones tenían para proseguir en sus ideales artísticos. Murió el hombre, pero los vínculos espirituales continuaron uniéndolos. Extensa fué la jornada aún, pues la inesperada partida del autor de "El Mirador de Próspero" para el país de las sombras impenetrables, fué en 1917. Martínez Vigil y Pérez Petit vencieron. Recibieron honores. Continuaron de manos dadas. Inseparables amigos y confidentes recíprocos de todas las horas. Pero, en lo efímero de las cosas, lo efímero de la vida humana es la realidad mayor. Así, el martes 18 de febrero de 1947, Pérez Petit igualmente se despidió para siempre. Antes sufrió intempestivo asalto de la Parca, que parcialmente lo paralizó. Resistió, entre tanto, para recibir la última corona de gloria: la edición nacional de sus obras. Pero ahora el golpe de la muerte del animador de "Cobarde" y "El pueblo de bronce" —ya por la convivencia diaria de más de medio siglo, ya por la perfecta identidad del sentir —fué profundo en demasía para el afectuosísimo y sincero amigo Carlos Martínez Vigil. Tan hondamente resonó en su corazón enfermo la desaparición del hermano y crítico de "Los Evocadores", que acongojado me decía dos días después en sentidísima carta: "Ha muerto el prologuista de mis "Conceptos" y el autor de "Los compañeros de Rodó"; ese doctísimo escritor a quien usted califica de "figura de primera magnitud en la literatura hispanoamericana y polígrafo que recuerda a San Isidoro y Quevedo". "Un síncope al corazón". Y, más adelante: "El vacío que él deja, nadie lo puede llenar. Era Pérez Petit un inestimable libro de consulta, plenamente merecedor de la estima de las gentes de bien y de la admiración de los hombres entendidos. Era, en dos palabras, toda una gloria nacional". Conceptos justos expresados en palabras empapadas en lágrimas. Nadie sintió más la muerte del crítico, dramaturgo y poeta uruguayo. En medio a la tormenta íntima desencadenada, Martínez Vigil voló como un cóndor, fuerte siempre. Sobrevive Carlos Martínez Vigil para júbilo general y mayor grandeza de la soberbia trinidad, que la cadena interminable del verdadero arte mantiene con relieves escultóricos. Martínez Vigil es de ayer como de hoy. Su actividad no tiene límites, ni decrece con el transcurso de los años, ora en el campo de las bellas letras propiamente dichas, ya en las múltiples atenciones que dispensa a sus amigos. Su presencia en toda América y fuera de fronteras es constante. Nadie más noble, modesto y caballero. Su simplicidad de alma es mesiánica. Y en esa figura, toda vida interior y llaneza, está el estudioso alerta, el filólogo insatisfecho, el literato sutil y el jurista sereno. Trabajador honesto y paciente, hombre de carácter firme, Martínez Vigil es verdaderamente un elegido. Su capacidad de trabajo ultrapasa el radio normal. Pasan los años, y el vigoroso lexicógrafo oriental mantiene el mismo ritmo de producción. Preside las principales asociaciones de letras del Uruguay, pertenece a muchas otras extranjeras y ha recibido nume-

rosos premios, entre otros, la medalla de oro de literatura de su país. Su producción no es de las más vastas, pero pocas se le igualan en belleza y profundidad. Reunidos en volúmenes y folletos están: "Ligeras nociones de acentuación ortográfica", "De mi cartera", "Sobre el lenguaje", "Juicio Héguy-Delgado - La Avenida a los Pocitos" (2 opúsculos), "El problema nacional", "Interpretación y alcance del art. 325 del Código Penal", "Procedimiento Penal Militar", "Polémica sobre acentuación ortográfica con don Fidelis P. del Solar", "Por tierras amigas", "Mi vecina doña Rosa" (musa festiva", "El derecho de las madres", "Arcaísmos españoles usados en América", "Mensaje a sus asociados y al público" ("Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay"), "Felipe Neri Bringas" y "Conceptos sobre el idioma". La obra del periodista anda por ahí dispersa. La predilección mayor, entretanto, del literato de Montevideo es la filología, desde su mocedad, como queda dicho. El idioma cervantino fué siempre su fantasma y amor primero. No lo abandonó un solo instante jamás. Están hombre y tema ligados como el cuerpo a la sombra. Con todo, en conjunto, la producción en ese género de tan apasionado cultor del celestial idioma de Castilla, es tal vez la de más perfecto equilibrio en el mundo de Colón. Téngolo por ser así, y así es. Sus trabajos están basados en armoniosos períodos de sobriedad encantadora, sin preciosismos clásicos ni afectaciones cultistas. Natural siempre, dice lo que piensa con la nitidez del que ve mejor y concibe claramente. El trato diuturno con los clásicos, al contrario de lo que suele acontecer con la mayoría, no trajo monotonía a su prosa ni oscuridad a sus pensamientos. Usó el cachimbo fatal sin adquirir ningún mal hábito o quedar con la boca tuerta. Leémoslo sin esfuerzo, antes bien con creciente placer. Podemos no estar de acuerdo con sus convicciones, pero nunca negarle extrema facilidad de raciocinio y mucho menos saber y experiencia, particularmente en las páginas consagradas a la Filología. Nada más natural, pues, que eligiésemos una de las obras de ese carácter del Dr. Carlos Martínez Vigil para estudio, la principal tal vez: "Arcaísmos españoles usados en América". Hace mucho que sobre nuestra mesa de trabajo está ese volumen de tapas blancas y letras negras, que ostenta luminoso pensamiento de Horacio, sin que nos atreviésemos a emitir ningún juicio sobre él. Leémoslo y lo releemos, y los comentarios que nos sugerían esas ciento y pocas más páginas de apasionante materia, tan eruditamente tratada, fuéronse acumulando sin que la lucha diaria de un hombre independiente que se obstina en sobrevivir, nos dejase tiempo suficiente para

trabajo de tanta responsabilidad y aliento. Comenzámoslo un sinnúmero de veces y otras tantas lo abandonamos. Y al dar forma a estos comentarios, trazados precipitadamente, hacemos nuestra una frase del propio Martínez Vigil en la introducción del volumen en estudio: "Este libro no es ni remotamente lo que yo quería que fuera". En realidad, lo que aquí queda no es ni un tercio siquiera de lo que pensé realizar. Pero siento, también, la necesidad de no retardarlo. De cualquier modo, lo reconozco, es una temeridad escribir algo sobre el valioso libro del lexicógrafo uruguayo después de los bien meditados y documentados estudios que le consagraron el cubano Alfredo F. Padrón y el peruano Enrique D. Tovar y R., este brillante amigo de "saudosa" memoria a quien rindo todos los homenajes que se deben a su talento y cultura excepcionales.

Las palabras, ya decía Benot, como las plantas y los animales, nacen, viven y mueren. El concepto de la muerte aquí, entre tanto, no tiene el valor absoluto de un axioma; consecuentemente, de arcaísmo. Éstos, cuanto más extensas son las zonas en que se habla un idioma, tienen más relativa significación. Y paralelamente a ello, la de americanismos (para precisar mejor: peruanismos, brasilerismos, chilenismos, argentinismos, cubanismos, etc.).

Más arraigadas sentimos nuestras observaciones con la lectura del libro del Dr. Martínez Vigil, que en tan buena hora apareció en el continente, y de los valiosísimos comentarios al mismo formulados por manos ágiles y experimentadas de verdaderos cultores de la lingüística. Realmente, vemos aquí no menos de trescientas ochenta palabras "con tantísima ligereza llamadas arcaísmos" para valernos del justísimo concepto del Dr. Enrique D. Tovar y R., palabras que prácticamente recorren toda la América latina y aun varias regiones de España y Portugal. Sobreviven, pues, o mejor dicho tienen vida plena en grandes áreas y, en otras, están con vida latente; de lo que no se va a inferir que muchas voces han sido realmente abandonadas para siempre. La fluctuación constante de la lengua, su imposible fijación, es uno de los elementos mantenedores de tal fenómeno. Con todo, creemos no ser ya posible tachar de arcaico un importante número de vocablos, por lo menos en el Nuevo Mundo, sin estudiarlos detenidamente en su uso por el pueblo y por los escritores modernos de la Península y en su significación, principalmente americana. Lo mismo debe ser observado lógicamente en los referidos regionalismos y otros. Porque, convengamos en ello, una palabra olvidada en España, o mantenida apenas en regiones de la misma con la significación pri-

mitiva, que tiene largo curso en el continente de Colón, pero con sentido enteramente nuevo, ¿debe ser considerada, con justicia, un arcaísmo? Nó; antes bien, un americanismo; si más estrecho su círculo de acción, un regionalismo.

Las palabras más remotas son conservadas mejor por las agrupaciones alejadas de los grandes centros. Los campesinos —dedúcese fácilmente y los hechos lo comprueban— son el último reducto del lenguaje arcaico. Encontramos en el habla inculta en general vocablos, modismos, etc., corrientes en las páginas de los clásicos y en los documentos primeros de un idioma. En la península española, por ejemplo, hasta mediados del siglo XVI carecía la lengua de una sistematización. Innúmeras voces, con el andar de los años, quedaron olvidadas por las clases superiores, siendo, sin embargo, mantenidas en apreciable suma por el pueblo y la plebe del interior y del exterior de la Península, conservándose en esta última muchos de los llamados arcaísmos con vida perenne hasta en textos de excelentes autores. No podemos, entre tanto, precisar aún, por el aislamiento de los pueblos de nuestro continente y los de España, repetimos, cuáles son los verdaderos arcaísmos y los falsos, ya estimados éstos en 1863, por Monláu, en cuatro mil, número elevado a diez mil hoy, según nuestro inolvidable amigo Enrique D. Tovar y R. Es tiempo, pues, de proceder a una revisión concienzuda por medio de los órganos competentes y la inestimable colaboración de los filólogos y hombres de letras que viven perdidos por ese paraíso de Cristo. Hace tiempo proyectó realizar la Academia Española la revisión de los regionalismos, no sé si obedeciendo a la manera expuesta. Podríase, entre tanto, organizar un Léxico que fuese verdaderamente padrón, monumento de la lengua. Por el momento tenemos que contentarnos con obras parcialmente defectuosas o incompletas, nacidas del supremo esfuerzo de estudiosos y beneméritos de las letras, que dejan en esas ingratas tareas trozos de vida, para recibir en pago muchas veces críticas despiadadas de los que menos conocen los complejos problemas lingüísticos. Y a esta altura no podemos dejar de citar el nombre del ilustrado Augusto Malaret, que tanto bien ha hecho con su saber y talentos al lenguaje de América.

De propósito dejó de lado el Dr. Martínez Vigil los caprichosos giros sintácticos que dilatarían mucho su trabajo, ya tan paciente, y le quitaría el carácter práctico perseguido, para refugiarse en los metaplasmos "nacidos de la índole misma del idioma y que son comunes a todos los pueblos que lo hablan". Su documentación es ex-

tensísima y rara, probatoria de cultura de las más sólidas adquirida en autores clásicos y modernos, fuera de la bibliografía especial lexicográfica, preciocísima. En lo que no estuvo, sin embargo, en nuestro sentir, muy acertado el maestro oriental, fué al prescindir de la nómina de autores y libros citados, lo que habría facilitado bastante la tarea de los especialistas en el asunto, que procuren estudiar más detenidamente su obra, evitando la repitición a veces de citas en un estudio cual el presente. También en el introito de "Arcaísmos españoles usados en América" no concordamos, lo que mucho nos pesa en el corazón, con Martínez Vigil, para quedarnos con Cuervo y Cejador y Frauca, en lo que respecta al porvenir del idioma de América, sin que esto sea dicho en detrimento de España, de tan gloriosa tradición histórico-cultural y tierra de nuestro amor. Pero sabemos respetar la opinión del brillante compañero de Guillermo Stock, nuestro amigo común y llorado pensador argentino. Aparte de esto, para ciertos caballeros de aire señorial, esto de la lengua de América es cosa antigua que no merece más discusiones. El libro de Martínez Vigil está bien meditado y escrito con firmeza, susceptible, apenas, aquí y allí, de algunas observaciones de pequeña monta, a nuestro entender, las que formularemos en toda oportunidad que se nos presente. Divergir es la más alta expresión de la individualidad humana. Es propio de los espíritus independientes y sinceros que procuran, desesperadamente, en medio a tantas futilidades y mentiras del siglo, el fin soñado: la verdad.

Nova Iguassú (E. do Río), Brasil.

NOTICIAS

EL FALLECIMIENTO DEL FILOLOGO Dr. ENRIQUE TOVAR Y R.

El inesperado fallecimiento de nuestro ilustrado y constante colaborador *Dr. D. Enrique D. Tovar y R.* ha provocado un hondo sentimiento de pesar en toda América. He aquí lo que con tan doloroso motivo han expresado sus amigos *José Jambo da Costa* y *Carlos Martínez Vigil.*

Nova Iguassú, 30 de julho de 1948.

Quando poderei dizer "tenebrae transierunt e lumen jam lucet", quando?

Ontem recordei demoradamente nosso querido Enrique D. Tovar y R., ao ler umas notas sôbre uma solenidade no Rio de Janeiro, realizada com simplicidade, em honra ao Perú, pela sua grande data. E uma espécie de remorso surdo, que não cheguei a precisar bem, me aprofundou a alma. Fiquei por instantes a pensar: Que fís eu em prol da perpetuação do nome do meu inolvidavel companheiro peruano? Teria forças suficientes para escrever um ensaio sôbre a obra de Tovar e sua complexa personalidade? Se tenho, por que não o faço? E com idéias assim a triturar-me o cerebro e a inquietar-me, passei a tarde.

José JAMBO DA COSTA.

Montevideo, 26 de mayo de 1947. — Señora viuda del Dr. D. Enrique D. Tovar y R. - Miraflores (Lima). — Respetable señora y amiga: Un aviso emanado de la Embajada del Perú en esta ciudad, acaba de hacerme saber, con inmensa sorpresa, el fallecimiento de su dignísimo esposo y mi querido amigo Dr. Tovar.

Esa nueva nos ha llenado de profunda congoja a mí y a mi familia, conocedora como yo de la extraordinaria cultura, la fineza exquisita, la delicadeza extrema de quien fué el compañero de su existencia, y de ese mismo sentimiento participan cuantos aquí lo conocieron.

La muerte de su esposo, señora, importa una gran pérdida para la intelectualidad americana, a la cual él honró con sus trabajos científicos, históricos, literarios y lingüísticos. Yo, particularmente, le soy deudor de la finísima atención de haber dedicado muchas horas de su preciosa vida a comentar mi libro "Arcaísmos españoles usados en América", en luminoso trabajo que no ha mucho vió la luz en el "Boletín de la Academia Argentina de Letras", y que, publicado luego en forma de libro, luce en mi biblioteca y lleva por título "Estudios dialectológicos".

No cabe en estas líneas, que en cumplimiento de un doloroso deber dirijo a la dignísima compañera de mi inolvidable amigo, la enumeración de sus grandes y proficuos servicios a la causa de las letras. Tienen ellas otra finalidad, cual es hacerles llegar a usted, a la venerable madre y a sus jóvenes hijos, que en estas tierras del Plata lloramos la muerte del Dr. Tovar como si fuera un hermano.

En su última carta, fecha 25 de enero, me hablaba de usted con infinita ternura. "Mi mujer, me dice, estuvo seriamente amenazada de una septicemia, y hubo necesidad de inyectarle una fuerte carga de penicilina, por fortuna muy a tiempo, para salvarle la vida. A poco, mi madre, en su propia alcoba, resbaló y se luxó el hombro izquierdo. Una de mis hijas se ha encontrado postradísima a causa de una enfermedad pertinaz y sólo desde hoy se advierte que ya se inicia su mejoría". Quien así tanto se afanaba por la vida y la salud de ustedes, ha emprendido, en medio a la desolación de cuantos lo conocimos, el viaje de que jamás se vuelve. ¡Qué desventura tan grande! ¡Qué dolor!

Y al final de su conmovedora carta me expresa: "Acompáñanme ahora en mi biblioteca mi madre y mi mujer"...

Señora: Ahora no son ustedes solas quienes le hacen compañía: ahora velamos su espíritu superior y veneramos su recuerdo todos los hombres de América que fuimos testigos de sus ejemplares procederes, de su inmenso saber, de su grandeza moral, de su perfecta caballerosidad, de su exquisita cultura, de sus profundos amores a todo cuanto tiene la vida digno de ser amado!

En nombre propio y en el de mi compañera, admiradora como yo de los talentos y virtudes del Dr. Tovar, presento a usted, a su santa madre y a sus hijos todos, nuestro más sentido pésame, en señal de firme y sincera adhesión a vuestro profundo duelo.

Carlos MARTÍNEZ VIGIL.

CONSULTAS

Sobre algunos americanismos

I

El insigne autor del "Diccionario de americanismos", Dr. Augusto Malaret, suscribe la carta que luce a continuación:

San Juan, Puerto Rico. — Enero 7/1949. — Señor Dr. Carlos Martínez Vigil. — Montevideo. — Ilustre amigo: Ayer recibí el número de "El Pueblo" correspondiente al 5 de noviembre anterior y en él he tenido la satisfacción de leer la página que Ud. tan bondadosamente me dedica. Le agradezco de todo corazón sus frases, aunque exageradamente elogiosas, y las observaciones que hace a mis trabajillos lexicográficos.

Anoche empecé a examinar la lista de vocablos que aparecen en su artículo de "El Pueblo" y los he hallado casi todos incluídos ya en la 3.ª edición de mi "Diccionario de americanismos". Como tuve el gusto de enviarle un ejemplar de esta 3.ª edición le será fácil advertir que han sido complacidos oportunamente los insignes amigos que me honraron con sus críticas desde el Uruguay: usted y sus compatriotas que aparecen citados en los Suplementos a la 2.ª edición. Le acompaño una notas que aclaran o dan contestación a sus correctas observaciones, y desearía que usted, preclaro maestro en estas cuestiones lingüísticas, me dijera si las he interpretado correctamente, y, además, me remitiera las observaciones sobre la citada 3.ª edición para limpiar sus páginas de los errores que puedan contener. Tengo en preparación una *addenda* y su crítica me ha de ser de mucha utilidad.

Agradeciéndole su cortesía y el honor que me dispensa con su valiosa colaboración, quedo de Ud., como siempre, su admirador y amigo, que le desea un millón de felicidades en el nuevo año.

Augusto MALARET.

II

Montevideo, 8 de enero de 1949. — Señor Profesor Dr. Augusto Malaret. — San Juan, Puerto Rico. — Ilustre Maestro y amigo: Si en la publicación de "El Pueblo", de Buenos Aires, a que usted se refiere en su afectuosísima fecha 7 del corriente, hubiera constado la fecha en que ella fué escrita, que es el año 40 —fecha muy poco posterior a la iniciación de la amistad con que me honra—, todo estaría aclarado. La omisión de esa fecha es lo que da apariencias de actualidad a una publicación que como crítica carece de todo valor, después de las múltiples y valiosas obras dadas por usted a publicidad bajo los títulos "Diccionarios" y "Suplementos". El de la 3.ª edición es el que tenemos constantemente ante nuestros ojos los miembros de la Comisión Académica que se reúne todos los lunes en mi propia casa y el que consultamos de continuo, circunstancia que nos proporciona frecuentes oportunidades para comprobar la ecuanimidad y liberalidad de su criterio y la pulcritud y seriedad de sus informaciones. El día en que vea la luz el trabajo en que estamos empeñados, verá usted cuán útil, qué indispensable nos ha sido su notabilísima producción en nuestro afán de ser justos y veraces. A fin de reparar el *quid pro quo* padecido, trataré de que aquel articulejo mío sea reproducido en el N.° 6 del "Boletín" de nuestra Academia, con la salvedad que aclarará todo.

He de tratar de complacer a usted en su pedido de que le remita observaciones sobre la citada edición 3.ª, aunque ellas sean insignificantes.

Pero su cariñosa misiva viene acompañada de una hoja suelta, en que usted se digna solicitarme una definición uruguaya de las palabras *empaparse, lamparón, morrocoyo, parado* y *templarse.* Trato de satisfacer sus deseos.

Empapar. U. t. c. r. Nuestro sentido del vocablo no se diferencia del que le asigna el Diccionario académico, 1.ª acepción. Equivale a *ensopar*, de uso también en Argentina, Honduras, P. Rico y Venezuela. En mi trabajo "Nuestra riqueza idiomática" que usted conoce, aparecido en el N.° 4 del citado "Boletín", figura el siguiente ejemplo: "Amanecimos *ensopados* (empapados) y llenos de fango". León de Palleja, "Campaña del Paraguay".

Lamparón. Masc. es mancha más o menos grande en vestidos, muebles, espejos, etc., y en el propio cuerpo humano.

Morrocoyo. Masc. Según el cubano De Armas ("Lenguaje criollo",

p. 39), la voz *morrocói* es un arcaísmo; y Alvarado la define así: "Tortuga terrestre de espaldar muy convexo, compuesto de cinco placas centrales, 4 a cada lado y 23 más pequeñas en todo el borde, muy abundante en las sabanas de los Llanos, Guayana y Brasil". Entre nosotros denomínase *morrocoyo* a una tortuga que vive habitualmente en los arroyos y que no mide las grandes dimensiones de aquélla, sino 20 a 30 centímetros de diámetro. Pescando en el Arroyo Pavón (Departamento de San José), saqué un galápago de éstos. Lo traje a Montevideo y lo conservé durante algunos años en un aljibe. Las placas de diferentes colores, oscuros y amarillentos, forman dibujos sumamente interesantes y dan al animal, que no tiene nada de "asqueroso reptil", un lindo aspecto. No hay entre las tortugas ninguna que se le asemeje.

Parado. Adj. de uso corriente en el Uruguay, como en toda la América latina, en el sentido de ponerse de pie. (Gagini, Segovia, Restrepo, Amunátegui Reyes, etc.). Este último dice en sus "Observaciones": "Don Rufino José Cuervo, en la 5.ª edición de sus «Apuntaciones críticas», ha demostrado, con numerosas y fehacientes pruebas, que este supuesto americanismo se encuentra desde tiempos muy remotos en las obras de eminentes escritores españoles". La Academia Española —usted lo sabe mejor que yo— concluyó por admitirlo.

Templarse. Coméntalo Malaret, Segovia, Garzón y Restrepo, en el sentido de adquirir temple, física y moralmente. *Templar,* en nuestro lenguaje campesino, como en el Perú, es huír. Nuestro Antonio D. Lussich, en "El matrero Luciano Santos", consignó:

"Al oír retruque tan fiero,
sin más espera *templó*".

Carlos MARTÍNEZ VIGIL.

Sobre apartamento o departamento

Montevideo, mayo 5 de 1949.

Sr. Presidente de la Comisión Municipal de Viviendas Económicas, don Alberto Baccino Stratta.

Señor Presidente:

Contesto sin demora a la consulta que esa digna Comisión para la adjudicación de las Viviendas Económicas que construye el Municipio de la Capital, me ha formulado en la nota recibida con fecha 4 del corriente mes.

La cuestión que promueve esa consulta, ha sido debatida ampliamente en el Río de la Plata que es donde usamos del término, o los términos, para designar la casa-habitación incluída en un edificio que comprende muchas de ellas.

Debemos descartar desde luego a la voz "*departamento*" porque este vocablo tiene un significado distinto de lo que se desea nombrar. Lo dice el Diccionario de la Academia española, edición de 1947, *departamento* es cada una de las partes en que se divide un territorio cualquiera, una casa, un vehículo, una caja, etc. Es decir, la parte de un todo. Cabe, pues, dentro de la voz *casa* la existencia de uno o más departamentos, como son el *departamento de servicio,* las piezas y locales destinados a los criados o sirvientes, — el *departamento de recepción,* sala, antesala, living o sala de estar, — el *departamento de la familia,* los dormitorios, cuartos de vestir, de baño, etc. Esta significación del vocablo *departamento* es la que debemos aceptar nosotros ya que nuestras propias circunscripciones territoriales se llaman con este vocablo, evitando denominaciones confusas o dudosas. Los *departamentos* integran la nación o la República.

Los sufijos formativos de las voces *apartamento* y *apartamiento,* son, a voluntad, *mento* o *miento,* — que se utilizan para designar la acción verbal correspondiente, estando precedidos de una *a* si se derivan estos nombres abstractos de verbos de la primera conjugación, y de *i* si se sacan de verbos de la 2.ª o 3.ª conjugación. Ejs.: carg*amento,* crec*imiento.*

El idioma, el uso del habla hispana, ha dado preferencia al sufijo *miento* sobre *mento,* pero su empleo es igualmente castizo y correcto y existen voces derivadas con uno y otro sufijo, aunque predominando las nuevas voces en *miento.* Pero como la significación que le queremos dar nosotros al derivado del verbo *apartar* es, en este caso, particular y propia de nuestra habla, parece más acertado reservar el vocablo *apartamento* para esta denominación de una casa que está formando parte de un gran edificio o construcción mayor, y que es una vivienda o casa-habitación completa.

El diccionario académico trae como significado de *apartamiento,* 3.ª acepción, "habitación *o* vivienda", —pero la misma disyuntiva empleada demuestra que se quiere señalar el simple local destinado a vivir—, no se refiere a una casa completa con todas sus dependencias.

Se dejará así para el nombre abstracto derivado del verbo *apartar,*

la voz *apartamiento*, acción y efecto de apartar, o apartarse, —lugar retirado, separación, distinción, diferencia (Alemany).

Y la voz *aparte*, empleada entre nosotros los ríoplatenses, para marcar el acto de separar o aislar las cabezas de ganado que, por una u otra razón, debemos sacar del rodeo o rebaño.

Siendo estas significaciones nuevas de la palabra española impuestas por el uso del idioma en Hispano-América, son perfectamente bien traídas y en un todo de acuerdo con las leyes idiomáticas que rigen la lengua española. Ninguna objección cabe hacerles, sino expresar llanamente que es la forma y manera cómo los pueblos de habla hispana en América contribuyen al crecimiento, vigor y lozanía de la lengua.

Es, pues, opinión fundada de la Sección de Filología que dirijo en el instituto de Estudios Superiores que la voz más adecuada y lógica para designar las casas comprendidas en un edificio mayor, debe ser *apartamento* que, por lo demás y a mayor abundamiento, es una dicción más eufónica y clara que la voz *apartamiento*.

Agradeciendo hondamente la consulta hecha, que es altamente honrosa para esta Sección de Filología, —me es grato saludar con mi mayor estima al señor Presidente y miembros de esa Comisión municipal,

Adolfo BERRO GARCÍA.
Director de la Sección de Filología.

CUERPO DE COLABORADORES

Dr. Adolfo Berro García. — DIRECTOR
Sr. Sixto Perea y Alonso. (Fallecido)
Sr. Raúl Montero Bustamante.
Dr. Buenaventura Caviglia (hijo).
Dr. Carlos Martínez Vigil.
Sr. José Pereira Rodríguez.
Sr. José G. Antuña.
Sr. Sergio Wáshington Bermúdez.
Sr. Pablo Schurmann.
Dr. Víctor Pérez Petit. (Fallecido).
Dr. Rafael Schiaffino.
Sr. Alberto Rusconi.
Sr. Natalio Moffa.
Dr. Juan C. Gómez Haedo.
Sra. Enriqueta Laférrière.
Dr. José del Rey.
Sra. Esther Zamora de García.
Sr. Luis Juan Piccardo.
Sr. Eduardo de Salterain Herrera.
Dr. Martín Etchegoyen.
Sr. Juan C. Sabat Pebet.
Dr. Héctor Tosar Estades. (Fallecido)
Sr. Armando F. Pirotto.
Sr. Juan F. Corredera Sánchez.
Dr. Osvaldo Crispo Acosta.
Dr. José Pedro Segundo.
Sr. Horacio Maldonado.
Sr. Eduardo Acevedo Díaz (hijo).
Dr. José Ma. Delgado.
Sr. Fernán Silva Valdés.
Sra. Esther de Cáceres.
Srta. Delia Fein Pastoriza.
Sr. Carlos Ma. Princivalle.